



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
NÚCLEO DE ALTOS ESTUDOS AMAZÔNICOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL  
DO TRÓPICO ÚMIDO

ERICK AFONSO SANTIAGO RAMOS

**DINÂMICA RIBEIRINHA E A PERIFERIA NA METRÓPOLE AMAZÔNICA:**  
subcentralidade urbana e representação social no distrito de Icoaraci em Belém/PA

BELÉM/PA

2020

ERICK AFONSO SANTIAGO RAMOS

**DINÂMICA RIBEIRINHA E A PERIFERIA NA METRÓPOLE AMAZÔNICA:**  
subcentralidade urbana e representação social no distrito de Icoaraci em Belém/PA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará como requisito final para obtenção do título de Mestre em Planejamento e Desenvolvimento.

Área de concentração: Desenvolvimento socioambiental.

Orientadora: Profa. Dra. Edna Maria Ramos de Castro.

BELÉM/PA

2020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a)**

---

R175d Ramos, Erick Afonso Santiago.  
Dinâmica ribeirinha e a periferia na metrópole amazônica  
: subcentralidade urbana e representação social no distrito  
de Icoaraci em Belém/PA / Erick Afonso Santiago Ramos. —  
2020.  
259 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dra. Edna Maria Ramos de Castro  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,  
Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-  
Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico  
Umido, Belém, 2020.

1. Subcentralidade urbana. 2. Práticas cotidianas. 3.  
Representação social. 4. Belém. 5. Amazônia. I. Título.

CDD 301.363

---

ERICK AFONSO SANTIAGO RAMOS

**DINÂMICA RIBEIRINHA E A PERIFERIA NA METRÓPOLE AMAZÔNICA:**

subcentralidade urbana e representação social no distrito de Icoaraci em Belém/PA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará como requisito final para obtenção do título de Mestre em Planejamento e Desenvolvimento.

Área de concentração: Desenvolvimento socioambiental.

Orientadora: Profa. Dra. Edna Maria Ramos de Castro.

**Aprovada em:** 29 de dezembro de 2020.

**Banca examinadora:**

---

Profa. Dra. Edna Maria Ramos de Castro

Orientadora: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU) – NAEA – UFPA

---

Prof. Dr. Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior

Examinador interno: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU) – NAEA – UFPA

---

Prof. Dr. Juliano Pamplona Ximenes Ponte

Examinador externo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) - UFPA

Dedico esta dissertação,  
À Estelita Pantoja (in memoriam), minha avó,  
Pelo amor e carinho incondicional  
E por ter me ensinado, com sua trajetória de  
vida, à nunca desistir.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela sua infinita bondade, por estar sempre comigo nos momentos de alegria e de tristeza, sendo meu suporte para continuar.

Aos meus pais, Mary Santiago e Euller Pantoja, que estiveram juntos comigo nessa caminhada me dando apoio e compreendendo minha ausência.

A minha namorada, Gilce Pedroso, pela companhia nos momentos mais desafiadores que passei sempre me transmitindo muita confiança, amor e carinho em suas palavras.

A Lea Costa, por ter acreditado no meu potencial, me apoiando do início ao fim. Agradeço também pelas risadas, pelo cafezinho, pelas conversas geográficas e nas leituras fornecidas que foram essenciais para o desenvolvimento do trabalho, possibilitando o meu amadurecimento como pesquisador, além da revisão do texto que bastante me ajudou.

A Edna Castro, por ter aceitado me orientar nessa pesquisa, pelas conversas realizadas a fim de entender melhor onde queria alcançar, pela paciência infinita, pelas suas palavras de incentivo, além de ter me possibilitado vislumbrar um vasto horizonte de abordagens pela perspectiva dos sujeitos a partir da sua enorme experiência com as ciências sociais e com a interdisciplinaridade.

Aos professores, Juliano Ponte e Saint-Clair Trindade Jr., que estiveram presentes na banca de qualificação realizando considerações pertinentes, apontando direcionamentos enriquecedores para a execução da pesquisa contribuindo significativamente na abordagem desenvolvida.

A todos os entrevistados, que de alguma maneira participaram da entrevista, seja pela água, suco e café a mim oferecidos, pelas longas conversas que foram elementares para a minha permanência no campo e, conseqüentemente, no desenvolvimento da pesquisa.

A Luana Costa, por ter realizado gentilmente a tradução do resumo da pesquisa.

Ao Grupo de Pesquisa Estado, Território, Trabalho e Mercados Globalizados (GETTAM/NAEA/UFGA), coordenado pela minha orientadora Edna Castro, que me proporcionou momentos únicos, com reuniões enriquecedoras, pelos eventos

realizados e pelas pessoas maravilhosas que conheci nesse período que também agregaram no meu amadurecimento enquanto pesquisador.

Aos amigos da Geografia e da vida, Alan Dias e Paulo Lima, que estiveram comigo na graduação e no mestrado desde o processo de seleção até nas disciplinas cursadas, onde o apoio mútuo foi fundamental diante das dificuldades enfrentadas por todos nós nesse período.

Aos amigos Eryck Batalha, Henrique Pompeu, Luiz Marcelo, Leonardo Costa, Júlio Augusto, Robson Brito, Roberta Santos, Paulo Vitor, que de alguma maneira me ajudaram, seja nas idas à campo, na obtenção de entrevistas ou até em registros fotográficos favorecendo o avanço na execução do trabalho.

Aos colegas do NAEA, Ângelo César, Leildo Silva, Tássia Curcino, Vânia Araújo, Mayara Bessa e Fernanda Moreira pela amizade construída, pelas diversas ajudas durante o curso que não esquecerei, no fornecimento de leituras que não possuía e pelas conversas de incentivo nos corredores da universidade.

Aos demais amigos, Angela Kaori, Loren Willott, Karina Santos, Luiz Gustavo, Matheus Moura, Rayanne Carvalho, Andrey Henrique, Hugor Meireles, Alysson Cunha, Yan Victor, Suelayne Mayumi e Sidney Hermesson que de alguma forma estiveram presentes na minha vida e me ajudaram, mesmo que indiretamente, a prosseguir.

A Simone e ao Sidney que trabalham na xerox do NAEA, pela amizade e pela ajuda, principalmente quando não tinha dinheiro para a reprodução dos textos das disciplinas ou dos livros utilizados para a pesquisa aceitando que eu pagasse quando tivesse novamente recurso.

Ao CNPq, pela bolsa fornecida durante todo o período da pesquisa, sendo fundamental para o meu amadurecimento, onde através do suporte financeiro foi possível minha permanência efetiva na universidade e no campo de pesquisa, assim como na viabilidade de viagens para congressos onde pude apresentar o andamento da pesquisa e debater com outros pesquisadores da área a sua construção, além do auxílio na aquisição dos materiais necessários para execução do trabalho.

**Muito obrigado a todos!**

Dona Maria minha mãe morena,  
cabocla linda lá do rio Jarí  
Fosse descendo pelo Amazonas,  
o sol brilhou pra mim no Xapurí

Lá no Xapurí, lá no Xapurí, lá no Xapurí, lá no Xapurí  
Dona Maria, mãezinha morena  
ainda sou tão pequena e sinto saudades.

Do balançar de rede, dos igarapés,  
destas coisas lindas que não tem idade.  
Dona Maria, mãezinha morena  
ainda sou tão pequena e sinto saudades.

De me banhar nos rios, tomar tacacá,  
beber açaí lá em Icoaracy.  
Lá em Icoaracy, lá em Icoaracy,  
lá em Icoaracy, lá em Icoaracy.

Terra cabocla, terra pequena, cheirando a flor,  
cheirando açucena.  
Igual teu cabelo, dona Maria,  
minha mãe morena, ooi.

Lá do rio Jarí, lá do Xapurí,  
lá de Icoaracy, lá do Xapurí.  
Lá do rio Jarí, lá do Xapurí,  
lá de Icoaracy, lá do Xapurí.

Xapuri do Amazonas (Nazaré Pereira, 1979)



## RESUMO

No contexto amazônico da década de 1970, o movimento migratório intensificado em direção a Belém foi um dos elementos que proporcionaram a desconcentração urbana para espaços mais afastados da área central, causando, uma forma urbana marcada pela dispersão. Com isso, novos espaços para assentamentos foram sendo constituídos em áreas distantes, especialmente em direção a Icoaraci, distrito histórico de Belém. Tal crescimento e conseqüente espraiamento do tecido urbano, embora tenha se dado de maneira descontínua no território, pressupõe o reforço, ou até mesmo a criação de novos espaços de consumo voltados ao atendimento crescente das demandas diárias dessa população. Entende-se que nas últimas décadas, como toda cidade de Belém, Icoaraci passou por transformações relevantes relacionadas ao processo de reprodução do espaço e, sobretudo, na reconfiguração da sua subcentralidade. Nesse sentido, o presente trabalho se debruçou em estudar a redefinição da subcentralidade de Icoaraci, de maneira que os agentes sociais produtores do espaço obtivessem um enfoque singular. Desse modo, abarcou-se um conjunto de narrativas a partir dos sujeitos que constituem a subcentralidade do distrito, envolvendo suas recordações, vivências socioespaciais e apreensões acerca da abrangência de suas práticas cotidianas, possibilitando uma compreensão da dinâmica da subcentralidade a partir de uma concepção investigativa e teórico-metodológica diferenciada. A problemática da pesquisa se pautou na seguinte indagação: como se dá na perspectiva da prática e das representações dos agentes sociais a redefinição da subcentralidade de Icoaraci? Nesse sentido, buscou-se compreender as redefinições ocasionadas na subcentralidade icoaraciense por meio das práticas cotidianas e das representações sociais dos agentes, abrangendo discussões sobre a formação histórica da subcentralidade do distrito e de seus dois subcentros; as práticas cotidianas dos agentes envolvidos na redefinição de sua subcentralidade e as representações sociais construídas que possibilitassem analisar essa redefinição. Com uma abordagem de caráter qualitativo, o tipo de investigação desenvolvida foi o estudo de campo (GILL, 2012), dialogando-se com a metodologia da representação social com o intuito de se desenvolver uma pesquisa pautada na perspectiva dos sujeitos sociais e de abrangência interdisciplinar. Os procedimentos metodológicos estruturaram-se em cinco etapas: pesquisa da bibliografia, pesquisa documental, observação completa em campo, realização de entrevistas abertas e semiestruturadas e elaboração de conteúdo cartográfico. Considera-se que no contexto da metropolização de Belém a realidade local se apresenta de modo complexo, pois nos dois subcentros sobressaem dinâmicas voltadas ao reforço da subcentralidade do distrito devido às atividades e lógicas que as envolvem, no entanto registra-se a ocorrência de uma intensificação da procura por novas áreas e formas de consumo devido à instalação de equipamentos comerciais, sobretudo, grandes redes atacadistas e de *Shopping Center* no eixo da Avenida Augusto Montenegro. Seguindo a perspectiva teórica da representação social acredita-se que essa redefinição espacial é produto do processo de cognição dos sujeitos e da relação comunicativa entre eles e com o espaço que orienta suas práticas cotidianas.

**Palavras-chave:** Subcentralidade urbana. Práticas cotidianas. Representação social. Icoaraci. Belém. Amazônia.

## ABSTRACT

On the amazon context of the 1970s, the intensified migratory motion towards Belém was one of the elements that provided the urban decentralization to spaces further away from the central area, causing, an urban shape marked by dispersion. With this, new spaces for settlements were being constituted in distant areas, especially towards Icoaraci, historical district of Belém. Such growth and consequent sprawl of the urban tissue, although it has been done in a discontinued way in the territory, presupposes the reinforcement, or even the creation of new spaces of consumption aimed at the meeting the growing daily demands of this population. It is understood that in the last decades, as all city of Belém, Icoaraci has gone through relevant transformations associated to the reproduction process of space and, most importantly, on the reconfiguration of its sub centrality. In this sense, the current work focused on studying the redefinition of Icoaraci's sub centrality, on a way that the social agents producers of the space would obtain a singular focus. Therefore, a set of narratives from the subjects that constitutes the sub centrality of the district was covered, involving their memories, social-spatial experiences and apprehensions about the scope of their daily practices, providing a comprehension of the dynamics of sub centrality from of an investigative and theoretical-methodological differentiated conception. The research problem was based on the following question: how it does the redefinition of Icoaraci's sub centrality take place in the perspective of the practice and representations of social agents? In this sense, it sought to understand the redefinitions ocasionated on the sub centrality icoaraciense from the daily practices and the social representations of the agents, including discussions about the historic formation of the sub centrality of the district and their two sub centers; the daily practices of the agents involved on the redefinition of their sub centrality and the social representations built that made it possible to analyze this redefinition. With an approach of qualitative nature, the type of investigation developed was the field study (GIL, 2012), dialoguing with the social representation methodology with the intention of develop a research guided on the perspective of the social subjects and from interdisciplinary coverage. The methodological procedures are struttred on five steps: bibliographic research, documental research, complete observation on field, realization of open interviews and semi structures and elaboration of cartographic contents. It is considered that on the context of Belém's metropolization the local reality presents on a complex mode, because in the two sub centers stands out dynamics towards to reinforcements of the sub centrality of the district due to the activities and logics that involves, however it is been registered the occurrence of an intensification of search for new areas and consumption shape due to the installation of commercials equipments, especially, large wholesale networks and Shopping Center on the axis of the Augusto Montenegro Avenue. Following the theoretic perspective of social representation it is believed that this spatial redefinition is product of the cognition process of the subjects and the intercommunicative relationship between then and with the space that guides their daily practices.

**Key-words:** Urban sub centrality. Daily practices. Social representation. Icoaraci. Belém. Amazon.

## LISTAS DE FIGURAS

- Figura 1 - Elementos constituintes e o modo de produção da representação. 76
- Figura 2 - Icoaraci – Destaque ao traçado das primeiras ruas e travessas, paralelas e perpendiculares ao rio e expansão urbana. 88
- Figura 3 - Recorte da planta da Estrada de Ferro de Bragança, em destaque o trajeto do Ramal do Pinheiro. 1914 92

## LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Icoaraci – Mercado Municipal e dinâmica da área comercial proximidades à orla e trapiche. Anos 1960	85
Foto 2 - Icoaraci – Destaque à dinâmica fluvial contemporânea. 2019	85
Foto 3 - Icoaraci – Temporalidade antiga e contemporânea do trapiche e dinâmica comercial às margens da Baía do Guajará.	90
Foto 4 - Icoaraci – Temporalidade antiga e contemporânea do trapiche e dinâmica comercial às margens da Baía do Guajará.	90
Foto 5 - Icoaraci – Chalé Tavares Cardoso construído na época da economia gomífera.	91
Foto 6 - Icoaraci – Imagem histórica do Ramal do Pinheiro indo até a Baía do Guajará no Porto do Carvão. 1908	93
Foto 7 - Icoaraci – Imagem histórica da Estação do Ramal do Pinheiro na Travessa Itaboraí em Icoaraci.	93
Foto 8 - Icoaraci – Imagem histórica da fachada do antigo Matadouro do Maguary. 1935	95
Foto 9 - Reportagem acerca de Icoaraci como polo de produção artesanal de cerâmica no Estado.	96
Foto 10 - Icoaraci – Peças em cerâmica expostas em loja de artesanato localizada no bairro do Paracuri. 2019	96
Foto 11 - Icoaraci – Olaria para confecção de peças de cerâmica localizada no bairro do Paracuri. 2019	97
Foto 12 - Icoaraci – Distrito Industrial de Icoaraci, ao fundo fachada da empresa Tramontina. 2019	101
Foto 13 - Fluxo de pessoas no trapiche de Icoaraci utilizando os barcos como meio de transporte. 2019	104
Foto 14 - Icoaraci – Fachada de um condomínio fechado localizado no bairro do Cruzeiro. 2019	105
Foto 15 - Icoaraci – Venda de lotes de um condomínio fechado	105

	localizado no bairro das Águas Negras. 2019	
Foto 16 -	Icoaraci – Moradias precárias localizadas no bairro da Maracacuera. 2019	106
Foto 17 -	Icoaraci – Moradias precárias localizadas no bairro do Paracuri. 2019	106
Foto 18 -	Icoaraci – Comércio no subcentro tradicional, localizado no bairro do Cruzeiro. 2019-2020	112
Foto 19 -	Chamada de notícia de jornal acerca do desenvolvimento do comércio no subcentro recente entre o bairro da Campina de Icoaraci e da Agulha. 1999	113
Foto 20 -	Icoaraci – Comércio no subcentro recente, localizado no bairro da Campina de Icoaraci. 2019-2020	114
Foto 21 -	Icoaraci – Feirante da Oito de Maio do ramo de hortifrúti relatando a dinâmica de sua barraca na feira. 2020	135
Foto 22 -	Icoaraci – Feirante da Oito de Maio do ramo de hortifrúti relatando a dinâmica de sua barraca na feira. 2020	135
Foto 23 -	Icoaraci – Feirante da Oito de Maio do ramo de variedades relatando a dinâmica de sua barraca na feira. 2020	135
Foto 24 -	Icoaraci – Feirante da Oito de Maio do ramo de variedades relatando a dinâmica de sua barraca na feira. 2020	135
Foto 25 -	Icoaraci – Feirante da Oito de Maio do ramo de hortifrúti relatando a dinâmica de sua barraca na feira. 2020	136
Foto 26 -	Icoaraci – Feirante da Oito de Maio do ramo de hortifrúti relatando a dinâmica de sua barraca na feira. 2020	136
Foto 27 -	Icoaraci – Olaria localizada no bairro do Paracuri. 2020	152
Foto 28 -	Icoaraci – Olaria localizada no bairro do Paracuri. 2020	152
Foto 29 -	Icoaraci – Bola de barro extraída pelos barreirenses nas margens dos rios e igarapés. 2020	153
Foto 30 -	Icoaraci – Bola de barro extraída pelos barreirenses nas margens dos rios e igarapés. 2020	153
Foto 31 -	Icoaraci – Violência aos barreirenses que extraem argila no Igarapé do Paracuri. 2018	156
Foto 32 -	Icoaraci – Forno tradicional para queima da cerâmica. 2020	161

Foto 33 -	Icoaraci – Forno tradicional para queima da cerâmica. 2020	161
Foto 34 -	Icoaraci – Artesão modelando uma bola de barro enquanto conversa sobre seu cotidiano na olaria. 2020	165
Foto 35 -	Icoaraci – Artesão modelando uma bola de barro enquanto conversa sobre seu cotidiano na olaria. 2020	165
Foto 36 -	Icoaraci – Etapas de acabamento das peças em cerâmica. 2020	166
Foto 37 -	Icoaraci – Etapas de acabamento das peças em cerâmica. 2020	166
Foto 38 -	Icoaraci – Mestre conversando sobre a dinâmica da olaria exercendo seu ofício. 2020	167
Foto 39 -	Icoaraci – Mestre conversando sobre a dinâmica da olaria exercendo seu ofício. 2020	167
Foto 40 -	Icoaraci – Moradora do bairro do Paracuri contando sobre seu cotidiano. 2020	179
Foto 41 -	Icoaraci – Fachada atual do Hospital Abelardo Santos, do Pronto Socorro e da Unidade de Pronto Atendimento, respectivamente. 2020	181
Foto 42 -	Icoaraci – Fachada atual do Mercado Municipal de Icoaraci administrado pela prefeitura de Belém. 2020	197
Foto 43 -	Belém – Fachada atual do Parque Shopping localizado na Avenida Augusto Montenegro. 2020	220
Foto 44 -	Icoaraci – Fachada atual do supermercado Armazém e dos serviços internos localizado na Avenida Augusto Montenegro. 2020	227
Foto 45 -	Belém e Icoaraci – Fachada atual dos principais <i>atacarejos</i> localizados na Avenida Augusto Montenegro. 2020	230

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Icoaraci – Localização no município de Belém e o contexto que a envolve na metrópole. 2020.	21
Mapa 2 - Icoaraci – As diversas temporalidades da integração urbana considerando os modais de transporte.	103
Mapa 3 - Icoaraci – Localização dos subcentros e delimitação da área de pesquisa. 2020	110
Mapa 4 - Icoaraci - Abrangência das atividades formais no subcentro tradicional. 2020	122
Mapa 5 - Icoaraci - Abrangência das atividades formais no subcentro recente. 2020	123
Mapa 6 - Icoaraci - Abrangência das atividades informais no subcentro recente – Feira da Oito de Maio. 2020	142
Mapa 7 - Icoaraci - Abrangência das atividades informais no subcentro tradicional - Mercado Municipal de Belém. 2020	144
Mapa 8 - Icoaraci – Circuito de produção e comercialização do artesanato em cerâmica. 2020.	163
Mapa 9 - Icoaraci – Circuitos móveis que abrangem o subcentro tradicional e recente. 2020	214
Mapa 10 - Icoaraci – Abrangência das atividades de comércio e de artesanato a partir da subcentralidade icoaraciense. 2020.	224

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Belém – População. 1950-2010	17
Tabela 2 - Icoaraci – Disposição dos setores de comércio e serviço. 1996	111

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Icoaraci – Ocupação e inserção na estruturação urbana de Belém. 2020	86
Quadro 2 - Icoaraci – Disposição de setores no Distrito Industrial de Icoaraci. 1996	101
Quadro 3 - Icoaraci – Sistematização das representações sociais dos sujeitos da pesquisa. 2020	226



## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACII	Associação Comercial e Industrial de Icoaraci
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CBD	Central Business District
CDI	Companhia de Distritos Industriais do Estado do Pará
CEASA	Central de Abastecimento do Pará
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
COARTI	Cooperativa dos Artesãos de Icoaraci
COHAB	Companhia de Habitação do Estado do Pará
DAICO	Distrito Administrativo de Icoaraci
DII	Distrito Industrial de Icoaraci
EFB	Estrada de Ferro Belém-Bragança
HRAS	Hospital Regional Abelardo Santos.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMS	Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IPTU	Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana
PDA's	Planos de Desenvolvimentos para a Amazônia
PSM	Pronto Socorro Municipal
RMB	Região Metropolitana de Belém
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SECON	Secretaria de Economia do Município de Belém
SECULT	Secretaria de Estado de Cultura
SEFA	Secretaria de Estado da Fazenda do Pará
SEURB	Secretaria Municipal de Urbanismo
SNAPP	Serviços de Navegação na Amazônia e Administração do Porto do Pará
SOAMI	Sociedade de Amigos Artesãos de Icoaraci
UPA	Unidade de Pronto Atendimento
ACII	Associação Comercial e Industrial de Icoaraci

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>CAPÍTULO 1: ASPECTOS TEÓRICOS DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO, DA CENTRALIDADE E DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL</b> .....	37
2.1 A produção do espaço urbano .....	37
2.2 O centro, a centralidade e a subcentralidade urbana .....	51
2.3 A subcentralidade e a representação social.....	71
<b>CAPÍTULO 2: ICOARACI: DE UM POVOADO RIBEIRINHO PARA UM DISTRITO DA METRÓPOLE BELENENSE</b> .....	82
3.1 Estruturação urbana e a centralidade histórica de Icoaraci .....	86
3.2 Dinâmica metropolitana e transformações socioespaciais no distrito de Icoaraci .....	98
<b>CAPÍTULO 3: OS AGENTES PRODUTORES DO ESPAÇO URBANO: PRÁTICAS COTIDIANAS E A SUBCENTRALIDADE DE ICOARACI</b> .....	108
4.1 Os comerciantes .....	114
4.1.1 Os formais .....	115
4.1.2 Os informais.....	133
4.2 Os artesãos.....	151
4.3 Os moradores.....	173
<b>CAPÍTULO 4: SUBCENTRALIDADE DE ICOARACI: UMA ANÁLISE PELO VIÉS DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL</b> .....	189
5.1 Memórias e vivências como constructos da representação histórica do distrito de Icoaraci .....	190
5.2 O artesanato: luta e resistência enquanto representação histórica de Icoaraci .....	198
5.3 Novas representações sociais: as perspectivas da subcentralidade recente .....	201
5.4 Na lógica da metrópole a subcentralidade de Icoaraci se reinventa e re-existe.....	209
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	232
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	239
<b>APÊNDICES</b> .....	249

## 1 INTRODUÇÃO

Assim como as cidades em todo o Brasil, Belém se apresenta em um contexto de relevantes mudanças no que condiz ao crescimento urbano aliado ao processo de aumento da população urbana juntamente com a dispersão de assentamentos habitacionais desde a década de 1970 do século passado (TRINDADE JR., 1998; MENDES, 2018). Há de se ressaltar o quadro econômico histórico da cidade baseado, sobretudo, no setor terciário caracterizando-se como o de maior importância dentro da escala metropolitana no qual a cidade está inserida (TRINDADE JR., 1998).

Ademais, pode-se destacar o crescimento populacional ocorrido nesta capital nos últimos anos, conforme descrito na Tabela 1, os quais demonstram que a população do município quase triplicou entre os anos de 1950-1970. Vinte anos depois ela praticamente dobrou, alcançando a cifra de 1,2 milhão de habitantes, embora se ressalte a ocorrência de significativa estabilidade no contingente populacional nos censos pós 1991. No entanto, é necessário pontuar que nos últimos dois censos demográficos ela permanece no conjunto das cidades com mais de um milhão de habitantes, alcançando sua região metropolitana<sup>1</sup> em 2010 um total de 2.275.032, segundo o IPEA (2014).

Tabela 1 - Belém – População. 1950-2010

1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010
225.218	399.222	642.514	933.287	1.244.689	1.280.614	1.393.399

Fonte: Trindade Jr. (2016) e IBGE (1960; 1980; 2010).

Diante da expansão urbana nas cidades capitalistas pela necessidade de acumulação por diversos agentes e suas atividades (sejam elas políticas e econômicas) seu tecido urbano se estende. Desse modo, esse processo culmina por redefinir, assim, as relações de centro e centralidade<sup>2</sup>, assim como as de subcentro

<sup>1</sup> A Região Metropolitana de Belém (RMB) é formada por sete municípios: Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides, Santa Bárbara, Santa Izabel e Castanhal (IPEA, 2014).

<sup>2</sup> De modo a diferenciar centro e centralidade, Sposito aponta que o centro pode ser delimitado a partir da percepção do nível de densidade das atividades de comércio e de serviços, contudo a centralidade não pode ser colocada em limites já que sua ação pode ser modificada dentro do tempo e do espaço de maneira rápida indo para além do intra-urbano, sendo assim o centro se caracteriza pelos fixos enquanto a centralidade é entendida pelos fluxos (SPOSITO, 2004).

e subcentralidade, no seu âmago. Com sua expansão, o crescimento demográfico para essa área se elevou nos anos subseqüentes promovendo a migração de um grande contingente populacional (TRINDADE JR., 1998; MENDES, 2018), embora seja importante afirmar que nem sempre no âmbito da estruturação territorial o crescimento populacional encontra-se relacionado ao espraiamento do espaço urbano, tampouco na mesma proporção.

Em Belém o movimento migratório fora um dos elementos que proporcionou uma desconcentração espacial para regiões afastadas da área central, causando dessa maneira uma forma urbana marcada pela dispersão. É válido pontuar que esse movimento se deu, sobretudo, de modo regional onde a migração de outros Estados do Norte e de municípios do interior do próprio Estado do Pará em 2000 alcançou 93% da população e em 2010, 94%. Em seguida, entre 4% a 5%, tem-se a região Nordeste como o segundo maior índice de migração cujo destino esteve relacionado à cidade de Belém (IBGE, 2000; 2010).

Com isso, novos espaços para assentamentos foram sendo procurados em regiões afastadas tanto como em seu espaço intraurbano (como nos distritos de Icoaraci, Caratateua conhecido popularmente como Outeiro e Mosqueiro) como nos municípios vizinhos (Ananindeua, Marituba e Benevides), justificando a dinâmica de crescimento e dispersão da capital (TRINDADE JR., 2016).

Tal crescimento urbano e seu conseqüentemente espraiamento do tecido, embora dado no caso de Belém, num primeiro momento, de maneira ainda descontínua no território diante da existência de áreas institucionais (TRINDADE JR., 1998) assim como o papel especulativo da terra como patrimônio de determinados grupos, pressupõe o reforço e/ou até mesmo na criação de novos espaços de consumo, que possibilitassem favorecer o atendimento dessa crescente camada urbana, promovendo uma intensificação de demandas a serem contempladas na metrópole (HARVEY, 2005; CARLOS, 2001).

Sob o prisma do contexto das cidades amazônicas, algumas das características sobre a urbanização que Belém sofreu, inserida no contexto regional, foram:

[...] os fluxos contínuos de diferentes frações do capital, na exploração de recursos naturais, no crescimento populacional, no movimento migratório intenso, no esvaziamento de áreas rurais e na demanda crescente por infraestrutura social (CRUZ; CASTRO; SÁ, 2011, p. 90).

Tais características apresentam uma breve dimensão do que transcorreu na cidade em relação à economia regional extrativa da borracha, economia esta que capitaneou a lógica da estruturação urbana da época (OLIVEIRA, 1992).

Belém em sua história já passou por diversas modificações em seu espaço urbano desde sua fundação. Trindade Jr. destaca o processo inicial da metropolização que a cidade sofreu perpassando por dois momentos: na urbanização confinada e na formação da cidade dispersa, tais características são elementares para a compreensão da reestruturação urbana de Belém desde a década de 1960 até o presente século (TRINDADE JR., 1998).

Essa dispersão metropolitana já fora verificada também por Ponte e Rodrigues (2015) quando apontam que, entre 1991 e 2010, se intensificou a alteração na estrutura de domicílios particulares permanentes culminando: na redução do número médio de moradores por domicílios; no aumento expressivo do número de domicílios; e no crescimento populacional inferior ao aumento do número de domicílios nos municípios da região metropolitana de Belém (PONTE; RODRIGUES, 2015).

Atualmente, a metrópole apresenta-se ainda inserida em um contexto de contínua reestruturação do espaço urbano, embora apresentando um perfil de urbanização metropolitana estendida. Um elemento fundamental para sua compreensão seria o setor imobiliário que possui frentes e agentes múltiplos na sua configuração (MENDES, 2018).

É necessário ressaltar o contexto atual que as cidades tanto no Brasil quanto no mundo vivem que é a da rede urbana, rede esta que promove a articulação de forças produtivas para uma economia globalizada. Tal circulação redefine o perfil das cidades já que o capital em sua circulação e acumulação requalifica-as a partir de sua importância no cenário atual de mercado (LENCIONI, 2006). No espaço amazônico isso não é diferente, já que o capital penetra nesses espaços tanto no agrário quanto o urbano. Refletindo acerca do urbano, apresentam-se estudos acerca de uma fronteira do capital em que sua primazia é vista como uma fronteira urbana<sup>3</sup> (BECKER, 1994).

---

<sup>3</sup> Becker (1994) entende a cidade como uma fronteira urbana no âmbito da fronteira do capital por constatar que no interior das cidades há um aspecto elementar que seria a logística que a mesma possui para a ocupação.

Castro (2004) esmiúça a abordagem das redes na Amazônia e aponta que Belém se situa inserida nessa complexidade existente “de mundos de trabalhos diversos e regulados por sistemas distintos – formal x informal – retratados nas diferenças urbanas de renda, de inserção social, de acessos aos serviços e de qualidade de vida” (CASTRO, 2004, p. 22). A autora aponta as consequências da manutenção da estrutura nas relações de troca que repercute diretamente na desigualdade social e a ampliação da pobreza na periferia urbana onde as demandas se elevam.

Juntamente com a história de Belém como cidade e metrópole, destaca-se a trajetória da formação do Distrito de Icoaraci pertencente política e territorialmente à capital do estado do Pará. Conhecida popularmente pelos seus moradores assim como pelos seus visitantes como “Vila Sorriso”, o distrito carrega suas particularidades dentro do contexto da cidade de Belém. Uma particularidade que aqui será destacada é a diversidade de sujeitos que constroem, desde a sua gênese até os dias atuais, o espaço urbano de Icoaraci através do seu uso, apropriação e dinâmicas que promovem uma ativa efervescência no espaço.

Mapa 1 - Icoaraci – Localização no município de Belém e o contexto que a envolve na metrópole. 2020.



Fonte: Elaboração própria.

Essa diversidade de sujeitos é apontada no crescimento populacional já exposto por Trindade Jr. (1998) quando chama atenção aos períodos de 1970 a 1980 e de 1980 a 1991, ao qual o distrito apresentou crescimento de 222% e 336%, respectivamente, considerando estes índices relevantes para o entendimento da dinâmica urbana de Belém, consolidando assim o processo de suburbanização metropolitana.

Castro (2008) chama a atenção para a realização de uma análise que procure entender a cidade pelo sujeito e pelos seus grupos sociais. Para isso, há a necessidade de incorporar:

[...] os sujeitos sociais que fazem a cidade, que lutam em posições de classe diferentes e que são os artífices da produção do espaço, da construção de direitos à cidade e da possibilidade de construir a cidade segundo os valores e as singularidades dos indivíduos e grupos sociais que a compõem (CASTRO, 2008, p. 14).

Entende-se que nas últimas décadas, assim como o núcleo central da cidade de Belém, Icoaraci passou por transformações relevantes no tocante do uso e da apropriação do solo e às formas e funções históricas relacionadas ao processo contínuo de produção do espaço.

Nesse sentido, o presente trabalho se debruçará sob os elementos particulares da subcentralidade de maneira na qual os agentes sociais produtores do espaço urbano de Icoaraci estejam com um enfoque singular. Dessa maneira, acredita-se que obtendo um conjunto de narrativas a partir dos sujeitos que constituem essa subcentralidade, sobre suas recordações, suas práticas socioespaciais e apreensões acerca da abrangência de suas atividades, possibilite uma compreensão desse fenômeno a partir da concepção diferenciada do modelo padrão-institucional.

Nessa perspectiva, se utilizará como recorte espacial o Distrito de Icoaraci, localizado na parte setentrional do município. O distrito de estudo, é entendido de modo institucionalizado pela prefeitura municipal como DAICO (Distrito Administrativo de Icoaraci)<sup>4</sup>, possuindo segundo o Anuário Estatístico do Município de Belém 167.035 habitantes (BELÉM, 2011).

---

<sup>4</sup> Entende-se como Distrito Administrativo o agrupamento de bairros e/ou áreas limítrofes com densidade demográfica e funções urbanas, diversificadas ou não (Lei Municipal nº 7682/1994).



O referido distrito é distribuído por bairros dentro do contexto da organização territorial do município de Belém, sendo eles nove em seu total, a saber: Águas Negras, Agulha, Campina de Icoaraci, Cruzeiro, Maracacuera, Paracuri, Parque Guajará, Ponta Grossa e Tenoné. O seu núcleo urbano original, a partir do qual se expandiu, seguiu o curso da baía do Guajará e do furo do Maguari. Traçado em forma de “Tabuleiro de Xadrez” guarda os termos Travessa e Rua, essas últimas, chamadas popularmente de 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> e assim sucessivamente até a Sétima Rua (GUIMARÃES, 1996).

Icoaraci apresenta um subcentro<sup>5</sup> e, conseqüentemente, uma subcentralidade comercial histórica, mesmo considerando a escala ainda tímida de abrangência que lá se formara quando se pensa no âmbito regional. Algumas conseqüências para o surgimento dessa subcentralidade se deram: pela questão da moradia, havendo a atração de uma camada social que utilizou o referido espaço para a construção de suas residências; ao fator comercial, já que ali fora constituído um entreposto de trocas de produtos com a região das ilhas de Belém e Marajó; por último o fator locacional, já que era significativa a distância entre ele e o núcleo central de Belém tendo como meio de locomoção apenas os rios (DIAS, 2007).

A partir do contexto de maior integração com o núcleo central da cidade de Belém a partir da década de 1970, capitaneada pelo poder governamental surge a rodovia (hoje avenida) Augusto Montenegro (respeitando o traçado da antiga estrada de ferro do Ramal do Pinheiro que fizera parte da EFB - Estrada de Ferro Belém-Bragança)<sup>6</sup>. Contudo, diante das intensas modificações ocorridas nas últimas décadas no espaço urbano no referido corredor, atualmente se revela como um dos principais vetores da mobilidade urbana de Belém, interligando o núcleo central da cidade com o distrito de Icoaraci. Embora se acredite em outros meios de

---

<sup>5</sup> De acordo com Sposito (1991), entende-se como centro o ponto de convergência/divergência, o nó do sistema de circulação, sendo o lugar para onde todos se deslocam para a interação das atividades localizadas com as outras que se realizam no interior da cidade ou fora dela. Enquanto o subcentro é compreendido como as “áreas onde se alocam as mesmas atividades do centro principal com diversidade comercial e de serviços, mas em escala menor, e com menor incidência de atividades especializadas.” (SPOSITO, 1991, p. 270).

<sup>6</sup> Sobre esse processo, Cruz, Castro e Sá (2011), pontuam essa fase dentro de uma perspectiva regional em que “a expansão do capital ocorrida a partir da década de 1970 desencadeou novos processos em que o urbano se tornaria a mediação fundamental do movimento de globalização, com sérios impactos na economia e o uso da terra. O Estado teve papel central na gestão e na produção desse movimento. Tais fatores constituíram elementos geradores de conflitos pela disputa na ocupação do território e pela apropriação marcadamente desigual da infraestrutura produzida, pelo Estado, como rodovias, hidrelétricas, portos, equipamentos e serviços coletivos, notadamente os localizados nas áreas urbanas.” (CRUZ; CASTRO; SÁ, 2011, p. 90).

interligação do locus com o núcleo de Belém (como o modal histórico dos rios), não se pode entender o contexto de integração atual de modo desassociado com a Avenida Augusto Montenegro, principalmente pelas atuais e intensas dinâmicas do setor imobiliário, de comércio e serviços que lá se fazem presentes (MENDES, 2014).

Dessa maneira, ocorre na supracitada avenida um adensamento populacional em alguns bairros que cortam a mesma (alguns deles pertencentes ao Distrito de Icoaraci) e, juntamente à isso na criação de novos espaços de consumo (MENDES, 2014). Nesse sentido, torna-se relevante compreender como se configura atualmente a subcentralidade do Distrito de Icoaraci e a representação dos sujeitos acerca dessas transformações promovidas dentro da escala metropolitana.

Diante disso, parte-se pela procura de compreender a representação dos agentes produtores do espaço urbano justamente por essas modificações no espaço ocorrerem de modo intenso e contínuo. Nesse sentido, a captura desses processos a partir da representação das pessoas torna-se importante para entender os posicionamentos de cada segmento social, sabendo que tal processo envolve embate de forças tanto de cunho político quanto econômico.

A proposta de estudo se caracterizou como pertinente por diversos fatores. Primeiramente, o fator que prepondera se deu pela necessidade de estudos urbanos que se verifiquem o posicionamento dos agentes sociais no distrito. Fora verificado pelo estado da arte desenvolvido anteriormente a carência de produções científicas nesse caráter. Os levantamentos foram realizados no Repositório da Universidade Federal do Pará, em periódicos científicos classificados com *qualis A*, a partir de temas que perpassassem sobre o trabalho proposto e pela Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Há de ressaltar também a contribuição para o pensamento crítico para a Amazônia, por tratar de agentes que pouco tiveram sido objeto de estudo e que por isso se apresentam ainda como desconhecidos perante a comunidade acadêmica, podendo ser apontado o quão enriquecedor são suas dinâmicas, suas práticas socioespaciais, suas relações com a construção e no reforço de subcentralidades. Além disso, o presente trabalho tem também como intuito contribuir, podendo ser utilizado para auxiliar pesquisas futuras que possam ser pensadas para elucidar outras questões pertinentes para com o distrito.

Outro ponto tem relação ao esforço interdisciplinar para melhor compreensão da subcentralidade urbana como produto ocasionado pela sua produção no espaço aliando disciplinas como Arquitetura e Urbanismo, Geografia Urbana, Sociologia Urbana e a Psicologia Social para o seu entendimento. Japiassú (1994) já escrevia sobre a importância do exercício interdisciplinar, onde o autor relata que “a especialização sem limites culminou numa fragmentação crescente do horizonte epistemológico” (JAPIASSÚ, 1994, p.1).

Ademais, cabe ressaltar as motivações pessoais do autor. O lócus proposto já fora objeto de estudo em outras pesquisas desenvolvidas, como a monografia de conclusão do curso na graduação em licenciatura plena em Geografia e na produção de artigos com abordagens que englobava a análise de dinâmicas dos agentes que ali constroem cotidianamente o espaço urbano, mais precisamente no espaço público da Orla de Icoaraci.

Não sendo menos importante, colocou-se também a familiaridade constituída ao longo dos anos tanto como ex-morador de Icoaraci quanto pela presença de familiares que até os dias atuais (re) produzem tais relações de identidade e pertencimento com a *Vila Sorriso*. O que de certa maneira possibilitou a viabilização da pesquisa, mas que também apontou como um desafio na manutenção da imparcialidade, no desenvolvimento da pesquisa e nos posicionamentos estabelecidos.

As perspectivas alcançadas com a pesquisa se encaminharam para entender como os agentes sociais podem contribuir para a compreensão e percepção da abrangência e das transformações que a subcentralidade urbana puderam apresentar através de suas narrativas, seja elas de cunho econômico, cultural ou social já que os mesmos se configuraram como interlocutores da realidade local.

Diante do exposto, apresentaram-se algumas inquietações nas quais se entendia como pertinentes e cabíveis para nortear o desenvolvimento da pesquisa. Primeiramente, destaca-se no âmbito geral:

- a) Como se dá na perspectiva da prática e das representações dos agentes sociais a redefinição da subcentralidade de Icoaraci?

Nesse sentido, apresenta-se como questões secundárias:

- b) Como se forja a subcentralidade de Icoaraci considerando o contexto histórico e a fase atual da metropolização de Belém?
- c) Quais os principais agentes sociais locais e que relações podem ser

estabelecidas entre suas práticas cotidianas e a redefinição da subcentralidade de Icoaraci?

- d) Como as práticas cotidianas permitem revelar as representações dos agentes sociais locais sobre a redefinição da subcentralidade de Icoaraci?

Diante das inquietações levantadas anteriormente, surgiram como perspectiva de ação alguns objetivos. Como objetivo geral:

- a) Analisar a redefinição da subcentralidade de Icoaraci a partir das práticas cotidianas e das representações dos agentes sociais.

Enquanto os objetivos secundários estruturam-se em:

- b) Entender a formação histórica da subcentralidade tradicional de Icoaraci;
- c) Compreender as práticas cotidianas dos agentes sociais e seu papel na redefinição da subcentralidade de Icoaraci;
- d) Interpretar as representações dos agentes sociais acerca do processo de redefinição da subcentralidade que Icoaraci apresenta na atualidade.

O presente trabalho possuiu uma abordagem de caráter qualitativo. O pesquisador adotou uma postura baseada na observação completa, caracterizada pela não participação do pesquisador no mundo a ser pesquisado de maneira ativa. No entanto, apresentou-se como necessário o envolvimento do pesquisado com a pesquisa para que fosse estabelecida uma relação harmônica entre o pesquisador e os agentes selecionados para a coleta de dados (CRESWELL, 2007).

A estratégia de investigação aplicada fora o estudo de campo, nesse modelo de investigação é requisitado um aprofundamento das questões que o pesquisador pretende abordar. Ademais, seu planejamento apresenta maior flexibilidade que outras estratégias de investigação existentes. O estudo de campo ressalta a interação dos sujeitos no âmbito da estrutura social, desse modo, ele se debruça em questões vinculadas a uma determinada comunidade ou grupo (GILL, 2012).

O quadro de referência se baseou no materialismo histórico, conforme Gill (2012), tal quadro enfatiza a dimensão histórica dos processos sociais. O autor coloca que o materialismo histórico se dá “a partir da identificação dos modos de produção em determinada sociedade e de sua relação com as superestruturas

(políticas, jurídicas etc.)” (GILL, 2012, p. 22) proporcionando uma compreensão dos fenômenos que possam vir a ser observados pelo pesquisador.

O método utilizado fora o dialético, na qual Gill (2012) ressalta a importância desse método por fornecer “as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade” (GILL, 2012, p. 12). O autor pontua a necessidade entender os fatos sociais de modo articulado, já que eles possuem origens de bases políticas, econômicas e culturais que muitas vezes apresentam contradições (GILL, 2012).

Cabe ressaltar que a utilização do método dialético fora utilizada nas discussões relacionadas à produção do espaço urbano, do centro e da centralidade, subcentro e subcentralidade urbana e nos estudos de cunho intersubjetivo como o da representação social, cujos fenômenos são complexos e necessitam de uma atenção diferenciada para compreensão da realidade.

Adotou-se como teoria norteadora nessa pesquisa a teoria da produção do espaço que Carlos (2018) redige. Segundo a autora:

O espaço é uma produção social que acompanha a produção da própria civilização, como condição/meio e produto da reprodução social. Isto é, o ato de produção do mundo humano contempla a ação que reproduz o espaço não só em sua materialidade absoluta, mas como humana, e revela os conteúdos e os sentidos da sociedade a partir da apropriação da natureza (CARLOS, 2018, p. 417).

Tal referência oferta uma base teórica para entender a trajetória estudada e pela qual possa desdobrar nossa análise sobre a produção do espaço na sociedade capitalista.

Baseou-se também na teoria de Castells (2014) acerca da centralidade urbana a fim de servir como entendimento base para tais desdobramentos que esse fenômeno no âmbito econômico, político e ideológico apresenta no recorte escolhido para estudo. Desse modo, o autor caracteriza como a expressão de uma:

[...] certa correlação dos diferentes elementos econômicos da estrutura urbana (produção, consumo, troca) bem como as relações internas de cada elemento. Trata-se então de um conjunto de processos incluídos na problemática geral dos *translados* na estrutura urbana. (CASTELLS, 2014, p. 315).

Além do método exposto anteriormente, dialogou-se com a metodologia da representação social para a compreensão dos processos cognitivos dos agentes sociais, produtores do espaço urbano, numa perspectiva intersubjetiva. Contudo,

como salienta Bertoni e Galinkin (2017) pelo fato da representação social se tratar de uma metodologia que busca pesquisar fenômenos contidos a partir do pensamento humano e da sua comunicação com outros indivíduos, ele possibilita uma variedade de métodos de pesquisa.

Acerca disso Almeida (2001) salienta que:

[...] efetivamente, não temos, até o momento, uma única técnica que permita elucidar, ao mesmo tempo, todas as informações que envolvem o objeto de uma representação. Por esta razão, muitas vezes, sua metodologia de estudo tem sido considerada frouxa, quando efetivamente o que ocorre é que ela se abre para todas as possibilidades necessárias para compreender e explicitar o fenômeno investigado (ALMEIDA, 2001, p. 16).

Adotou-se como teoria norteadora a de Moscovici (2007) que se debruça a entender a representação social como um modo de conhecimento particular que parte através da elaboração dos comportamentos e da comunicação entre os sujeitos. Seus estudos são baseados no pensamento do cotidiano e das inter-relações entre os indivíduos, com fundamentos teóricos advindos da sociologia e da psicologia social. Ademais, o autor aponta a importância desses estudos, que segundo ele embora estejam dispostos no âmbito do senso comum, podem ser pensados enquanto ciência já que a percepção que se tem do mundo são respostas aos estímulos do ambiente no qual interagimos (MOSCOVICI, 2007).

A pretensão fora de considerar a interdisciplinaridade para a pesquisa. Dessa maneira, Japiassú (1976) apresenta os desafios que estão dispostos aos pesquisadores que promovem tal discussão. Segundo ele,

A exigência *interdisciplinar* impõe a cada especialista que transcenda sua própria especialidade, tomando consciência de seus próprios limites para acolher as contribuições das outras disciplinas. Uma epistemologia da complementariedade, ou melhor, da convergência, deve, pois, substituir a da dissociação (JAPIASSÚ, 1976, p. 26).

Leis (2005) conceitua a interdisciplinaridade como uma técnica que realiza o cruzamento de atividades disciplinares, assim como no âmbito interdisciplinar, mesmo apresentando lógicas distintas como condicionante no ensino e pesquisa da sociedade contemporânea almejando o equilíbrio de sínteses e análises fragmentadas.

Os procedimentos de coleta foram reunidos em cinco etapas: com a pesquisa da bibliografia, a pesquisa documental, a observação completa em campo, na

realização de entrevistas abertas e semiestruturada e a elaboração de conteúdo cartográfico.

A pesquisa bibliográfica consistiu no levantamento em diversas plataformas de fornecimento de produção científica, como: em repositórios nacional e universitário, o primeiro como na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e, este último em particular, no repositório da Universidade Federal do Pará. Além deles, foi realizada a procura em periódicos científicos com *qualis* A com temas que perpassem sobre o trabalho proposto. Utiliza-se como palavras-chave: “produção do espaço urbano”, “centralidade urbana”, “subcentralidade urbana”, “representação social” e “Distrito de Icoaraci”.

O intuito dessa pesquisa de levantamento de material de produções anteriormente realizadas foi de alcançar alguns objetivos: a) identificar produções que tenham trabalhado a produção do espaço urbano de Belém; b) reunir pesquisas que tenham se debruçado na investigação de novas ou antigas centralidades e subcentralidades urbana na cidade de Belém; c) obter trabalhos que dialoguem acerca da percepção e representação dos sujeitos sobre o espaço urbano das cidades; d) produções anteriores no âmbito das ciências sociais sobre o distrito de Icoaraci.

A pesquisa documental se deu no levantamento de, sobretudo, jornais ou revistas (impressos ou em microfimes) e sites que auxiliem na compreensão da formação do distrito de Icoaraci, apresentando fotos históricas e reportagens que sejam evidenciados elementos que se julgarem importantes para os objetivos aqui traçados para a pesquisa. Tal material fora levantado na Biblioteca Municipal Avertano Rocha, no Arquivo Público do Estado do Pará e na Biblioteca Arthur Vianna da Fundação Cultural do Estado do Pará.

Tendo como finalidade traçar o planejamento da pesquisa a partir dos objetivos propostos anteriormente e na tentativa de responder às inquietações colocadas, as observações em campo se deram em um primeiro momento na área histórico-comercial do distrito de Icoaraci, localizada no bairro do Cruzeiro. Tal área foi escolhida por apresentar um maior número de estabelecimentos de comércio e de serviços tanto na esfera pública quanto privada (DIAS, 2007).

Outro recorte necessário para a realização da análise proposta se deu nas feiras do distrito dada à dinamicidade que elas promovem. A seleção dos mercados populares se deu a partir do contexto histórico e atual do comércio, isto é, de

espaços marcados durante o surgimento do povoado pelo ambiente de troca na qual o rio teve um papel de protagonismo e de espaços atuais que demonstram uma efervescência de fluxos e de trocas embora se apresentando num contexto mais recente.

Diante disso, selecionaram-se as feiras: do Cruzeiro, sendo caracterizada pelo Mercado Municipal de Icoaraci e pelo trapiche; e a Feira da Oito de Maio, disposta na área de transição entre ordenamento territorial dos bairros mais históricos com os bairros mais recentes de Icoaraci organizada na fronteira do bairro da Campina de Icoaraci com a Agulha.

Nesse sentido, abarcaram-se os sujeitos socioeconômicos como: a) comerciantes formais: empresários e microempresários; b) comerciantes informais: feirantes e vendedores ambulantes. A intenção foi pautada em reunir informações referentes às dinâmicas socioespaciais dos sujeitos, como: a) qual a motivação, se existir, do associativismo entre os comerciantes, da esfera formal e informal; b) a abrangência de suas atividades em nível territorial; c) qual a motivação dos possíveis conflitos que existam na área; d) a representação dos comerciantes em relação à área, no que tange a mobilidade e ao consumo de seus clientes.

Em um segundo momento as observações foram direcionadas para o bairro do Paracuri, área conhecida por ter se tornado um polo pela significativa produção e comércio de artesanato em cerâmica de grafismo marajoara (SOUZA, D., 2010; XAVIER, 2006). Ademais, fora também observado a dinâmica das atividades de comércio das peças artesanais na orla de Icoaraci localizada no bairro do Cruzeiro dado ao caráter turístico que o espaço agrega gerando fluxos de diversas ordens.

A fim de incorporar na análise os moradores do distrito e também de fora dele com suas narrativas acerca de suas práticas e memórias (FERREIRA, 2014), as observações foram também direcionadas às pessoas levando em consideração seus locais de moradia, sendo selecionados por bairros, de acordo com a seguinte classificação: a) bairros antigos e centrais; b) bairros que perpassam por importantes eixos viários; c) bairros e distritos no entorno de Icoaraci.

Nesse sentido, as observações foram realizadas: a) nos bairros do Cruzeiro e Ponta Grossa, por estes se tratarem de bairros cuja gênese remonta ao período da formação inicial de Icoaraci e por dispor do centro comercial pioneiro. Além disso, destaca-se também pela possibilidade de demonstrar as reconfigurações ocorridas através dos moradores pelo fato desses bairros reunirem elementos importantes e



particulares, dada sua antiguidade; b) nos bairros da Campina de Icoaraci, Agulha, Parque Guajará, guas Negras e Tenoné diante da sua relação direta com o eixo viário da Avenida Augusto Montenegro; c) nos bairros do Paracuri e da Maracacuera por apresentarem, segundo o IBGE<sup>7</sup>, os menores mdias de rendimento mensal por domicílio particular permanente nos Censos de 2000 e 2010 no conjunto dos nove bairros que compõem o distrito; d) nos bairros da Pratinha e Tapanã, por sua relação com a Avenida Arthur Bernardes, embora estes não pertençam territorialmente  Icoaraci, mas por estarem ao seu entorno e propiciarem um fluxo constante de pessoas por meio das linhas de ônibus e do transporte alternativo existentes; e) e no distrito de Caratateua (popularmente conhecido como Ilha de Outeiro) diante da sua localização geográfica, próxima de Icoaraci e pela sua mobilidade que se apresenta vinculada com o referido distrito tanto pelas linhas de ônibus que se dão na perspectiva bairro-centro atravessando Icoaraci quanto pelos transportes alternativos que interligam alguns bairros da ilha com o centro pioneiro do referido distrito, assim,  válido destacar que seu único acesso via rodovia se d perpassando pelo distrito de Icoaraci.

 válido pontuar que a técnica de seleção dos entrevistados utilizada fora a *bola de neve (snowball)*, onde a amostragem se baseia por não ser probabilística no qual os entrevistados iniciais do estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam outros novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o ponto de saturação. Tal ponto de saturação  alcançado quando os novos entrevistados passam a repetir os dados para o desenvolvimento da pesquisa, sejam eles contdos, práticas e representações já obtidos em entrevistas anteriores (GOODMAN, 1961).

A respeito dos comerciantes formais e informais, produtores e vendedores de cerâmica e moradores, optou-se, como critério de coleta de dados, selecionar os sujeitos com tempo significativo de vivência nas áreas destacadas para a realização da pesquisa, acreditando que a partir disso se pudesse levantar uma quantidade maior de elementos relevantes para a análise em virtude da história dos mesmos com o lugar. Além disso, fora indispensável a procura de membros de base associativista como meio de acesso  questões que envolviam os sujeitos

---

<sup>7</sup> Conforme os Censos de 2000 e 2010 promovidos pelo IBGE, as mdias de rendimento mensal dos domicílios particular permanente (em reais) dos bairros do Paracuri e da Maracacuera são de 401,74 e 508,89, respectivamente.

escolhidos que pudessem contribuir com a pesquisa e, concomitantemente, auxiliassem os sujeitos na resolução dessas possíveis demandas existentes.

Por se tratar de uma pesquisa de caráter qualitativo optou-se por não delimitar quantitativamente o universo a ser entrevistado, tendo em vista a intenção de se aprofundar nas percepções dos agentes escolhidos para a análise. Adotou-se a repetição das representações como instrumento de tratamento dos dados coletados (GAASKELL, 2012).

Por entender que essa produção científica se dá através de uma construção coletiva que envolve sujeitos sociais de diversidade significativa, onde suas narrativas alimentaram a análise, optou-se por revelar os nomes dos entrevistados. Essa opção tem como base justificativa a não apropriação pelo pesquisador das falas coletadas e o reconhecimento daqueles que contribuíram para a articulação da teoria com a prática.

As entrevistas se apresentaram como abertas e semiestruturadas de maneira individual. Os objetivos que nortearam as entrevistas foram de abarcar as diversas representações dos variados agentes produtores do espaço urbano acerca da subcentralidade urbana por eles produzidas e das abrangências construídas.

No tocante da análise da representação social, ressalta-se a importância das entrevistas com os sujeitos sociais escolhidos para o estudo, já que conforme Bertoni e Galinkin (2017):

As várias técnicas de entrevistas – não estruturadas, semiestruturadas e estruturadas, assim como os grupos focais, têm se mostrado instrumentos úteis e adequados para a investigação das representações sociais em diferentes contextos. As entrevistas e os grupos focais permitem que os participantes se expressem e verbalizem seus pensamentos e sentimentos sobre os temas propostos. As diferentes formas de análise dos resultados obtidos com essas técnicas permitem aos pesquisadores apreender formas de pensamentos, explicações e justificativas de comportamentos, as fontes das representações, e saber se está ocorrendo mudanças nas representações em função do contato com outros grupos e com a divulgação de novos conhecimentos (BERTONI; GALINKIN, 2017, p. 119).

Com o intuito de melhor compreender os fenômenos destacados como importante para a pesquisa se desenvolveu a produção cartográfica dos mesmos. Nesse sentido, destaca-se Fonseca e Kirst (2003) que realizam ponderações sobre tal procedimento. Segundo os mesmos,

O termo “cartografia” utiliza especificidades da geografia para criar relações de diferença entre “territórios” e dar conta de um “espaço”. Assim, “Cartografia” é um termo que faz referência à ideia de “mapa”, contrapondo à topologia quantitativa, que caracteriza o terreno de forma estática e extensa, uma outra de cunho dinâmico, que procura capturar intensidades, ou seja, disponível ao registro do acompanhamento das transformações decorridas no terreno percorrido e à implicação do sujeito percebedor no mundo cartografado (FONSECA; KIRST, 2003, p. 92).

Como modo de apresentação dos dados, se deu a adoção da forma narrativa (CRESWELL, 2007) para a construção de uma análise que viesse ser estruturada a partir da interpretação do pesquisador pelos agentes participantes da pesquisa sobre os elementos que julgou ser importantes para os objetivos propostos.

Diante da riqueza de agentes que fazem parte da história de Icoaraci, sejam eles pescadores, artesãos, comerciantes, barreirenses, feirantes, costureiras, moradores dentre outros que (re)existem e contribuem para a formação desse complexo espaço amazônico. Embora se ressalte que, nas últimas décadas, tem se desencadeado uma intensificação de novas atividades que se inseriram no espaço urbano icoaraciense, como por exemplo, porteiros, garçons, vigilantes, metalúrgicos, secretárias, médicos, bancários, empresários etc. direcionados agora por um sistema de mercado regido por uma dinâmica globalizada (CASTRO, 2004).

Com esse universo, selecionaram-se alguns desses sujeitos sociais e econômicos para a compreensão de suas atividades na busca de uma noção das mudanças que o distrito enfrenta quando se pensa em suas práticas cotidianas. Diante disso, os agentes aqui levantados, foram: os comerciantes sejam eles de caráter formal e informal, os artesãos e os moradores.

As observações em campo se deram nos meses de outubro e novembro de 2019, enquanto as entrevistas foram realizadas nos meses subsequentes, de dezembro de 2019 até fevereiro de 2020. A partir das entrevistas abertas, entrevistou-se: 6 comerciantes formais, 6 comerciantes informais, 4 artesãos e 14 moradores. Vale ressaltar que as entrevistas realizadas, em sua maioria, o investigador encontrava-se sozinho no campo o que impossibilitava em determinadas ocasiões os registros fotográficos.

Algumas dificuldades são relevantes ser pontuadas, pois antes de meros investigados, os sujeitos possuem vivências e pré-conceitos já estabelecidos no decorrer de sua trajetória de vida. Desse modo, a inserção do investigador no ambiente de pesquisa foi um esforço na qual deve ser colocado em discussão

quando se pensa nos procedimentos metodológicos escolhidos para tal abordagem.

Icoaraci, assim como qualquer outro espaço urbano na Amazônia, se apresenta em um contexto na qual a insegurança é existente e significativa em todos os meios no qual a pesquisa procurou permear a fim de realizar uma análise profunda e rigorosa.

Um elemento que existe nesse cenário, de modo geral, é o descrédito dos agentes ao pesquisador, que tem relação direta à ineficiência do poder público quando àqueles acreditam que as entrevistas são elaboradas e realizadas pela prefeitura do município ou pelo governo do estado o que influenciou diretamente nas informações coletadas.

O desinteresse na produção científica pelos agentes do comércio formal é um elemento que se fez relevante nas idas a campo e nas tentativas de entrevistas aos responsáveis dos estabelecimentos que por muitas das vezes negavam ou remaravam as entrevistas, pois acreditavam que o conteúdo do trabalho não contribuiria ou beneficiaria diretamente as atividades ali desempenhadas. Ademais, era frequente a dificuldade de conseguir entrevistas com informações mais detalhadas com aqueles que se disponibilizavam a conversar, pois somente era possível a aplicação dos roteiros no horário de funcionamento comercial das lojas. Esse obstáculo culminou numa certa redução do número de entrevistados.

Outro ponto é o medo, por alguns sujeitos, principalmente aqueles que exercem sua atividade de caráter informal, por considerarem que o trabalho realizado tivesse como intuito fiscalizar suas atividades exercidas e até mesmo com a aplicação de punições como notificações ou multas pelo fato de estarem em locais, muitas das vezes, inadequados ou comercializando produtos sem a devida tributação necessária ao governo.

A insegurança que envolve todo o distrito também se fez presente no decorrer do presente trabalho, mais ainda acentuado diante da desigualdade socioespacial que acarreta os bairros mais afastados e pobres, tanto aqueles que territorialmente fazem parte do distrito quanto os visitados em suas adjacências.

A presença do tráfico de drogas impõe intimidações àqueles que não residem ali e regras de identificação para a entrada e saída nessas áreas, além dos assaltos relatados por transeuntes como constantes gerando toda uma desconfiança por parte, principalmente, dos moradores o que interferiu de modo exponencial a aquisição de entrevistas com os moradores antigos que por medo se recusavam a

serem entrevistados.

Diante dos percalços que foram vivenciados, a alternativa para contorná-los foi na permanência efetiva no campo para que a presença da pesquisa pudesse ser absorvida dentro do cotidiano dos pesquisados e, que as informações coletadas nas entrevistas pudessem ser de fato conversas para que a espontaneidade dos entrevistados sobressaísse procurando evitar, junto à eles, tentativas de ocultar e distorcer informações, ou seja, o intuito foi que a presença do investigador se tornasse comum nas áreas comerciais, nas feiras, nas olarias e na periferia de um modo geral.

Desse modo, a dissertação se configura sob uma estrutura desenhada para quatro momentos que dialogam entre si e articulam as análises pretendidas não estando separados. No primeiro capítulo, reuniram-se as principais discussões teóricas que envolvem a produção do espaço urbano, em um contexto geral, e seus desdobramentos a partir da égide do capitalismo. Além disso, desenvolveu-se a noção de centro e centralidade para, posteriormente entender como se dá o processo de constituição de subcentros e da subcentralidade entendendo como a ideia de reestruturação da cidade pode auxiliar nessa compreensão. Por fim, não sendo menos importante, a vinculação da discussão de subcentralidade com os elementos formadores das representações sociais e como este pode ser articulado para o entendimento da cidade.

O segundo capítulo reúne abordagens que traça histórico-geograficamente a formação de Icoaraci onde, atrelada ao contexto regional amazônico, desenvolve sua dinâmica socioeconômica através dos sujeitos sociais. Ademais, são expostas as transformações socioespaciais que o distrito enfrentou ao longo das últimas décadas diante de maior integração com a metrópole.

No terceiro capítulo, têm-se como objetivos configurar, em um primeiro momento, a formação, em momentos distintos no tempo e espaço, dos subcentros forjados no espaço urbano icoaraciense, o tradicional/pioneiro e o recente, pois esses espaços de consumo apresentam-se de modo distinto nas suas formações, dinâmicas e nos sujeitos envolvidos na sua (re)produção. Ademais, procurou-se alcançar os sujeitos da pesquisa para além das definições, mas também com o interesse de compreender as práticas que permeiam o cotidiano. Assim, as análises se debruçaram a entender as realidades dos comerciantes formais e informais, vendedores ambulantes e feiras, além dos moradores do distrito e de seu entorno e

sua relação com as dinâmicas que a subcentralidade icoaraciense atualmente apresenta.

No quarto capítulo, apresentam-se momentos de análise diferenciados, mas que se complementam no todo. No primeiro momento, buscou-se a vinculação das principais narrativas escutadas em campo com alguns dos elementos relacionados às memórias e vivências dos sujeitos que norteiam a representação social histórica de Icoaraci. Após isso, apontou-se o artesanato como um dos elementos significativos de resistência da subcentralidade. No terceiro momento, foram exploradas as novas representações construídas pelos sujeitos a fim de entender como essa dinâmica influencia nas redefinições da subcentralidade icoaraciense. Por último, analisou-se a partir da perspectiva dos processos representacionais, sobretudo, dos moradores como o distrito articula no âmbito da subcentralidade as antigas com as novas atividades, onde as lógicas por trás se sobressaem complexificando o espaço urbano icoaraciense.

## **CAPÍTULO 1: ASPECTOS TEÓRICOS DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO, DA CENTRALIDADE E DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL**

### **2.1 A produção do espaço urbano**

Diante da necessidade de apresentar uma formulação conceitual rigorosa contendo os principais elementos de análise para, posteriormente apresentar uma articulação com o objeto de estudo levantado, faz-se de fundamental importância um breve levantamento da trajetória do pensamento acerca do conceito da produção do espaço a fim de compreender melhor os processos, as dinâmicas e os agentes que compõem o espaço produzido da metrópole belenense, em especial, do distrito de Icoaraci.

Nesse sentido, com o intuito de realizar uma contextualização de como a teoria espacial foi sendo trabalhada no decorrer da segunda parte do século XX, Correa (2000) resgata como o espaço era abordado na geografia de acordo com as distintas vertentes que a disciplina perpassou, apontando que na geografia tradicional se priorizou “os conceitos de paisagem e região, em torno deles estabelecendo-se a discussão sobre o objeto da geografia e a sua identidade no âmbito das demais ciências” (CORREA, 2000, p. 17). Nesse período, o autor destaca que o espaço não se constituía como um conceito-chave, embora estando presente de modo implícito em obras de Ratzel e Hartshorne.

Ademais, a corrente de pensamento geográfico posterior à concepção tradicional denominada de teórica-quantitativa pautava-se numa vertente que estudava o espaço baseado no positivismo, com estudos análogos aos das ciências da natureza com raciocínios advindos do modelo hipotético-dedutivo. Assim, o autor coloca que:

É preciso considerar o que significou para a geografia a concepção de espaço para os geógrafos lógico-positivistas nela introduziram. Trata-se de uma visão limitada de espaço, pois, de um lado, privilegia-se em excesso a distância, vista como variável independente. Nesta concepção, de outro lado, as contradições, os agentes sociais, o tempo e as transformações são inexistentes ou relegadas a um plano secundário. (CORREA, 2000, p. 23).

Soja (1993) também nos auxilia no entendimento por meio de seus escritos acerca do tratamento que a noção de espaço apresentava quando aponta que

Mesmo quando se evitam um empirismo ou um positivismo estreitos, a “organização espacial da sociedade” é exibida como socialmente inerte, como produto amortecido da disciplina ordenadora da fricção de distância, da relatividade da localização, da estatística da covariação ecológica e dos axiomas da geometria. Dentro dessa ilusão de ótica, constroem-se teorias que sempre parecem mascarar o conflito social e a atuação social, reduzindo-os a pouco mais do que a expressão conjunta de preferências individuais, tipicamente presumidas como sendo (naturalmente? organicamente?) dadas (SOJA, 1993, p. 152).

Seguindo o exposto acima, entende-se que a geografia abordava o espaço numa perspectiva positivista de modo em que tal categoria era qualificada como fixo, morto e imóvel já que o espaço não se configurava como uma categoria importante de análise, até mesmo para os geógrafos marxistas daquela época (SOJA, 1993).

Com o interesse de esmiuçar tal debate sobre o espaço no marxismo, Lefebvre (2013) parte do esforço de pensar uma teoria social crítica “sobre la base de considerar el espacio (social), así como el tiempo (social), no ya como “hechos” de la naturaleza más o menos modificada, ni tampoco como simples hechos de “cultura”, sino como productos” (LEFEBVRE, 2013, p. 54).

O conceito de espaço social de Lefebvre surge como uma crítica à concepção clássica de espaço (como o espaço mental, o espaço absoluto, o espaço euclidiano, o espaço substrato, etc.) por se tratar de um saber baseado em uma perspectiva ideológica. Saber ideológico este que partira do pressuposto de pensar um espaço como dado objetivo, inteligível, transparente, neutro e definitivo com a finalidade de ocultar e obscurecer determinadas ações de poder inseridas nas relações sociais que constituem esse espaço (ALVARENGA; SANTANA, 2015). Como Lefebvre aponta: “Las ideologias no producen el espacio: están em él, lo son. ¿Quién produce el espacio social? Las fuerzas productivas y las relaciones de producción” (LEFEBVRE, 2013, p. 253).

Para contrapor as ideologias que dominam as relações sociais tornava-se necessário introduzir a noção de espaço social. Se Lefebvre busca uma transformação do conceito de espaço, é porque busca uma transformação concreta do próprio espaço. Nesse sentido, o conhecimento tem função social, é práxis e, para ele, retornam como uma perspectiva eminentemente revolucionária (LEFEBVRE, 2013).

Cabe ressaltar também que Soja (1993) expõe questões acerca da existência de um descaso histórico do marxismo ocidental com a espacialidade, o autor levanta



algumas teses iniciais fundamentais para entender a negligência sobre a categoria. Diante disso está: a) a publicação tardia dos Grundrisse:

Os Grundrisse de Marx [...] provavelmente contém uma análise geográfica mais explícita do que qualquer de seus textos. Seus dois volumes foram inicialmente publicados em russo, em 1939 e 1941. A primeira edição alemã foi publicada em 1953, e a primeira edição em inglês, em 1973. Além disso, como é hoje perfeitamente sabido, Marx nunca concluiu seus projetos de volumes subsequentes do Capital, abordando o comércio mundial e a expansão geográfica do capitalismo, mas apenas forneceu indícios do seu possível conteúdo nos Grundrisse, tardiamente publicado (SOJA, 1993, p. 108).

Assim, os volumes I e II do Capital, ainda apresentam uma análise simplista de uma economia nacional fechada num capitalismo desprovido de espaço, não favorecendo o entendimento de uma necessidade de inserção da categoria naquele momento; b) nas tradições antiespaciais do marxismo ocidental, que surgiram paradoxalmente do próprio Marx que assumia uma posição antihegeliana<sup>8</sup> que relacionava o espaço em uma ideia de Estado. Logo o marxismo estabeleceu a historicidade (a temporalidade revolucionária) em sua primazia sobre a espacialidade; c) a mudança nas condições da exploração capitalista que antes era pautada em condições de um capitalismo industrial competitivo, com um aparelho estatal opressor em que sua produção era “acomodatícia, conformista e diretamente moldada pelo poder do mercado e pelo poder estatal” (SOJA, 1993, p. 110) e no capitalismo contemporâneo que ocorre a extração de uma mais-valia relativa, pela modificação na composição do capital, do papel mais invasivo do Estado e com a penetração do capital em escalas não inteiramente capitalistas da produção. Por fim, Soja coloca que “Isso exigiu a construção de sistemas totais, a fim de garantir e regular a serena reprodução das relações sociais de produção. Nesse processo, a produção do espaço desempenha um papel crucial” (SOJA, 1993, p. 111).

Partindo sob uma perspectiva do espaço como produção social, é convidativo acentuar as diferenciações que Santos (1988), embasado em Lefebvre, coloca em sua obra sobre o espaço ajudando no entendimento da categoria. O autor coloca tal categoria em duas instâncias, como primeira natureza seguindo raciocínio de um espaço natural, ou seja, um espaço que não tenha sido modificado pelo homem ou

---

<sup>8</sup>Soja (1993, p. 109) afirma que “sob diversos aspectos, Hegel e o hegelianismo promulgaram uma poderosa ontologia e fenomenologia espacialista, que reificou e fetichizou o espaço sob a forma do Estado territorial, lócus e meio da razão aprimorada.”

sem alterações de cunho social, e de segunda natureza designando ao espaço que já mantém alguma relação antrópica.

Por defender a existência de uma dialética socioespacial, Soja (1993) entende que o espaço (social) é uma estrutura forjada, ou seja, criada para a reprodução da vida humana, que pode ser comparada com outras construções da sociedade sendo resultado das transformações de determinadas condições relacionadas ao estar vivo, assim como a história humana que demonstra uma modificação social do tempo.

Muitas das discussões de Soja são fundamentadas nos escritos lefebvreanos, e com essa ideia não é diferente. Soja (1993) se apoia sobre a discussão de segunda natureza para entender “a espacialidade transformada socialmente concretizada que emerge da aplicação do trabalho humano deliberado” (SOJA, 1993, p.102). Segundo esse raciocínio que se consegue compreender o materialismo que a espacialidade carrega quando se pensa na transformação dos sujeitos e objetos geográficos e dos elementos naturais sobre o percurso do tempo (SOJA, 1993; SANTOS, 1994a).

Nessa lógica de entendimento da noção de segunda natureza como uma atividade de produção material pela/da sociedade no espaço. Lefebvre (2013) esclarece o emprego da palavra *produto* na qual o espaço é considerado. Nesse sentido:

La producción de espacio (y del tiempo) no los consideraba como “objetos y cosas” cualesquiera, nacidos de las manos de los hombres o de sus máquinas, sino como aspectos principales de la segunda naturaleza, efecto de la acción de las sociedades sobre la “naturaliza primigenia”, sobre los datos sensibles, la materia y las energías. ¿Productos? Sí, en un sentido específico, en particular por un carácter de globalidad (no de “totalidad”) que no pose en los “productos” en la acepción ordinaria y trivial del término, objetos y cosas, mercancías (aun que es cierto que el espacio y el tiempo producidos, pero “segmentados”, se intercambian, se venden, se compran como vulgares objetos y cosas) (LEFEBVRE, 2013, p. 55).

O autor considera que o espaço é um produto, mas antes de tudo, um produto diferente daquele que se remete ao objeto, à coisa física, do valor de troca, aquele que é vendido. Associa-se ao emprego da palavra produto pela mudança em que o homem realiza na natureza transformando-a em segunda natureza, no conjunto de apropriação, dominação, de conflitos. Esta concepção tem também um teor político relevante para entender as práticas humanas no espaço vinculado ao valor de uso.

Carlos (2018) que também se debruça a compreender a produção do espaço, em especial na metrópole paulista, entende que:

O espaço é uma produção social que acompanha a produção da própria civilização, como condição/meio e produto da reprodução social. Isto é, o ato de produção do mundo humano contempla a ação que reproduz o espaço não só em sua materialidade absoluta, mas como humana, e revela os conteúdos e os sentidos da sociedade a partir da apropriação da natureza (CARLOS, 2018, p. 417).

O esforço de Carlos (2011) é interessante, pois ela busca ampliar o sentido da produção do espaço (como condição/meio) para uma dimensão filosófica, já que diz respeito também da produção do próprio homem, seja ele um comerciante, pescador, artesão ou até mesmo morador com sua espacialização tendo como conteúdo várias dimensões e contradições diante de suas vivências.

Com isso, a autora afirma que o processo espacial se dá na afirmação das relações sociais produtoras dos lugares da realização da vida, ao mesmo tempo em que condiciona sua criação. Assim, o espaço e o tempo surgem através da ação humana constituído em uma indissociabilidade, a partir de um modo de vida cujo sentido se dá pela apropriação podendo ser dada pela dimensão do trabalho ou até mesmo pela moradia (CARLOS, 2018). Assim, “a produção do espaço seria imanente a produção da vida” (CARLOS, 2018, p. 417).

A fim de fomentar a discussão, Castells (2014) em sua obra coloca que:

O espaço é um produto material em relação com outros elementos materiais – entre outros, os homens, que entram também em *relações sociais determinadas*, que dão ao espaço (bem como aos outros elementos da combinação) uma forma, uma função, uma significação social (CASTELLS, 2014, p. 181).

Percebe-se pela postura marxista estruturalista do autor a ideia da materialidade relacionada à ação humana que proporcionam uma organização histórica da sociedade. Assim, “[...] ele [o espaço] não é uma pura ocasião de desdobramento da estrutura social, mas a expressão concreta de cada conjunto histórico, no qual cada sociedade se especifica” (CASTELLS, 2014, p.182).

Ademais, por assumir um comportamento integrador dos estudos sociais, o autor enfatiza que não há uma teoria do espaço separado de uma teoria social geral. Pelo fato do autor possuir uma postura integradora, muito relacionada com a ecologia, a sociedade é vista como uma comunidade, caracterizada como “um

sistema de relações entre partes funcionalmente diferenciadas e que está localizado territorialmente” (CASTELLS, 2014, p. 185).

Assim como Castells, Santos também procura desenvolver compreensões acerca do espaço pautado na organização e interação espacial baseado em um sistema de objetos geográficos e de ações. Nessa perspectiva, o sistema de objetos se configuraria como um arranjo que reúne as técnicas da força produtiva, sendo, além disso, os objetos considerados como os fixos desta mesma estrutura produtiva (escolas, hospitais, pontes, lojas, fábricas). Os sistemas de ações controlariam os sistemas de objetos, fazendo com que o primeiro se traduza nas relações sociais de produção. Nesse sentido, tais ações são entendidas como fluxos no espaço, estes fluxos são caracterizados pela circulação de produtos, pessoas e informações (SANTOS, 1994b).

Santos (1988) aponta que o entendimento do espaço pode também está relacionado a uma totalidade compreendida em forma, função, estrutura e processo. Para o autor, a forma está relacionada aquilo que é visível no espaço seja em formas antigas ou de produções materiais mais recentes a fim de atender a determinada demanda que exista na sociedade. A função caracteriza-se pelas atividades atribuídas pela forma, ou seja, é a partir da função que a forma ganha sentido de existir. A estrutura baseia-se na relação de todas as partes seguindo um contexto histórico em determinado espaço-tempo. Já o processo tem como característica o contínuo movimento das ações inserido em um determinado contexto no espaço que culminam em permanências ou transformações.

No interesse de dar prosseguimento à teorização aqui pretendida, um autor que também converge o pensamento com o de Lefebvre, Schmid (2012) parte também do pressuposto que o espaço é produzido socialmente. Segundo ele, é preciso romper com a visão de um espaço ligado apenas à materialidade ou com um status de puro, e partir para uma noção de que a produção do espaço é ligada a uma realidade social, o que Lefebvre já propunha quando demonstra que o espaço não pode existir “por si mesmo”, já que para ele servir como um ponto de partida epistemológico, ele deve ser visto como um produto (SCHMID, 2012).

É notório colocar que o espaço e tempo são relacionais, por um lado o espaço representa a simultaneidade, como uma ordem sincrônica da realidade social enquanto o tempo está associado ao diacrônico e ao processo histórico da produção social, o espaço e tempo são caracterizados como elementos fundamentais da

prática social. Eles são produtos sociais (LEFEBVRE, 2013; SCHMID, 2012). Vale frisar que:

[...] o espaço e tempo não existem de forma universal. Como eles são produzidos socialmente, só podem ser compreendidos no contexto de uma sociedade específica. Dessa forma, espaço e tempo não são apenas relacionais, mas fundamentalmente históricos. (SCHMID, 2012, p. 91).

Dessa maneira, entende-se que cada sociedade e grupo social produz seu espaço de modo específico a partir de determinado modo de produção que a mesma desenvolve, ou seja, o espaço produzido pelos comerciantes, artesãos e moradores pode ser entendido como específicos por ser determinante a um grupo social característico. Assim como o espaço e tempo, a sociedade não pode ser vista como uma matéria ou uma totalidade apenas de “corpos”, elas precisam ser vistas como uma representação de sua corporeidade, sensibilidade, imaginação e suas ideologias, como indivíduos que interagem entre si através de suas práticas (LEFEBVRE, 2013; SCHMID, 2012).

Quando se trata da produção do espaço, presume-se uma tríade que contempla a constituição da humanidade, tal tríade é composta por uma produção do espaço que se baseia em condição, meio e produto da ação humana (LEFEBVRE, 2002). Dessa maneira, revela a produção do próprio homem e do mundo como prática real e concreta a partir das práticas desempenhadas. A partir disso, entende-se que é através dessa tríade que o homem desenvolveu os diversos modos de apropriações dos espaços-tempo da vida. Não se apresenta como equívoco afirmar que a vida mostra a ligação da produção do espaço como movimento de realização do homem e de suas atividades (CARLOS, 2015).

A pertinência de abordar a produção do espaço é compreender que o homem se apropria do mundo por meio das suas atividades em um determinado espaço-tempo que contribui diretamente para a reprodução da sociedade. Tal compreensão permite enxergar o conteúdo das práticas socioespaciais dentro da cidade como na produção, apropriação e reprodução da mesma. Evidencia-se assim, como a produção do espaço é indissociável da reprodução da sociedade (CARLOS, 2015).

Schmid (2012) quando trabalha com a teoria da produção do espaço, coloca a tríade lefebvreana como “uma figura tridimensional da realidade social”. Nesse sentido, a base da formulação da prática social material estaria fundada em Marx, a

linguagem e pensamento em Hegel e o ato criativo, poético em Nietzsche. É necessário pontuar que cada um deles estaria inter-relacionado de maneira dialética com uma perspectiva da tríade que interage entre si, que entra em conflito e até mesmo que se alia (SCHMID, 2012).

A análise tridimensional da produção do espaço aparece com: o espaço material, a representação do espaço e os espaços da representação. Com isso, o primeiro aspecto a ser destacado é o da prática espacial, também denominado de percebido, este engloba a dimensão material da atividade e das interações no meio social. Caracteriza-se pelo aspecto da simultaneidade das atividades e nas suas articulações e conexões com outras atividades, ou seja, parte-se de uma realidade urbana que se baseia nas práticas concretas. Como o autor postula:

La práctica espacial, que engloba producción y reproducción, lugares específicos y conjuntos espaciales propios de cada formación social; práctica que asegura la continuidad en el seno de una relativa cohesión. Por lo que concierne al espacio social y a la relación con el espacio de cada miembro de una sociedad determinada, esta cohesión implica a la vez un nivel de competencia y un grado específico de performance (LEFEBVRE, 2013, p. 92).

Compeende-se que a prática espacial secreta o espaço de uma maneira na qual ela põe e justapõe os elementos a partir da dialética, seguindo nessa perspectiva, infere-se que a prática espacial material da sociedade pode ser descoberta a partir do momento em que se esmiuça o seu espaço (LEFEBVRE, 2013).

O segundo elemento que o autor coloca é a representação do espaço, é também denominado como o concebido, essa dimensão é compreendida por um determinado grupo de sujeitos (como o dos planejadores, tecnocratas e de intelectuais). É visto como um espaço dominante sob a égide do modo de produção, sendo expressa através de ferramentas técnicas. Com isso: “las representaciones del espacio, que se vinculan a las relaciones de producción, al “orden” que imponen y, de ese modo, a los conocimientos, signos, códigos y relaciones “frontales”. (LEFEBVRE, 2013, p. 92).

Parte-se da compreensão que é um espaço dominante na sociedade quando se associam ao modo de produção que estão suas concepções vinculadas, como nos signos e códigos elaborados intelectualmente, culminando numa definição do espaço. Suas representações emergem pelo discurso e na verbalização formal

(descrições, legislações, teorias científicas, mapas e fotos). Cabe apontar algumas disciplinas como a arquitetura e o planejamento, assim como a geografia no envolvimento da produção dessas representações (LEFEBVRE, 2013).

O último elemento seria o espaço da representação entendido como o vivido, este se apresenta carregado de imagens e símbolos. Além disso, revelam as práticas cotidianas e a imaginação, esta última que se apropria dos elementos ligados à espontaneidade da vida e das vivências no cotidiano dos indivíduos.

Los espacios de representación, que expresan (con o sincodificación) simbolismos complejos ligados al lado clandestino y subterráneo de la vida social, pero también al arte (que eventualmente podría definirse no como código de espacio, sino como código de los espacios de representación)." (LEFEBVRE, 2013, p. 92).

Por meio dos espaços de representação, a terceira dimensão da produção do espaço, se tem a dimensão simbólica do espaço que lhe confere uma dominação em detrimento do anterior. Embora tal dominação, cabe destacar que há a resistência por parte da imaginação do indivíduo ou do coletivo, seja ele habitante ou um usuário, que se apropria do espaço e lhe modifica conforme sua cultura e suas vivências (LEFEBVRE, 2013). Assim, os três termos ou momentos assumem igual importância e cada um toma uma posição semelhante em relação aos outros acerca da ideia de espaço (social).

Harvey (1980), embasado pelos escritos lefebvreanos, também traça uma multidimensionalidade tripartite do espaço de maneira diferenciada.

Se considerarmos **o espaço como absoluto** ele se torna uma 'coisa em si mesma', com uma existência independente da matéria. Ele possui então uma estrutura que podemos usar para classificar ou distinguir fenômenos. A concepção de **espaço relativo** propõe que ele seja compreendido como uma relação entre objetos que existe pelo próprio fato dos objetos existirem e se relacionarem. Existe outro sentido em que o espaço pode ser concebido como relativo e eu proponho chamá-lo **espaço relacional** – espaço considerado, à maneira de Leibniz, como estando contido em objetos, no sentido de que um objeto pode ser considerado como existindo somente na medida em que contém e representa em si mesmo as relações com outros objetos. (HARVEY, 1980, p. 13, grifo nosso).

Conforme o autor, o primeiro espaço denominado como absoluto é visto de modo rígido, fixo que socialmente estaria caracterizado pelas instituições e pela propriedade privada, pelas cidades, pelos mapas, pela localização, sendo um espaço fechado que não acompanha as relações dos indivíduos, ou seja,

independente, sem vida. O espaço relativo implica nas interações de um espaço com o outro tendo como resultado uma interação dos mesmos, ele é múltiplo, móvel, acelerado, dessa maneira, ele se apresenta vinculado ao tempo. Já o espaço relacional é caracterizado pela manifestação e da atuação da sociedade através das relações dispostas sob um processo histórico-social. É crucial, nessa perspectiva, entender os eventos imbricados uns nos outros em determinado contexto marcado pelo espaço-tempo (HARVEY, 1980).

Acerca dos aspectos da produção do espaço pela ação humana a fim de entender melhor a realidade icoaraciense, Carlos (2015) coloca que a reprodução da vida também se caracteriza na produção prática do espaço como realidade, mas também como possibilidade. Assim, a partir do momento que o sujeito reproduz sua existência, a sociedade reproduz o espaço. Dessa maneira, o espaço é visto ao mesmo tempo como abstrato e real/concreto.

Sob a égide do capitalismo, o espaço intervém na reprodução da sociedade, organizando o trabalho produtivo, as redes de distribuição, os fluxos de circulação, os lócus de consumo e de produção, etc. Nesse momento é relevante ver a particularidade da produção do espaço na sociedade capitalista, na qual o espaço é para além da força produtiva (ALVARENGA; SANTANA, 2015).

Como já dito anteriormente, a produção do espaço serve à reprodução da vida, mas no capitalismo:

[...] ele produz espaço com fins de acumulação, ultrapassando a mera reprodução da vida, e garantindo também a reprodução das relações de trabalho (e de classe, a reprodução da força de trabalho, para sermos mais precisos) e a reprodução das relações sociais de produção (ALVARENGA; SANTANA, 2015, p. 7).

Com a emergência do capitalismo, busca-se nesse momento a sua reprodução em primeira instância através do modo de produção imposto, deixando de lado a reprodução social da vida que outrora era a primazia.

Com o desenvolvimento do capitalismo, tem-se um fator que provoca transformações no arranjo da produção do espaço (tendo ele como social). A partir desse momento o espaço é visto como uma mercadoria. A sua mudança se deu em três momentos, como: condição de produção; força produtiva; e mercadoria reprodutível (CARLOS, 2015). Sendo ela realizada em dois níveis: “através da produção da habitação e através da produção da própria cidade pelo trabalho social



presente e acumulado ao longo da história” (CARLOS, 2018, p. 419). Focalizando no urbano, percebe-se que interessa ao capital a materialidade do espaço como condição fundamental do valor de troca capitaneada pelo processo de urbanização das cidades.

Com as diversas transformações ocasionadas pelo desenvolvimento do capitalismo no urbano, e na intensificação das atividades relacionadas ao sistemas de mercadorias que promove um fortalecimento da reprodução das relações capitalistas, ocorre uma contradição relevante para tal análise que envolve tanto a materialidade daquilo que é produzido quanto o aspecto humano e sua cultura. Segundo os autores, a

[...] contradição diz respeito à deposição de formas anteriores ao sistema produtor de mercadorias, com o intuito de adequar os espaços ao processo de expansão do capital, uma vez que ela se trata, normalmente, de “expropriação” violenta de determinadas populações de seus modos de vida tradicionais e a inserção obrigatória em uma existência precária na sociedade do consumo.” (ALVARENGA; SANTANA, 2015, p. 10).

Destaca-se que esse processo ainda se mantém na atualidade juntamente com a expansão do capitalismo para outras áreas. A essência desta contradição parte da lógica de que nem todos os sujeitos que são inseridos no contexto da mercadoria se sentem satisfeitos, já que há uma precariedade elevada da “inclusão” na sociedade do capital.

Embora sua precariedade de inserção, destaca-se que com a hegemonia do capital sobre o espaço urbano despontam-se os planos: econômico, político e social que emergem sujeitos produtores do espaço com seus processos em escalas desde as mais tímidas em nível local como as mais estruturantes a nível global (CARLOS, 2015).

Como confirma Correa (1989), o espaço urbano capitalista “é produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço” (CORREA, 1989, p. 11). Nesse sentido, entende-se que esses agentes possuem uma complexidade que perpassa pela dinâmica do capital e de suas necessidades para reproduzir as relações de produção, sem disso, retirar da análise os conflitos emergentes tanto de classes, mas também os internos.

Com a produção do espaço-mercadoria, tem-se a ascensão da propriedade privada revelando um momento da produção social do espaço em que as atividades

e os acessos são permeados pelo valor de troca, designando as práticas a partir das necessidades do mercado. Nesse sentido, a propriedade privada ganha contornos significativos por impor uma dominação a partir das relações sociais (CARLOS, 2015). Como assinala Alvarez (2017), a sobrevivência do capitalismo se pautou além da criação de mercadorias, mas

[...] na transformação de bens comuns em mercadorias, na extensão da propriedade privada e na busca incessante pelo capital, domínio do tempo, da cultura, dos corpos, dos desejos, através da fragmentação e hierarquização intensiva (ALVAREZ, 2017, p. 66).

Outra contradição emerge, agora sob o prisma da discussão da propriedade privada, na qual há uma justaposição de interesses. Interesses estes colocados pela perspectiva do Estado que visa à reprodução do capital e à produção de um espaço dominado, e do espaço como produto social desenvolvido pelos habitantes que realizam sua vida pelo uso dos lugares da cidade objetivando sua reprodução social (CARLOS, 2018). Portanto, a produção do espaço se configura em volta de duas necessidades contraditórias: de um lado se destaca na produção de um espaço em que as prioridades são as necessidades econômicas e políticas; e de outro enquanto um espaço produzido para a reprodução da vida social, já que ele é visto como condição, produto e meio (CARLOS, 2015).

Nesse contexto, a contradição que funda o processo de produção do espaço no urbano se pauta em:

[...] um processo de produção que é socializado, mas cuja apropriação é privada. Isto é, a sociedade produz o espaço como produto social – produto do trabalho humano reunido na sociedade –, mas sob capitalismo, regido pelas relações contratuais que sustentam a troca, essa apropriação é privada.” (CARLOS, 2018 p. 419).

A partir do desenvolvimento do capitalismo que propiciou a acumulação, se impulsionou a criação de novos setores para suas atividades produtivas, culminando na transformação do espaço em uma mercadoria reprodutível. Carlos (2015) coloca que tal fato é possível graças à exigência da reprodução do capital em determinados momentos históricos que promove a requisição de novas condições para o seu desenvolvimento.

Nesse movimento de transformação do espaço em mercadoria reprodutível, envolve também os agentes que produzem este espaço. Ressalta-se a existência de

um nível de complexidade dos mesmos. Conforme Correa (1989), a complexidade dos agentes sociais tem relação no:

[...] processo de reorganização espacial que se faz via incorporação de novas áreas ao espaço urbano, densificação do uso do solo, deterioração de certas áreas, renovação urbana, relocação diferenciada da infraestrutura e mudança, coercitiva ou não, do conteúdo social e econômico de determinadas áreas da cidade (CORREA, 1989, p. 11).

Correa (1989) classifica os agentes produtores do espaço urbano em: a) os proprietários dos meios de produção; b) os proprietários fundiários; c) os promotores imobiliários; d) o Estado; e) os grupos sociais excluídos.

Os proprietários dos meios de produção necessitam de áreas grandes e com baixo custo para satisfazer os critérios locacionais exigidos às atividades da empresa. Para eles, a terra urbana tem um duplo papel: “o de suporte físico e o de expressar diferencialmente requisitos locacionais específicos às atividades”. Já os proprietários fundiários atuam no sentido de absorver maior renda fundiária de suas terras principalmente no que condiz ao uso residencial e comercial de status. Tais agentes se interessam na conversão da terra de rural para urbana, tendo como intenção a expansão da cidade. O interesse maior se baseia no valor de troca da terra. Os promotores imobiliários agem com a incorporação (transformação do capital-dinheiro em mercadoria, ou seja, em imóvel); financiamento; estudo técnico; construção; e comercialização. Seguindo a lógica, o Estado atua diretamente com os agentes anteriores e se apresentam como o agente regulador do uso do solo sendo alvo dos movimentos sociais urbanos. Realiza a sua atuação visando criar, fundamentalmente condições para a reprodução da sociedade capitalista, ou seja, condições para viabilização da acumulação e a reprodução das classes sociais. Em contrapartida, os grupos sociais excluídos residem em ambientes de moradia densamente ocupados, como: cortiços; casas produzidas pelo sistema de autoconstrução na periferia; conjuntos habitacionais do Estado; e a favela. Sendo esta última o espaço em que os moradores efetivamente produzem o espaço urbano, são seus modeladores, independentemente de outros agentes (CORREA, 1989).

Embora tendo ciência da relevância de uma análise na qual abranjam em sua totalidade os agentes produtores do espaço urbano elencados anteriormente por Correa (1989), na pesquisa aqui proposta pautar-se-á, principalmente, no estudo

das práticas e representações dos proprietários dos meios de produção e, sobretudo, dos grupos sociais excluídos.

Nesse contexto de exposição dos agentes produtores do espaço, cabe ressaltar as mudanças que a reprodução do capital vem aderindo para o aumento da sua inserção no espaço urbano. Carlos (2018) afirma que a partir de 1990 os conteúdos da urbanização se transformam através das mudanças no sentido que se dá ao espaço na perspectiva do urbano como negócio, como reprodução da fonte do lucro, agora capitaneado pelo capital financeiro.

Tal transformação é promovida pela transição da hegemonia do capital industrial para o financeiro que possui atividades econômicas diferenciadas e complexas para sua realização. Essa transição de hegemonia culmina na mudança do papel do espaço, já que nesse momento ele modifica a reprodução das relações capitalistas. Precisa-se frisar que com a emersão dessa nova modalidade de reprodução, o capital não elimina a anterior do mesmo campo espacial. Afinal, o capital continua com suas atividades produtivas de mercadorias no âmbito da fábrica, contudo agora com um setor da economia diferenciado em atuação, a produção do espaço como produto imobiliário (CARLOS, 2018).

Longe de esgotar todas as contradições que permeiam esse debate da produção do espaço, em especial no urbano, outra incongruência que se apresenta é que:

[...] ao mesmo tempo que se processa um movimento que constitui o processo de mundialização da sociedade urbana, acentua-se o processo de fragmentação tanto do espaço – pelo desenvolvimento da propriedade privada – quanto do indivíduo – manifesto como decorrência da ruptura do passado, do esgarçamento das relações de sociabilidade, do desenvolvimento de um hedonismo de massa (CARLOS, 2018, p. 201).

Esse fato ocorre, como define a autora, pela existência de uma hierarquia dos lugares, esta hierarquização cria e recria funções para renovar a acumulação do capital sob o aspecto da reprodução das relações sociais de produção, culminando em um aprofundamento da segregação através da prática urbana. Compreende-se assim que, o espaço urbano é visto nesse momento enquanto um produto imobiliário sendo consumido produtivamente. Nesse sentido:

A acumulação se afirma através da extensão espacial, estabelecendo funções específicas às parcelas do espaço a partir do desenvolvimento das

forças produtivas em suas novas modalidades de produção, incluindo a urbanização – que se processa sob a pressão do mercado mundial. [...] no amplo processo de acumulação, o capitalismo estende-se à produção do espaço englobando e articulando novas áreas pela necessidade de expandir-se para novas esferas produtivas (CARLOS, 2018, p. 423).

Tal acumulação dirigida por forças políticas e econômicas tende a produzir uma noção homogeneizadora<sup>9</sup> (LEFEBVRE, 2013) que vai além dos objetos e que busca penetrar “na divisão e organização do trabalho, nos modelos de comportamentos e valores, nas representações da vida cotidiana” (CARLOS, 2015, p. 16). Nesse sentido, a vida cotidiana se apresenta de maneira rígida, regulada, formalizada no âmbito das relações sociais, a consciência espacial é dissipada por uma autonomização da esfera da vida.

## 2.2 O centro, a centralidade e a subcentralidade urbana

Depois de levantar elementos no que tange a discussão da produção do espaço urbano na contemporaneidade, entende-se como necessário o avanço da revisão bibliográfica acerca dos conceitos de centro, centralidade e subcentralidade. Para isso, é relevante de maneira prévia perpassar por categorias, que para a ciência geográfica, são julgadas como fundamentais para o entendimento dos conceitos aqui propostos para discussão.

Nesse sentido, apresentam-se as categorias de estrutura, estruturação e reestruturação urbana para facilitar o entendimento da organização espacial da cidade no contexto que envolve escalas e processos (tanto locais, regionais, nacionais e globais) em que os conceitos de centro e centralidade têm sua participação analítica para melhor interpretar a produção do espaço. É necessário destacar que a subcentralidade trabalhada na pesquisa se baseia no âmbito econômico envolvendo, sobretudo, o aspecto do consumo, embora não anulando outras bases de análise acerca da centralidade.

---

<sup>9</sup> Sobre a questão da homogeneidade, Lefebvre (2013, p. 58) coloca que “El espacio de la “modernidad” posee caracteres precisos: homogeneidad-fragmentación-jerarquización. Tiendehacilo homogéneo por diversas razones: la fabricación de elementos y materiales, análogas exigencias de los intervinientes, los métodos de gestión, de control, de vigilancia y de comunicación. Homogeneidad, pero no de planni de proyectos. Falsos “conjuntos”, em realidade aislados. Pues paradójicamente (oirá vez) este espacio homogéneo se fragmenta en lotes, en parcelas, se desmigaja.”

Whitacker (2003) fornece informações acerca da estrutura urbana, de acordo com o autor as escolas precursoras da discussão foram a Escola de Chicago e a Escola Francesa Clássica. Tal noção partia do pressuposto de uma relação de arranjo entre forma e função, contudo analisada como algo estático e não em movimento, como num fluxo. Na geografia francesa também a análise se detinha na relação da forma e função, mas partia de uma dada localização no solo (WHITACKER, 2003).

No que tange à Escola de Chicago, Gottdiener (1993) nos aponta que foi uma tendência em que priorizou um debate através da ecologia urbana. Tal debate foi fragmentado na ciência social, na qual uma considerava o comportamento (behaviorista) e outra se debruçava a partir de uma concepção sistêmica<sup>10</sup> (GOTTDIENER, 1993).

Segundo Silva (2001), a Escola Francesa Clássica avançou na análise da localização dos equipamentos e das atividades econômicas urbanas.<sup>11</sup> Sua terminologia de “estrutura urbana” era adotada por associar que tais pontos estariam fixos no território. Nesse sentido, o foco da análise se dava de modo recorrente à materialidade da área central e não da sua centralidade como movimento e fluxo (SILVA, 2001). Nesse sentido, a grande diferença entre as escolas está situada no que Whitacker (2003) aponta que: “com a Escola de Chicago, há uma prevalência das formas na organização da sociedade; na Geografia Francesa, a prevalência está na história, sendo o espaço apenas o palco de ações resgatáveis através das formas.” (WHITACKER, 2003, p. 134).

---

<sup>10</sup>Gottdiener (1993) destaca que um problema dessa análise era sua analogia biológica para entender as características da espécie humana com a relação na organização espacial, já que tais teóricos dessa escola entendiam que as consequências da organização econômica pudessem ser explicadas pelo comportamento social dos indivíduos. Segundo Sérgio Souza (2010), um dos precursores da primeira fase da Ecologia Urbana, Burgess entende a estrutura urbana numa perspectiva em “que as cidades tendem a crescer radialmente a partir do centro, em zonas, formando assim um aglomerado de círculos concêntricos. No centro destes está o Central Business District (CBD ou Distrito Comercial Central), sendo circundado por uma zona de transição, em que ocorrem indústrias leves e comércio. [...] Cabe assinalar também que Burgess compreende a expansão das zonas no território umas das outras por meio da invasão da zona seguinte, sendo o processo caracterizado como de sucessão.” (SOUZA, S., 2010, p. 18) Burgess afirma que existe um processo de concentração e descentralização na estrutura urbana. A segunda fase da Escola é marcada por Hawley que deixa a questão espacial para entender a rede funcional, aderindo a uma análise organicista em que “ele reduz a atenção à questão espacial e aos conflitos inerentes à sociedade, aderindo à idéia de equilíbrio” (SOUZA, S., 2010, p. 19) negando, dessa maneira, as contradições da sociedade.

<sup>11</sup>Whitacker (2003) aponta que a Escola Francesa Clássica, diferentemente da Escola de Chicago, procurou “desvendar o porquê de uma dada localização ou uso do solo, procurando a explicação da relação forma-função na gênese resultante do seu arranjo” (WHITACKER, 2003, p. 123).

Adotando uma postura marxista, Castells (2014), como já visto na seção anterior, quando trata da estrutura urbana, afirma que o espaço é um produto material em relação com outros elementos, entre estes, os homens, que entram em relações sociais determinadas, dando ao espaço, forma, função e significação social. A estrutura urbana estaria pautada no conjunto de processos que moldam e correlacionam sistematicamente a sociedade no espaço urbano. Dentre tais, consta a concentração, a centralização ou a especialização funcional, a descentralização, a circulação, a segregação e a invasão e sucessão (CASTELLS, 2014).

Como Castells segue uma postura estruturalista, tais processos são analisados sob a ótica das leis econômicas gerais. Nesse contexto, o autor delinea uma teorização acerca da estrutura urbana, baseando-se a partir de sistemas. Quanto ao sistema econômico, o autor dirige sua análise em três partes: o espaço industrial (cujos fatores locacionais não apresentam dependência, dependendo de seus dirigentes sua realização), o espaço de consumo (variável preponderante na análise seria a habitação que se torna relevante a partir do seu valor sendo atributo do Estado sua realização), o espaço de trocas (fator relevante baseando-se no transporte como sendo elementar para a expansão do tecido urbano) (CASTELLS, 2014).

Quanto ao sistema político-institucional, Castells (2014) aponta a divisão administrativa do espaço urbano um modo eficaz de entendimento da estrutura social, o autor defende que tal divisão do aparato do Estado facilita a compreensão das classes na qual dominam tal lógica e das que são dominadas (CASTELLS, 2014).

O último, mas não menos importante, o sistema ideológico, conforme afirmado por Castells (2014) é carregado de um conjunto de simbolismo associado às formas e processos contidos no espaço, tal simbolismo é capaz de propagar ideologias a partir do processo de comunicação que se dá entre o meio social nele contido e seus efeitos (CASTELLS, 2014).

Tais sistemas propostos por Castells podem ajudar a entender a posição do Distrito de Icoaraci no contexto regional no qual está inserido. Destacando-se, principalmente os aspectos dos sistemas: econômico, no qual as trocas historicamente ajudaram a configurar o espaço urbano icoaraciense; no político-institucional, em que perpassa os embates eleitorais e de emancipação que marcaram o processo de consolidação enquanto um distrito administrativo da cidade

de Belém (embora este não seja o foco principal do estudo, mas que perpassa sob a análise realizada); e no ideológico, quando se pauta no conjunto de significações construídas intersubjetivamente pelos agentes sociais que produzem o espaço de Icoaraci.

Lefebvre (2002) parte para uma compreensão diferenciada da acima, como já dito na seção anterior, o autor considera dentro desse aspecto da estrutura espacial (sob a perspectiva da práxis espacial) o elemento do design como fundamental para o entendimento do espaço. Lefebvre busca uma análise do espaço a partir do próprio espaço, deixando de lado alguns fundamentos econômicos para tal compreensão (como os marxistas mais clássicos adotavam) (LEFEBVRE, 2002).

A análise de Lefebvre auxilia num entendimento para a compreensão de Icoaraci para além do que Castells propunha já que a abordagem contida em seu cerne advém de pressupostos estritamente relacionados ao teor dialético do vivido (ou do espaço da representação) para estabelecer ao espaço um papel não somente passivo no processo de reprodução da sociedade, mas também ativo.

Diante de tais apresentações, entende-se que há uma diversidade de visões acerca da estrutura urbana. Tais concepções da Escola de Chicago que debruça seus estudos embasados em teorias convencionais cuja base é situada na ecologia e no organicismo. Enquanto na vertente da Escola Clássica Francesa e de teóricos do marxismo, embora com algumas divergências analíticas, buscam a defesa do espaço, sobretudo, como produção da sociedade deixando em segundo plano a análise pelo viés do economicismo baseando-se em análise de dados e de levantamentos estatísticos dos lugares.

Na contemporaneidade, a discussão sobre conceito de estrutura urbana é realizado por Sposito (2004). A autora aponta que o processo de entendimento da estrutura urbana teve seu início na 1ª Revolução Industrial quando ocorre a concentração e a continuidade do tecido urbano das cidades, tendo como consequência uma orientação das formas de produção e da gestão do espaço urbano.

[...] O processo de extensão urbana e o de suburbanização ocorriam pari passu ao aumento da concentração demográfica e como expressão dessa dinâmica, fazendo com que a estrutura urbana, segundo um esquema de centro-periferia, tivesse início no século XIX (SPOSITO, 2004, p. 267).



Com isso, tal processo já demonstrava, como numa expressão na escala intra-urbana, uma separação socioespacial pela extensão do tecido urbano juntamente com a concentração demográfica que a acumulação capitalista capitaneava. Outro fator que foi preponderante para a estrutura urbana na Revolução Industrial foi o transporte<sup>12</sup>, como a autora salienta que:

A implantação das ferrovias teve seu papel nesse processo e se constituiu um poderoso fator de concentração, gerando a “cidade tentacular” (SELLIER, 1992, p. 455), já que essas vias constituíram, na maior parte das vezes, eixos de estruturação dos espaços urbanos. (SPOSITO, 2004, p. 268).

Após as linhas férreas ditarem um novo ritmo de estrutura urbana durante o século XIX, Sellier (1992 *apud* SPOSITO, 2004) coloca que o desenvolvimento dos transportes coletivos em Paris acelerou a saída da população da área central da cidade, tais fenômenos ocorreram também em outras cidades da Europa, como Londres, Berlim e Roma. Há de se destacar que no Brasil, dinâmicas semelhantes ocorreram, principalmente, em São Paulo e no Rio de Janeiro<sup>13</sup>.

A expressão “estrutura urbana” para Sposito (2004) aplica-se para exprimir a forma como está organizado o espaço de uma cidade. Carlos (2001) interpreta a estrutura urbana da cidade contemporânea, como uma “[...] expressão do estágio de desenvolvimento das formas produtivas em que a concentração espacial dos recursos corresponde a uma necessidade ditada pela exigência da acumulação” (CARLOS, 2001, p. 13).

Villaça (2001) coloca que a expressão “estrutura urbana” é utilizada para fazer referência à materialidade da cidade não considerando os elementos espaciais e suas inter-relações. Em outra obra, Sposito (2005) amplia o sentido do conceito e aponta que a estrutura urbana é vista como:

[...] a disposição, num dado período, das formas e funções, ou seja, a localização dos usos do solo num dado recorte de tempo, enquanto a estruturação e reestruturação, ambas referem-se ao processo dado pelo dinamismo da estrutura das cidades, tendo que se buscar a gênese das

<sup>12</sup> Exemplo desse processo ocorreu em Paris, que segundo a autora “estimulou a periferação dos mais pobres, antes alojados de forma insalubre nas áreas centrais da cidade.” (SPOSITO, 2004, p. 268).

<sup>13</sup> Como Sposito (2004) aponta: “a partir de 1875, a cidade de São Paulo conheceu expansão territorial urbana significativa, dinâmica que contribuiu para a suburbanização de áreas mais distantes (LANGENBUCH, 1971, p. 80); Bernardes (1992, p. 49) ressalta que, na segunda metade do século XIX, com a criação das linhas de bonde, a expansão urbana do Rio de Janeiro ocorreu de modo contínuo e denso”.

localizações e as relações que se estabelecem entre elas. (SPOSITO, 2005, p. 90).

Diante disso, Sposito (2004) argumenta que como as estruturas estão em constante movimento, sempre em transformação, o mais adequado seria o uso do termo “estruturação”. A mudança do sufixo traz consigo a ideia de que é um processo “contínuo, múltiplo e contraditório” (SPOSITO, 2004, p. 311) assim como apresenta sua própria negação. Considera-se este último por compreender que o processo de estruturação também contém desestruturações (pela destruição de formas urbanas, pela negação de usos de solo urbano que detinham funções econômicas ou papéis simbólicos relevantes, por exemplo).

Como a estruturação e a reestruturação referem-se ao dinamismo disposto na cidade a partir de suas relações com o espaço, é cabível sua diferenciação para melhor compreensão. Soja (1993) compreende que a reestruturação se dá pelo conjunto de mudanças em relativo período de tempo, de modo intenso e profundo ditando impactos de caráter político-econômico e na divisão territorial do trabalho. Outro ponto que aprofunda tais distinções dos termos consta na análise das mudanças, isto é, a reestruturação provoca rupturas, contudo não se anula diante de tal processo suas permanências (SOJA, 1993).

No contexto próprio em que se aponta a realidade amazônica, em especial da cidade de Belém, Moreira (1989) apresenta o crescimento urbano de Belém até o período de 1960 registrando o movimento de reestruturação urbana do município a partir de suas particularidades.

Em princípio, a cidade se expandiu acompanhando a orla fluvial, para, em seguida, se interiorizar e se continentalizar, definindo as três primeiras fases de seu crescimento: a ribeirinha (da fundação da cidade em 1616 até meados do século XVIII); a de interiorização (de meados do século XVIII a meados do século XIX); e a de continentalização (de meados do século XIX em diante). (MOREIRA, 1989, p. 52).

Seguindo na crescente expansão da cidade pós década de 1960, Trindade Jr. (1998) anuncia em seus escritos o quarto momento de reestruturação que a capital atingira, onde agora se apresentava com primazia o movimento da metropolização como processo de avanço da malha urbana até então configurada, agora sob característica dispersa embora ainda fragmentada, descontínua.

Acrescentaríamos, a essa periodização de Moreira (1989), uma outra fase, a de metropolização, que se inicia na década de sessenta e se consolida nas décadas seguintes e que pressupõe a incorporação de cidades e vilas próximas a Belém, definindo uma malha urbana única, ainda que fragmentada. (TRINDADE JR., 1998, p. 3)

O elemento principal na crescente dispersão da malha urbana foi a rodovia, que no momento destacado simbolizou a interligação não somente com outras localidades, mas sim o projeto de integração regional ao restante da economia nacional sob exemplo da rodovia Belém-Brasília. Diante dessa prática, possibilita-se entender a dinâmica da metropolização regional desenvolvida na região amazônica na qual Belém obteve destaque no contexto paraense, pois conforme Santos (2017): “a rodovia simboliza um dos elementos para entender a expansão da malha urbana de Belém e os consequentes espraiamento da cidade e estruturação do seu espaço metropolitano.” (SANTOS, 2017, p. 868).

Nesse sentido, significa dizer que tal política incentivou o crescimento em direção à periferia belenense e aos municípios do entorno continentalizado, já que antes a configuração da cidade se pautava em um contexto confinado tanto nos bairros centrais e pericentrais de Belém. Na direção do espraiamento urbano, as áreas identificadas como pertencentes ao Estado, conhecidas como “cinturão institucional” que teriam como intuito impedir as ocupações no âmbito residencial até a década de 1960 se rompe e dá início ao desenvolvimento de dois vetores primordiais para o debate da reestruturação metropolitana de Belém, as rodovias BR-316 e a (agora avenida) Augusto Montenegro conduzindo o sentido da dispersão (SANTOS, 2017).

É válido considerar que os movimentos migratórios direcionados para estes espaços mencionados, onde no interesse de atender num primeiro momento uma população de baixa renda, possibilitou uma reestruturação da malha metropolitana, espraiando-se para além do cinturão institucional ocasionando a integração aos subúrbios no fim da década de 1960 (TRINDADE JR., 1998).

Retornando para a discussão conceitual mais ampla acerca da reestruturação urbana, Santos (1988) explana sobre os elementos de análise do espaço apresentando que incluído nesse fenômeno há transformações no que tange ao elemento da estrutura espacial (SANTOS, 1988). Vale frisar também que a reestruturação urbana tem consequências no espaço urbano por meio de seus processos que constituem essa totalidade representada na centralidade existente.

Há de ressaltar que embora com o crescimento das cidades e, conseqüentemente, no surgimento da descentralização impulsionada pelo aumento do uso dos transportes tanto coletivo quanto individuais (CORREA, 1989) é possível entender a reconfiguração da cidade a partir de mais de um centro. Tal requalificação modifica a estrutura interna da cidade, culminando na transformação de suas formas e funções (SANTOS, 1988).

Acerca do uso dos transportes coletivos e particulares na região metropolitana de Belém, Ponte e Rodrigues (2015) caracteriza o cenário recente das condições de mobilidade relacionado: ao aumento expressivo da frota de veículos particulares; à expansão precária dos núcleos periféricos onde é significativa a segregação e o deslocamento em maiores distâncias; ao baixo poder aquisitivo da população no pagamento das tarifas; e à obsolescência funcional e do controle econômico dos sistemas de transporte público pelo empresariado local (PONTE; RODRIGUES, 2015).

Diante do exposto, adota-se para este trabalho a concepção que o espaço urbano icoaraciense em seu cerne possui estruturas dadas em distintos usos do solo e em tempos determinados. Ademais, tem como características as contínuas alterações, estando sempre em constante estruturação, a partir de movimentos que determinam formas, funções, fluxos e processos diferenciados. Nesse sentido, a mesma segue a lógica de produção do espaço em diferentes escalas, de modo intenso e rápido, entendendo-se como reestruturação urbana.

Avançando na revisão, tem-se como intuito apresentar como tem sido analisado o centro diante desse processo de produção do espaço que reestrutura as bases históricas disposta no uso do solo urbano. Nessa lógica de centro no espaço urbano, relaciona-se o que Santos (1988) aponta enquanto uma forma na qual a cidade adquire diante da funcionalidade que nela é incorporada.

Partindo para o entendimento do que seria o centro e o conteúdo que é emanado por ele, Barreto (2010) aponta dentro da perspectiva da Escola de Chicago autores que utilizam o centro como referência para as teorias das formas urbanas. Destaca-se dessa escola, que tem como primazia o debate numa perspectiva ecológica, o modelo urbano das zonas concêntricas, de Ernest Burgess<sup>14</sup>, o modelo

---

<sup>14</sup>O modelo de Burgess, elaborado em 1925, "preconiza que os usos do solo e as áreas residenciais se dispõem em forma de anéis concêntricos em torno do centro (o CBD), em função das relações de competição interpessoal, domínio, invasão-sucessão e segregação. Esta estruturação urbana é

dos setores, de Hoyt<sup>15</sup>, e o modelo multinucleado, de Harris e Ullman<sup>16</sup> (BARRETO, 2010).

Diante de outra perspectiva, Sposito (2004) embasada no teórico francês Pierre Laborde, nos ajuda a compreender a posição do centro quando afirma que ele é a área com mais participação dos seus habitantes e que sua força é emanada pela grande acumulação realizada e pela oferta de atividades terciárias (LABORDE, 1994 *apud* SPOSITO, 2004).

No contexto da grande participação dos seus habitantes e da acumulação já destacada, Corrêa (1989) entende que há uma sincronia de fatos entre a emergência do capitalismo em sua fase industrial e o aparecimento da área central<sup>17</sup>. Nesse sentido, a localização dos bens de consumo e sua acessibilidade privilegiavam os locais em torno dos terminais de transporte gerando, desse modo, economias de aglomeração, a área central (CORRÊA, 1989).

O autor destaca que o centro por ser o ponto de maior acessibilidade e uma aglomeração também promove deseconomias, a partir do momento no qual o preço do solo e dos imóveis se tornam os mais elevados, acarretando numa crescente seletividade das atividades. Portanto, apreende-se que somente “se localizam no centro as atividades capazes de transformar os custos locacionais elevados e ampla acessibilidade em lucros” (CORRÊA, 1989, p.39). Assim, o surgimento da área central deve-se a demandas espaciais do capitalismo concorrencial, no qual geram desigualdades espaciais, já que “(...) a localização central constituía-se um fator crucial na competição capitalista” (CORRÊA, 1989, p. 39-40).

---

resultado da desigual capacidade económica das diferentes actividades e grupos sociais para fazer frente ao valor do solo.” (BARRETO, 2010, p.33).

<sup>15</sup>O modelo de Hoyt, formulado em 1939, “defende que os contrastes verificados nos usos do solo, originados no centro, se manifestam, de forma permanente, em direcção ao exterior e se dispõem em forma de cunhas ou sectores ao longo das vias principais. Estas vias conferem diferentes acessibilidades, originando, por conseguinte, variações nos valores do solo e uma organização sectorial dos usos do solo.” (*Ibidem*, p.33).

<sup>16</sup>A teoria de Harris e Ullman, dos núcleos múltiplos, elaborada em 1945, “pretende salientar a ideia que os diferentes usos do solo dispõem-se em torno de núcleos de crescimento separados entre si, e não apenas a partir de um centro, como nos modelos anteriores.” (*Ibidem*, p.33)

<sup>17</sup> Destaca-se que a configuração da área central, segundo Corrêa (1989) apresentou-se de maneira segmentada, em dois setores, sendo: o primeiro com o núcleo central (Central Business District) que se caracteriza por uso intensivo do solo, ampla escala vertical, limitada escala horizontal e crescimento horizontal, concentração diurna e poucos fluxos à noite, foco dos transportes intra-urbanos e área de decisões, por ser por muitas vezes o ponto focal de gestão do território; o segundo setor sendo a zona periférica do centro, que constitui a faixa em torno do núcleo central, tendo como características o uso semi-intensivo do solo, ampla escala horizontal, limitado crescimento horizontal, área residencial de baixo status, destinada à população que trabalhava na área e foco dos transportes interurbanos (CORRÊA, 1989).

Aydalot (1983 *apud* SPOSITO, 2004) relata que a melhor compreensão da desigualdade espacial na cidade a partir dos modos de produção dos dominantes e dos dominados está qualificado na imagem do centro-periferia. O autor aponta que sob essa lógica, enquanto o centro é a expressão do dominante dos modos de produção, a periferia assume um caráter de superado, de antigo (AYDALOT, 1983 *apud* SPOSITO, 2004).

Sposito quando parte para o entendimento da estruturação da cidade na contemporaneidade, afirma que consiste num fenômeno complexo que não se pode mais compreender apenas pelos dois subconjuntos (centro-periferia) (SPOSITO, 2004).

Santos realiza sua contribuição quando nos ajuda a pensar os centros da cidade dentro da perspectiva dos países subdesenvolvidos. Diante disso, ele elenca dois aspectos fundamentais para a análise do centro: por ser o nódulo da rede viária e na sua concentração de comércio e serviços para a população (SANTOS, 1981).

Para Castells (2014) o centro estaria representado pela diversidade de conteúdos sociais em determinado local geográfico, sendo que seu entendimento seria pautado apenas no contexto da estrutura urbana e do seu respectivo processo histórico que lhe fora desenvolvido (CASTELLS, 2014).

Acerca da localização do centro, Sposito (1991) faz algumas ressalvas importantes para serem destacadas, conforme a autora o centro não está necessariamente no centro geográfico, e nem sempre ocupa o sítio histórico onde esta cidade se originou. Ela afirma que ele é antes de tudo o ponto de convergência/divergência, é o nó do sistema de circulação, é o lugar para onde todos se deslocam para a interação destas atividades localizadas com as outras que se realizam no interior da cidade ou fora dela (SPOSITO, 1991).

Entende-se que o sentido que se dá a categoria centro remete-se àquilo que lhe é fixo e aos atributos nele contidos pela sua importância na interação das pessoas e de suas atividades, configurando-se como um nó. Na direção de Sposito, Salgueiro (2013) também nos auxilia no entendimento de centro quando acrescenta que ele se caracteriza pela grande intensidade de usos do solo e a redução do número de alojamentos, pela atração que exerce sobre visitantes para fazer compras, tratar de negócios, da saúde, ou por simples lazer e, ainda, pelo importante volume de emprego que fornece (SALGUEIRO, 2013).

Barreto (2010) ajuda a pensar nas formas urbanas que os centros adquirem, sobretudo, com a inter-relação das atividades nessas áreas, segundo o autor as áreas centrais são importantes e ajudam a revelar a dinâmica da cidade, em espaços que atraem demasiados fluxos, como de pessoas, automóveis, capitais, decisões e, essencialmente, mercadorias. O autor salienta que:

Pela sua intensidade, esses fluxos, subordinados à acessibilidade e às vantagens inerentes à proximidade, são responsáveis pela concentração de uma vasta gama de actividades, propiciando uma maior acumulação de capital por parte dos actores em presença. Nesse sentido, a forma urbana reflecte também os efeitos da concentração de pessoas, de actividades e equipamentos.” (BARRETO, 2010, p. 35).

Villaça (2001) caracteriza o centro dando importância para a localização e acessibilidade, segundo o autor o centro é o ponto na qual aperfeiçoa os deslocamentos socialmente condicionados pela sociedade. Nesse sentido, a acessibilidade é um fator preponderante, pois lhe qualifica como o centro, sendo este o espaço da cidade que se pode chegar com mais facilidade em relação à outros espaços pela quantidade de linhas de transportes públicos (VILLAÇA, 2001; JOHNSON, 1974). Acerca da acessibilidade, Zandonadi (2008) aponta que este é um elemento que influencia diretamente no desenvolvimento das atividades no centro, atividades estas dos mais variados tipos (ZANDONADI, 2008).

Assim como a localização, Villaça (2001) pontua que a acessibilidade também é um fator preponderante, interferindo diretamente na configuração da centralidade. Segundo o autor, a acessibilidade tem relação com o controle do tempo, embora mostrando suas ressalvas quando coloca que a tecnologia pode modificar esse processo, contudo mostra que o aspecto social ainda é o mais relevante no âmbito do acesso aos lugares (VILLAÇA, 2001).

Diante de tais discussões realizadas acima, é convidativo apresentar outras perspectivas acerca do centro permitindo, sobretudo, a relativização crítica do conceito com o intuito de aprimorar o olhar da investigação para diversas concepções existentes, evitando, assim, o aprisionamento teórico. Sposito (2004) coloca que centro e periferia não se opõem de maneira absoluta, devendo ser relativizados integrando a análise do tempo sobre elas (SPOSITO, 2004).

Serpa (2013) sublinha que embora se entenda que há a hierarquia de centros para mostrar que há lugares mais centrais que outros por afirmar que tal processo

hierárquico é um reflexo e condicionante das desigualdades dos lugares, ela reforça a dialética de centro e periferia. Nesse sentido, o autor destaca que essa dialética é relacionada no âmbito econômico e político. Na procura da relativização desse par dialético, centro e periferia, o autor apoia-se em Sposito (2007) que indaga:

Onde está o centro e onde está a periferia nessas cidades? Esses espaços existem, mas temos que falar de centros e periferias, temos que olhar para esses espaços mais por seus conteúdo e papéis do que por suas posições geográficas nas estruturas urbanas, regionais, nacionais e internacionais do período atual. O desafio parece-me compreender como novos centros e periferias não apenas se relacionam, mas se sobrepõem (SPOSITO, 2007, p. 243).

A intenção não é de substituir as bases teóricas convencionais já estudadas que tem uma análise econômica e política acerca do centro já bastante discutida, mas sim a procura do entendimento sob o olhar social daqueles sujeitos subalternizados que o constroem nesse processo de produção do espaço, mesmo tendo consciência de que estes não são os sujeitos de caráter hegemônico dentro desse contexto.

Considerando a importância das teorias convencionais do marxismo estruturalista, Serpa (2013) afirma que a necessidade de análises que partem da relação centro-periferia surge, pois:

[...] o par dialético é ainda operacional e expressa as contradições da reprodução do sistema capitalista ao redor do mundo. Sob esse ponto de vista, centros são sempre relativos a periferias, já que o espaço não é nunca homogêneo e não se pode negar a existência de uma hierarquia dos lugares (SERPA, 2013, p. 99).

Serpa (2013) em seus estudos, contudo, salienta que é preciso ampliar a reflexão sobre a centralidade para além da hierarquia e das especificidades espaciais, e propõe uma análise apoiada na ideia da reprodução da vida e do cotidiano das metrópoles contemporâneas, para tanto, o autor utiliza a categoria geográfica do lugar como suporte de análise espaço-tempo (SERPA, 2013).

Monnet (2000) quando trabalha as dimensões simbólicas do espaço da área central da cidade, afirma que o mesmo é um lugar com suas especificidades se caracterizando por um conjunto de fatores, tais fatores lhe faz diferentes dos outros lugares por ser apresentado como espaço que mantém uma superioridade a partir da relação dominante que lhe é qualificada (MONNET, 2000).



Essa superioridade pode ser vislumbrada na área central tradicional de Icoaraci quando se verifica a dificuldade de obtenção de espaço, esse obstáculo se dá por ter um valor do uso do solo elevado, pela condição de ser um espaço explicitamente concorrido em que o poder tem presença de maneira intensa e por abarcar uma gama de cidadãos e consumidores que o procuram através de serviços e de bens dos mais diversos (MONNET, 2000).

Ideia que converge com a do autor é o de Laborde (1994) citado por Sposito (2004) que entende que o centro é o foco do sistema que envolve a circulação, no qual desenvolve o sentimento dos habitantes de pertencimento à comunidade, fazendo com que ratifique o não pertencimento dos habitantes de fora a partir da não identidade deles. No entanto, o centro vem perdendo essa capacidade de abarcar as camadas, principalmente aquelas que vivenciam uma área da cidade distante da referida (LABORDE, 1994 *apud* SPOSITO, 2004).

Como salienta Barreto (2010, p. 34):

De uma forma geral, a área central era vista como a parte da cidade que é mais acessível, sobretudo na utilização de transportes públicos, não só para os residentes mas também para os visitantes ocasionais. Esta área representa também para os cidadãos a memória da cidade, o coração da urbe. O visitante procura-a para descobrir o passado, conhecer as características arquitetônicas, o ambiente social e cultural e os espaços comerciais que ali se concentram. No entanto, esta área central poderá já não ser reconhecida como tal por uma franja populacional que integra nas suas vivências quotidianas novas centralidades, aliadas, sobretudo, ao consumo e fruição de espaços modernos, associados a inovações técnicas e tecnológicas.

Apreende-se na citação acima que novas centralidades são produzidas na cidade abarcando as camadas mais distantes do centro, fazendo com que o seu cotidiano seja diferenciado, com vivências, experiências, usos e apropriações distintos daqueles que ainda associam o centro principal da cidade como o coração da urbe (BARRETO, 2010). Tal processo descentralizador provoca mudanças na estrutura urbana da cidade gerando novas dinâmicas, dinâmicas estas que no seu âmago possuem rupturas e permanências (SANTOS, 1988; SOJA, 1993).

A partir do exposto acima e com o intuito de avançar na análise, embora sempre retomando alguns pontos já elencados anteriormente, parte-se para a exploração acerca do processo da centralidade urbana. Antes de tudo, Zandonadi (2008) aponta que a compreensão do conteúdo que a centralidade traz consigo condiz com seus diferentes momentos históricos juntamente com seus recortes

dentro do processo socioespacial. Pois assim como a estrutura urbana é dinâmica e contínua, a centralidade também segue esse perfil, já que seus conteúdos estão sempre em mudança (ZANDONADI, 2008).

Um dos autores dentro da vertente da geografia quantitativa que iniciou os debates acerca da centralidade urbana foi Walter Christaller, tal autor aliou nos estudos urbanos a esfera econômica para entender os processos espaciais. Com a teoria dos lugares centrais, Christaller procurou explicar dentro de uma escala regional, a organização econômica das sociedades modernas no que tange os bens e os serviços. Segundo ele, estes últimos “são, em via de regra, oferecidos centralmente em cidades, ou em outros lugares centrais, por ser mais vantajoso no ponto de vista econômico” (CHRISTALLER, 1966, p. 20, tradução nossa).

Desse modo, o autor entende que tais atividades hierarquizam os lugares quando utiliza como critério a frequência com que são visitados pelas suas ofertas. Nesse sentido, postula-se que a sua centralidade é mensurada pela importância dos bens e serviços oferecidos nesse centro. A ocorrência da hierarquia dos lugares surge na medida da importância que este centro contém em relação ao restante da região circundante, já que possui espaços funcionais de maior raridade (CHRISTALLER, 1966).

Compreende-se através da base teórica fornecida pelo autor que a centralidade como irradiação depende do poder de atração de uma área central e de seus conteúdos, sendo eles de caráter comercial, cultural, financeiro ou administrativo. A centralidade, assim, necessita que o núcleo central seja eficaz em suas ofertas, ressaltando a acessibilidade um elemento essencial para análise (CHRISTALLER, 1966).

Vale ressaltar que críticas à teoria de lugares centrais de Christaller surgiram. Dentre elas, destaca-se o recorte realizado pelo autor, o sul da Alemanha, que apresentam particularidades em suas formas e conteúdos urbanos inviabilizando sua transcrição para uma pesquisa em outro espaço geográfico. Ademais, outros autores apontam que análise dos elementos é pautada de maneira rígida, estática e abstrata não incorporando processos endógenos de mudança. Assim como por ser elaborada em um período quando os meios de transporte eram incomuns e ineficazes não facilitando o deslocamento de produção, de pessoas e de capital (SOUZA, S., 2010).

Adotando a base teórica de Christaller, outro autor que parte do entendimento da hierarquia dos lugares, na perspectiva do comércio, para entender a centralidade é Berry. O autor assinala que o nível de cada localidade é dado pelo número de funções que o mesmo possui. Dessa maneira, ele estabelece uma hierarquia entre os diversos tipos de centros comerciais: os *shoppings* de conveniência, os centros de bairro, os centros comunitários e ainda os regionais (BERRY, 1970 *apud* SOUZA, S., 2010).

Quando o autor analisa a escala da metrópole nas grandes cidades, ele afirma que por possuir centros “metropolitanos” de maior importância além de reunir uma centralidade em nível regional, a metrópole estimula com que as camadas populares mais distantes realizem seu consumo em centros de porte menor, periféricos (BERRY, 1970 *apud* SOUZA, S., 2010).

A fim de apresentar as contribuições marxistas para o estudo da centralidade em relação a diversos aspectos que são envolvidos diretamente, parte-se primeiramente do entendimento de Castells (2014) que o percebe imbricado com a estrutura urbana. Nesse sentido, a centralidade urbana é vista a partir da noção dos níveis: econômico, político-institucional, ideológico. Assim, o autor afirma que a centralidade pode ser vista como um ajuste entre as atividades econômicas, político-administrativas, da prática social e da representação coletiva corroborando para a manutenção do conjunto da estrutura urbana.

Desse modo, entende-se que o autor procura mostrar o centro através do seu espaço físico que detém as suas funcionalidades com diversos atributos, embora sendo necessárias como fio condutor da concretização da centralidade as redes de transportes e de telecomunicações (CASTELLS, 2014). Portanto, apreende-se nas formulações do autor que o centro se baseia naquilo que é fixo no território enquanto a centralidade é composta pelos fluxos, caracterizando-se assim o centro como expressão e base do processo da centralidade (CORRÊA, 1989).

Acerca da relação da forma e do conteúdo que a estrutura urbana recebe, Lefebvre (2002) aponta a tendência da emergência da policentralidade, isto ocorre na ruptura de espaços da cidade distantes da área central, culminando na constituição de outros centros, podendo ser atribuída diversas características tanto como dispersiva quanto segregacionista (LEFEBVRE, 2002).

Corrêa (1997) procura repensar a Teoria das Localidades Centrais de Walter Christaller para a estrutura urbana. Nesse sentido alguns pontos são destacados

pelo autor como fundamentais na busca do realinhamento da teoria clássica, seriam eles: partir do princípio da existência de uma matriz pré-capitalista que foi o suporte para a rede hierarquizada dos centros; a relação direta dessa estrutura espacial das redes de localidades terem influência histórica na formação das centralidades e; por último, a forma dessa rede hierarquizada refletida em centro e subcentros possuindo uma ordem, sobretudo, política e econômica (CORRÊA, 1997).

Sobre os subcentros, Jânio Santos (2011) coloca que se baseia em uma materialidade produzida através do processo de centralidade nas cidades que adquirem contornos diversos diante da constante reestruturação urbana.

A materialidade do processo de constituição de centralidade na cidade pode aparecer sob diversas formas, como centros, sub-centros, áreas de desdobramento dos centros, dentre outras definições. Entretanto, estas formas ao mesmo tempo em que são produzidas por este jogo de relações, influenciam no processo, tendo um plano de determinação na constituição de centralidades na cidade (SANTOS, 2011, p. 7).

Sposito ajuda na compreensão do conceito de subcentro e da conseqüente subcentralidade constituída nos espaços urbanos, como no distrito de Icoaraci, quando ela situa sua particularidade, pois para ela o subcentro se caracteriza como:

[...] áreas onde se alocam as mesmas atividades do centro principal com diversidade comercial e de serviços, mas em escala menor, e com menor incidência de atividades especializadas. Tais atividades voltadas para um público mais restrito, funcional ou economicamente (SPOSITO, 1991, p. 270).

Esse aspecto se relaciona com as mudanças que o espaço sofre através das modificações na lógica da reprodução do consumo assim como nas transformações na reprodução do capital, influenciando assim, diretamente a reprodução da estrutura urbana (SANTOS, 2011).

Sobre tal incidência na reestruturação urbana, Santos aponta que há uma possível conflitualidade entre as estruturas convencionais ligadas a ideia de centro-periferia com a pujança de um recente momento de transformações que as metrópoles vêm passando e que, com a metrópole de Belém não seria diferente, que é da poli(multi)centralidade. Esse momento, conforme o autor incide diretamente na construção tanto do vivido, mas também do percebido e do concebido pelos agentes que ali vivenciam o cotidiano (SANTOS, 2011).

Sposito (2005) quando avalia a centralidade e subcentralidade, busca sua análise relacionada ao centro e subcentros. Conforme a autora tanto uma como a outra possuem determinantes objetivas e subjetivas, já que são definidos pelo mercado e sua acessibilidade ditada pela localização, mas também contendo um simbolismo produzido historicamente pelos produtores do espaço e pelo mercado (SPOSITO, 2005).

Um ponto importante a ser mencionado sobre a diferença do centro para centralidade se dá no que Sposito (2004) coloca. A autora afirma que o centro pode ser delimitado a partir da percepção do nível de densidade das atividades de comércio e de serviços, contudo a centralidade não pode ser colocada em limites já que sua ação pode ser modificada dentro do tempo e do espaço de maneira rápida indo para além do intra-urbano (SPOSITO, 2004).

Diante do processo de complexificação da urbanização na contemporaneidade, Sposito (2005) também aponta alguns tipos de centralidades importantes para a sua análise na perspectiva das transformações que as estruturas das cidades vêm passando. Segundo ela os tipos seriam:

- a) A centralidade múltipla, dada pela existência de eixos de desdobramento do centro principal em vias de circulação, no surgimento de espaço de consumo em áreas distantes do centro principal, em atividades especializadas e com o aparecimento de grandes equipamentos comerciais e de serviços, os *shopping centers*;
- b) A centralidade cambiante, por compreender que os fluxos não se dão de maneira igual entre os dias e horários de funcionamento de estabelecimentos de uma área central;
- c) A centralidade complexa, pautada no surgimento de novos espaços de consumo que atendem a população em diferentes espaços da cidade e até de outras cidades de menor porte, culminando em diferentes escalas e fluxos que se entrecruzam;
- d) A centralidade polinucleada, pautada também na emergência de novos espaços, contudo na existência de pouca interação entre os setores urbanos pelo fato de que essas novas áreas situarem-se em espaços mais acessíveis para os segmentos sociais apontando para uma centralidade não somente funcional, mas também socioespacial.

No conjunto dos tipos de centralidades apontadas por Sposito (2005), acredita-se que, acerca do lócus de estudo aqui proposto e na escala que ela atinge no espaço metropolitano da cidade de Belém, tratando-se assim de subcentralidade, Icoaraci se aproxima de algumas características: da multiplicidade, pela emergência de novos espaços de consumo com os desdobramentos pelas suas vias principais, e conseqüentemente no surgimento de significativos equipamentos de comércio e serviço; e na complexidade, pelas diversas populações que são atendidas não somente de Icoaraci, mas pelas regiões das ilhas e pelos bairros ao entorno no continente que usufruem de ambos espaços supracitados anteriormente entrecruzando seus fluxos no espaço urbano.

Diante do exposto, é preciso ressaltar que a autora já pontuava que toda nova centralidade que se desenvolve no interior da cidade redefine os níveis de polaridade, culminando num processo de confluência de nós de fluxos materiais e imateriais (SPOSITO, 2013). Entende-se assim, que tais fluxos imateriais possuem novos conteúdos simbólicos, que exprimem escolhas da sociedade, mesmo que contraditórias.

Acerca do processo da centralidade urbana, Zandonadi (2008) aponta a relação que esse fenômeno apresenta com a produção do espaço urbano. Conforme o autor, ambas é carregado de intencionalidades por diversos agentes, sendo que para o surgimento de centralidades, estes agentes atuam na construção de infraestruturas ou de empreendimentos comerciais, de serviços ou residenciais (ZANDONADI, 2008).

Milton Santos quando trabalha com a teoria dos circuitos da economia urbana, nos possibilita o entendimento da centralidade de uma maneira diferenciada, quando se pensa na espacialidade que os circuitos adquirem no espaço urbano. A teoria de Santos (1979) é aplicada no contexto dos países subdesenvolvidos, possuindo suas particularidades em sua dinâmica que não caberiam à análise para países em outra posição no contexto político-econômico mundial. Dessa maneira, assim como a reprodução do capital é realizada de maneira desigual sendo selecionados pontos para a reprodução do alto consumo, os espaços da modernidade também são reproduzidos de modo pontual. Há de se ressaltar que os agentes comandantes desse processo são as empresas multinacionais atuando de modo preponderante na produção do espaço urbano de consumo com o aval do Estado (SANTOS, 1979).

O autor coloca a existência de dois circuitos que organizam espacialmente a economia na cidade, segundo ele: “[...] o circuito superior utiliza uma tecnologia importada e de alto nível, uma tecnologia “capital intensivo”, enquanto que no circuito inferior, a tecnologia é “trabalho intensivo” e frequentemente local ou localmente adaptada ou recriada.” (SANTOS, 1979, p. 33).

O autor afirma que suas diferenças se pautariam, sobretudo, em tecnologia e organização. Santos (1979) salienta que tais circuitos não se configuram como dualistas, mas apenas parte-se de uma análise bipolar, ou seja, os circuitos não se associam a ideia de moderno e tradicional. Sua análise não é fragmentada, buscando realizar um exame conjunto, da totalidade. Os dois circuitos, conforme o autor, necessitam ser pesquisados de maneira concomitante (SANTOS, 1979).

Nesse sentido, a relevância de trabalhar a teoria dos circuitos sobre o prisma da centralidade urbana está na formação do espaço desigual, no qual o superior corresponde à área central, conhecida como CBD, enquanto o circuito inferior tende a depender do anterior convivendo com espaços mais desiguais, aonde se percebe a preeminência dos mercados populares e dos ambulantes (SANTOS, 1979).

Sérgio Souza quando trabalha com a ideia dos circuitos da economia urbana e sua relação com os estudos que perpassam pela centralidade, aponta que o circuito inferior procura “os benefícios da centralidade, sem, porém se apropriar totalmente dela, tal como fazem os bancos e escritórios de negócios” (SOUZA, S., 2010, p. 29). Nesse sentido, a centralidade teria vínculo com as áreas de reprodução do circuito superior, mesmo que ocasionalmente o inferior pudesse tê-lo, ainda que em dependência do primeiro circuito.

Barreto (2010) aplica a relação do centro com a centralidade pelas áreas centrais que se constituem como espaços atrativos pela dinamicidade que dá para a cidade. Confluem fluxos de pessoas, automóveis, capitais, decisões e mercadorias que são subordinados pela acessibilidade e à localização, culminando numa maior acumulação do capital e na reprodução das condições de produção. Nesse sentido, Barreto postula que a forma urbana reflete as consequências da concentração de pessoas, atividades e mercadorias no espaço urbano (BARRETO, 2010).

Diante destas exposições, Lefebvre (2002) destaca uma questão relevante quando se pensa a centralidade, para além dos fatores econômicos. O autor ressalta a importância da sociedade, assim como faz quando aborda a produção do espaço, como elementar para a sua existência, pois segundo ele nada existe sem as

interações e as relações sociais, já que o processo da centralidade se dá de modo dialético, construindo e destruindo, não criando nada, mas criando tudo (LEFEBVRE, 2002).

Monnet (2000) procura entender, assim como Lefebvre, a centralidade em outras dimensões existindo categorias elementares para compreender a centralidade, como:

- a) Centralidade política, ligada à localização dos principais gestores e de suas administrações;
- b) Centralidade econômica, atribuída à localização das sedes das empresas;
- c) Centralidade comercial, que corresponde ao processo de dispersão das funções centrais do centro para as áreas mais distantes;
- d) Centralidade da acessibilidade, quando tais áreas distantes apresentam vantagens em relação ao centro tradicional, contendo vias rápidas como suporte;
- e) Centralidade social, parte do cruzamento de duas dimensões, a prática espacial pelos lugares mais frequentados e as representações do espaço através das imagens, do imaginário e das narrativas que são compartilhadas socialmente.

Conforme o exposto acima por Monnet (2000), utilizando a ferramenta teórica como base na aplicabilidade da realidade social existente na subcentralidade de Icoaraci identificam-se algumas características elencadas acima, destacando-se: a subcentralidade política, diante da existência de um território administrativo que reúne instituições ligadas ao município; a subcentralidade comercial, com a constante dispersão das atividades para espaços mais significativos; como também na centralidade da acessibilidade, diante da facilidade de acesso em alguns espaços em relação ao subcentro tradicional e ao recente com a malha urbana contribuindo para esse deslocamento; assim como na subcentralidade social, diante das percepções existentes pelos fluxos cotidianos desenvolvidos que constroem representação pelos ambientes, pessoas, produtos e etc.



### 2.3 A subcentralidade e a representação social

Dando prosseguimento no levantamento teórico conceitual das categorias que nortearão a pressuposta pesquisa, tentar-se-á nesse momento estabelecer uma relação com os fenômenos existentes da subcentralidade urbana com os indivíduos que nela a (re)produzem dialeticamente no cotidiano. Nesse sentido, buscam-se alcançar os sujeitos através das suas representações e vivências no espaço, experiências essas alcançadas metodologicamente com a representação coletiva respeitando as particularidades de cada grupo social selecionado.

Autor da geografia que se debruça a entender as relações humanas com os processos espaciais, Serpa (2013) diante do entendimento da centralidade de modo hierarquizado, como já mostrado anteriormente por Christaller e Correa, no qual este último discute os conteúdos já conhecidos pela geografia urbana marxista através da reprodução do sistema capitalista baseado na dominação/exploração e pelo valor de troca, procura ir para além desse foco de análise. Serpa avança para uma centralidade vinculada nas formas de reprodução da vida na cidade através de seu valor de uso e na apropriação (SERPA, 2013).

Serpa afirma que essa centralidade existe em espaços residuais e opacos, nas periferias sociais e geográficas da metrópole. Nesse sentido, o papel histórico da periferia é preponderante no processo de formação da centralidade (SERPA, 2013). Assim como, concordando com outros autores, os fatores que também influenciam são a localização, a oferta de emprego e o valor dos produtos e serviços.

Pensamento que converge com o de Serpa, é de Barreto (2010) que amplia a dimensão do entendimento da noção de centralidade, conforme o autor: “a condição de centralidade resulta não só da funcionalidade que marca um espaço concreto da cidade, mas também da imagem, do bem-estar e do prazer visual, sustentada na qualidade da arquitetura, do espaço público e da paisagem” (BARRETO, 2010, p. 38).

Diante do exposto acima, é notória a necessidade de buscar elementos que nos proporcionem um entendimento da centralidade a partir da categoria de lugar (SERPA, 2013) e das representações que são criadas socialmente que traduzem o sentido através da imagem, do bem-estar e das demais satisfações que possam vir a ser proporcionadas (ZILHÃO, 2013).

À vista disso, Serpa (2013) parte do pressuposto de que é preciso pensar o lugar como a instância que intermedia o indivíduo ao mundo. Articulado os conceitos de lugar e centralidade, o autor comenta que se baseia na ordem qualitativa e simbólica, mesmo não excluindo análises quantitativas e técnicas. A proposta é evitar, sobretudo, a consolidação de uma “visão hierárquica e estritamente funcional” (SERPA, 2013).

Dentro dessa perspectiva de análise e na busca de respostas para questionamentos sobre fenômenos psico-socioespaciais existentes, na qual as teorias convencionais, em especial a da centralidade urbana apresenta limitações, ocorre a necessidade de levantamento junto à perspectivas interculturais como alternativas naquilo conhecido no meio científico como não-hegemônico.

As perspectivas interculturais têm vindo a permitir o reconhecimento da existência de sistemas de saberes plurais, alternativos à ciência moderna ou que com esta se articulam em novas configurações de conhecimentos. Analisando de forma crítica a ciência como garante da permanência do estatuto hegemônico do actual sistema económico capitalista, os autores que perfilam esta crítica têm vindo a lutar por uma maior abertura epistémica, no sentido de tornar visíveis campos de saber que o privilégio epistemológico da ciência tendeu a neutralizar, e mesmo ocultar, ao longo de séculos. A abertura a uma pluralidade de modos de conhecimento e a novas formas de relacionamento entre estes e a ciência tem sido conduzida, com resultados profícuos, especialmente nas áreas mais periféricas do sistema mundial moderno, onde o encontro entre saberes hegemônicos e não hegemônicos é mais desigual e violento. Não por acaso, é nessas áreas que os saberes não hegemônicos e os seus titulares mais necessidade têm de fundar a sua resistência em processos de autoconhecimento que mobilizam o contexto social, cultural e histórico mais amplo que explica a desigualdade, ao mesmo tempo que gera energias de resistência contra ela. (SANTOS, 2006, p. 152).

Nesse sentido, Serpa (2013) procura superar alguns princípios que norteiam o exame da centralidade urbana contemporânea. Alguns destes princípios seriam: a superação da rígida dicotomia centro-periferia, por entender que o processo da centralidade é dinâmico e histórico de apropriação espacial e de identificação da população nas áreas centrais; e na valorização da rica diversidade de situações e de sujeitos, favorecendo o entendimento da centralidade de modo que se possa analisar tal conceito para além do desigual (que a ideia de centro e periferia oferece), mas também para com o diferente (SERPA, 2013).

Como seu trabalho é aplicado em um bairro da metrópole soteropolitana, o autor justifica a escolha dessa escala por entender que o bairro é por excelência o lugar da experiência do indivíduo como espaço vivido, diante de um sistema de

relações particular. Essa lógica apresenta uma centralidade vivida em que se baseia na reprodução da vida e do cotidiano nas relações socioespaciais através do relacional e intersubjetivo. Assim, o autor pontua que mesmo com problemas infraestruturais, de pobreza, desemprego, os bairros populares se apresentam como centrais para a diversidade sociocultural no espaço metropolitano (SERPA, 2013).

O autor conclui que as metrópoles contemporâneas, seja Salvador ou até mesmo Belém, se apresentam com uma multiplicidade de centros e centralidades de diversas ordens. Tal multiplicidade se faz presente através, do que denominou o autor, de brechas espaciais que tal centralidade “alternativa” proporciona com a apropriação de agentes locais, que circulam na metrópole estilhaçada. Estas brechas são multifacetadas tanto em forma quanto em conteúdo eliminando o modelo hierárquico centro-periferia culminando, sobretudo, no contato entre os diferentes. Ressalta-se que embora a existência do contato entre a diferença não signifique apenas relações harmônicas entre os grupos e sujeitos, mas acreditando na presença de conflitos nesse processo (SERPA, 2013).

Avançando na revisão, apresenta-se como recurso teórico-metodológico, advindo da psicologia social, a representação social. Tal recurso será utilizado na tentativa de abarcar componentes que favoreçam e ampliem o entendimento da centralidade urbana a partir da intersubjetividade dos sujeitos. Nesse sentido, destacam-se particularmente as contribuições de Moscovici que, a partir de 1960, construiu o conceito de representação social. Segundo o autor sua teorização parte do pressuposto de que os indivíduos são produtores de significados, não se configurando apenas como meros receptores de informações, um exemplo aplicável na pesquisa são os moradores do distrito de Icoaraci e de seu entorno (MOSCOVICI, 2007). É imprescindível esclarecer que a ideia nessa pesquisa é a de apontar que a dimensão espacial relaciona-se com o modo que as representações constituem uma espacialização contínua no espaço urbano, em especial na subcentralidade urbana de Icoaraci, apontando que as percepções, e principalmente suas tomadas de decisões, apresentam manutenções e mudanças a partir de determinadas representações.

É importante destacar os elementos que são utilizados para a interpretação da representação social, Moscovici (2007) articula os componentes da cognição, comunicação e dos afetos do ser humano para tal. Com isso, se distancia da linha

de pensamento do positivismo, reafirmando a interatividade entre os indivíduos através do cotidiano (ZILHÃO, 2013).

Bosi (1994) ressalta que as percepções existentes advindas dessa produção de significados no cotidiano enfrentam a passagem do tempo no momento que acontecem. Como a percepção é um ato novo, supõe-se que antes delas existam outras experiências e movimentos, nesse sentido classificam-se as anteriores já realizadas pelo sistema nervoso como *lembranças* que se opõem à percepção atual (BOSI, 1994).

Com o interesse de atingir também as mudanças ocasionadas pela reconfiguração do espaço comercial urbano de Icoaraci, metodologicamente é sugerido por Bosi (1994) utilizar como grupos sociais os moradores mais antigos na área. Ela justifica que:

[...] é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais bem definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade. (BOSI, 1994, p. 60).

Conforme a autora, as pessoas com mais idade adquirem com o passar do tempo uma nova função social, específica para aquele “sujeito que lembra”. Assim sua função social é lembrar, de “ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade” (BOSI, 1994, p. 61). Essa função social é intrinsecamente vinculada à reflexão do indivíduo com o espaço e da localização dele, pois conforme a autora, sem esses elementos a imagem produzida seria passageira, sem raízes.

Além de buscar as interferências das representações sociais na atividade cognitiva do homem e das convergências que elas realizam no ser humano através das tradições já existentes, Moscovici (2007) procura compreender o processo gestacional das representações sociais. Nesse sentido, a teoria se pauta em torno de duas noções, como: na transformação de tornar algo familiar ao que antes não seria e também na reafirmação da não-familiaridade pelo sujeito. Conforme o autor:

O que eu quero dizer é que os universos consensuais são locais onde todos querem sentir-se em casa, a salvo de qualquer risco, atrito ou conflito. Tudo o que é dito ou feito ali, apenas confirmam as crenças e as interpretações adquiridas, corrobora, mais do que contradiz a tradição. [...] A presença real

de algo ausente, a “exatidão relativa” de um objeto é o que caracteriza a não-familiaridade. [...] O não-familiar atrai e intriga as pessoas e comunidades enquanto, ao mesmo tempo, as alarma [...] Depois de uma série de ajustamentos, o que estava longe, parece ao alcance de nossa mão; o que era abstrato, torna-se concreto e quase normal (MOSCOVICI, 2007, p. 55-58).

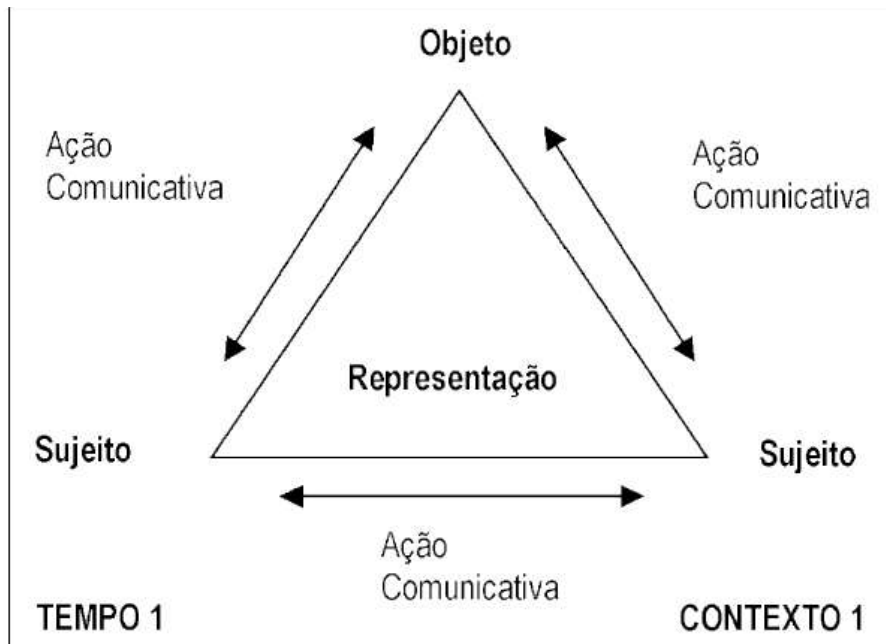
Zilhão entende que a representação social é o princípio regulador inserido no processo de conhecimento e significação a partir das relações sociais. Assim, como tal fenômeno é produzido socialmente, favorece a construção de uma realidade comum a um determinado conjunto social reorientando suas práticas cotidianas (ZILHÃO, 2013).

No sentido de auxiliar na caracterização do conceito e a relação entre os envolvidos, Jovchelovitch (2004) destaca que no contexto geral a representação:

[...] é uma estrutura de mediação entre o sujeito-outro, sujeito-objeto. Ela constitui enquanto trabalho, ou seja, a representação se estrutura através de um trabalho de ação comunicativa que liga sujeitos a outros sujeitos e ao objeto-mundo. (JOVCHELOVITCH, 2004, p. 23).

A autora facilita a compreensão das relações entre os envolvidos no processo de produção das representações quando aponta a mediação em dois níveis, o primeiro entre os sujeitos e o segundo do sujeito com o objeto, este último se configura como o elo intersubjetivo da relação entre os primeiros. Nesse contexto, a ferramenta propulsora da representação se define com a ação comunicativa, pois é através dos signos expressos que a cognição é atingida. Com o intuito de ilustrar tal processo, a autora fornece um esquema didático.

Figura 1 - Elementos constituintes e o modo de produção da representação.



Fonte: Jovchelovitch (2004, p. 23).

Contribuindo para a discussão, Furini (2014) coloca que tais elementos que constituem a representação social podem ser trabalhados com ênfase espacial diante dos processos nele constituídos na qual as categorias geográficas podem ser uma possibilidade para análise já que as particularidades existentes na constituição da representação estão intrinsecamente ligadas às configurações de determinada condição espacial (FURINI, 2014).

Nesse sentido, o fenômeno da representação social pode ser analisado na cidade, a partir da comunicação interindividual rotineira que partilha e constrói o processo de significação do urbano, já que é uma “modalidade de conhecimento vocacionado para a prática” (ZILHÃO, 2013, p. 65). Dessa maneira, o autor postula que:

[...] se a informação que as pessoas têm sobre a cidade é o resultado da sua interação com essa cidade, e se os significados sociais são uma parte importante da representação da cidade, a cidade pode, então, ser estudada como uma representação social. (ZILHÃO, 2013, p. 66).

Para a produção desses significados sociais, é necessário um processo de representação do ambiente para com o sujeito. Nesse contexto, Bosi (1994) diferencia os processos psicológicos da ação e representação como atividades cognitivas do indivíduo que são formados pela consciência na relação com o

espaço. Conforme a autora, os estímulos proporcionados pelo ambiente nem sempre se concretizam em atitudes no referido ambiente, no entanto quando isso ocorre tem-se o esquema de *imagem-cérebro-ação*. Já em algumas situações essas imagens construídas pelo cérebro permanecem e, assim, instalam-se no sistema nervoso central, configurando-se num esquema de *imagem-cérebro-representação*. Assim, no esquema das percepções ela pode se concretizar, através do sistema nervoso central, como um *condutor* para o esquema da ação e como de um *bloqueador* no esquema da representação pela ausência da execução após esse estímulo.

Nesse sentido, pode-se considerar que tanto a ação como a representação estão ligadas ao esquema geral do corpo-ambiente, mais especificamente nos sujeitos que vivenciam o ambiente e, assim como o próprio espaço urbano que através de seus fenômenos socioespaciais estimulam a cognição dos sujeitos (BOSI, 1994).

Dois mecanismos postulados por Moscovici (2007) são fundamentais, pois favorecem o entendimento de que as representações sociais pelos sujeitos são desenvolvidas por meio da ancoragem e objetificação. O primeiro se baseia na integração de novas informações em categorias que o sujeito já detém através de experiências anteriores, isto é, a ancoragem atua no processo de familiarizar o que antes não era vivenciado pelo indivíduo, como por exemplo na inauguração de algum equipamento comercial de escala nacional que ao qual a comunidade no entorno procura entender a presença do empreendimento e, conseqüentemente, conhecer através de outros indivíduos pelas informações recém obtidas. Como demonstra Moscovici (2007, p.63):

Ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras. Nós experimentamos uma resistência, um distanciamento, quando não somos capazes de avaliar algo, de descrevê-lo a nós mesmos ou a outras pessoas. O primeiro passo para superar essa resistência, em direção à conciliação de um objeto ou pessoa, acontece quando nós somos capazes de colocar esse objeto ou pessoa em uma determinada categoria, de rotulá-lo com um nome conhecido.

Já a objetificação atua na união da ideia daquilo que antes não consistia como familiar, na tentativa de tornar aquilo real de tal modo que seja visível e acessível ao sujeito (MOSCOVICI, 2007). Exemplificando, como se aquele mesmo

empreendimento repercutisse significativamente na comunidade e, as pessoas através do interesse criado, optasse por frequentar esse novo espaço de consumo renunciando espaços antes mais tradicionais na qual eram frequentadores assíduos.

Furini (2014) acredita que essas noções apresentam o caráter dinâmico das representações sociais, pois através deles se extrai das imagens, gestos, linguagens e experiências os elementos para a superação da não-familiaridade. Segundo Vala (2013), a objetificação seria a forma como se organizam os elementos que constituem a representação para a coerência de um todo.

Partindo do exposto, Zilhão (2013) nos apresenta a representação social na figura da cidade através da centralidade urbana. Essa associação faz com que a âncora da representação social seja o centro, entendendo o autor que é o lócus essencial dos processos de ancoragem e objetificação do sujeito na cidade. Conforme Zilhão (2013) o centro, além de ser posterior à objetificação, é também anterior ao passo que no processo de formação dos centros das cidades “a evolução histórica urbana criou condições para a construção dos centros enquanto elementos âncora, através do reforço” (ZILHÃO, 2013, p. 67) no espaço de práticas sociais por diversos grupos.

Segundo o autor, conforme o desenvolvimento das cidades, esses espaços urbanos com o passar do tempo adquirem sentido para o indivíduo pela sua dinâmica urbana pelo seu uso diário e coletivo em espaços públicos urbanos centrais por serem mais acessíveis (ZILHÃO, 2013).

Originárias, nomeadamente, na interação social quotidiana urbana, as representações sociais contribuem, então, para a construção de realidades coletivamente significantes, como os centros das cidades, no entendimento do espaço (social) urbano como produtor e produto do próprio espaço, onde a atividade social e respetiva interação com esse espaço urbano, contribui para construir, reproduzir e modificar, continuamente, a leitura simbólica e espacial dessa cidade. (ZILHÃO, 2013, p. 70).

As representações sociais estão radicadas nas reuniões públicas, nos cafés, nas ruas, nos meios de comunicação, nas instituições sociais e assim por diante. Este processo em que elas se incubam, se cristalizam e são transmitidas. É no encontro público de atores sociais, nas várias mediações da vida pública, nos espaços em que sujeitos sociais reúnem-se para falar e dar sentido ao quotidiano que as representações sociais são formadas (JOVCHELOVITCH, 2000, p. 40).

Embora no decorrer do crescimento das cidades os espaços públicos livres e centrais apresentem uma mudança na sua configuração de valor de uso para o valor de troca através, sobretudo, da inserção de um comércio concorrencial, tais espaços



continuam com um sentido comunicativo interindividual no cotidiano urbano. Contudo, há de se ressaltar que são ditados para além das práticas de sociabilidade e das manifestações cívicas, agora capturadas também por uma lógica do consumo que assim como as práticas históricas anteriores aglutinam o coletivo no centro da cidade (ZILHÃO, 2013).

Nesse sentido, Zilhão (2013, p. 68) afirma que:

Podemos, assim, considerar que é, nomeadamente pela comunicação interindividual no quotidiano urbano, que todos os indivíduos partilham ideias, conhecimentos, atitudes e explicações socialmente construídas acerca da cidade. Investindo no seu espaço através do uso prático e da interação permanente com elementos físicos dessa cidade como ruas, praças e monumentos, estes elementos são, também, ativamente e quotidianamente apropriados pelos cidadãos através de rituais, celebrações, comportamentos estandardizados ou discursos sobre a cidade que, reforçando o significado social desses elementos, contribuem para o ordenamento identitário do espaço urbano, rotulando determinados lugares como lugares adequados para tais atividades, que adquirem, assim, os significados associados a essas atividades.

Diante de tal processo, o autor destaca que o centro pode ser entendido como o lócus urbano em que a capacidade social dos sujeitos de atribuir e partilhar significações comunica e reproduz o sentido e significado reforçados. Nesse sentido, “o centro resulta, não só de atributos físicos e funcionais intrínsecos, mas resulta, também, de qualidades atribuídas e reforçadas pelos mecanismos do processo de representação social da cidade.” (ZILHÃO, 2013).

Vale ponderar que esses mecanismos que favorece a produção de representações sociais, seja ele em qualquer abordagem, não se apresenta com o intuito de gerar verdades ou ilusões acerca de tal representação, pois elas se configuram apenas como uma posição frente às tomadas de decisão dos indivíduos pela consciência e prática (SÁ, 1996).

Significa dizer que, por exemplo, se um morador antigo com costume de frequentar determinado espaço com motivos particulares transforma sua rotina para outros ambientes porque os motivos anteriormente justificados não se valem mais, não demonstra necessariamente que a representação anterior possuía ausência de veracidade e que agora o que é verdade se apresenta nos motivos que o levam para o espaço mais recente. Isso remete apenas ao fato da sua posição ser mudada devido a sua representação ter se transformado diante dos processos que aconteceram nas relações socioespaciais que interferiram diretamente na sua

representação e, conseqüentemente nas suas práticas. Diante disso, vislumbra-se o potencial que os processos simbólicos e representacionais possuem na análise dos fenômenos socioespaciais, mais especificamente na subcentralidade urbana.

Desse modo, a representação do indivíduo pelo centro através da representação da cidade é produto da dinâmica de relacionamento e interdependência cotidiana. Dada a repetição e a experiência de circuitos e percursos pelo uso e apropriações no espaço urbano, contribui para uma cartografia mental do espaço vivido no centro. Tal possibilidade reforça características conforme os significados construídos e as informações compartilhadas pelos sujeitos que constroem sobre esses lugares na cidade significados sociais urbanos (ZILHÃO, 2013).

Assim, entende-se que através dos ambientes de produção e compartilhamento das realidades, mediante a ação comunicativa, o pensamento social é gerado. Moscovici coloca que esse pensamento “deve-se mais à convenção e à memória do que à razão; deve mais às estruturas tradicionais do que às estruturas intelectuais ou perceptivas correntes” (MOSCOVICI, 2007, p. 57).

Dessa maneira, com a emergência de novas subcentralidades e de novas acessibilidades no espaço urbano, o centro tradicional, como já discutido anteriormente por Barreto (2010), perde a importância não somente em seu aspecto funcional, mas também como o lócus de referência dos sujeitos, sobretudo, para o entendimento do cotidiano pelas suas vivências diferenciadas (ZILHÃO, 2013).

Destaca-se, para Zilhão (2013) que a centralidade urbana por apresentar, uma área administrativa e comercial que se encontra no plano da oferta de bens e serviços apresentando uma importância como centro pela sua hierarquia através da disposição de bens de maior raridade e pela sua acessibilidade, também se caracteriza um fenômeno social total de incidência urbana.

Tal justificativa ampara-se no entendimento da sua dinamicidade, do cruzamento de dimensões da vida social, caracterizado pelo produto da ação conjugada de diferentes estruturas numa determinada sociedade. Salieta-se que tal pressuposto favorece um entendimento teórico-metodológico cujo cerne se apoia na consciência do homem, sob o prisma da adoção de um caráter interdisciplinar na sobreposição de perspectivas heterogêneas sobre o mesmo objeto de estudo, a centralidade urbana (ZILHÃO, 2013).

Pontua-se também, apoiado em Serpa (2013), que não se pretende realizar um tratamento localista do assunto. Propõe-se apenas uma revisitação dos conceitos de lugar na procura de novos significados na atualidade (SANTOS, 1996) com o intuito de pensar o espaço e as centralidades como bases da vida cotidiana na produção de identidades individuais e coletivas na metrópole (SERPA, 2013; CARLOS, 2001).

No tocante das abordagens acima na qual evidenciam o tratamento conceitual e sua aplicabilidade nos processos socioespaciais, acredita-se na possibilidade de uso da teoria e das noções que constituem a representação social na subcentralidade urbana de Icoaraci. Tal processo pode ser analisado pelos distintos sujeitos e grupos sociais existentes onde suas representações e práticas cotidianas refletem intrinsecamente na reestruturação urbana da metrópole.

Tais processos podem ser evidenciados nas narrativas coletadas dos entrevistados pela pesquisa, contudo ressalta-se a intenção de aprofundamento, sobretudo, nas representações e práticas de moradores que assumem a posição de consumidores de bens e serviços no espaço urbano do supracitado distrito. Pois, desse modo, pressupõe-se que o teor das falas adquirem maior imparcialidade nos temas abordados e, também no alcance das lembranças acerca das configurações iniciais vividas por eles de uma subcentralidade passada. A partir da organização da pesquisa, tais desdobramentos analíticos se darão ao decorrer do desenvolvimento dos capítulos posteriores.

## **CAPÍTULO 2: ICOARACI: DE UM POVOADO RIBEIRINHO PARA UM DISTRITO DA METRÓPOLE BELENENSE**

No interesse de entender cada vez mais o lócus de estudo sob pela necessidade do desenvolvimento da pesquisa no referido local, surge como possibilidade de análise um resgate dos elementos históricos e sociais que compõem o quadro formador do espaço urbano icoaraciense.

Uma particularidade que aqui se pretende destacar é a da diversidade de sujeitos que constroem sua dinâmica socioespacial, onde se destacam pescadores, industriais, comerciantes formais e informais, artesãos, moradores e lideranças de movimentos sociais, os quais podem ser identificados como agentes produtores do espaço local por influírem diretamente no uso e apropriação do solo urbano.

Nesse sentido, primeiramente, é preciso entender a formação inicial do distrito vinculado ao processo de ocupação e apropriação da cidade de Belém além de todo contexto que envolve o espaço regional amazônico pela Coroa Portuguesa. Conforme Costa (2007, p. 57):

O processo de constituição espacial e territorial de Icoaraci pode ser analisado tendo-se como corte histórico o período de fundação da cidade de Belém, e de conseqüente início da colonização lusitana na Amazônia, no limiar do século XVII; pois foi no contexto da fundação desta cidade que foram feitas incursões sobre o território hoje denominado de Icoaraci e foi iniciada a ocupação do mesmo por parte dos lusitanos.

A colonização portuguesa partia do discurso de assegurar o território geopoliticamente com fortificações e missões religiosas, sendo que estas últimas favoreceram o processo de povoamento dos primeiros núcleos populacionais da região (DIAS, 2007). Vale destacar que desde a colonização, as dinâmicas existentes na região sempre foram vistas numa perspectiva subalterna por serem desempenhadas por segmentos/grupos/classes sociais oriundos, sobretudo, de uma região periférica num país periférico na lógica do sistema mundo moderno-colonial que é configurada pela economia-mundo capitalista (PORTO-GONÇALVES, 2015).

Avançando na análise da formação do espaço icoaraciense, conforme Figueiredo e Piani (2006), a origem do nome "Icoaraci" se dá pelos significados na língua Tupi-Guarani no que se remeteria à *Mãe de todas as águas*, já que segundo

os autores seria “*de frente para o sol ou mãe de todas as águas* (Icoara=águas e ci=mãe)” (FIGUEIREDO; PIANI, 2006, p. 28).

Destaca-se como início da gênese de Icoaraci, o século XVII quando se tem a ocupação da área pelo governo da Província. Em 1656, em viagem do primeiro governador do Maranhão e Grão-Pará, Capitão General André Vidal de Negreiros, à Ilha Grande de Joanes (atualmente conhecida como Ilha do Marajó) recomenda ao presidente da província a fundação de um povoamento, onde hoje Icoaraci está constituída, levando em consideração sua posição estratégica frente possíveis ataques de invasores (GUIMARÃES 1996; DIAS, 2007).

Costa (2007) aponta que a sua formação se deu enquanto povoado ribeirinho situado na porção norte da Baía do Guajará<sup>18</sup>, cuja origem remonta ao século XVIII. Em virtude de sua localização, Icoaraci desenvolveu por longo período a função de pequeno entreposto comercial, estabelecendo, por vias fluviais, relações com povoados da região do estuário Guajarino<sup>19</sup>.

Acerca do processo de fundação de povoados como símbolo de conquista do território frente a invasores e de domínio econômico, sobretudo, na Amazônia, Castro (2008, p. 17) aponta que:

Esse misto de poder de conquista e um território e de organização dos interesses econômicos está presente na formação do modelo de povoamento no momento inaugural da colonização portuguesa na Amazônia, e perduraria depois de assentados os primeiros núcleos urbanos. As cidades coloniais na Amazônia têm, basicamente, essas duas motivações. O seu surgimento segue o avanço da organização do sistema extrativista, do transporte de mercadorias, do processo de catequese e da dominação de indígenas para o trabalho servil.

Nesse sentido, destaca-se o elemento do rio como fundamental para entender a fundação de núcleos urbanos frente à lógica que naquela época era imposta, já que tal modal se constituía como o único vetor de mobilidade dos sujeitos envolvidos nesse contexto e a localização dos povoados era geograficamente estratégica na questão da defesa do território por estar próxima da desembocadura dos rios frente à invasores que percorriam aquela região, como franceses, ingleses e holandeses.

<sup>18</sup>A Baía do Guajará localiza-se em frente à parte noroeste da cidade de Belém e prolonga-se até a Ilha do Mosqueiro, a norte, onde se encontra com a Baía do Marajó, no rio Pará, sendo formada pela confluência dos rios Acará e Guamá (CDP, 2016).

<sup>19</sup>De acordo com CDP (2016), o estuário Guajarino faz parte do Golfo Marajoara, que compõem o sistema hidrográfico da foz do rio Amazonas. É formado por um sistema de drenagens continentais em regime de descarga em ambiente marinho.

As motivações apontadas por Castro (2008) se inserem no contexto de dominação colonial assentada na conquista territorial, tal como ressaltado por Dias (2007). Nota-se, portanto, que a fundação de Icoaraci estava inserida no contexto regional de colonização, tendo como interesse envolvido nessa ocupação a:

Dominação e apropriação, binômio utilizado na geopolítica portuguesa diante da expansão colonialista que teve grande repercussão no espaço regional, culminando na fundação de vários povoados, freguesias, vilas e cidades ao longo das calhas dos rios na Amazônia e que serviu de base às estratégias para a apropriação e dominação do território e dos recursos naturais existentes (DIAS, 2007, p. 94).

Castro (2019) demonstra a necessidade de entender os rios como elementares no processo de desenvolvimento da cidade de Belém e explana que historicamente grupos sociais ocuparam e se apropriaram dos recursos naturais existentes na região. Conforme a autora:

Por todos esses séculos, o estuário amazônico foi lugar de morada de diferentes grupos sociais que desenvolveram ali formas diversas de exploração econômica de recursos, tais como as drogas do sertão, a madeira, a caça e a pesca, os minérios e os frutos (CASTRO, 2019, p. 3).

O rio comandava a vida e as relações, apresentando como marca do processo de ocupação e da estruturação da rede de cidades, corroborando para o padrão de urbanização ribeirinho. Nesse contexto, a autora aponta o papel dos portos e trapiches até os dias atuais como fundamental para a compreensão da reprodução do trabalho, da economia, da sociedade e da cultura. Em sua obra, ela explana acerca da paisagem dos estuários e a rede formada por Belém com outras localidades (CASTRO, 2019), dinâmica na qual a fundação de Icoaraci e sua dinâmica urbana encontram-se inseridas. Dentro dessa dinâmica do rio, compreende-se a dimensão e importância dos portos na Amazônia por Ponte (2011, p. 91) apontando que:

Estes portos, frequentemente associados a diversos entrepostos, feiras e antigas centralidades locais e regionais, expressavam a intensa dinâmica de fluxos e acúmulos efetuados a partir das possibilidades de acesso aos rios da região. Seus fluxos, ainda, atestam a histórica relação entre o processo de estruturação urbana de Belém e a rede hidrográfica nele existente.

Diante desse contexto, Costa (2007) reafirma a importância do comércio local, sua abrangência histórica e a importância dos rios para a ocupação urbana de Icoaraci. Segundo a autora:

[...] até o início do século XX, Icoaraci, à semelhança dos demais povoados regionais, estava inserido na dinâmica socioespacial ribeirinha amazônica, desenvolvendo a comercialização de produtos com povoados e ilhas próximas e se caracterizando como um pequeno núcleo com peculiaridades urbanas, que detinha no sistema fluvial sua principal via de produção, circulação e comunicação (COSTA, 2007, p. 66).

Foto 1 - Icoaraci – Mercado Municipal e dinâmica da área comercial proximidades à orla e trapiche. Anos 1960



Fonte: Pará (1998).

Foto 2 - Icoaraci – Destaque à dinâmica fluvial contemporânea. 2019.



Fonte: Erick Ramos (2019).

As fotos 1 e 2 ilustram a permanência da dinâmica ribeirinha de Icoaraci embora se deva destacar que nos dias atuais outras dinâmicas têm se desenvolvido conjuntamente a ela no âmbito da circulação de mercadoria e pessoas, o que será abordado adiante.

Penteado (1968) destaca a estrutura comercial de Icoaraci na segunda metade do século passado, apresentando uma função comercial ainda em escala reduzida, expressa pela comercialização varejista nas ruas e no trapiche e o classifica como um subúrbio próximo de Belém, juntamente com Ananindeua. Apresentando, assim como em Ananindeua, sua função principal de núcleo dormitório, em referência aos trabalhadores que residiam no distrito, mas que desempenhavam suas atividades em Belém (PENTEADO, 1968; TRINDADE JR., 1998).

### 3.1 Estruturação urbana e a centralidade histórica de Icoaraci

Avançando na análise histórico-geográfica de Icoaraci, Dias (2007) periodiza seu processo de estruturação urbana<sup>20</sup> em quatro fases, sempre inseridas num contexto da dinâmica do espaço regional amazônico. Tomando tal periodização como referência e outros estudos sobre a dinâmica urbana de Icoaraci, organizou-se no Quadro 1 uma síntese das fases de tal estruturação.

Quadro 1 - Icoaraci – Ocupação e inserção na estruturação urbana de Belém. 2020

FASES	PERÍODO	MARCO
PRIMEIRA FASE	Século XVIII até a primeira metade do século XIX	Ocupação, doação das terras, criação de fazendas, transformação em Lazareto formação do povoado.
SEGUNDA FASE	Segunda metade do século XIX até a primeira metade do século XX	Ascensão à condição de vila e transformação em distrito; local de segunda moradia; significativas migrações para Icoaraci; instalação das primeiras indústrias de caráter rudimentar.
TERCEIRA FASE	De 1950 até 1970	Integração com a metrópole belenense; intensificação do processo de instalação de indústrias voltadas ao beneficiamento de matérias-primas regionais; expansão urbana do distrito.

<sup>20</sup> Trabalha-se como a conceituação de estruturação urbana, conforme proposto por Sposito (2007), fazendo-se referência às mudanças regionais e/ou no âmbito da rede urbana amazônica.



QUARTA FASE	De 1970 até os dias atuais	Presença do Estado com a execução de projetos e programas para o desenvolvimento regional.
-------------	----------------------------	--

Fonte: Adaptado de Dias (2007).

A primeira fase se dá com a doação das terras da província à Sebastião Gomes de Souza<sup>21</sup> no século XVIII, na criação das fazendas Pinheiro e Livramento já no século XIX, na sua transformação em um lazareto<sup>22</sup> pelo governo<sup>23</sup> até sua formação em povoado<sup>24</sup> (DIAS, 2007).

Conforme o autor, sua segunda fase se estende desde a segunda metade do século XIX, quando o povoado ascende à categoria de Vila<sup>25</sup>, até os anos de 1950. No ano de 1943 tem-se a alteração de sua denominação<sup>26</sup> e Icoaraci assume uma posição e extensão territorial enquanto distrito de Belém que permanecerá inalterada até a década de 1980. Neste período se instalam amplos casarios pela classe abastada que configuram sua segunda moradia em relação à cidade de Belém. É nessa fase que o distrito desponta com “a implantação das primeiras atividades de caráter econômico, como as indústrias de base local e as atividades comerciais voltadas a atender a área do entorno.” (DIAS, 2007, p. 97) Com o início de tais atividades, se desencadeia no distrito um processo de migração regional para área como possibilidade de sobrevivência e de reprodução das relações.

Como no início da ocupação pelo povoado se deu, a priori, nos bairros atualmente conhecidos como Cruzeiro e Ponta Grossa, a configuração do núcleo

<sup>21</sup> Conforme Costa (2007) os terrenos compreendidos entre o igarapé Paracuri e a Ponta do Mel (localizada na confluência do furo do Maguari com a baía do Guajará, hoje denominada de Pontão do Cruzeiro), foram doados através de Carta de Data e Sesmaria a Sebastião Gomes de Souza, sendo posteriormente repassada à ordem dos frades carmelitas, que neles organizaram duas fazendas – Nossa Senhora do Livramento (localizada às margens do igarapé Paracuri) e São João de Pinheiro (localizada na Ponta do Mel). Segundo Figueiredo e Piani (2006) Sebastião Gomes de Souza construiu uma casa de taipa, que posteriormente se transformou na fazenda Pinheiro, nome que fazia homenagem à sua cidade natal em Portugal.

<sup>22</sup> Hospital destinado a pessoas portadoras de Hanseníase.

<sup>23</sup> Em 1750, o presidente da província Francisco Soares de D’Andréia, comprou as terras da fazenda São João de Pinheiro para a construção de um Lazareto que seria administrado pela Santa Casa de Misericórdia do Pará, contudo com poucos recursos para a manutenção do hospital, o governo decide arrendar as terras em hasta pública (GUIMARÃES, 1996; DIAS, 2007).

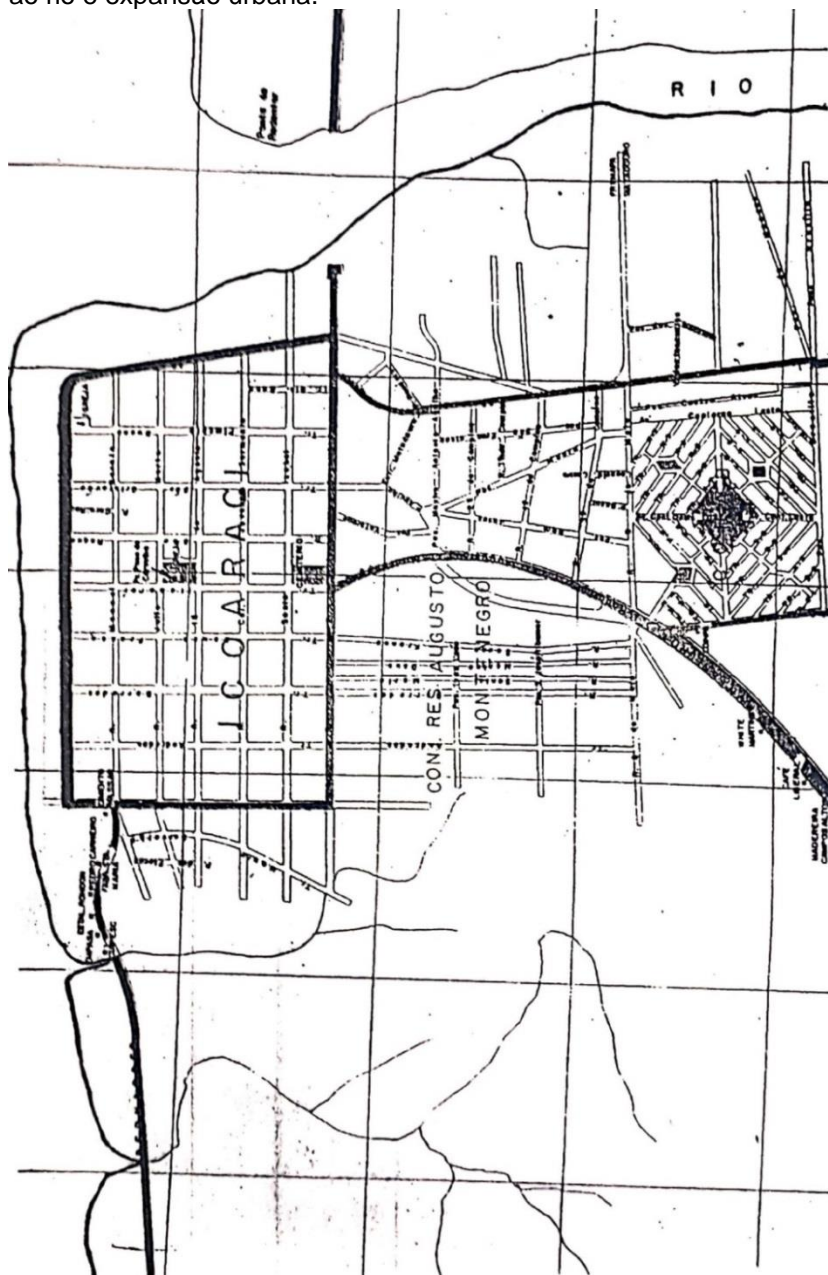
<sup>24</sup> Como o arrendamento não atinge as expectativas do governo se decide na sua transformação de Fazenda São João do Pinheiro em povoado de Santa Isabel em 1869, pelo decreto Lei nº 598 de oito de outubro do referido ano (*Ibidem*). Em 1883, o povoado altera novamente seu nome para São João Batista, sendo construída a capela do mesmo nome (FIGUEIREDO; PIANI, 2006).

<sup>25</sup> Com a proclamação da república, em 1889, o povoado teve a ascensão como Vila e a mudança do nome para Pinheiro. (GUIMARÃES, 1996)

<sup>26</sup> A legislação de 1943 (Decreto-Lei 4.505/43) modifica a denominação de Vila Pinheiro para Vila de Icoaraci, a qual, juntamente com os distritos de Belém, Val-de-Cães e Mosqueiro, compunha o município de Belém (COSTA, 2007).

urbano antigo é caracterizada por eles. Seu ordenamento territorial urbano foi concebido numa perspectiva geometricamente traçada, sempre ditada pela dinâmica dos rios. Sendo assim, conforme Guimarães (1996) “as ruas e travessas eram paralelas e perpendiculares umas com as outras e alinhadas, acompanhando os cursos da baía do Guajará e do Furo do Maguari” (GUIMARÃES, 1996, p. 20). Com a crescente ocupação nessas áreas, a população começa a procurar espaços nos quais as condições físicas fossem adequadas para a moradia, buscando fugir assim de terrenos de várzea e igapós que compõem o quadro topográfico icoaraciense.

Figura 2 - Icoaraci – Destaque ao traçado das primeiras ruas e travessas, paralelas e perpendiculares ao rio e expansão urbana.



Fonte: Guimarães (1996, p. 20).

Torna-se interessante apontar, conforme Figueiredo e Piani (2006), que devido à distância entre o centro comercial pioneiro e as moradias que iam sendo construídas no interior do distrito, justificada pela falta de espaço na área próxima ao rio, os moradores do núcleo adotaram a bicicleta como principal veículo de transporte, fato que lhes conferiu o apelido de “*pés redondos*”. Os autores revelam sobre Icoaraci que:

[...] ainda que dentro do corre-corre que a modernidade produz, e sentir aquela moleza gostosa depois do almoço de açaí com camarão comprados no Mercado Municipal e poder dormir a sesta; pois o comércio, tal como o do centro de Belém fazia anos atrás, fecha suas portas ao meio-dia. É poder tomar tacacá ao final da tarde sob a sombra refrescante das mangueiras e não se preocupar com a hora de chegar em casa – afinal a casa é logo ali –, e locomover-se de bicicleta é a tarefa de todo pé redondo – para quem não sabe, as pessoas de Icoaraci são conhecidas como *pés redondos*, pois seu veículo de locomoção é, por excelência, a bicicleta (FIGUEIREDO; PIANI, 2006, p. 36).

Com o ordenamento das primeiras ruas e travessas<sup>27</sup> que Icoaraci recebera, embora sendo ainda de maneira rudimentar, Dias (2007) anuncia as relações de sociabilidade que o povoado começara a desenvolver. Conforme o autor:

É nesse período que a vida do povoado começa a ganhar formas e conteúdos. É necessária agora maior sociabilidade entre os moradores, através de relações de vizinhanças, de solidariedade, de compra e venda, entre outros, pois para o povoado existir de fato e se desenvolver é fundamental um mínimo de condições, afinal, os moradores precisavam viver e sobreviver, dando forma ao povoamento. (DIAS, 2007, p. 104).

Com o advento do século XIX, além das atividades já desenvolvidas pela comunidade residente com fins de subsistência como a pesca, a agricultura e o extrativismo de alguns frutos regionais, a atividade comercial passa a se manifestar como um elemento que merece destaque. É através do trapiche que o comércio se realiza, culminando numa rede de comércio que mantém relações em uma escala regional ainda tímida com outras localidades (CASTRO, 2019) que se configura pela concentração de mercadorias e no abastecimento e distribuição de produtos elaborados e semi-elaborados<sup>28</sup> (DIAS, 2007).

<sup>27</sup> Acerca da complexa história da constituição e das mudanças de suas nomenclaturas com o passar do tempo das primeiras ruas de Icoaraci, ver Guimarães (1996) e Figueiredo e Piani (2006).

<sup>28</sup> Produto de origem animal, vegetal ou mineral comercializado de maneira in natura ou com alguma modificação em sua natureza originária.

Fotos 3 e 4 - Icoaraci – Temporalidade antiga e contemporânea do trapiche e dinâmica comercial às margens da Baía do Guajará.



Fonte: Pará (1998).

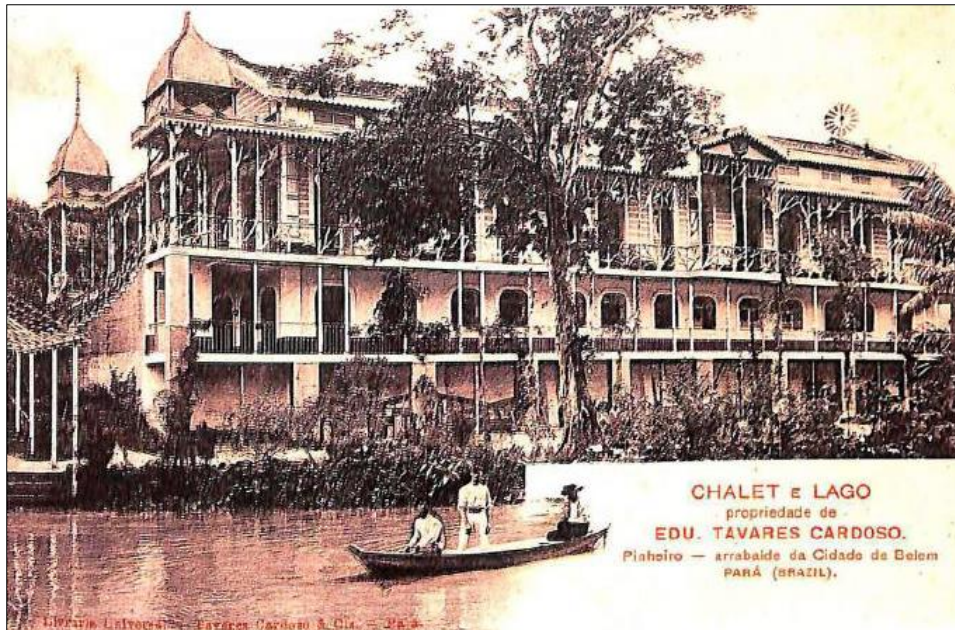


Fonte: Erick Ramos (2019).

No contexto do século XIX registra-se a formação da elite local icoaraciense que capitaneava a dinâmica comercial da região, já que grande parte dos comerciantes donos de armazéns compravam produtos de ribeirinhos como madeira, látex da borracha, gado, aves, peixe, farinha, frutas, entre outros, se apropriando da parcela do excedente regional com a troca de produtos naturais e manufaturados (DIAS, 2007).

Com a ascensão da borracha, toda a região amazônica é atingida. Em Icoaraci, a efervescência da economia gomífera, possibilitou que a elite local de Belém transformasse o núcleo como segunda moradia, em casas de veraneio, modificando assim a estruturação do espaço naquele momento no âmbito de seu padrão arquitetônico, com casarios situados na área central do distrito de frente para a baía enquanto uma parcela da população com poder aquisitivo inferior é deslocada para dentro do núcleo (FIGUEIREDO; PIANI, 2006; DIAS, 2007; PONTE, 2011).

Foto 5 - Icoaraci – Chalé Tavares Cardoso construído na época da economia gomífera



Fonte: Pará (1998).

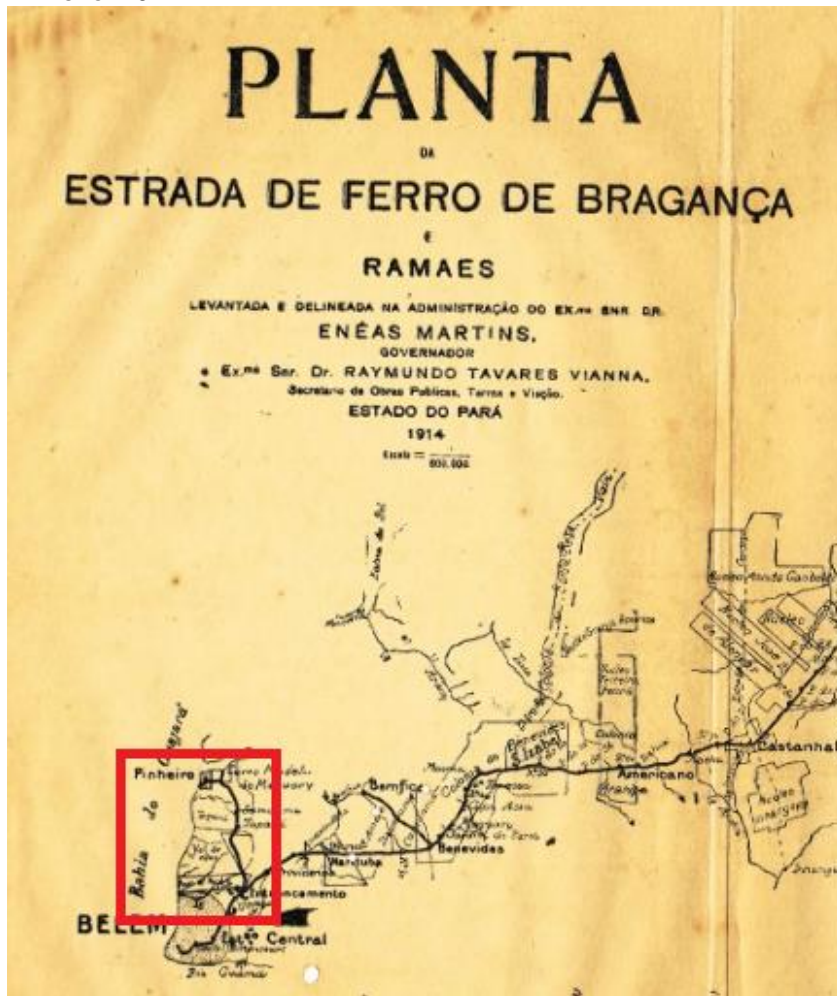
Até então dependente do fator dos rios como único meio de mobilidade de Icoaraci para outras localidades, em especial com a cidade de Belém, em 7 de janeiro de 1906 é estabelecida a linha ferroviária denominada de Ramal do Pinheiro na qual interligaria a Vila (naquele período com essa denominação) com a capital do estado. Acerca de tal projeto, Cruz (1955) relata que o Ramal do Pinheiro:

[...] ficou sob responsabilidade do Banco Norte do Brasil. Para a inauguração desse novo melhoramento, já estavam prontas a trafegar duas locomotivas para passageiros, tipo MOGUL<sup>29</sup>, velocidade de 60km. por hora; quatro carros de passageiros de 1<sup>a</sup>. classe; quatro carros de 2<sup>a</sup>. classe e um carro para bagagem. (CRUZ, 1955, p. 91).

Dias aponta que com a instauração da linha férrea possibilitou “uma melhoria no sistema de transporte, principalmente ao interligar a vila à cidade de Belém, possibilitando, assim, maior relação com a cidade e maior fluidez de pessoas e mercadorias entre ambas” (DIAS, 2007, p. 109).

<sup>29</sup> Classificações de locomotivas europeias a vapor.

Figura 3 - Recorte da planta da Estrada de Ferro de Bragança, em destaque o trajeto do Ramal do Pinheiro. 1914



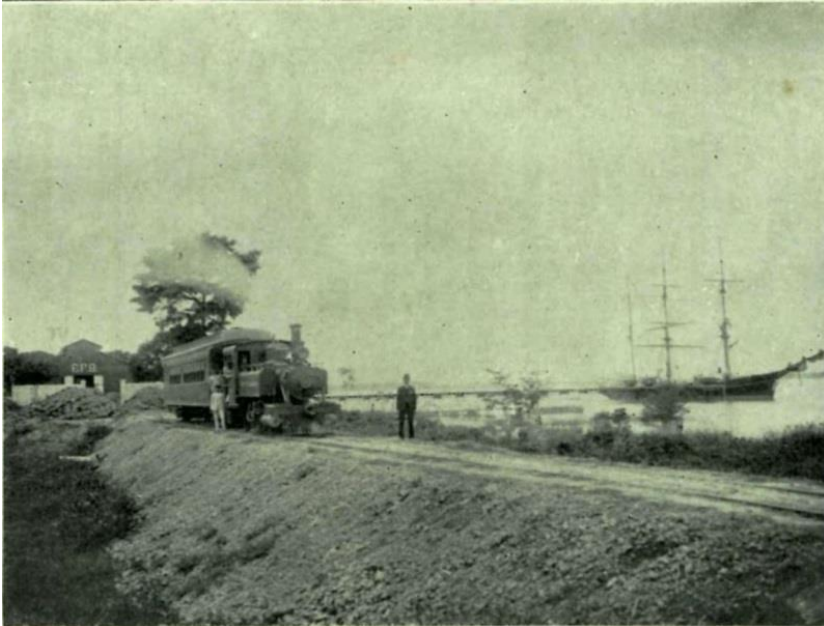
Fonte: Cruz (1955, p.78).

Acerca da importância do Ramal do Pinheiro, Mendes (2015) aponta que:

O Ramal do Pinheiro fixou uma grande importância à formação, ao contato e à circulação do núcleo central de Belém com a Vila e contribuiu para a atual conjuntura e importância de Icoaraci, como Distrito, com o maior contingente populacional, localizado fora da área central de Belém. (MENDES, 2015, p.67).

O autor ressalta que com sua abertura, foi ditada uma nova dinâmica socioespacial na região no âmbito dos fluxos tanto de pessoas quanto de mercadorias, conforme Mendes (2015, p.67): “a abertura da ferrovia se constituiu no ponto de partida ao crescimento e o desenvolvimento do fluxo de capitais, de mercadorias e de pessoas, atribuindo assim uma nova dinâmica no entorno da ferrovia”.

Foto 6 - Icoaraci – Imagem histórica do Ramal do Pinheiro indo até a Baía do Guajará no Porto do Carvão. 1908



Fonte: FAU/UFPA (2018).

Foto 7 - Icoaraci – Imagem histórica da Estação do Ramal do Pinheiro na Travessa Itaboraí em Icoaraci.



Fonte: Adrielson Furtado (2011).

Há de se destacar que embora com a instalação da ferrovia, problemas ainda existiam como relata Dias (2007), acerca do transporte de passageiros e de cargas, já que este primeiro passava longe de algumas comunidades e pelo fato do trem realizar apenas uma viagem de ida e de volta durante o dia. Outro elemento seria as dificuldades de acesso encontradas pelo fato das principais atividades da época

ainda se localizarem próximas dos rios e igarapés e distante da linha férrea, como por exemplo o Matadouro do Maguary, impossibilitando o escoamento da produção de maneira mais efetiva. Ainda acerca ao Matadouro, Figueiredo e Piani (2006) comentam que tal atividade de abastecimento de carne bovina e suína ocupava uma grande parte da mão-de-obra icoaraciense com vínculos empregatícios.

Com o declínio da economia da borracha nas primeiras décadas do século XX, a economia regional passa por ajustes e redefinições. Assim, a atividade extrativa continua, embora sendo explorados outros produtos para a exportação, como a juta, ressalta-se também a agricultura com a pimenta-do-reino, a pecuária extensiva com gado de corte e a pesca artesanal configurando como atividades complementares dentro do contexto que a região estava atravessando. Salienta-se o extrativismo e o beneficiamento da matéria-prima da Castanha como uma estratégia de atenuar a crise regional que passara (COSTA, 2007). Nesse contexto, Icoaraci recebe usinas de beneficiamento, estrategicamente na beira dos rios como forma de aperfeiçoar o recebimento da matéria-prima e de escoamento da produção, de Castanha-do-Pará, no beneficiamento do couro bovino em curtumes, com fábrica de sabão, tecelagem de malva e juta, farelo de sementes regionais, serrarias passando a dinamizar a economia local (DIAS, 2007) embora ainda sendo considerada uma dinâmica econômica de beneficiamento primário, o que agregava baixo valor aos produtos (COSTA, 2007).

Como consequência da instalação de atividades industriais, embora sendo rústicas sem o envolvimento de técnicas arrojadas, Icoaraci recebe a criação de uma subprefeitura e a instituição de alguns aparelhos de serviços, como apresenta Dias (2007, p. 114):

Posto Policial, Posto Fiscal da Fazenda Estadual, Agência de Correios e Telégrafos e uma Estação de Trem, passando a assumir papel de destaque como fornecedora de gêneros alimentícios (peixes, mariscos, produtos da agricultura de subsistência realizada na Ilha de Caratateua, produtos da cultura de fundos de quintal), assim como a instalação do Matadouro<sup>30</sup>, em 1913, que passou a abastecer Belém de carne bovina e suína. Em pouco tempo, proliferaram e prosperaram as olarias (telhas, tijolos, louças de cerâmica), espalhadas pelas várzeas dos rios e igarapés que cortavam e recortavam o núcleo.

---

<sup>30</sup> Conforme Dias: “A instalação do matadouro do Maguari, naquele período, exerceu forte poder de atração populacional no sentido do interior do núcleo, em direção ao atual bairro da Campina de Icoaraci e da Agulha, principalmente por seus trabalhadores, assim como diversas atividades começaram se desenvolver” (DIAS, 2007, p. 114).



Foto 8 - Icoaraci – Imagem histórica da fachada do antigo Matadouro do Maguary. 1935



Fonte: Fragmentos de Belém (2014).

Acerca do desenvolvimento local, embora se constituindo ainda como embrionário, destaca-se nesse contexto o papel elementar da cerâmica na produção do espaço icoaraciense. Figueiredo e Piani (2006, p. 43) relatam que:

A topografia é um fator relevante ao desenvolvimento da atividade artesanal no Bairro do Paracuri em Icoaraci, que é entrecortado pelos igarapés do Uxi, Paracuri e Livramento, sendo os dois últimos ainda a principal fonte de extração de argila. Os aspectos físicos forma de certa forma determinantes à produção de cerâmica em Icoaraci, com sua criação baseada nas fazendas com abundante matéria-prima, favorecendo a instalação de olarias.

Diante do exposto pelos autores acima, recorre-se à Doracy Souza (2010) a fim de nos auxiliar na compressão do artesanato na constituição tanto da economia como da formação social de Icoaraci, assim a autora destaca que:

O trabalho de artesãos ceramistas de Icoaraci é entendido no contexto do trabalho extrativista, uma vez que a matéria-prima para o artesanato é um recurso de origem mineral extraído das margens de rios e igarapés. É importante frisar que os artesãos ceramistas possuem nesta atividade a sua principal fonte de renda e o trabalho efetiva-se em condições determinadas por dimensões históricas, políticas, econômicas e sociais originárias da formação colonial brasileira, expressando particularidades dessa forma de trabalho artesanal em si. (SOUZA, D., 2010, p.19).

Foto 9 - Reportagem acerca de Icoaraci como polo de produção artesanal de cerâmica no Estado

## Produção artesanal é reconhecida pela beleza e pluralidade cultural

Icoaraci é conhecido como um dos principais polos de produção artesanal de cerâmica do Pará. De reconhecimento internacional, o artesanato icoaraciense apresenta em suas peças uma beleza plástica e diversa, fruto da pluralidade cultural manifestada desde os tem-

pos pré-coloniais. São três estilos tradicionais do artesanato local: marajoara, tapajônico e maracá. Concentra-se no bairro do Paracuri o maior número da produção de Icoaraci, mais precisamente na travessa Soledade, onde se localiza a maior quantidade de olarias.

Assim que chega à olaria, a argila passa por um processo de "limpeza" com fios de cobre. Depois, é amassada manualmente até virar a massa de barro, que será transformada nas peças vendidas nas lojinhas. Todo o trabalho é manual, usando um suporte de ma-

deira giratório que fica apoiado em uma mesa. Só depois de um paciente trabalho de preparação é que o artesão põe sua "tá-vola" giratória para funcionar. Este é um dos mais importantes instrumentos do ceramista. É aí que o artesão começa a dar forma às peças.

Fonte: Jornal Diário do Pará, mar. de 2017.

Foto 10 - Icoaraci – Peças em cerâmica expostas em loja de artesanato localizada no bairro do Paracuri. 2019



Fonte: Erick Ramos (2019).

Foto 11 - Icoaraci – Olaria para confecção de peças de cerâmica localizada no bairro do Paracuri. 2019



Fonte: Erick Ramos (2019).

Dessa maneira, os autores fornecem uma maior dimensão para entender a importância do artesanato como elemento definidor do processo de formação social de Icoaraci desde o período colonial até os dias atuais na qual assume um papel importante no âmbito da reprodução do trabalho. Outro elemento a se destacar com o desenvolvimento da produção de cerâmica em Icoaraci é a centralidade regional que ela desenvolveu no âmbito econômico e cultural, por se tratar de um polo artesanal que fornece louças e peças de cerâmica para diversos lugares do Brasil e do mundo.

Apreende-se diante do que já fora exposto que as relações socioeconômicas e históricas de Icoaraci estavam relacionadas com o rio, ou seja, a reprodução da vida era circunscrita pelo fator fluvial através da política, do comércio, da indústria, da sociedade e da cultura.

Considera-se pelas fases destacadas anteriormente que o processo de formação da centralidade histórica de Icoaraci foi forjado em tempos remotos, por haver elementos propícios para o seu desenvolvimento, ressaltando o fator dos rios, como meio de articulação, produção, distribuição e comercial e como vetor dos fluxos com outras localidades em função de sua localização e distância em relação ao núcleo tradicional de Belém.

### **3.2 Dinâmica metropolitana e transformações socioespaciais no distrito de Icoaraci**

Considera-se que devido à intensificação da integração com a metrópole belenense, passa a ocorrer uma reconfiguração da importância histórica de Icoaraci, já que as dinâmicas metropolitanas se sobrepunham às estruturas e processos até então desenvolvidos no distrito, efetivando-se novas lógicas na hierarquia dos lugares, agora cada vez mais integrados à dinâmica urbano-metropolitana. As modificações impostas por tal dinâmica se colocam como necessárias a serem observadas e discutidas, já que envolvem agentes internos e externos, que remodelamos usos e apropriações do espaço urbano e, sobretudo, suas representações sociais, propiciando condições para se compreender melhor as redefinições da subcentralidade de Icoaraci.

Dias (2007) relaciona a terceira fase de estruturação urbana a o período de 1950 até a década de 1970, fase esta marcada pelo processo de integração com a metrópole belenense no qual se apresenta a predominância da atividade industrial de base tradicional, voltada para o beneficiamento da matéria-prima regional com capital de base regional e local. Ademais, destaca-se a expansão do núcleo urbano do distrito e a inserção de áreas com características rurais culminando no surgimento de novos bairros devido à intensificação da migração nesse período.

Diante dessa já anunciada integração com a metrópole a partir de 1950 como destaca Dias (2007), tem-se num primeiro momento, em 1940, a abertura da Rodovia Arthur Bernardes, na qual segue seu traçado margeando a Baía do Guajará. Como apresenta Costa (2007, p. 67):

Na década de 1940, houve um incremento da rede de circulação que interligava Icoaraci e Belém, sendo esta marcada pela abertura da Rodovia SNAPP – atual Arthur Bernardes. Esta Rodovia e o ramal ferroviário do Pinheiro passaram a se constituir nos dois vetores de integração entre esses espaços. Desta forma, em meados do século XX Icoaraci passou a apresentar novas características de organização e estruturação de seu espaço geográfico, estando cada vez mais integrado à dinâmica urbana de Belém.

Posteriormente, um novo eixo de integração metropolitana emerge diante do contexto de decadência das ferrovias no Brasil, não sendo diferente no contexto do espaço regional amazônico. Como esclarece Mendes (2015, p. 70):

Após o período de decadência e estagnação econômica, pelo qual passa a Amazônia e Belém, como Cidade primaz, de 1912 até por volta da década de 1950, temos a implantação de uma “política rodoviarista” realizada pelo Governo Federal, na administração de Juscelino Kubistchek. Essa política de construção de rodovias primou pela abertura de estradas com o fechamento de ferrovias, como é o caso da Estrada de Ferro Belém-Bragança, sendo desativada para a construção da atual rodovia federal BR 010 (Belém-Brasília), no período de 1958 a 1960.

Diante de tal situação política na qual envolve diretamente os rumos que a mobilidade da sociedade desenvolveria, o autor compartilha a situação do Ramal do Pinheiro à época e suas transformações posteriores ao seu declínio cedendo lugar ao modal rodoviário.

Nessas circunstâncias, em 1965, abandonado, sem manutenção e em péssimas condições de operação, o ramal do Pinheiro parou de ser trafegado, sendo conseqüentemente desativado e esquecido até 1975, quando foi transformado em Avenida Augusto Montenegro (MENDES, 2015, p. 70).

A quarta fase é caracterizada pela década de 1970 até os dias atuais. Destaca-se nesse período a presença do Estado e de suas intervenções no quadro estruturante do distrito de Icoaraci, diante de políticas, projetos e programas cujo intuito se dá na necessidade de desenvolvimento, que apresentaram conseqüências, sobretudo, ambientais no espaço urbano icoaraciense (DIAS, 2007). Avalia-se que para além das intervenções promovidas pelo Estado, sobretudo, nos anos de 1980 e 1990 com o setor industrial, têm-se uma reconfiguração da subcentralidade do distrito, já no presente século desde o início da década de 2010, ocasionada pela metropolização crescente através da financeirização do capital no âmbito do consumo com o *shopping centers* e da moradia com os condomínios fechados.

Com a efervescência de corredores rodoviários interligando Icoaraci com a cidade de Belém e dos municípios vizinhos que compunham a região metropolitana, o distrito se inseriu cada vez mais nessa dinâmica tendo um papel significativo à nível regional, influenciando diretamente na consolidação da formação social da famosa *Vila Sorriso* na qual recebe a migração de populações estrangeiras que tem como potencialidade sua função comercial. Dias (2007) ratifica tal acontecimento quando relata que:

Com o crescimento, o distrito passou a exercer a função de “pólo” comercial, articulador e distribuidor de gêneros alimentícios e de produtos

não duráveis, assim como de receptor da produção extrativa, pesca artesanal e industrial; vegetal (sementes oleaginosas, fibras, e madeiras); sendo as responsáveis pelo processo de produção e de reprodução do espaço urbano local, que pode ser traduzido pelo fortalecimento de uma elite local, assim como a forte presença de migrantes sírios, libaneses, portugueses, que investiram na atividade comercial no local, presente até os dias atuais, principalmente a partir da década de setenta, quando se tornou um lócus privilegiado das atividades industriais no contexto belenense com investimentos de capital extra regional. (DIAS, 2007, p. 127).

É importante salientar o contexto de investimento de capitais externos, desde a década de 1970, à região que se apresenta intrinsecamente relacionada à criação já na década de 1980 do Distrito Industrial em Icoaraci. Diante disso, Dias (2007) explana que:

O distrito de Icoaraci vivenciou, após a década 1970, um amplo processo de instalação de indústrias ao longo da Rodovia Arthur Bernardes e no interior do núcleo, à margem esquerda do furo do Maguari, expandindo-se pela Rodovia Augusto Montenegro. Na década de 1980, ocorreu oficialmente a instalação do Distrito Industrial de Icoaraci (D.I.I.)<sup>31</sup>. Esses fatos não ocorreram de forma isolada, mas inseridos num processo mais amplo que é o da Região Amazônica, quando os governos pós 64, assumiram o poder. Tais medidas proporcionaram a instalação de grupos nacionais e internacionais na região. Destes, alguns se localizaram em Icoaraci, fundamentalmente nos setores voltados às atividades industriais e ao beneficiamento de matérias-primas regionais em função da sua localização ser privilegiada às margens da baía de Guajará e furo do Maguari, o que possibilitou um maior intercâmbio na circulação de mercadorias, pessoas e de capital, com a população da Ilha de Marajó, Nordeste paraense, baixo Tocantins, ribeirinhos e/ou ilhéus que vivem nas ilhas da RMB, bem como infra-estrutura (porto, aeroporto, bancos, escritórios, entre outros), além da concentração de mão-de-obra disponível a serem inseridas no mercado de trabalho (DIAS, 2007, p. 133).

---

<sup>31</sup> Conforme o autor: “A instalação de indústrias no distrito de Icoaraci está relacionada às políticas implementadas a partir dos Planos de Desenvolvimentos criados para a Amazônia (PDAs), quando políticas de incentivos e isenções fiscais começam a promover a instalação das mesmas na extração e no beneficiamento dos recursos naturais no espaço urbano metropolitano paraense” (*Ibidem*). Os PDA's seriam uma maneira de gerenciar o desenvolvimento regional capitaneado pelo Estado planejador sob o modelo de diretrizes externas que refletiam a situação econômica mundial com as intensas crises que no período de 1970 a 80 ocorriam (DIAS, 2007; CASTRO, 2008).

Foto 12 - Icoaraci – Distrito Industrial de Icoaraci, ao fundo fachada da empresa Tramontina. 2019



Fonte: Erick Ramos (2019).

Acerca do Distrito Industrial de Icoaraci, Guimarães (1996) nos fornece alguns dados relevantes para entender a dimensão do parque industrial instalado. Conforme o autor o parque:

[...] é administrado pela Companhia de Distritos Industriais do Estado do Pará – CDI (administra ainda os D.I. de Ananindeua e Marabá, possuindo ainda três projetos). Foi criado em 1980 e possui uma área de 244ha, sendo que possui ocupado apenas 170ha, aproximadamente 80% do total. Cada empresa está instalada em média em 4 lotes que perfaz uma área aproximada de 4 a 6ha. Sua divisão é organizada em setores que contém quadras e estas os lotes industriais. (GUIMARÃES, 1996, p. 116).

Ainda segundo o autor, em 1996 o D.I.I. estava organizado, segundo os contribuintes ativos de ICMS, em setores conforme o quadro abaixo.

Quadro 02 - Icoaraci – Disposição de setores no Distrito Industrial de Icoaraci. 1996

SETORES INDUSTRIAIS	QUANTIDADE
INDÚSTRIAS DE TRANSFORMAÇÃO	244
INDÚSTRIAS DE BENEFICIAMENTO	57
INDÚSTRIAS DE MONTAGEM	04
INDÚSTRIAS DE ACONDICIONAMENTO E RECONDICIONAMENTO	02

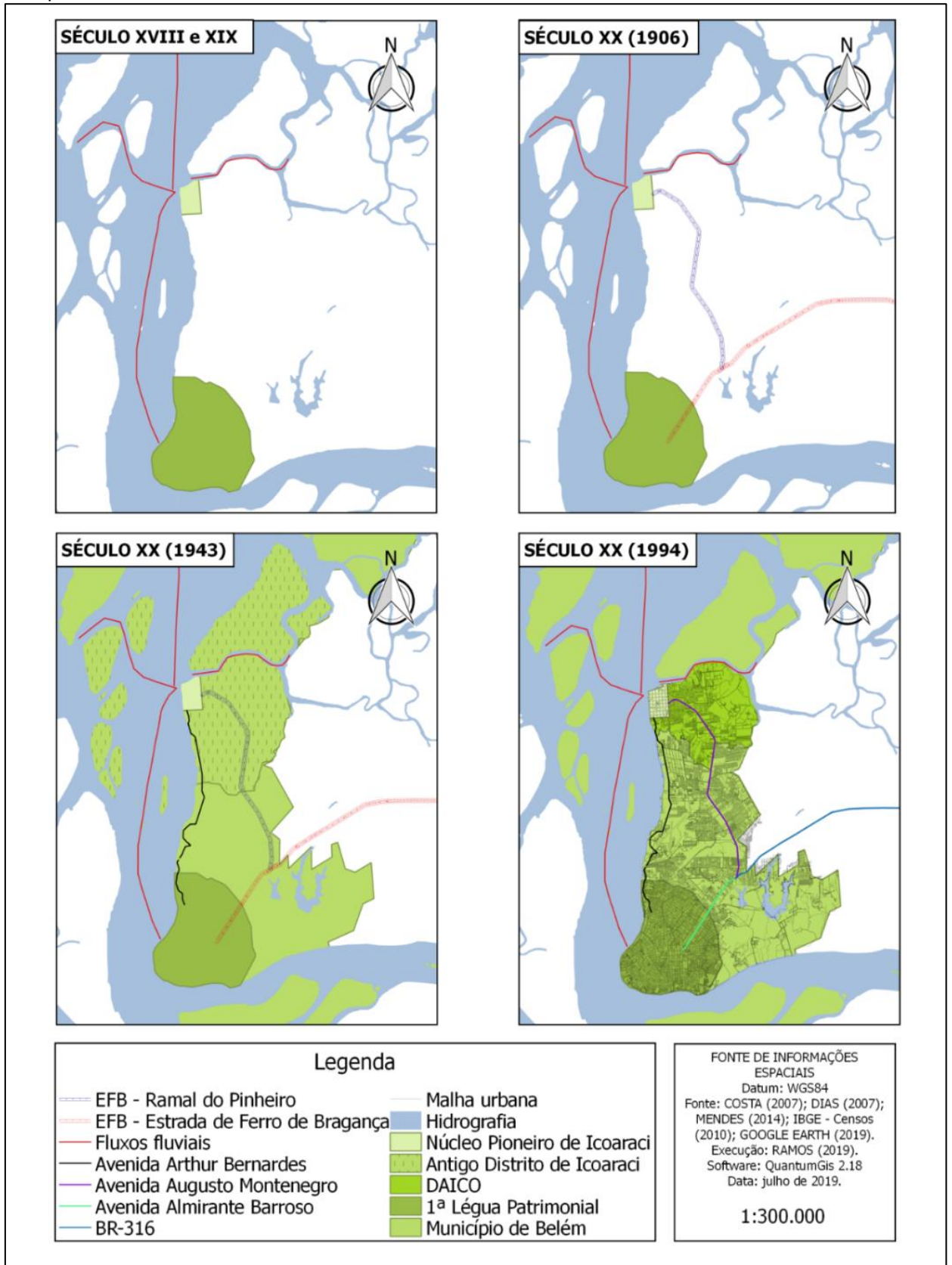
Fonte: Guimarães (1996, p. 116).

É necessário pontuar que, embora os incentivos governamentais para a Amazônia para a implantação do distrito industrial ao qual estimulou o processo de dispersão da produção industrial, não pode-se considerar que tal movimento proporcionou uma elevação da vida econômica suburbana icoaraciense (TRINDADE JR., 1998).

Como exposto, as mudanças ocorridas a partir da segunda metade do século passado refletiu na subcentralidade de Icoaraci, ocasionando uma potencialização de suas atividades devido ao contexto de integração urbano-metropolitana, no qual se destaca a dinâmica de fluxos, propiciada pelo avanço do sistema técnico de transporte regional, conforme representação do Mapa 2



Mapa 2 - Icoaraci – As diversas temporalidades da integração urbana considerando os modais de transporte



Fonte: Elaboração própria. Adaptado de Costa (2007); Dias (2007); Mendes (2015); IBGE – Censos (2010); Google Earth (2019).

É importante destacar que nesse contexto de maior integração, a atração de pessoas ao subcentro icoaraciense se elevou já que a facilidade no acesso, com a ampliação da interligação viária, proporcionou o aumento dos fluxos. Diante disso, Dias (2007, p. 129) revela que Icoaraci:

[...] sempre serviu de ponto de concentração de pessoas das regiões das ilhas e de ribeirinhos que para ali se deslocam com o objetivo de comercializarem sua produção e para terem acesso a serviços e equipamentos urbanos capazes de atender essa população carente de toda sorte de serviços, que procuram no distrito satisfazer as necessidades básicas.

Foto 13 - Icoaraci – Fluxo de pessoas no trapiche de Icoaraci utilizando os barcos como meio de transporte. 2019



Fonte: Erick Ramos (2019).

Nesse contexto, o fator industrial também ocasionou um aumento da migração de uma mão-de-obra para atuação no setor fabril local, culminando numa crescente demanda na oferta de bens e serviços para a população residente. Com a crescente dinâmica urbana, acentua-se na mesma proporção o número de domicílios em Icoaraci nas últimas décadas. Dentro desse contexto, destacam-se as estratégias do setor imobiliário na incorporação espaços até antes não inseridos no processo de valoração do solo urbano. De modo a evidenciar tal situação, Dias (2007) nos auxilia com seu estudo, segundo ele:

O crescimento urbano se dá no sentido da periferia através, principalmente, da ação dos agentes imobiliários, em especial, nas áreas que apresentam aspectos de beleza natural, de fácil ocupação e acessibilidade, e que esteja

próximo do centro comercial, para um segmento de maior poder aquisitivo, assim como as áreas que apresentam carências de infra-estrutura e equipamentos de consumo coletivo e adversidades naturais, para os segmentos de menor poder aquisitivo, cada vez mais longe do centro de atividades da periferia de Icoaraci (DIAS, 2007, p. 134).

Foto 14 - Icoaraci – Fachada de um condomínio fechado localizado no bairro do Cruzeiro. 2019.



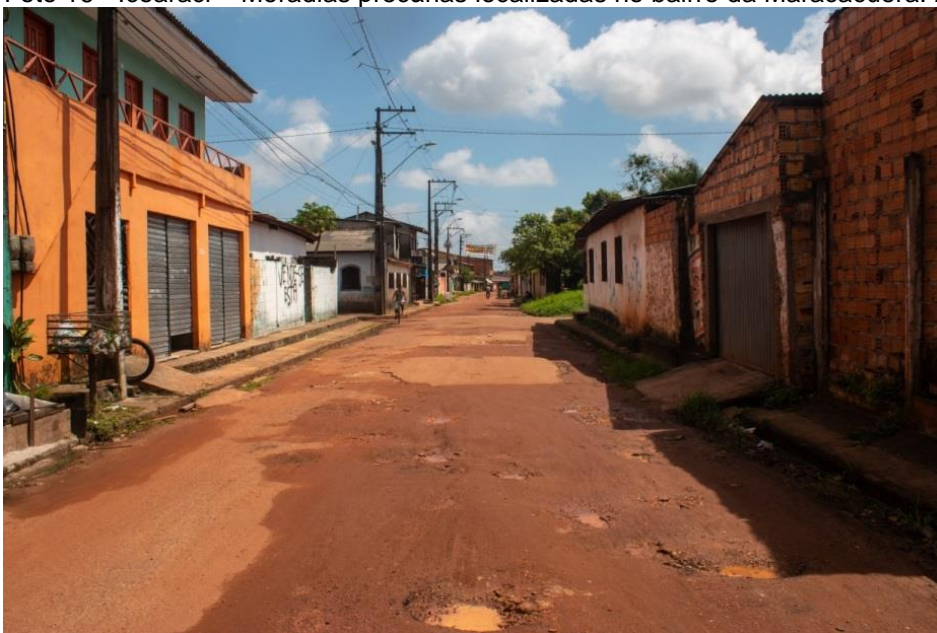
Fonte: Erick Ramos (2019).

Foto 15 - Icoaraci – Venda de lotes de um condomínio fechado localizado no bairro das Águas Negras. 2019



Fonte: Erick Ramos (2019).

Foto 16 - Icoaraci – Moradias precárias localizadas no bairro da Maracacuera. 2019



Fonte: Erick Ramos (2019).

Foto 17 - Icoaraci – Moradias precárias localizadas no bairro do Paracuri. 2019



Fonte: Erick Ramos (2019).

Conforme a assertiva acima se entende que há um processo de desigualdade socioespacial desenvolvida por tais agentes do capital que procuram terrenos mais bem localizados e de fácil acesso para realizar seus investimentos, remanejando assim as camadas de menor poder aquisitivo para áreas periféricas do distrito na qual possuem terrenos em situações mais precárias para o estabelecimento da

moradia, pelo fato de possuírem condições físicas inadequadas para construção de casas e palafitas.

Nos capítulos posteriores dar-se-á enfoque à análise da dinâmica de redefinição da subcentralidade icoaraciense, tendo como abordagem principal a narrativa das práticas e representações sociais dos agentes que em seu cotidiano vivenciam e contribuem na potencialização de tal dinâmica.

### **CAPÍTULO 3: OS AGENTES PRODUTORES DO ESPAÇO URBANO: PRÁTICAS COTIDIANAS E A SUBCENTRALIDADE DE ICOARACI**

Como já visto o processo de metropolização de Belém denota mudanças na subcentralidade do distrito de Icoaraci, cuja análise, para além das potencialidades e/ou limitações econômicas que a mesma apresenta, pode ser desenvolvida na perspectiva dos agentes sociais, pois como sintetizado por Sposito (2005) a centralidade apresenta determinantes objetivas e subjetivas, uma vez que as estruturas aos quais os centros e subcentros são configurados envolvem aspectos de mercado, acessibilidade e localização, assim como possuem um simbolismo produzido historicamente em virtude das vivências e experiências dos agentes produtores do espaço (SPOSITO, 2005).

Tal postura analítica pauta-se também na concepção de espaço relativo e relacional (HARVEY, 1980), pois as inter-relações espaciais se evidenciam a partir da presença dos espaços destinados ao consumo, na multiplicidade e diversidade de fluxos estabelecidos a partir das atividades comerciais entre os subcentros do distrito e áreas do seu entorno, centro de Belém, Região das Ilhas, arquipélago do Marajó, entre outras. Já o espaço relacional, caracterizado pela manifestação e atuação da sociedade através das relações dispostas sob um processo histórico-social, se evidencia na ação dos agentes sociais e nas relações expressas em suas representações diante do contexto socioespacial em que estão envolvidos.

Considerando tal perspectiva teórico-metodológica o presente capítulo tem por objetivo caracterizar os agentes que participaram da pesquisa e interpretar como suas práticas cotidianas expressam o fortalecimento e/ou enfraquecimento da subcentralidade do distrito.

Nos encontros com os comerciantes formais e informais, com os artesãos e moradores procurou-se compreender as práticas cotidianas de cada agente para análise das dinâmicas e inter-relações por eles desenvolvidas, sobretudo, onde elas pudessem apresentar convergências e, também, divergências dadas suas especificidades. Desse modo, visando alcançar a área de influência dos subcentros foram definidos três setores para a realização de entrevistas: i) os bairros sob influência do subcentro tradicional<sup>32</sup> - Cruzeiro, Ponta Grossa e Paracuri; ii) os

---

<sup>32</sup> Embora se reconheça que o bairro do Paracuri não seja considerado pelos entrevistados como central classificou tal espaço diante da sua localização em relação aos outros bairros e distritos em

bairros sob influência do subcentro recente – Campina de Icoaraci, Agulha, Maracacuera, Águas Negras, Tenoné e Parque Guajará; e iii) o entorno composto pelos bairros do Tapanã e Pratinha e pelo distrito de Outeiro.

A abrangência da área de estudo foi definida, sobretudo, em virtude da diversidade de locais de moradia dos consumidores que frequentam os dois subcentros do Distrito. Assim foi possível obter narrativas de agentes em locais diversos, a exemplo do ambiente de trabalho dos comerciantes formais e informais e parte dos artesãos; residências dos consumidores-moradores e ambientes que integram as funções de moradia e trabalho, como foi o caso da maioria dos artesãos do Paracuri.

Mapa 3 - Icoaraci – Localização dos subcentros e delimitação da área de pesquisa. 2020



Fonte: Elaboração própria.

FONTE DE INFORMAÇÕES ESPACIAIS  
 Datum: WGS84  
 Fonte: IBGE, 2010; Google Earth, 2020; Codem, 2010; Trabalho de Campo, 2020.  
 Elaboração: RAMOS, E. A. S., 2020.  
 Software: QuantumGis 2.18 em junho de 2020.



Destaca-se que desde a formação de Icoaraci, o núcleo sempre estabeleceu relação socioeconômica com a cidade de Belém e outras localidades (FIGUEIREDO; PIANI, 2006), sobretudo, com a região das ilhas na parte setentrional do estuário guajarino. Essa relação se deu, principalmente, pela migração regional ocasionada e com o perfil exercido de entreposto comercial na distribuição e recebimento de produtos para comercialização, seja num primeiro momento articulado apenas através da baía (CASTRO, 2019), posteriormente pela ferrovia e nos dias atuais pelo modal rodoviário que marca a sua integração com a metrópole (DIAS, 2007).

Guimarães (1996) apresenta em dados obtidos na 16ª Região Fiscal (SEFA), a potencialidade que Icoaraci já apresentava no âmbito do comércio e serviço no ano de 1996. A tabela abaixo demonstra a dimensão que ainda no fim do século passado o distrito já possuía.

Tabela 2 - Icoaraci – Disposição dos setores de comércio e serviço. 1996

<b>SETORES</b>	<b>QUANTIDADE</b>
VAREJISTAS	909
ATACADISTAS	193
SERVIÇOS	371

Fonte: Guimarães (1996, p. 122).

Ademais, Dias (2007) assinala a existência de dois subcentros, um tradicional/pioneiro por existir desde a gênese do núcleo próximo ao rio, atualmente localizado no bairro do Cruzeiro, tendo sua origem a partir de um entreposto comercial.

Foto 18 - Icoaraci – Comércio no subcentro tradicional, localizado no bairro do Cruzeiro.2019-2020



Fonte: Erick Ramos (2019, 2020).

Acerca do subcentro tradicional/pioneiro, Dias (2007, p. 145) o caracteriza como:

[...] a área mais antiga e que oferece maior e mais diversificado número de atividades e funções, conseqüentemente, onde circula um grande número de pessoas. Desse modo, o vetor da travessa Cristóvão Colombo, o mais importante corredor comercial e de serviços. No núcleo pioneiro, destaca-se comercialmente um quadrilátero formado pelas seguintes ruas: Travessa do Cruzeiro, 15 de Agosto, São Roque, Siqueira Mendes, tendo ao centro a travessa Cristóvão Colombo, onde estão localizadas as mais importantes atividades comerciais e serviços.

Com a dimensão de sua abrangência sendo descrita da seguinte maneira:

A localização de atividades comerciais tem se intensificado nesta área da cidade em função do papel que Icoaraci exerce na área de influência; é um importante entreposto de verduras, frutas, produção pesqueira industrial e artesanal que vêm das ilhas, do nordeste paraense, ilha de Marajó, Baixo Tocantins. É também o local onde se localizam os comércios que fornecem gêneros de primeiras necessidades às populações ribeirinhas que vivem nas ilhas ao longo da baía do Guajará e do furo do Maguari. Da mesma forma que é o local que oferece os mínimos serviços como assistência médica pública e privada, ambulatorial, bancária, religiosos, educacional, comercial etc. É intensa a vida na orla fluvial, o movimento de embarcações no porto local que se deslocam com destino a vários municípios, como nas demais cidades ribeirinhas da Amazônia, em que a população que mora ao longo dos rios procuram nas cidades mais desenvolvidas satisfazer as necessidades, em outras palavras, é um lugar de grande importância no contexto da microrregião onde se encontra, sendo um importante pólo articulador com a região do entorno. (DIAS, 2007, p. 148).

Como já assinalado, surge em Icoaraci, além do já consolidado subcentro pioneiro, um subcentro localizado entre os bairros da Campina de Icoaraci e da Agulha com o intuito de disponibilizar para as camadas mais populares do distrito bens de consumo, já que estes são estimulados pela metrópole para a realização de seus consumos em centros de menor porte, periféricos (BERRY, 1970). Nesse contexto, até então a população ainda havia que se deslocar para o subcentro tradicional para a possibilidade de obtenção de produtos. Como demonstra a chamada de uma notícia do jornal O Estado de outubro de 1999 quando aponta uma das importantes ruas comerciais do subcentro destacado:

Foto 19 - Chamada de notícia de jornal acerca do desenvolvimento do comércio no subcentro recente entre o bairro da Campina de Icoaraci e da Agulha. 1999



Fonte: Jornal O Estado, out. de 1999.

O subcentro foi produzido devido o crescimento para o interior do distrito, onde incorpora em sua dinâmica a Feira da Campina se estendendo até a Feira da Oito de Maio, estando localizado na Avenida Augusto Montenegro no limite entre os bairros da Campina de Icoaraci com a Agulha.

Foto 20 - Icoaraci – Comércio no subcentro recente, localizado no bairro da Campina de Icoaraci.2019-2020



Fonte: Erick Ramos (2019, 2020).

Tais formas possuem funcionalidades importantes de serem analisadas, com o comércio e serviços sendo disponibilizados tanto para grupos mais favorecidos quanto para a camada mais popular residente do distrito.

Optou-se, na intenção de alcançar uma organização metodológica, a exposição das narrativas de modo individualizado, reunindo apenas os agentes pertencentes a determinado grupo social, com o objetivo de que as práticas cotidianas particulares obtivessem destaque. Posteriormente, no capítulo 4, essas práticas foram reunidas, a fim de analisar as mudanças temporais da subcentralidade e, sobretudo, as relações construídas pelos sujeitos, independentemente do grupo social pertencente, onde através da articulação das principais narrativas escutadas em campo com alguns dos elementos que norteiam a representação social possibilitasse compreender o todo, isto é, a redefinição da subcentralidade icoaraciense.

#### 4.1 Os comerciantes

Diante dos circuitos da economia urbana existente a partir daquilo que Milton Santos denomina de superior e inferior, organizou-se a narrativa dos agentes do

comércio na condição de formal e informal, cujas práticas foram consideradas tanto pelas observações e conversas informais realizadas nas visitas a campo, quanto pelos relatos concedidos nas entrevistas. Há de se ressaltar que se deu a distinção apenas para a organização da escrita, entendendo que os circuitos não se apresentam como dualidades excludentes e que se torna imprescindível para a análise o todo, evitando interpretações distorcidas e fragmentadas.

#### 4.1.1 Os formais

Com o intuito de aprofundar a compreensão da dinâmica comercial dos estabelecimentos formais que são encontrados em Icoaraci, procurou-se também entender a gênese das lojas, as relações inter-comerciais e com o poder público e as suas atividades relacionadas à venda tendo como papel fundamental o perfil do consumidor e a abrangência de suas atividades, para que se obtivesse uma análise profunda da subcentralidade na qual pudesse acompanhar as mudanças em que o setor comercial formal vivencia.

Diante das idas em campo e com as diversas tentativas de aproximação com os empresários do setor, a análise se caracterizou em lojistas que são naturais de Icoaraci e que possuem em média 37 anos de mercado no distrito, sendo que uma das empresas entrevistadas possui 60 anos de existência.

Dentre o leque de produtos a serem ofertados pelos entrevistados, caracterizou-se em três segmentos distintos, embora muitas vezes apresentem semelhanças em seu pensamento acerca do mercado e de suas estratégias de venda. Diante disso, os segmentos foram classificados em: produtos voltados ao trabalho e variedades, produtos de vestuário e produtos para a construção civil. Essas variáveis foram selecionadas com o interesse de entender se os posicionamentos estariam conjecturados a partir do segmento comercial de atuação e das possíveis concorrências recentes que poderiam ter surgido na última década.

Outras características existentes no conjunto de empreendimentos verificados se apresentam acerca das condições de trabalho dos sujeitos que cotidianamente atuam nesses espaços urbanos comerciais. Nesse sentido, foi constatado que os estabelecimentos possuem média de 2 a 12 colaboradores, embora tenha sido registrado em uma empresa o número de 44 funcionários. Destes, em sua maioria atuando sob regime formal de trabalho e com um quadro de colaboradores

aprendizes. Ademais, segundo análise geral a maioria dos sujeitos, cerca de 95%, residem em Icoaraci, sendo o restante residente da ilha de Caratateua, Outeiro.

Quando perguntados acerca da formação da loja, uma das respostas forneceu a dimensão do que eram as necessidades da população icoaraciense há 50 anos, ainda incipiente em comparação ao que se tornou em números hoje, evidenciando também os tipos de produtos comercializados na época caracterizados como bens de consumo não duráveis.

[...] surgiu como um comércio que antigamente tinha um pouco de tudo e na gestão do meu pai segmentou como material de construção, entendeu? No período do meu avô era um comércio que vendia tudo, desde farinha, charque, material de pesca, era aquele armazém que tinha de tudo. Nossa primeira loja era ali perto da cigana [local conhecido popularmente em Icoaraci em que faz parte da área comercial tradicional do distrito], depois passou pro lado e depois a matriz foi pro outro lado, então começou no geral e depois de 20 anos segmentou (Informação verbal<sup>33</sup>).

Na narrativa acima se entende a mudança do perfil de vendas que vem modificando a fim de atender a reprodução da vida através do trabalho humano aplicado no espaço (SOJA, 1993). Nesse sentido, as ofertas do estabelecimento foram transformadas a partir dos anseios dos consumidores daquele momento. A segmentação em um tipo de produto, comentada pelo empresário, foi uma opção escolhida a partir da demanda que começara a ser gerada para a construção de residências já que no período apontado na entrevista não somente Icoaraci, mas como toda a cidade de Belém o índice de crescimento populacional apresentava-se elevado.

No decorrer das entrevistas, encontraram-se divergências de respostas quando perguntados acerca da existência de uma rede associativista dos lojistas em Icoaraci. Alguns dos entrevistados relataram a inexistência de associação voltada para o comércio, enquanto outros apontaram a existência da ACII (Associação Comercial e Industrial de Icoaraci), no entanto comentaram que atualmente ela encontra-se ausente de suas atividades devido problemas internos de cunho eleitoral, como pode ser evidenciado nos relatos abaixo:

[...] a associação comercial está parada hoje em dia, ela já foi no passado muito mais atuante em Icoaraci, a ACII (Associação Comercial e Industrial

---

<sup>33</sup> Entrevista concedida pelo comerciante do ramo de construção civil, Wagner Pena, em 14 de fevereiro de 2020.

de Icoaraci). Tá parada porque o presidente que era da época é do sabão Santa Maria [indústria], e aí ele já exerceu o cargo durante dois mandatos e ele não pode continuar e outra é que não tem quem queira assumir. (Informação verbal<sup>34</sup>).

Aqui em Icoaraci tem associação, meu pai até chegou a ser presidente da Associação Comercial Industrial de Icoaraci, ainda existe, mas hoje em dia não tá forte, antes era bem legal, movimentava o comércio de Icoaraci. (Informação verbal<sup>35</sup>).

Como apontado acima, mesmo com a existência de uma rede associativista no distrito, atualmente a ACII não favorece as atividades industriais e, especialmente, comerciais devido à suspensão de sua atuação por questões eletivas. Com isso, os entrevistados acreditam que o setor comercial poderia estar em situação diferente na qual se encontra hoje.

Os empresários alegam que no período em que a ACII estava engajada com os lojistas, campanhas eram realizadas com o intuito de incentivar os fluxos de pessoas na área comercial, aquecendo as vendas em todo o distrito, segundo eles:

Na época que a associação tava ativa mesmo, nós fazíamos o Natal Legal. Segundo semestre a gente premiava com algumas coisas através de uma raspadinha, comprava alguma coisa nas lojas parceiras e ganhava uma raspadinha, se não ganhasse nada, preenchia seus dados que no final do ano concorria a um carro, isso movimentava o comércio. Só que aí não tinha incentivo de nada, aí teve um ano que nós íamos fazer aí começaram a encher o saco, queriam que a gente pagasse uma taxa para a Caixa Econômica para poder liberar. Então não te ajudam em nada e atrapalham quando tu tá fazendo, aí resolveram não fazer mais. Se a associação voltasse melhoraria mais o comércio, uma coisa puxa a outra né? A união dos comerciantes seria melhor para todos. Até porque isso tinha relação com a indústria também, para a indústria não alterava muita coisa, só que a informação do Natal Legal dentro da indústria com os cartazes lá falando sobre o evento, o funcionário da indústria vinha comprar no comércio de Icoaraci. (Informação verbal<sup>36</sup>).

Eu acho que hoje o comércio de Icoaraci não tá unido como antigamente, não sei se é por questão econômica, questão política enfim, mas no comércio Icoaraci já foi mais unido, a gente fazia uma ação, Natal Legal, era no final do ano, a associação já chegou a premiar um carro só com as lojas participantes de Icoaraci, hoje em dia a gente não vê mais nenhuma associação ou até um grupo de empresários unidos para fazer alguma ação de marketing então em relação à isso acho que ainda tá faltando a gente se unir, a gente abraçar alguma causa, entendeu? Até porque pra gente fazer uma associação demanda tempo, e hoje em dia como é corrido, ninguém tá

---

<sup>34</sup> Entrevista concedida pelo comerciante do ramo de vestuário, Rafael Abraão, em 14 de fevereiro de 2020.

<sup>35</sup> Entrevista concedida pelo comerciante do ramo da construção civil, Wagner Pena, em 14 de fevereiro de 2020.

<sup>36</sup> Entrevista concedida pelo comerciante do ramo de vestuário, Rafael Abraão, em 14 de fevereiro de 2020.

disposto à tirar um pouco do seu tempo pra fazer isso. (Informação verbal<sup>37</sup>).

Diante dessa situação que envolve a possibilidade do fortalecimento dos empresários e da potencialização das vendas no comércio, surge questões que envolvem os bastidores da associação e das atividades desenvolvidas pelos seus membros.

Não é nada contra, mas como o antigo presidente é da indústria, é diferente do comércio, então até as ações de marketing é totalmente diferente entendeu? Tu falar com o comerciante do que tu falar com alguém da indústria, a gente tem contato direto com o consumidor final e ele não tem. (Informação verbal<sup>38</sup>).

O trecho acima relatado pelo empresário reflete sua concepção na perspectiva tanto da reprodução das relações de produção quanto de mercado. A primeira se apresenta naquilo que o entrevistado acredita que seria a insuficiência de retorno da associação para com o comércio local já que os sujeitos que representam a entidade seriam do setor industrial, que dentro da cadeia do consumo se dá ao nível da produção, ao invés daqueles sujeitos engajados na venda das mercadorias para a população. Com isso, infere-se que as lógicas de atuação da associação sejam distintas por estarem na gestão de agentes do ramo industrial, influenciando diretamente no alcance do mercado já que as vivências profissionais se apresentam de modo diferenciado.

Diante das dificuldades elencadas pelos comerciantes, em especial àqueles de menor porte, algumas possibilidades de minimizar os problemas com proposições para potencializar o comércio local foram relatadas pelos entrevistados, haja vista que nenhum deles possui a robustez econômica dos grandes mercados já existentes tanto na Avenida Augusto Montenegro quanto até mesmos daqueles já instalados em Icoaraci.

O poder público poderia ter um diálogo com a gente, pra gente ter um suporte, principalmente a gente pequenos lojistas, para a gente poder ter uma condição melhor, para poder oferecer aos clientes. Poderia ter mais divulgação do lugar, mais organização, para chamar mais clientela. Segurança e limpeza pública aqui tá horrível também, tudo isso nos prejudica. (Informação verbal<sup>39</sup>).

---

<sup>37</sup> Entrevista concedida pelo comerciante do ramo da construção civil, Wagner Pena, em 14 de fevereiro de 2020.

<sup>38</sup> *Ibidem*.

<sup>39</sup> Entrevista concedida pelo comerciante de produtos voltados ao trabalho e variedades, Jean dos Santos, em 13 de dezembro de 2019.



O poder público podia ajudar em incentivo, tem muito comerciante aqui que passa certo tipo de necessidade, devido o movimento, devido à chuva, por falta de poder aquisitivo para poder investir mais no comércio dele, abrindo uma linha de crédito pro pequeno, porque hoje em dia só tem pro grande. (Informação verbal<sup>40</sup>).

Nas falas retratadas acima, entende-se que há certo abandono por parte do poder público que reflete nos espaços públicos do subcentro tradicional que envolve desde a segurança e limpeza pública, incidindo diretamente na presença tanto de transeuntes quanto de consumidores nesses espaços.

A falta de amparo no âmbito creditício também foi levantado por parte dos comerciantes que possuem menores condições de estruturar melhor suas lojas para atender, sobretudo, as populações das ilhas onde suas estruturas, ofertas e estoque de produtos se dão de modo mais precário em relação aos empresários de outros espaços comerciais de Icoaraci que se alocam no entorno da Avenida Augusto Montenegro.

Com esse cenário de degradação dos espaços de comércio próximo ao rio e da falta de oportunidade para conseguir financiamentos para aperfeiçoar o mercado local, outros comerciantes revelam mais inquietações acerca das dificuldades existentes.

Acho que depende mais da classe empresarial para melhorar o comércio daqui de Icoaraci do que o poder público, se unindo, tem que ver que não são concorrentes, mas são parceiros, um ajudando o outro, voltar a fazer ações coletivas, porque é diferente eu pegar e botar pra fazer uma ação de final de ano e botar só a minha loja, do que eu juntar mais 5 pra se unir para fazer, porque tu diminui o valor investindo, hoje para tu fazer uma propaganda bacana, não sai menos do que 10 mil reais, aí tu divide para 10, sai mil para cada e todo mundo ganha entendeu? (Informação verbal<sup>41</sup>).

Já este esclarece que ao invés do poder público atuar a fim de impulsionar o comércio na região, os esforços antes de qualquer coisa deveriam ser realizados pela própria classe empresarial. Nesse contexto, o comerciante aponta um exemplo de parceria que antes o grupo realizava para impulsionar as vendas tanto em Icoaraci mostrando os benefícios que elas ocasionavam no que se refere aos custos dos projetos.

---

<sup>40</sup> Entrevista concedida pelo comerciante de produtos voltados ao trabalho e variedades, José Roberto, em 09 de janeiro de 2020.

<sup>41</sup> Entrevista concedida pelo comerciante do ramo da construção civil, Wagner Pena, em 14 de fevereiro de 2020.

Embora sejam relevantes as passagens acima, é válido destacar esta última de outro comerciante que exprime sua opinião na necessidade de intervenção pelos órgãos públicos para que se possibilitasse um incremento no comércio icoaraciense.

Acho que deveria dar um incentivo maior, tipo explorar melhor essa parte de artesanato que chama o povo para conhecer Icoaraci e acaba fazendo com que o dinheiro circule melhor aqui em Icoaraci. Tipo hoje se tu olhares tem um navio aqui, passou um ônibus até [com turistas], eles pegam os turistas aqui e não param com eles aqui, vão tudo pro centro, é muito mal explorado aqui. (Informação verbal<sup>42</sup>).

O comerciante aponta a dimensão da produção cultural como elemento importante para a potencialização dos fluxos no distrito, sejam eles de pessoas da região ou de turistas que poderiam ser atraídos através da produção histórica da cerâmica. No entanto, floresce a dimensão econômica em sua fala quando ele aponta os benefícios que seriam ocasionados se as pessoas frequentassem mais o distrito, causando um ganho de renda significativo por parte da população local.

Ademais, na ocasião da entrevista, o entrevistado revelou que havia um navio estrangeiro naquele momento em Icoaraci, contudo criticou a atuação do poder público por não promover política de atração desses turistas para o distrito, servindo Icoaraci apenas como corredor para que os visitantes cheguem ao centro de Belém.

Analisando sua narrativa, infere-se que o entrevistado a partir de uma concepção diferenciada dos outros comerciantes consegue envolver elementos desde o cultural até o turístico para apontar uma possibilidade de potencialização do comércio caso outros setores da economia local fossem também consolidados. Tal política ao favorecer o setor comercial, seja ele formal ou informal, poderia fortalecer a subcentralidade existente de Icoaraci que já vêm sendo construída historicamente pelos comerciantes oriundos da vila, sobretudo, daqueles localizados no subcentro pioneiro.

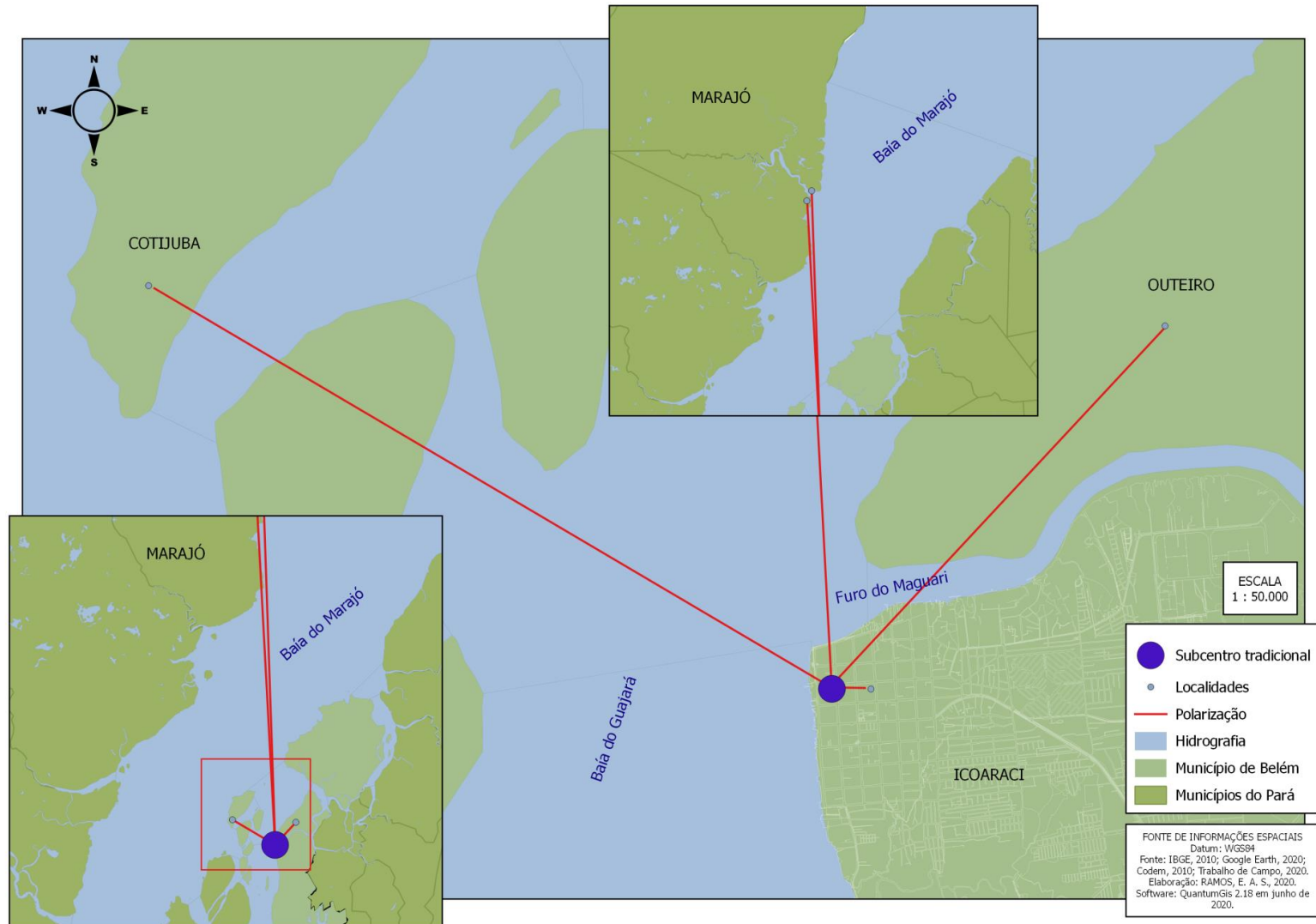
No contexto geral, a maioria dos consumidores que frequenta os comércios visitados são moradores de Icoaraci e bairros do entorno, no entanto, há também a presença substancial de pessoas das ilhas de Caratateua (Outeiro), de Cotijuba e do Marajó como dos municípios de Salvaterra e Soure, além de moradores das ilhas menores que circundam a cidade de Belém, situadas no estuário Guajarinó. Esse conjunto de frequentadores abrange áreas de polarização mais intensa no distrito,

---

<sup>42</sup> Entrevista concedida pelo comerciante de vestuário, Rafael Abraão, em 14 de fevereiro de 2020.

no subcentro tradicional localizado no bairro do Cruzeiro e no subcentro recente na divisa entre os bairros da Agulha e Campina de Icoaraci, na Avenida Augusto Montenegro. Tais conjuntos podem ser observados nos mapas 4 e 5 a seguir.

Mapa 4 - Icoaraci - Abrangência das atividades formais no subcentro tradicional. 2020



Fonte: Elaboração própria.

Mapa 5 - Icoaraci - Abrangência das atividades formais no subcentro recente. 2020



Fonte: Elaboração própria.

A abrangência das atividades desempenhadas pelo comércio com seus consumidores apresenta uma variação que tem dois elementos como fundamentais para a análise desses circuitos: a localização do estabelecimento (VILLAÇA, 2001) e as estratégias de venda.

Faz-se necessário pontuar que, segundo os comerciantes formais, as dinâmicas dadas pelos consumidores na área do comercial são diversas e distintas no que se refere aos fregueses pertencentes ao distrito em relação aos consumidores das ilhas, como: na frequência de idas, na duração na área comercial e nos produtos que são procurados por eles, que em alguma das vezes tem relação com o regime de produção.

Nesse sentido, pontua-se que no período de chuva mais intensa na região amazônica (geralmente ocasionadas no período entre os meses de dezembro a março) e nos horários de cheia das marés dos rios (geralmente ocasionadas em dois períodos do dia) interfere nos fluxos do comércio, sobretudo, na área comercial tradicional de Icoaraci que se localiza próxima do trapiche municipal.

Os consumidores mudaram, nunca são os mesmos, eles variam muito. Varia de mercadoria, tem cliente que compra mercadoria hoje e só volta 2 meses, 3 meses, então não tem um cliente certo todo dia ou toda semana para comprar. (Informação verbal<sup>43</sup>).

com muita pressa de comprar e de já ir embora, principalmente no horário de maré, senão ele vai perder tempo e não vai poder encostar o barco lá, então é assim. [...] a grande diferença das compras do pessoal daqui para do interior é que o pessoal do rio eles compram por época, por safra. Vamos supor que agora tá na época do peixe aí o cara que é pescador já vem contigo pra comprar material de pesca, aí passa a safra do peixe, entra pra desova, aí eles passam 3, 4 meses recebendo benefício do governo, aí vem o pessoal do açaí, que na época da safra eles vêm e gira um bom retorno porque eles ganham bem, então basicamente quem movimentava esse comércio daqui [área comercial tradicional] são eles mesmo. (Informação verbal<sup>44</sup>).

Entende-se que, com a dinâmica de vendas no subcentro tradicional de Icoaraci, os comerciantes próximos do trapiche municipal atendem em sua maioria os consumidores das ilhas, consumidores estes que mantêm tal espaço como o lugar das trocas econômicas produzindo as condições de reprodução social para

---

<sup>43</sup> Entrevista concedida pelo comerciante de produtos voltados ao trabalho e variedades, José Roberto, em 09 de janeiro de 2020.

<sup>44</sup> Entrevista concedida comerciante de produtos voltados ao trabalho e variedades, Jean dos Santos, em 13 de dezembro de 2019.

diversas famílias reafirmando uma unidade urbana de continente-insularidade (CASTRO; SANTOS, 2006).

Com isso, as atuações dos comerciantes tiveram que se adaptar ao regime que tem como principal elemento o fator físico, seja ele das chuvas ou das marés. Nesse sentido, os mesmos se preparam em períodos em que não recebem fluxos mais intensos dos consumidores externos à Icoaraci com estratégias de diversificar a oferta dos produtos tentando abranger a população local tentando minimizar as crises de entressafras e das chuvas que os produtores das ilhas enfrentam em alguns períodos do ano, já que:

[...] quando chegava a época de chuva, a gente ficava de dívida até no pescoço, hoje em dia não, a gente consegue pagar as contas, as dívidas, as mercadorias. (Informação verbal<sup>45</sup>).

A relação da natureza com os sujeitos das ilhas é profunda e perceptível na (re)produção do espaço realizado por eles em Icoaraci (CASTRO, 2019). Os aspectos físicos tem papel fundamental no comportamento dos sujeitos condicionando as relações e, conseqüentemente, o consumo deles nos estabelecimentos, segundo os entrevistados.

Embora com o fluxo periódico de pessoas que chegam das ilhas pelo trapiche para consumir ou resolver necessidades na *Vila Sorriso*, a área comercial é vista pelos comerciantes como escassa de movimento. Como aponta um dos comerciantes:

Aqui perdeu o movimento, até meio dia, uma hora, duas horas da tarde ainda aparece gente, tem dia que tem venda até cinco horas, mas tem vezes que não vende uma agulha. (Informação verbal<sup>46</sup>).

Infere-se que aqueles empresários que tem como público alvo exclusivamente a população das ilhas, sofrem mais com a instabilidade de vendas diante dos fatores já elencados por não oferecem produtos para a população local com o intuito de suprir as dificuldades ocasionadas pelos fatores naturais, como pode ser compreendido quando os entrevistados contam que:

---

<sup>45</sup> Entrevista concedida pelo comerciante de produtos voltados ao trabalho e variedades, José Roberto, em 09 de janeiro de 2020.

<sup>46</sup> Entrevista concedida pelo comerciante de produtos voltados ao trabalho e variedades, Jean dos Santos, em 13 de dezembro de 2019.

[...] a gente começou a colocar uns itens pra cá pro pessoal [de Icoaraci], porque antes só tinha material de pesca pra atender só o pessoal da ilha mesmo, hoje em dia a gente agregou mais outras coisas. (Informação verbal<sup>47</sup>).

Eu variei meus produtos, porque antes eu só vendia material para os ribeirinhos para que quando fosse a entressafra deles eu pudesse comercializar algo pro pessoal daqui mesmo de Icoaraci. (Informação verbal<sup>48</sup>).

Um dos entrevistados do ramo de vestuário que possui dois estabelecimentos no distrito, um no subcentro tradicional próximo ao trapiche e outro no subcentro recente próximo da Avenida Augusto Montenegro conta que apresenta dinâmica de vendas distinta nos empreendimentos embora a proximidade deles. Segundo o empresário:

O fluxo lá [loja na área tradicional próxima ao trapiche] é de 08h às 16h que é o horário bancário né? Aqui [loja próxima da Avenida Augusto Montenegro] começa essa hora [17h] vai começar a ter um fluxo maior aqui. E lá tem isso, galera que chega das ilhas, querem comprar naquela parte, eles não querem se deslocar até aqui pra fazer uma compra pra depois voltar pra lá, é mais cômodo pra eles. Se essa minha loja fosse lá pra mim seria muito melhor, pelo tamanho de loja que possuo aqui, porque lá a loja é mais enxuta, 3 vezes menor do que essa aqui, mas que rende em proporção uma vez e meia o que rende aqui, ou seja, ela é muito mais rentável do que essa e o espaço é menor. (Informação verbal<sup>49</sup>).

O empresário fornece um parâmetro de horário de fluxos distintos das lojas já que a acessibilidade e os serviços oferecidos pelos equipamentos bancários presentes próximos do trapiche tornam o espaço ao entorno do rio a opção mais viável como área de consumo à população advinda das ilhas que vê o deslocamento para o interior do distrito como fator restritivo.

Com isso, a loja situada no subcentro recente recebe um maior contingente de pessoas que residem em Icoaraci e arredores inclusive em horários distintos aos comparados com a loja próxima do rio. Quando perguntados sobre o perfil do consumidor icoaraciense, eles relatam que:

---

<sup>47</sup> Entrevista concedida pelo comerciante de produtos voltados ao trabalho e variedades, José Roberto, em 09 de janeiro de 2020.

<sup>48</sup> Entrevista concedida pelo comerciante de produtos voltados ao trabalho e variedades, Ricardo Alencar, em 15 de dezembro de 2019.

<sup>49</sup> Entrevista concedida pelo comerciante do ramo de vestuário, Rafael Abraão, em 14 de fevereiro de 2020.



O poder aquisitivo dos consumidores diminuiu né? Aí nós procuramos nos adequarmos a necessidade do povo né? Antigamente uma pessoa que vinha comprar um Nike hoje em dia ele pensa duas vezes em comprar um Nike para comprar duas peças de uma marca um pouco mais inferior, mas tem a opção na loja. A atividade comercial foi alterada no geral, não foi somente em Icoaraci, o poder aquisitivo do povo que baixou mesmo, antigamente a pessoa comprava uma moto com facilidade, hoje não mais, hoje que digo de uns 6 anos para cá. (Informação verbal<sup>50</sup>).

A mudança do consumidor foi baseada só no tamanho, ele engordou, os tamanhos aumentaram. Antigamente eu trabalhava com 36 e 38 bermuda, agora tenho que buscar o 48. E hoje ele compra menos, antigamente ele fazia compras, hoje ele compra uma peça só, compras apenas no final de ano, que ele compra uma bermuda e uma camisa e vai passar o ano na praia. E ainda vem atrás do barato. (Informação verbal<sup>51</sup>).

Para os empresários é notória a mudança de perfil nos consumidores de Icoaraci no âmbito socioeconômico. Contudo, é necessário ressaltar que há um perceptível declínio, de modo geral, do comércio na área em que seus estabelecimentos se localizam, embora acreditem que sejam por motivos distintos, todavia não anulando outras possibilidades que possam vir a justificar a queda de clientes e, sobretudo, de vendas. As justificativas mais usadas por eles são, para além da queda do poder de compra por parte dos consumidores, as falsificações de origem importada e a concorrência por parte do *shopping center*.

As vendas estão decrescendo nesse momento, depois que entrou as confecções falsificadas da Hollister e etc, e a internet vendendo isso, o mercado em si parou, depois que o chinês entrou, acabou. O chinês hoje se tu for em São Paulo é só chinês vendendo roupa da China, é só chinês vendendo roupa falsificada. A China entrou no mercado e dominou. O chinês tem preço, até a matéria-prima é difícil de trazer no valor que eles trazem da China. (Informação verbal<sup>52</sup>).

O *shopping* por ser um conglomerado de lojas, é muito mais fácil tu reunir bastante cliente só naquele conglomerado do que o cara vim num lugar certo, hoje tu tens que fazer um diferencial porque senão o *shopping* te engole mesmo, então eu acho que ele veio concorrer com a gente, e é uma grande concorrência. (Informação verbal<sup>53</sup>).

Os entrevistados compreendem, a partir de suas narrativas, que a dinâmica comercial foi afetada pela dinâmica da globalização que assola suas atividades. Agora, a concorrência possui artifícios que abrangem desde a facilidade de importar mercadorias de originalidade questionada com venda abaixo do valor de mercado

---

<sup>50</sup> Entrevista concedida pelo comerciante do ramo de vestuário, Rafael Abraão, em 14 de fevereiro de 2020.

<sup>51</sup> Entrevista concedida pelo comerciante de vestuário, Rui Sales, em 13 de fevereiro de 2020.

<sup>52</sup> Entrevista concedida pelo comerciante do ramo de vestuário, Rafael Abraão, em 14 de fevereiro de 2020.

<sup>53</sup> Entrevista concedida pelo comerciante de vestuário, Rui Sales, em 13 de fevereiro de 2020.

até com os ideais de modernidade dispostos para a sociedade que abarcam na imagem de estruturas físicas como as de *shoppings centers* o aprisionamento dos padrões de consumo e socialização (FRUGÓLI JR., 1992).

Acerca dos produtos importados julgados, pelos entrevistados, como falsificados, é relevante ressaltar que a dinâmica produtiva em países asiáticos, como a China, por exemplo, se configura em um processo que coloca desde o valor e a oferta da mão-de-obra, a aquisição da matéria-prima e as políticas tributárias como elementos fundamentais para a compreensão do aumento das exportações para outros países. A exportação de diversos produtos justifica, em partes, a crescente econômica que o referido país vem obtendo a nível mundial.

Com o aumento da concorrência, sobretudo, de lojas virtuais, os comerciantes procuram, como estratégia de mercado alcançar e aproveitar esses espaços da modernidade para poder competir (BARRETO, 2010). Segundo os entrevistados:

No Instagram as pessoas vendem roupa sem pagar imposto, já comprou? E a gente de loja aberta pagando um imposto altíssimo, aí o cara vem com um bando de roupa falsificada e sai vendendo, eu tenho Instagram, tenho que ter né pra tentar vender, aí o cara olha o Instagram da loja, se ele se interessar ele vem aqui na loja. (Informação verbal<sup>54</sup>).

A estratégia de manter os consumidores sempre comprando na loja é o Whatsapp, a gente faz um grupo e fica informando sempre quando chega novidade, o Instagram também a gente utiliza muito, a gente já utiliza o e-commerce. Fazemos venda e entrega tudo por lá. (Informação verbal<sup>55</sup>).

Nas passagens acima se torna evidente que as tentativas de captar novos consumidores e de manter os antigos têm que ser renovada a todo o momento, devido a nova dinâmica do mercado global. É necessário pontuar que embora ambos tenham se inserido no contexto do comércio virtual do *e-commerce*, suas inserções e ações são distintas. Enquanto o primeiro se insere parcialmente, apenas com anúncio de produtos, contudo, ainda mantendo a presença do consumidor no espaço físico da loja para conclusão da compra. Já o segundo realiza completamente o processo da venda pelas redes sociais (seja pelo *Whatsapp* ou pelo *Instagram*) com o anúncio das peças, a comunicação com o interessado, o pagamento e a entrega em domicílio.

---

<sup>54</sup> Entrevista concedida pelo comerciante do ramo de vestuário, Rui Sales, em 13 de fevereiro de 2020.

<sup>55</sup> Entrevista concedida pelo comerciante do ramo de vestuário, Rafael Abraão, em 14 de fevereiro de 2020.

Além da estratégia acima desempenhada pelos comerciantes para aumentar o volume de vendas, algumas outras são desenvolvidas também com o intuito de capturar e manter novos fregueses, em especial aqueles das ilhas.

Nossa estratégia que a gente procura fazer é sempre se tornar amigo do consumidor e os clientes da ilha por exemplo, tu chama ele de corno e já cria um laço “êêêê corno” aí ele “fala parceiro, já vou aí contigo” aí ele já vem e compra, a gente diz que a gente pega a mulher deles e eles ficam achando graça entendeu? Então é assim, o cara já vem aqui pela amizade, às vezes tem aquele produto um pouco mais caro aqui, mas pela amizade ele compra e pronto. (Informação verbal<sup>56</sup>).

No trecho acima relatado por um dos comerciantes, o entrevistado aponta que o método utilizado para atrair e, principalmente, manter os clientes já existentes no estabelecimento se dá pela brincadeira e pela intimidade com os mesmos, embora muita das vezes as atitudes se deem em um tom depreciativo e machista. Os empresários apontam que é uma das formas que são utilizadas para cativar as pessoas e manter uma boa relação, construindo em muitas das vezes laços de amizade.

Outro comerciante aponta que: “Minha estratégia é sempre ter promoção e sempre dando a oportunidade de oferecer mercadorias novas.” (Informação verbal<sup>57</sup>). Nesse recorte, o referido explana que a principal estratégia é o valor oferecido, isto é, abaixo do preço de mercado quando a negociação da venda demandar. O empreendedor acredita que o mercado é movido pelo “preço”, ou seja, naquilo que é mais barato ao consumidor. Ademais, o comerciante procura junto ao fornecedor produtos novos no mercado, pois assim, seu estabelecimento tem algo a mais para oferecer à sua clientela.

Nas passagens a seguir, notam-se estratégias no âmbito das formas de pagamento pensadas para poder captar novos e manter antigos clientes das ilhas, segundos os entrevistados:

A gente tem um crediário próprio para atender eles [clientes das ilhas]. A gente pega uma entrada, metade do valor da compra, e o restante a gente parcela. Abaixo de 100 reais fica uma entrada mais uma parcela, acima de 100 fica uma entrada mais duas parcelas. Geralmente eles não possuem cartão de crédito porque não conseguem comprovar renda, então a gente

<sup>56</sup> Entrevista concedida pelo comerciante de produtos voltados ao trabalho e variedades, José Roberto, em 09 de janeiro de 2020.

<sup>57</sup> Entrevista concedida pelo comerciante de produtos voltados ao trabalho e variedades, Jean dos Santos, em 13 de dezembro de 2019.

faz uma análise rápida, se não tiver no SPC/SERASA a gente libera, porque a loja não possui cartão próprio. (Informação verbal<sup>58</sup>).  
Eu tinha um crediário aqui na loja para manter meus consumidores, mas eu tive que acabar porque a inadimplência foi muito grande. Aí partir para uma financeira, só que a financeira é mais complicado, tu dá praticamente o teu lucro pra ela. Então eu deixei o crediário só para os clientes que pagam direitinho, e optei pelo à vista e pelo cartão externo. (Informação verbal<sup>59</sup>).

Ambos desenvolveram formas de pagamento no formato de crediário próprio para alcançar o público inserido de maneira diferenciada dos tipos regulares de trabalho formal que em grande maioria são considerados como autônomos e atuantes do circuito inferior da economia (SANTOS, 1979), potencializando, assim, a venda dos produtos nos estabelecimentos.

Cabe ressaltar, no entanto, que por mais que as perspectivas de captação e manutenção desse grupo social serem semelhantes pelos comerciantes, suas experiências e vivências têm se dado de maneira distinta. Nesse sentido, fica evidente em uma das narrativas que diante das intempéries ocasionadas na prática comercial, um dos entrevistados optou por encerrar o crediário próprio para os novos consumidores devido o índice de inadimplência ser elevado.

Depreendem-se ainda algumas ponderações que envolvem as estratégias de alcance e manutenção dos consumidores. Os estabelecimentos que estão localizados à margem do rio mantem com seus clientes relações mais informais do que nos outros estabelecimentos localizados no interior do distrito, isto é, os comerciantes atuam com um elemento que envolve os consumidores que majoritariamente frequentam suas lojas, a linguagem. Linguagem esta que envolve desde o modo de falar com os clientes até nas práticas comerciais em que tratamento dado gera um retorno através do consumo.

Enquanto uns atuam com métodos de atendimento peculiares e com pagamentos diferenciados a partir de crediários, outros desenvolvem técnicas modernas e com diversidade de clientes atendidos.

Nossa estratégia de manter os nossos clientes e de captar outros é o relacionamento e começar a buscar novos clientes se especializando em algo, hoje em dia a gente tá bem focado nas empresas, em pessoas jurídicas entendeu, então a gente atende várias empresas, várias indústrias,

---

<sup>58</sup> Entrevista concedida pelo comerciante do ramo de vestuário, Rafael Abraão, em 14 de fevereiro de 2020.

<sup>59</sup> Entrevista concedida pelo comerciante do ramo de vestuário, Rui Sales, em 13 de fevereiro de 2020.

madeireiras, transportadoras aqui, a gente tem uma carteira forte de clientes, entendeu? (Informação verbal<sup>60</sup>).

Como visto acima, para além do atendimento diferenciado, o comerciante relata a necessidade de se aperfeiçoar em um segmento específico. Seu comércio sempre atuou com pessoas físicas, entretanto, devido à percepção de uma demanda de um ramo diferenciado, houve a necessidade da ampliação e do aprofundamento para melhor atender os setores existentes. Há de se ressaltar, como já fora realizado no tópico anterior, a presença do Distrito Industrial de Icoaraci (D.I.I.) o que possibilita a aproximação dessas relações comerciais de cunho jurídico com indústrias, madeireiras, transportadoras, estaleiros e etc.

Com a crescente ampliação de atendimento à diversos públicos, embora muitos dos comerciantes relatem a diminuição do valor absoluto das vendas, há o interesse da maioria em ampliar ou expandir os negócios para diferentes áreas, sejam elas no interior de Icoaraci ou para a região metropolitana de Belém.

No momento não temos o interesse de ampliar fora de Icoaraci, a ideia é de se consolidar mais aqui e de ampliar aqui dentro, como Outeiro, Tenoné, a ideia é aumentar o raio de abrangência em Icoaraci. (Informação verbal<sup>61</sup>).  
Vontade nós temos de ampliar, depende muito do comércio, eu pretendo ir para um bairro um pouco mais afastado, como Marituba um lugar assim, centro da cidade eu não tenho interesse. (Informação verbal<sup>62</sup>).  
Eu não tenho vontade de ampliar, tenho vontade de ceder meu espaço para outra pessoa, de alugar para ela. Se alguma farmácia quisesse alugar isso aqui tudo, eu alugaria sim, eu tô na frente de dois bancos e eu ficaria feliz e satisfeito. (Informação verbal<sup>63</sup>).

Nota-se nestes pequenos trechos escolhidos que as narrativas se dão em tons diferenciados. Enquanto a maioria dos comerciantes tem o interesse de ampliar os negócios uma minoria pretende encerrar as atividades por motivos pessoais e ceder o espaço, pois percebe que sua localização é privilegiada, estando localizado no centro possuindo um corredor comercial na região caracterizado como um nódulo na rede viária e pela densificação de comércios e serviços (SANTOS, 1981; SPOSITO, 1991).

---

<sup>60</sup> Entrevista concedida pelo comerciante do ramo da construção civil, Wagner Pena, em 14 de fevereiro de 2020.

<sup>61</sup> Entrevista concedida pelo comerciante do ramo da construção civil, Wagner Pena, em 14 de fevereiro de 2020

<sup>62</sup> Entrevista concedida pelo comerciante do ramo de vestuário, Rafael Abraão, em 14 de janeiro de 2020.

<sup>63</sup> Entrevista concedida pelo comerciante do ramo de vestuário, Rui Sales, em 13 de fevereiro de 2020.

Os comerciantes que possuem o intuito de expandir suas atividades são aqueles que já possuem mais de uma loja no distrito. Verifica-se com isso, que enquanto um deles atua no sentido de densificar ainda mais sua presença no distrito e adjacências reforçando as atividades na área, o outro já visualiza a escala metropolitana como oportunidade de expansão dos negócios. Como citado na fala acima, suas intenções de negócio partem para Marituba, município inserido na região metropolitana localizado na área de expansão na periferia distante no qual tem como vetor principal de mobilidade a BR-316 (TRINDADE JR., 2019).

Pondera-se também que apenas os comerciantes que tem em sua maioria o público alvo voltado para Icoaraci e Belém possuem o interesse de expansão dos negócios. Enquanto isso, os comerciantes próximos do rio pensam diferente em relação aos anteriores.

[...] o material que eu vendo nessa minha localização é a melhor porque eu tô perto da ponte [trapiche], eu poderia ir até para outro lugar com mais espaço do que eu tenho hoje, mas teria que mudar meu ramo, então aqui tá ótimo. Meu mercado é voltado para a população do rio. (Informação verbal<sup>64</sup>).

Na visão do comerciante, embora os fluxos se apresentem como instáveis por depender pelas mudanças físicas do ambiente, a localização do seu estabelecimento se configura numa centralidade ribeirinho devido sua clientela ser em sua maioria das ilhas.

Dentro desse cenário, compreende-se que as estratégias da maioria dos empresários anteriormente destacados envolve uma lógica que reforça a subcentralidade existente em Icoaraci, seja pelos comerciantes do subcentro tradicional que defendem a necessidade de sua localização e dos produtos ofertados diante da necessidade de sua clientela ou pelos comerciantes que se localizam mais próximos do subcentro recente que acreditam que precisam consolidar sua presença no espaço urbano local com novas filiais na região.

Entende-se que, embora o âmbito comercial se apresente como vasto assim como o perfil dos consumidores, as subcentralidades comerciais se dão de acordo com os fluxos daqueles que se interessa em um respectivo bem ou serviço, já que as necessidades são distintas. É importante acrescentar que, pelas necessidades do

---

<sup>64</sup> Entrevista concedida pelo comerciante de produtos voltados ao trabalho e variedades, Ricardo Alencar, em 15 de dezembro de 2019.

consumo ser diversas, as atuações e estratégias comerciais tendem a se dispor nessa mesma maneira.

#### 4.1.2 Os informais

Diante do universo existente de trabalhadores em regime de atividade informal na sociedade, em especial em Belém, fez-se seleção dos comerciantes alternativos que atuam em espaços urbanos onde a confluência de pessoas se dá de modo intenso. Nesse sentido, seguindo a perspectiva metodológica traçada no início do trabalho, selecionaram-se os trabalhadores que atuam na área das feiras livres.

Esses espaços no distrito de Icoaraci atraem uma gama de consumidores que buscam esses ambientes por inúmeros motivos, sejam eles pela relação com os feirantes, pelo preço, pela acessibilidade entre outros. Dessa maneira, buscaram-se os mercados populares para obter uma análise profunda das possíveis transformações da subcentralidade comercial histórica de Icoaraci, onde os espaços das feiras sempre estiveram presentes, escolhendo assim alguns atores socioeconômicos de maior tempo nesses espaços dados sua vivência.

Dentre as trajetórias relatadas por eles, destaca-se breves narrativas que refletem a (re)produção do espaço informal de comércio onde as estruturas disponíveis e as relações com o ambientes se caracterizavam de modo distinto do que se há hoje.

Era empregado, gerenciava uma firma, em 1996 fui demitido lá da firma, aí não tive opção de trabalho, aí tive que ingressar no mercado informal dia 14 de fevereiro de 1996, vim pra cá, consegui meu local de trabalho e esse ano estou fazendo 24 anos aqui na Feira da Oito de Maio. (Informação verbal<sup>65</sup>). Eu comecei aqui dentro da feira vendendo alho, colocava o tabuleiro no pescoço aí ia vendendo, aqui na rua do peixe eu conheci um rapaz que me deu um apoio né?! Ai eu consegui uma banquinha lá e comecei a vender hortifrúti granjeiro e até hoje tô vendendo, demorei pra vim pra cá, vim quando a SECON veio pra organizar a gente feirante no meio de rua. Antigamente nisso daqui, só era 3 pessoas que vendia, comigo era 4, aí foi chegando mais e mais gente, hoje tá assim o tamanho da feira. (Informação verbal<sup>66</sup>).

---

<sup>65</sup> Entrevista concedida pelo feirante do ramo de hortifrúti, Delson Macedo, em 16 de janeiro de 2020.

<sup>66</sup> Entrevista concedida pelo feirante do ramo de hortifrúti, Francisco Edmundo, em 16 de janeiro de 2020.

Eu que montei o box aqui, o pessoal me entregaram só o ponto sem nada, aí eu que tive montar para ficar. O box é da prefeitura, mas eu que montei as coisas sabe? (Informação verbal<sup>67</sup>).

Nas falas acima, embora sejam apresentadas de forma resumida, evidenciam trajetórias de vida diferentes na área comercial. As ocasiões que levaram essas pessoas à se inserirem no trabalho informal se basearam tanto com a saída do emprego formal e na falta de alternativa de trabalho quanto naquilo que se caracterizou como a única opção existente de trabalho.

Muitas dessas narrativas, para além das trajetórias, mostram como a estrutura organizacional do trabalho estava estruturada, onde se tem a percepção da dimensão do que antes se configurava a feira, como os informais estavam dispostos no espaço e na constituição dos pequenos estabelecimentos. É notório apontar que o poder público esteve envolvido nesse processo, seja na regulamentação e organização das atividades em vias públicas ou no fornecimento dos espaços para o desenvolvimento das mesmas.

Dentro do universo do trabalho informal pesquisado, entrevistaram-se comerciantes de três setores: de hortifrúti, de vestuário e de variedade. Os entrevistados foram selecionadas conforme a amostragem pretendida, àqueles com mais tempo de vivência na área comercial. Com isso, verificou-se que a média de vivência dos entrevistados nos espaços analisados é de 30 anos, sendo que diferentemente dos entrevistados que atuam sob um regime de trabalho mais formalizado, a maioria dos informais encontrados em campo não são naturais de Icoaraci e de Belém. São, em especial, advindos do nordeste brasileiro em um período no qual os fluxos inter-regionais foram capitaneados pelas políticas de desenvolvimento regional da Amazônia que incentivou a migração populacional (CASTRO, 2004).

---

<sup>67</sup> Entrevista concedida pela feirante do ramo de vestuário, Rosa Alice, em 18 de janeiro de 2020.



Fotos 21 e 22 - Icoaraci – Feirante da Oito de Maio do ramo de hortifrúti relatando a dinâmica de sua barraca na feira. 2020



Fonte: Erick Ramos (2020).

Fotos 23 e 24 - Icoaraci – Feirante da Oito de Maio do ramo de variedades relatando a dinâmica de sua barraca na feira. 2020



Fonte: Erick Ramos (2020).

Fotos 25 e 26 - Icoaraci – Feirante da Oito de Maio do ramo de hortifrúti relatando a dinâmica de sua barraca na feira. 2020



Fonte: Erick Ramos (2020).

De modo a se esmiuçar melhor o que cada trabalhador comercializa em suas barracas ou boxes e aonde consegue suas mercadorias, selecionaram-se algumas narrativas para ter dimensão da variedade de produtos comercializados e das redes de fornecimento.

Eu comercializo cominho, colorau, alho industrializado e cigarro, consigo lá na CEASA, minhas compras são tudo feitas na CEASA. (Informação verbal<sup>68</sup>).

Eu comercializo boné, os óculos que se divide em de grau, de sol e armações, tem gente também que só procura uma armação pra mudar aí eu trabalho com isso também. Vendo também fone de ouvido, chicote pra DVD, essas coisas. Adquiro na área do comércio e trago pra cá, o camarada trás de São Paulo e eu já pego com ele lá por um preço acessível. (Informação verbal<sup>69</sup>).

Eu vendo confecção, bata, camisola, calcinha e rede, a mercadoria vem de Fortaleza e Pernambuco. (Informação verbal<sup>70</sup>).

Percebe-se a variedade de produtos comercializados nas áreas de feiras livres, são produtos produzidos em escalas diferenciadas, que partem desde o local até o global mesmo estando vinculados ao circuito inferior da economia urbana

<sup>68</sup> Entrevista concedida pelo feirante do ramo de hortifrúti, Delson Macedo, em 16 de janeiro de 2020.

<sup>69</sup> Entrevista concedida pelo feirante do ramo de variedade, Manoel Pinheiro, em 16 de janeiro de 2020.

<sup>70</sup> Entrevista concedida pela feirante do ramo de vestuário, Rosa Alice, em 18 de janeiro de 2020.

(SANTOS,1979). Na narrativa abaixo, outro feirante nos fornece informações do seu comércio e das redes complexas de fornecimento de produtos do setor do hortifrúti.

Aqui comercializo batata, pimenta, cominho, alho, os cereais que eles [SECON] botaram para eu vender aqui, disseram [SECON] que eu não podia vender bananas e outras frutas, mas hortifrúti granjeiro o que tiver eu trago tudo. Porque a gente tem que respeitar a venda dos outros. Hoje é dia de ir na CEASA comprar mais mercadoria, eu vou 2 vezes na semana lá, fora o que compro por aqui que vem das colônias, dos caminhões a gente compra aqui, eles ficam bem ali atrás na feira da farinha. Antigamente eu pegava quando vinha do Marajó, pegava também fruta, coco seco, cupuaçu, aí depois eu mudei a banca pra vender outra coisa, aí não pego mais de lá, prefiro ir pra CEASA. Agora o pessoal da colônia dos interior tá trazendo muita coisa também, vem a castanha, uxi, umari, tucumã, vem pimenta-verde, vem uma série de coisa da colônia, pessoal tão plantando agora né? Até cheiro-verde vão trazer. Essa área de colônia é lá pra São Miguel do Guamá, Santa Maria do Pará, São Domingos do Capim, vem de lá de caminhão, vem de Castanhal também, de Igarapé-Açu, de Santo Antônio do Tauá vem de lá também, Magalhães Barata vem também. (Informação verbal<sup>71</sup>).

Através da conversa, o entrevistado forneceu informações para a compreensão das redes de fornecimentos de produtos em nível regional. Dada a grande extensão da Feira da Oito de Maio, os próprios comerciantes e frequentadores setorizaram popularmente as áreas de venda afim de facilitar a localização dos estabelecimentos e dos produtos, como a feira da farinha e a rua do peixe, por exemplo.

Embora o entrevistado não adquira produtos dos fornecedores regionais que se instalam próximos à feira, preferindo adquirir suas mercadorias na CEASA (Central de Abastecimento do Pará), o mesmo conhece a dinâmica de fornecimento local, onde uma série de municípios são produtores de verduras, legumes e hortaliças, sendo alguns da RMB e outros do nordeste paraense são englobados. Além disso, o mesmo especifica o que cada município mais fornece no âmbito dos produtos para a feira.

Outras questões verificadas em campo acerca das dinâmicas de vendas e dos regimes empregatícios nos ambientes de comércio informal é que nenhum dos estabelecimentos aceita cartão de crédito e débito, alguns por alegarem que o recebimento pelos cartões é inviabilizado, pois precisam pagar seus fornecedores em espécie. Os regimes de trabalho se configuram sob caráter informal cuja

---

<sup>71</sup> Entrevista concedida pelo feirante do ramo de hortifrúti, Francisco Edmundo, em 16 de janeiro de 2020.

característica se dá de maneira específica para cada comerciante, conforme os relatos a seguir.

De vez em quando, sábado ou domingo quando a venda fica melhor, aí eu chamo uma moça pra trabalhar comigo, mas só um ou dois dias mesmo. (Informação verbal<sup>72</sup>).

Tenho uma colaboradora, minha filha que trabalha comigo. (Informação verbal<sup>73</sup>).

Tem uma mocinha que trabalha comigo, mas ela não vem hoje, ela é uma menina que trabalha desde os 13 anos aqui, aí ela já tem 23 anos, trabalha comigo há 10 anos, eu pago ela semanal, porque na hora que ela quiser sair, quando conseguir um emprego, ela pega, ela tá vendo um emprego pra ela, mas eu ajudo ela, eu ligo pra ela quando falta alguma coisa pra ela, ligo pra ela quando sei que ela precisa, eu sou uma pessoa assim. (Informação verbal<sup>74</sup>).

Nas narrativas acima se percebem as singularidades nas formas de acordo entre empregador e empregado com a informalidade, regida também na frequência de dias de trabalho marcado em alguns casos proporcionalmente com o aumento dos fluxos nas feiras e às relações familiares ainda existentes. Ressaltam-se as redes de sociabilidade (CASTRO, 2004) pelos indivíduos no trabalho, na preocupação em ausências do empregado em ocasiões de necessidade por parte do empregador. Esses elementos reforçam as características da informalidade em relação aos regimes formais em que a burocracia e a rigidez das atividades são elementos essenciais. Nesse sentido, entende-se que essa diversidade na informalidade alcança proporções para além da dimensão conceitual e analítica.

Avançando na compreensão das dinâmicas e de suas relações com outros feirantes e com o poder público, muitos dos entrevistados relatam alguns elementos que envolvem as necessidades nos ambientes de trabalho que se caracterizam de maneira mais precárias em relação àquelas relacionadas às atividades formais.

Quando perguntados sobre a existência de alguma organização associativista nas áreas em que atuam, as respostas em ambos os espaços foram de não possuir nenhuma associação de feirantes e/ou comerciantes informais. Diante das repostas, uma destaca-se com o seguinte relato:

---

<sup>72</sup> Entrevista concedida pelo feirante do ramo de variedade, Francisco Tavares, em 16 de janeiro de 2020.

<sup>73</sup> Entrevista concedida pela feirante do ramo de vestuário, Rosa Alice, em 18 de janeiro de 2020.

<sup>74</sup> Entrevista concedida pelo feirante do ramo de hortifrúti, Francisco Edmundo, em 16 de janeiro de 2020.

Tinha uma associação, nunca mais eles movimentaram a associação, aí parou, não foi mais pra frente. Acredito que não foi mais pra frente porque faltou uma boa administração, faltou organizar melhor. Pra gente ter um advogado quando precisar, nós tínhamos, mas acabou com o decorrer do tempo. (Informação verbal<sup>75</sup>).

O comerciante informal acima, pertencente da Feira da Oito de Maio, aponta a importância da existência de uma organização para o referido grupo social, justificando que sua presença poderia auxiliar as lutas e/ou embates quando necessitasse de algum apoio jurídico. Antes disso, o entrevistado que trabalha no espaço há quase 20 anos, esclarece que uma associação chegou a ser constituída, no entanto, ela foi desativada por falta de organização, como apontado pelo feirante no trecho anterior.

No que tange às necessidades existentes e a relação com o poder público, outros entrevistados revelam que:

A Agência distrital aqui na Feira da Oito de Maio não comparece, a prefeitura também não comparece, tá aqui o exemplo aqui ó [apontando para um buraco que se abriu no meio da rua] eu já fui lá e já reclamei, esse buraco é um bueiro, ele tem 4 metros e meio de profundidade e tá abrindo. Eles não vem nem pra ajudar a gente e nem pra atrapalhar. (Informação verbal<sup>76</sup>).

[...] a prefeitura não ajuda em nada, os telhados tão pra cair em cima da cabeça da gente, eles não fazem uma reforma há mais de 12 anos. A gente faz reclamação, mas o agente distrital nunca faz nada por nós, nunca mais fizeram reforma, a noite a gente não tem segurança, não tem fiscal, não tem nada. De noite tem vez que nem fecham o mercado, o mercado dorme aberto nem fechar eles fecham. Ninguém pode deixar uma lâmpada fora, coloca de manhã e de noite tem que tirar. (Informação verbal<sup>77</sup>).

Diante dos relatos realizados por dois feirantes, um da Feira da Oito de Maio e outra do Mercado Municipal, respectivamente, as condições de trabalho nos espaços de comércio ao ar livre se apresentam como degradados. Todos os entrevistados revelaram que o poder público em esfera municipal, na figura do agente distrital, é ausente.

Os feirantes alegam que muitos outros problemas existem nas feiras, embora sejam de outro caráter, como pode ser analisado no trecho abaixo de uma entrevista na qual um ambulante relata que:

<sup>75</sup> Entrevista concedida pelo feirante do ramo de variedade, Francisco Tavares, em 16 de janeiro de 2020.

<sup>76</sup> Entrevista concedida pelo feirante do ramo de hortifrúti, Delson Macedo, em 16 de janeiro de 2020.

<sup>77</sup> Entrevista concedida pelo feirante do ramo de vestuário, Rosinete Lima, em 18 de janeiro de 2020.

Isso aqui de primeiro quando era mais lamaçal a gente vendia mais do que hoje, isso aqui era só lama, a gente vendia bem mais ainda. Hoje aumentou o fluxo de pessoas, mas também aumentou mais ainda o número de gente que vende, principalmente os clandestinos que ficam por aí pela feira. Eu já falei pro fiscal que não vou pagar o carnê enquanto eles [SECON] não vierem aqui organizar pra nós pagar o carnê direito, porque o que nós vende aqui, o pessoal [clandestinos] vendem aí. A SECON veio aqui ano passado, disse que ia padronizar, ajeitar e tirar esse pessoal [clandestinos] no meio de rua, mas tá aí a maior avacalhação, os fiscais foram embora. Meu conflito é só com o pessoal [clandestinos] as vezes a gente manda eles sair, aí eles saem quando sabem que estão atrapalhando, mas tem uns e outros rebarbados, aí tem umas discussões, mas pra ali já teve até paulada e facada que já falaram. (Informação verbal<sup>78</sup>).

Nas entrevistas de campo, os feirantes nos informaram que pagam uma taxa junto à prefeitura pelo uso do espaço, em forma de carnê, a fim de poderem atuar nos espaços destinados à eles. Contudo, no relato acima de um comerciante da Oito de Maio, existem outros conflitos. Conflitos estes rotineiros representados pela presença de ambulantes não registrados, segundo eles, pela SECON (Secretaria de Economia do município de Belém) que comercializam produtos sem alguma regulamentação e que obstruem os espaços na via pública destinada ao trânsito de pessoas. Vale ressaltar que os feirantes regularizados na Feira da Oito de Maio se posicionam enfileirados no meio da rua que dá o nome a feira, no entanto, para eles há a legitimidade dada pelo poder público de desempenhar seu comércio em logradouro público.

Prosseguindo na caracterização das dinâmicas nos espaços de comércio informal no distrito de Icoaraci, as feiras conseguem abranger consumidores de diferentes áreas da região, seja dentro da cidade de Belém ou das áreas mais longínquas. Conforme o que foi expresso por vários ambulantes, a maioria das redes de consumidores tem como suas origens:

Geralmente, meus consumidores são do Tapanã, Paracuri, Cohab, estrada do Outeiro, Tenoné, tem freguês que vem do Tenoné pra cá. A Feira da Oito de Maio é uma feira que vende muito produto barato aqui. Aparece gente de Cotijuba e Marajó, porque lá próximo ao trapiche tem um mercado lá que é muito caro as coisas e aqui é mais fácil pra se comprar, tem tudo aqui que você procurar, aqui na Feira da Oito de Maio o que você procurar você encontra. Lá é mais perto pra eles, mas não tem opção, aí eles preferem vir pra cá. (Informação verbal<sup>79</sup>).

Meus consumidores são tudo regionais daqui, Paracuri, Outeiro, Maracacuera, Tenoné vem pra cá, o pessoal lá da Brasília do Outeiro, tudo vem pra cá, até da beira da Campina vem pra cá, pessoal lá de perto do

<sup>78</sup> Entrevista concedida pelo feirante do ramo de hortifrúti, Francisco Edmundo, em 16 de janeiro de 2020.

<sup>79</sup> Entrevista concedida pelo feirante do ramo de hortifrúti, Delson Macedo, em 16 de janeiro de 2020.

mercado [bairro do Cruzeiro] também vêm. A nossa feira tem mais produto do que a de lá, tem mais variedade e o preço melhor, muito mais barato. Vem gente da Ilha, tenho cliente das ilhas de Cotijuba, de Ponta de Pedras, eles compram tudo aqui comigo. (Informação verbal<sup>80</sup>).

As duas falas acima possibilitam ter dimensão da abrangência da Feira da Oito de Maio que se localiza entre dois bairros do distrito, a Agulha e a Campina de Icoaraci que, no entanto consegue alcançar consumidores tanto dos bairros adjacentes quanto das ilhas, como Caratateua (Outeiro), Cotijuba e alguns municípios da ilha do Marajó, como Ponta de Pedras.

---

<sup>80</sup> Entrevista concedida pelo feirante do ramo de hortifrúti, Francisco Edmundo, em 16 de janeiro de 2020.





Ademais, os entrevistados revelam que conseguem captar clientes que residem próximo ao Mercado Municipal alegando que os feirantes localizados lá comercializam seus produtos com um valor mais elevado em relação ao que é encontrado na Oito de Maio, além da diversidade desta última ser superior.

Tal como verificado com o comércio formal, a rede de consumidores se caracterizam de modo diferenciado entre os feirantes do Mercado Municipal e os da Oito de Maio. Conforme as entrevistadas:

A maioria dos meus consumidores é do interior, das ilhas mesmo. Tem muitos turistas também, quando chega barco de fora aí no trapiche, eles entram aqui no mercado, mas não compram quase nada, vem apenas pra conhecer. Agora das ilhas vem muito comprar com a gente, do Marajó. Mas agora tá muito devagar meu filho, tá quase parando. (Informação verbal<sup>81</sup>). Sempre foi mais o povo das ilhas que compra, o que mudou era que antigamente o fluxo de clientes era de manhã e de tarde, hoje em dia a gente praticamente só vende de manhã, de tarde não aparece mais ninguém. (Informação verbal<sup>82</sup>).

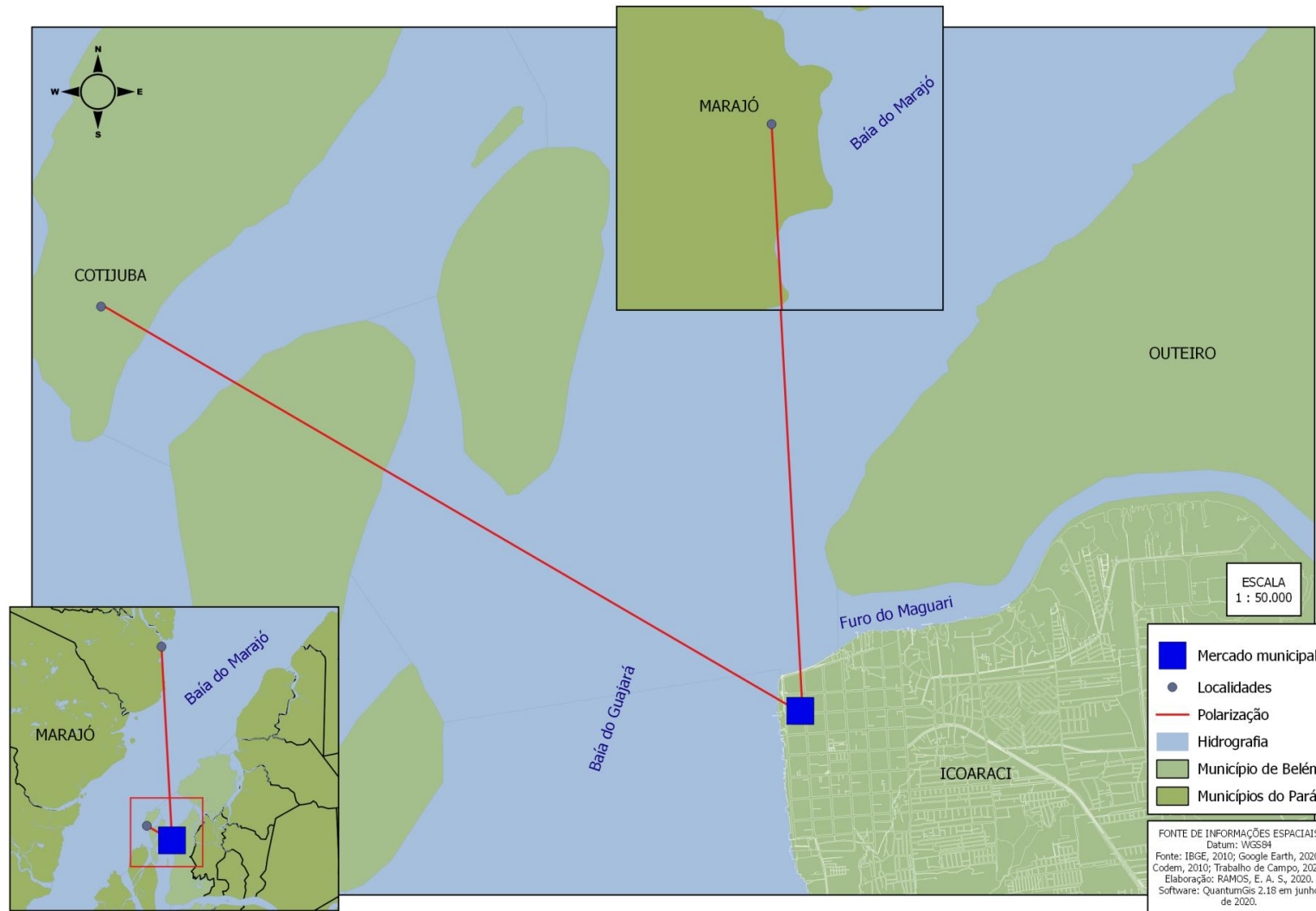
As feirantes do mercado revelam o público da Região das Ilhas e do Marajó como o que mais frequenta e consome suas mercadorias. Ademais, outro elemento que os feirantes apontam é o horário de maior intensidade das atividades dentro do Mercado Municipal, sendo o período da manhã aquele de maior fluxo. A população marajoara e das ilhas ao redor de Belém tem, portanto, um papel significativo na manutenção da subcentralidade de Icoaraci dado a sua localização estratégica e a necessidade existente de aquisição de bens e serviços através do subcentro pioneiro.

---

<sup>81</sup> Entrevista concedida pela feirante do ramo de vestuário, Rosa Alice, em 18 de janeiro de 2020.

<sup>82</sup> Entrevista concedida pela feirante do ramo de vestuário, Rosinete Lima, em 18 de janeiro de 2020.

Mapa 7 - Icoaraci - Abrangência das atividades informais no subcentro tradicional - Mercado Municipal de Belém. 2020



Fonte: Elaboração própria.

Ainda sobre a Feira da Oito de Maio, outro entrevistado revela a dimensão de abrangência da sua barraca e os percalços que começaram a surgir com o decorrer do tempo na região. Conforme o feirante:

A maioria dos nossos consumidores é daqui mesmo do Paracuri II, aqui do Outeiro vem, o pessoal de Cotijuba vem bastante, do Tenoné também sempre vem, de vez de quando até do Tapanã vem. A abrangência da feira era maior, agora já ficou mais difícil por causa do Armazém, abriu outro mais lá na frente também e são lugares que vendem em grande quantidade aí fica mais barato para eles no caso [consumidores], para nós já fica mais difícil vender num preço mais acessível, aí fica difícil. (Informação verbal<sup>83</sup>).

O feirante acima embora tenha demonstrado a origem dos consumidores numa dimensão significativa, coloca que atualmente outros equipamentos, de caráter formal e de capital superior, se inseriram na área e vêm concorrendo com os pequenos vendedores. Em sua maioria, esses equipamentos são grandes supermercados que comercializam não somente no varejo, mas também no atacado. Tal modo de venda adotada por essas grandes empresas vem, conforme o que foi encontrado na fala do feirante, prejudicando o comércio da feira.

O que fora manifestado pelo entrevistado acima vem também sendo apontado por outros feirantes da Feira da Oito de Maio que apresentam representações semelhantes. Segundo estes

Antigamente o fluxo de gente era maior do que hoje, hoje tem várias feiras tem no Paracuri, tem na Campina, tem na Estrada do Outeiro, comércio em todo canto, tem o Armazém, tem o Atacadão, Mateus, Carrefour, os supermercados e sacolões, isso fez cair muito a venda. (Informação verbal<sup>84</sup>).

Desde o início que vim para cá, quando não tinha esse Armazém, esse Atacadão não tinha nada, o supermercado era longe e o pessoal não ia, aí com o Armazém todo mundo vai porque é aqui pertinho, aí tem o Belemzão agora, é mais concorrência. (Informação verbal<sup>85</sup>).

A feira inchou com o tempo, e já tem outras feiras, tem feira no Paracuri, tem feira no Tapanã, aí muitos dos clientes sumiram e muitos compram em outras partes como no supermercado, no Atacadão que tem coisas mais barata, eles estão tudo indo pra lá, nós perdemos espaço com o Atacadão aqui. (Informação verbal<sup>86</sup>).

---

<sup>83</sup> Entrevista concedida pelo feirante do ramo de hortifrúti, Delson Macedo, em 16 de janeiro de 2020.

<sup>84</sup> Entrevista concedida pelo feirante do ramo de hortifrúti, Francisco Edmundo, em 16 de janeiro de 2020.

<sup>85</sup> Entrevista concedida pelo feirante do ramo de hortifrúti, Delson Macedo, em 16 de janeiro de 2020.

<sup>86</sup> Entrevista concedida pelo feirante do ramo de hortifrúti, Francisco Edmundo, em 16 de janeiro de 2020.

Os relatos são da crescente concorrência na área, sejam daqueles conhecidos como clandestinos que se localizam na feira, das pequenas feiras pulverizadas em todo o distrito e, principalmente, dos grandes supermercados que atuam com a venda no atacado. Conforme Correa (1989) esses últimos equipamentos vêm para aprofundar, no contexto geral do processo, as desigualdades socioespaciais pelo capitalismo concorrencial. É importante pontuar que alguns destes empreendimentos, localizados majoritariamente na Avenida Augusto Montenegro são redes atacadistas regionais, nacionais e até mesmo internacionais, com grande capital financeiro disponível para promover a entrada, consolidação e expansão de suas atividades (SILVA, 2003).

Outra questão que envolve as dificuldades dos comerciantes informais na dinâmica de vendas tem relação direta àqueles que trabalham no Mercado Municipal. Como já visto anteriormente, estes comerciantes dependem em sua maioria da população que vem de outras localidades através dos barcos, lanchas e balsas.

A gente perdeu clientes, mas eu tenho meus fregueses certos que vem e compram comigo há anos, mas mesmo assim tá devagar. Agora nesse tempo de chuva piora mais ainda, porque muita gente vem da ilha e com chuva e maré alta ninguém quer vim. Esse momento que tô vivendo de vendas é o pior de todos, antes eu saía da minha casa 5 da manhã com meu filho, a gente vinha e quando era 10 horas da manhã a gente já tava com mil reais na mão. Hoje em dia a gente passa uma semana e não vende mil reais. De manhã ainda vendo uma calcinha, um sutiã, alguma besteira, quando dá 11:30 o pessoal vai para casa e não volta mais. (Informação verbal<sup>87</sup>).

A entrevistada relata que as dificuldades encontradas em seu ambiente são relevantes para a sua atuação, assim como para os comerciantes formais da área, dada à questão dos fatores naturais. No entanto, a feirante revela que perdeu clientes para outros espaços de consumo quando recorda da época que vendia seus produtos e conseguia um retorno financeiro significativo. Lembranças como essas são escutadas com frequência de outros comerciantes informais, de acordo com o feirante a seguir, trabalhador na Oito de Maio, ele lembra que:

Antigamente quando comecei a vender o hortifrúti granjeiro eu vendia 800/900 kg de tomate por semana, 20 sacas de cebola, eu tinha o contato de uma empresa em Curitiba que trabalhava aqui, eu vendia bastante, só

<sup>87</sup> Entrevista concedida pela feirante do ramo de vestuário, Rosa Alice, em 18 de janeiro de 2020.

pra ti ter uma ideia, hoje [terça] eu trago 4basqueta de tomate aí dá pra eu trabalhar até segunda feira, só pra ti ver o quanto caiu. (Informação verbal<sup>88</sup>).

Percebe-se através da narrativa acima como a quantidade foi reduzida acerca da reposição de mercadoria do estabelecimento no decorrer do tempo. O feirante relata, em proporções, as sacas trazidas e vendidas anos atrás que perduravam uma semana e o que hoje ele comercializa através de pequenas basquetas de produtos que permanecem em estoque até seis dias aproximadamente.

Embora estando em condições de trabalho semelhantes, as dificuldades enfrentadas pelos feirantes do Mercado Municipal e da Feira da Oito de Maio dada sua localização e o público alvo são distintas. Enquanto os primeiros têm os elementos físicos como o período de chuva e das marés, os outros enfrentam a concorrência de grandes grupos atacadistas próximos à feira.

Em meio às dificuldades existentes, os comerciantes entrevistados desenvolvem artifícios para garantir a manutenção de fregueses e estratégias para capturar novos consumidores para suas bancas.

O segredo é o respeito com o cliente, se você falar alterado um pouquinho ou não atender bem, o cliente vai e não volta. Tem que ser um atendimento aperfeiçoado, porque se você não falar com respeito e delicadeza, você não vai arrumar nada em lugar nenhum. (Informação verbal<sup>89</sup>).

Olha, se você não tiver uma boa conversa, se você não agradar o freguês, ele não volta. Você tem que vender uma mercadoria com qualidade, se você não vender uma mercadoria de qualidade, o freguês chega, ele olha e vê se minha mercadoria é boa, ele jamais vai comprar se não tiver boa. Quando tá boa, ele compra e ainda indica outra pessoa pra vir comprar aqui na minha banca, aí eu ganho clientela. (Informação verbal<sup>90</sup>).

O consumidor que vem eu faço o seguinte, eu dou um desconto bom, aí ele volta né? E eu trato bem com palavras, "amor, diga", "diga, bebê" e tal, até se a pessoa for de mais de idade eu trato como se fosse jovem, então isso faz com que eles voltem né, pra comprar aqui. (Informação verbal<sup>91</sup>).

Dentre as técnicas utilizadas, nota-se que os princípios norteadores para ampliar a clientela são o atendimento, a qualidade e o preço. Nas narrativas, os entrevistados apresentam alguns exemplos de como os vendedores se relacionam com os clientes, seja com respeito e até mesmo com mais intimidade. Nessa relação

---

<sup>88</sup> Entrevista concedida pelo feirante do ramo de hortifrúti, Francisco Edmundo, em 16 de janeiro de 2020.

<sup>89</sup> *Ibidem*.

<sup>90</sup> Entrevista concedida pelo feirante do ramo de hortifrúti, Delson Macedo, em 16 de janeiro de 2020.

<sup>91</sup> Entrevista concedida pelo feirante do ramo de variedade, Manoel Pinheiro, em 16 de janeiro de 2020.

mais próxima que o ambiente dos mercados ao ar livre proporciona, seja por mostrar aos seus consumidores a qualidade do produto, por ser fresco e por apresentar boas condições estéticas ou até pelo já conhecido desconto dado nos produtos para potencializar as vendas, tem como consequência a minimização dos efeitos negativos da concorrência já existente na região, proporcionando a manutenção e um alcance de novos consumidores.

Em comparação às estratégias realizadas pelo mercado formal, os modos de abordagem aos clientes no mercado informal se diferenciam principalmente na relação pessoal com os consumidores, menos burocrática e rígida, desenhada em condições daquilo que foge ao modelo de modernidade dos grandes centros da economia urbana, assumida em grande medida pelo circuito superior.

A partir das entrevistas, encontraram-se relatos, mais precisamente apelos que estes sujeitos socioeconômicos apontam dada a precariedade do espaço com o intuito de melhorar a qualidade das atividades desenvolvidas no mercado e na feira. A maioria dos relatos se direciona para aspectos que envolvem diretamente o poder público, em especial à prefeitura de Belém.

Para nós feirante aqui o legal era ter, primeiro, fiscalização na Feira da Oito de Maio e em todas as feiras daqui de Icoaraci, segurança não tem também, você não vê um policial aqui na feira, padronizar nossas bancas tudinho, como a gente paga em carnê, como mostrei pra você, o poder público podia reunir com nós aqui sentar e fazer uma reunião para padronizar nossa barraca, botar policiamento porque não se tem segurança e a fiscalização para os clandestinos para a melhoria da feira. Aqui na feira tinha que ter SEMOB [Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana de Belém], Guarda Municipal com a Polícia Militar, porque se você ver o quanto de moto trafega no meio das pessoas, eles botam medo nos fregueses aqui, isso é ruim pra gente. Outra coisa que tem aqui e que podia ter fiscalização é o barulho, muito barulho aqui, hoje só tá funcionando aqui [apontando para uma bicicleta com caixa de som ao seu lado], mas amanhã tem ali e mais em 5 ou 6 *bikes* que ficam andando por aqui, isso atrapalha, o consumidor chega aqui e se incomoda. Na loja e no supermercado não tem isso, a DEMA [Delegacia do Meio Ambiente] tinha que tá aqui fiscalizando. (Informação verbal<sup>92</sup>).

Falta muita organização nessa feira, inclusive era pra nós termos uma Guarda Municipal aqui para dar um apoio pra gente, mas não vem, não tem mais nada disso. Até mesmo a polícia, tô desde cedo aqui e não passou um carro de polícia aqui, se caso acontecesse alguma coisa, seria complicado. (Informação verbal<sup>93</sup>).

O poder público podia padronizar e organizar aqui, tirar o pessoal do meio de rua, botar em um local, nas transversais pra todo mundo trabalhar, principalmente os clandestinos, aí sim podia dá uma melhorada bacana. A segurança aqui é só Deus, a limpeza o pessoal passa aqui só com o

<sup>92</sup> Entrevista concedida pelo feirante do ramo de hortifrúti, Delson Macedo, em 16 de janeiro de 2020.

<sup>93</sup> Entrevista concedida pelo feirante do ramo de variedade, Francisco Tavares, em 16 de janeiro de 2020.

ancinho, eu nunca vi ancinho varrer rua, ancinho só tira o grosso, o lixo fica. (Informação verbal<sup>94</sup>).

Acho que para melhorar o mercado [municipal] só Jesus na causa, porque o agente [distrital] da prefeitura que entrou agora nem no mercado ele vai, e quando a gente vai lá falar com ele, ele nunca pode atender a gente. E o administrador que tá aqui com gente tem dia que ele vai, aí passa 5 dias pra voltar no mercado, aí como é que um administrador vai fazer alguma coisa pela gente? Tá cruel, nosso mercado mudou demais. (Informação verbal<sup>95</sup>).  
O poder público poderia fazer uma reforma no mercado, um administrador melhor, uma segurança porque antes tinha um vigia a noite e agora não tem mais nada, o mercado agora fica aberto e é perigoso. Limpeza também porque tem muito rato aqui. (Informação verbal<sup>96</sup>).

Os apelos encontrados nas narrativas dos feirantes fornecem a dimensão do descaso dos órgãos públicos com as deficiências existentes no espaço comercial icoaraciense seja pela insegurança nas mais variadas ordem (civil, patrimonial e ambiental), na desorganização comercial, na ineficiência de gestão dos espaços destinados para comércio e na degradação estrutural desses ambientes.

Essas necessidades levantadas pelos atores socioeconômicos incidem diretamente não somente nas atividades desenvolvidas, mas também na sua sobrevivência e de suas famílias já que o trabalho nesses espaços, segundo todos eles, é o único de atuação, ou seja, dependem diretamente das boas condições físicas para a reprodução social.

Diante das dificuldades encontradas pelos comerciantes informais nas áreas de comércio intenso, algumas ponderações podem ser elencadas acerca das dinâmicas estabelecidas pelo comércio formal. Destaca-se dentre elas suas origens, na qual os comerciantes do setor formal diferenciam-se sendo em sua totalidade naturais do distrito e os informais majoritariamente advindos de outras regiões, em especial do nordeste brasileiro, embora todos eles se identifiquem como icoaracienses pelo tempo de vivência e pelas raízes construídas com o lugar (HOLZER, 1997).

Suas redes de relações, em especial de fornecedores são diversas também, onde nos setores formais elas são estabelecidas em escalas macro, atingindo alcances globais com produtos importados do ramo do vestuário, enquanto os atores da informalidade atingem, sobretudo, fornecedores regionais, como do nordeste paraense. No entanto, ressalta-se a existência de alguns produtos possuem

<sup>94</sup> Entrevista concedida pelo feirante do ramo de hortifrúti, Francisco Edmundo, em 16 de janeiro de 2020.

<sup>95</sup> Entrevista concedida pela feirante do ramo de vestuário, Rosa Alice, em 18 de janeiro de 2020.

<sup>96</sup> Entrevista concedida pela feirante do ramo de vestuário, Rosinete Lima, em 18 de janeiro de 2020.

conexões nacionais como a produção têxtil do nordeste e de materiais importados adquiridos através de São Paulo.

Ademais, como brevemente pontuado anteriormente, as condições de trabalho são também distintas, já que na formalidade os colaboradores possuem, em quase todas as lojas carteira de trabalho assinada de acordo com o regime de CLT, com horários e dias fixos de trabalho. Já no comércio informal nenhum dos colaboradores possuem direitos trabalhistas garantidos embora apresentarem maior flexibilidade de horário e dias de trabalho caso necessitem, mesmo onde não exista mais a relação do trabalho familiar.

É necessário salientar que muitos dos feirantes entendem o regime de trabalho de seus colaboradores como uma oportunidade de emprego sem vinculação burocrática, estando aberto para ser empregado no regime formal quando houver a ocasião sem a existência de nenhum procedimento rigoroso para sua saída.

Outra questão que fora levantada se dá no âmbito das necessidades de cada ambiente de trabalho dos setores comerciais que compõem a subcentralidade de Icoaraci. Enquanto a necessidade dos empresários formais se alinha principalmente na necessidade de intensificação das vendas através da reorganização da associação já existente, os comerciantes ambulantes direcionam seus apelos ao governo municipal, pois como eles atuam em espaços públicos necessitam de diálogo mais estreito com os representantes políticos.

Atender os grupos informais no contexto de descaso das estruturas comerciais é uma necessidade vista por muitos entrevistados como emergencial, influenciando intrinsecamente nas vendas, em especial quando se trata do Mercado Municipal que tem suas estruturas visivelmente comprometidas e gradualmente vem afastando os turistas e consumidores do local. Vale considerar que o Mercado Municipal possui gestor do espaço, no entanto, nas diversas idas em campo não foi possível encontrá-lo na administração do prédio.

Em relação aos ambulantes da Feira da Oito de Maio, além da necessidade de uma adequação e padronização das estruturas das bancas, os entrevistados revelam a necessidade de fiscalizar e integrar os vendedores clandestinos às normas estabelecidas pela secretaria de economia do município à feira, pois a existência de conflito é constante na área pela desorganização denunciada aos



últimos. Os atores envolvidos no processo apontam a ausência dos agentes de fiscalização que, segundo eles, se encontram na área em períodos esporádicos.

Diante das entrevistas realizadas pelos setores comerciais formal e informal no conjunto que abrange a subcentralidade de Icoaraci, entende-se que as dinâmicas desempenhadas são complexas. Complexidade esta expressada no interior do setor formal, que se justifica tanto pelas suas localizações quanto pelo público ao quais os mesmos atendem, assim como no ambiente da informalidade que convive intrinsecamente relacionado com a formalidade, embora nas mesmas condições de trabalho também apresentem diferenças tanto no público alvo, mas, sobretudo, nas necessidades existentes.

## **4.2 Os artesãos**

Avançando na caracterização dos agentes sociais que se apresentam inseridos no conjunto formador da subcentralidade icoaraciense, os artesãos assumem um caráter diferenciado. Entendidos como sujeitos que assumem atividades para além do econômico, suas peças produzidas e comercializadas tem atribuição histórica e cultural para a Amazônia, compreendendo uma cadeia de produção e organização complexa e totalmente diferente do que já fora apresentado pelos comerciantes anteriormente.

Em Icoaraci as olarias assumem espaços de produção das peças e de comércio das cerâmicas que tem em sua grande maioria localizada na periferia, em especial no bairro do Paracuri, diferentemente da área dos comerciantes formais e informais que utilizam outras áreas, sobretudo, os bairros do Cruzeiro, Agulha e Campina de Icoaraci.

Fotos 27 e 28 - Icoaraci – Olaria localizada no bairro do Paracuri. 2020



Fonte: Erick Ramos (2020).

Suas atividades são consideradas como trabalho com menor intervenção no ambiente no que tange às atividades econômicas, não podendo também ser deixado em segundo plano as profundas dimensões históricas e culturais por elas marcadas. Pela vivência dos artesãos serem particular, entende-se que suas “trajetórias são variadas [...], adaptando-se aos seus novos espaços e tempos, cada vez de forma original e incomparável” (HÉBETTE; MAGALHÃES; MANESCHY, 2002, p. 34).

Essa intervenção no ambiente é marcada pela exploração dos recursos naturais, seja ele de origem vegetal ou mineral. No contexto da atividade artesã, a exploração é direcionada para a extração mineral da argila<sup>97</sup>. Nesse sentido, aponta-se que o trabalho artesanal evidencia os vestígios da origem colonial brasileira, em especial na Amazônia.

Trabalho e exploração de recursos é uma equação presente desde a origem colonial na estrutura de posse e propriedade que foi a sesmaria. A sociedade escravocrata teceu uma cultura patrimonial, de dominação, formada desde o início da colonização. As modalidades de posse de terra conformaram a grande propriedade como sistema de poder [...]. O sistema de sesmaria está nas raízes da sociedade colonial brasileira naturalmente ligada à exploração de recursos naturais e à produção voltadas à exportação [...] (CASTRO, 2006, p. 29).

Tanto o trabalho como a exploração dos recursos naturais está relacionado ao processo de posse e propriedade na Amazônia registrada pelo sistema de

<sup>97</sup> Origina-se na Amazônia, é um recurso de origem mineral extraído frequentemente pelos barreirenses das margens de rios e de igarapés.

sesmarias, marcando o fenômeno tanto econômico e ambiental, mas, sobretudo, social.

Fotos 29 e 30 - Icoaraci – Bola de barro extraída pelos barreirenses nas margens dos rios e igarapés. 2020



Fonte: Erick Ramos (2020).

Doracy Souza (2010) afirma que o trabalho artesanal em Icoaraci é desenvolvido sob uma forma de trabalho caracterizado “pelo conhecimento de ofício pela tradição familiar que, de certa forma, vem reconstituindo a memória das populações pré-coloniais da Amazônia” (SOUZA, 2010, p. 44). No que se refere especificamente à cerâmica marajoara que é produzida nas olarias de Icoaraci, Schaan (2007) coloca que é historicamente caracterizada como uma: “[...] cultura que se expandiu por toda a ilha de Marajó a partir da metade do primeiro milênio d.C. e que encontrou expressões locais diferenciadas devido a fatores ecológicos e sociais particulares” (SCHAAN, 2007, p. 81).

Entende-se que essa cultura é advinda de uma prática comum dos povos indígenas, no entanto com o processo de colonização muitos povos amazônicos foram exterminados. Assim, na tentativa de resgatar suas memórias, as reminiscências são reproduzidas em réplicas de cerâmica por meio do barro nas olarias (SOUZA, D., 2010).

É necessário pontuar que além do espaço da olaria que em muito dos casos é o ambiente de produção das peças, de moradia do artesão e local de venda de suas cerâmicas, estes possuem outros espaços para venda de seu material como tentativa de facilitar o escoamento de sua produção. No entanto, diferentemente dos comerciantes formais convencionais, os artesãos não usam a denominação *filial*,

pois em sua maioria, além dos espaços onde as peças são produzidas, os mesmos têm apenas o espaço cedido pela prefeitura de Belém na orla do distrito.

Nas olarias visitadas constatou-se que a média de existência é de 40 anos, sendo que a mais antiga possui 56 anos de atividade. Esses espaços produzem atualmente peças em dois estilos: utilitárias e decorativas, como relatou um dos entrevistados: “trabalho com filtro, panela, alguidário, bilha, com tanque, trabalho muito com prato de parede também para fazerem desenho” (Informação verbal<sup>98</sup>).

Ademais, o número de colaboradores em média é de 3 a 4 por olaria, sendo que uma delas possui 12 pessoas trabalhando regularmente, sendo todos residentes do distrito de Icoaraci embora muitos não sendo naturais do lugar. No relato abaixo, um dos entrevistados, que na ocasião é um dos mestres do distrito com 83 anos, conta como houve a fundação de sua olaria e a quantidade de pessoas que já trabalhou com ele.

Quando foi em 1964, eu comprei juntamente com um amigo que eu tinha um pequeno barracão, era bem pequeno mesmo, só tinha uma roda dessas assim, um pedaço de forno e uma pequena prateleira que dava pra trabalhar, menos de meio dia enchia ela, era mais na frente a olaria. Aí eu comecei a trabalhar com outros colegas e eu fui guardando minha parte pra ir aplicando na olaria, fui investindo. Em 10 anos, em 1974, ela já era maior do que era hoje, porque esse barracão ia até aquela beirada, ia até lá, aí caiu uma árvore em cima dela, aí quebrou naquele lado de lá 44 metros quadrados e daqui quebrou mais ou menos 20 metros quadrados, aí como eu já não tava precisando dela tão grande como era, aí não reconstruí, só a parte que tá em uso hoje. Eu cheguei a ter 25 pessoas trabalhando comigo, isso por volta de 1970/1975. (Informação verbal<sup>99</sup>).

Ainda sob o regime de trabalho das pessoas que atuam nos espaços da olaria, verificou-se que os colaboradores não possuem regime de trabalho formal, sendo que a maioria não é proveniente da família de artesãos embora a maioria das olarias entrevistadas apresente sua constituição através do meio familiar, isto é, o ciclo antes existente na qual a olaria era repassada de pai/mãe para filho/filha não se constitui mais como um padrão de existência desses espaços de produção histórico-cultural.

Como apontado acima, muitos dos artesãos que atualmente possuem suas próprias olarias são artífices que vieram de outras regiões do estado e do país. Os mesmos, inicialmente, começaram nesse ramo como prestadores de serviço<sup>100</sup> em

---

<sup>98</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Rosemiro, em 21 de janeiro de 2020.

<sup>99</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Rosemiro, em 21 de janeiro de 2020.

<sup>100</sup> Denominação dada pelos artesãos aos colaboradores das olarias.

olarias de outras pessoas por não possuírem os meios de produção quando imigrantes.

Eles residem aqui na área, ninguém fora de Icoaraci. Muitos deles vieram do interior para cá, muita gente que veio pra ganhar a vida aqui, nessa época que tinha 25 trabalhando, mais da metade era pessoal do interior, e hoje em dia eles se tornaram profissionais que estão espalhados pelo Brasil, trabalhando com o artesanato. Temos oleiros em Goiás, temos em São Paulo, em Santa Catarina, temos no Rio de Janeiro, em Macapá, no Maranhão e Mato Grosso também. Eles aprenderam todos aqui e tem muitos que estão aqui também [em Icoaraci]. O artesanato para além do trabalho, aqui era uma escola. Só aqui na passagem Espírito Santo tem 10 que aprenderam aqui, 9 são proprietários de olaria, só 1 que é prestador de serviço ainda. (Informação verbal<sup>101</sup>).

É necessário destacar que, diante da cadeia de produção das cerâmicas de barro, há a existência de um ator socioeconômico importante, muitas vezes desconhecido da estrutura produtiva das peças de artesanato, os barreirenses. Em algumas narrativas retiradas das entrevistas de artesãos, os mesmos relatam a dinâmica atual do trabalho desse grupo que extrai nos manguezais o barro para o fornecimento aos artesãos:

No Paracuri a grande jazida de argila era pra lá, essa argila de lá é tão grande que até hoje tem argila lá. Pararam agora de tirar argila lá porque os traficantes não deixaram mais o pessoal passarem pra lá, teve até uma batida da polícia que teve nesse igarapé em outubro que mataram um barreirense achando que fosse bandido<sup>102</sup>. Aí a partir daí ficou difícil pros barreirense, os traficantes tomaram conta da área tudo lá da mata. Agora eles estão tirando barro em Santo Antônio do Tauá, ficou mais caro um pouco. Ele é melhor do que o do Paracuri, porque o do Paracuri já foi muito explorado, hoje em dia só tiravam a ponta né? Hoje já não tem mais assim aquilo que na nossa linguagem a gente chama de eito, eito é uma manta de barro grande, aí lá em Santo Antônio do Tauá dizem que o eito é de 10 mil metros quadrados, muito grande a área, mas a do Paracuri é boa ainda também, o que impede hoje os barreirense são os traficantes. Eles pegam no Tauá o barro agora, mas eles amassam aqui, tem uns que amassam na soledade e outros amassam na Montepio onde tem as duas máquinas de beneficiar. (Informação verbal<sup>103</sup>).

Diante da narrativa acima, o artesão aponta as dificuldades existentes atualmente na prospecção do barro para o fornecimento às olarias. Os barreirenses correm riscos constantes devido serem ameaçados pelos traficantes de

<sup>101</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Rosemiro, em 21 de janeiro de 2020.

<sup>102</sup> Polícia ainda não tem necropsia de catador de barro morto em ação policial no Paracuri (ARRUDA, 2018).

Operação policial que deixou morto e baleados em Icoaraci será alvo de investigação (OPERAÇÃO..., 2018).

<sup>103</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Rosemiro, em 21 de janeiro de 2020.

entorpecentes que se territorializaram na área de extração do grupo social local. Outros artesãos entrevistados também ratificam essas informações quando relatam que essa dificuldade transcende para além dos barreirenses, atingindo também os artesãos, já que é uma rede de sociabilidade (CASTRO, 2004) intrinsecamente ligada ao artesanato.

Hoje a nossa maior luta é pela argila. Nesse exato momento é isso, porque se não tiver argila, não tem trabalho. Os barreirenses tão buscando lá não sei da onde, porque aqui [no Paracuri] os traficantes não estão querendo deixar, então se não tiver argila não tem artesanato. (Informação verbal<sup>104</sup>). Os barreirenses com medo estavam tirando da beirada [do rio], só que a argila da beirada não é boa, mas eles faziam isso por medo. Quando os traficantes chegavam lá eles falavam: "O que é que tanto buraco vocês fazem aqui?". Aí com medo de morrer, eles evitam de ir pra lá, até pelo que já aconteceu com os traficantes e a polícia né?! (Informação verbal<sup>105</sup>).

Foto 31 - Icoaraci – Violência aos barreirenses que extraem argila no Igarapé do Paracuri. 2018



Fonte: Ary Souza (2018).

Conflitos entre a polícia e os traficantes já ceifaram a vida dos trabalhadores que trabalham com a extração do barro. Com isso, devido aos recentes acontecimentos, os barreirenses deslocam-se para outro município, localizado na região nordeste do estado para a retirada do barro. Segundo alguns entrevistados, a prefeitura de Belém estaria os auxiliando com o fornecimento do maquinário necessário para a retirada e o traslado, no entanto, essa alternativa tem sido vista de modo negativo devido o valor cobrado pela bola do barro aos artesãos.

Parece que agora tão indo tirar argila aí pra dentro, aí parece que a prefeitura ajudou, cedeu caçamba pra buscar barro lá pra Santo Antônio do

<sup>104</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Josimar, em 18 de janeiro de 2020.

<sup>105</sup> Entrevista concedida pela artesã, Dona Raimunda, em 18 de janeiro de 2020.

Tauá. Devido esses bandidos estarem aí dentro [no Paracuri], eles estão coagindo os barreirenses, aí eles se viraram e conseguiram com a prefeitura para pegar a argila. Porque aí dentro do mato os bandidos estão proibindo os caras irem buscar, entendeu? (Informação verbal<sup>106</sup>).

Tem barreirenses que tá indo buscar lá pra banda de Santo Antônio do Tauá, aí como é mais trabalho eles estão pedindo muito caro na bola de barro, já vai pra 6 reais. (Informação verbal<sup>107</sup>).

Agora que a prefeitura tá ajudando com duas caçambas pra ir buscar o barro lá em Santo Antônio, só que mesmo assim é ruim porque encarece o barro, porque só os caras irem pra lá pra buscar o barro já aumenta o trabalho deles. (Informação verbal<sup>108</sup>).

Percebe-se através das conversas com os entrevistados que a atividade artesã vem sendo prejudicada, principalmente com as constantes ameaças aos barreirenses, grupo social este com risco iminente de desaparecimento devido os conflitos no bairro do Paracuri e do dispêndio existente com a questão logística da retirada e transporte da argila do município de Santo Antônio do Tauá até o distrito de Icoaraci, já que os custos do novo circuito de extração é repassado no valor final da bola do barro que antes girava em torno de 3 reais a unidade atingindo agora até 6 reais.

Embora a dificuldade exista no cotidiano desses grupos, quando perguntados como se dá a relação dos artesãos em Icoaraci, um dos entrevistados coloca que "aqui um ajuda o outro e tal, às vezes a olaria do lado pede para a gente finalizar um serviço quando a demanda tá muito grande para eles e vice-versa" (Informação verbal<sup>109</sup>). Através dessa rede de cooperatividade as olarias mantêm suas atividades e a existência de uma associação que os auxilia nas lutas e demandas pelo grupo junto ao poder público.

A SOAMI é a única associação que atua junto aos artesãos daqui para tirar nossa nota fiscal da produção. A gente precisa porque tem encomenda de cliente que eles pedem pra gente enviar, embalar e pedem com nota fiscal, aí fica difícil trabalhar sem nota. (Informação verbal<sup>110</sup>).

Tudo quem resolve é a associação, a gente paga uma mensalidade de 40 reais todo mês, e tudo sai do nosso bolso. Não vou dizer que nunca a gente teve ajuda, porque se hoje a gente tá onde a gente tá foi com ajuda. No tempo daquele prefeito Edmilson, ele que construiu a feira para nós e depois dele, não teve mais nada. (Informação verbal<sup>111</sup>).

<sup>106</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Josimar, em 18 de janeiro de 2020.

<sup>107</sup> Entrevista concedida pela artesã, Dona Raimunda, em 18 de janeiro de 2020.

<sup>108</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Rosemiro, em 21 de janeiro de 2020.

<sup>109</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Josimar, em 18 de janeiro de 2020.

<sup>110</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Edmilson, em 18 de janeiro de 2020.

<sup>111</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Josimar, em 18 de janeiro de 2020.

A Sociedade de Amigos Artesãos de Icoaraci (SOAMI) trabalha com o intuito, segundo um dos associados, de auxiliar os artesãos em suas necessidades seja com documento fiscal que possibilite o aumento nas vendas, na facilitação da relação com os representantes do governo municipal com o propósito de buscar melhorias para a categoria. A associação atualmente conta com 53 artesãos diretamente vinculados e indiretamente abrange acima de 200 colaboradores das olarias. As reuniões se dão uma vez ao mês e suas eleições ocorrem em período regular de quatro anos, sendo realizadas no mês de fevereiro.

Os entrevistados relatam que o papel da associação atualmente é fundamental sendo a principal ferramenta de comunicação entre as olarias e entre os órgãos vinculados ao município de Belém. Sua existência objetiva organizar e fortalecer o espaço de vendas cedido pela prefeitura municipal na orla do distrito, conhecido como Feira do Artesanato, segundo os artesãos, construída e entregue na gestão do ex-prefeito Edmilson Rodrigues.

A gente procura ao máximo o contato com os órgãos públicos para serem atendidas nossas demandas junto a associação, até porque solicitar as coisas sozinho é muito complicado. Aqui em Icoaraci a gente tem uma força muito boa, a gente geralmente usa o nome da SOAMI para ser atendido, não só aqui na Agência [Distrital] como nos órgãos do governo de Belém também, SECULT, SEURB quando a gente quer a manutenção de algum poste lá na orla, por exemplo. (Informação verbal<sup>112</sup>).

Além da demanda citada, como exemplo, o representante da associação apresenta algumas demandas existentes que, ao ver de um dos entrevistados proporcionaria, sobretudo, um aperfeiçoamento dos profissionais no conhecimento empírico do saber-fazer e, conseqüentemente, uma potencialização do artesanato em Icoaraci. Algumas das demandas seriam:

[...] a reformulação dos cursos de aperfeiçoamento realizados pelo SEBRAE que se tornaram obsoletos, sendo elaborados na região centro-sul do Brasil e a tentativa de conseguir espaço em alguns pontos turísticos de Belém e Icoaraci para a exposição do trabalho e na melhoria das vendas. (Informação verbal<sup>113</sup>).

Segundo o entrevistado, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) possui um setor específico para o trabalho com os artesãos da região, no entanto, os materiais utilizados encontram-se defasados devido a sua

---

<sup>112</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Edmilson, em 18 de janeiro de 2020.

<sup>113</sup> *Ibidem*.



elaboração não ser realizada na região de aplicação dos cursos. Como apontado pelo entrevistado, a produção do material é realizado em outras regiões do país, sendo repassado para a aplicação por suas subdivisões regionais.

Essa prática não favorece o desenvolvimento do aperfeiçoamento dos profissionais reforçando apenas a ilusão de homogeneidade das características, necessidades e anseios daqueles grupos e indivíduos que procuram a instituição. A aplicação esconde as particularidades de cada grupo socioeconômico, no caso especial do espaço amazônico, e fomenta uma colonização regional de conteúdo.

Outra reclamação do artesão vai em direção à necessidade de obtenção de outros espaços para a venda dos produtos de cerâmica, sobretudo, em ambientes com fluxo maior de turistas em Belém. Devido à alta produção de peças pela grande quantidade de olarias na área, os artesãos relatam que é crescente a procura de outros espaços com o intuito de gerar maior evidência da produção artesã icoaraciense.

Hoje em dia tá a complicação muito grande em venda né? A ideia é ter outros pontos para dar vazão aos produtos que é feito aqui em Icoaraci que não é pouco. Aí hoje em dia tem uns projetos em Belém que querem transformar algumas coisas e a gente tá tentando inserir o artesanato para ficar um ponto permanente em diversos setores. (Informação verbal<sup>114</sup>).

A SOAMI procura meios possíveis, junto ao poder público e com as empresas de turismo que promovem os passeios, através de reuniões com representantes da pasta, para a sua inserção seja em espaços turísticos na capital ou na readequação dos circuitos já existentes em Belém para que o trabalho do grupo possa estar sendo exposto.

A gente tenta a muitos anos entrar no roteiro turístico, aquela Orla [de Icoaraci] foi feita com essa intenção, de trazer os turistas para lá. Só que hoje em dia, os turistas descem no nosso trapiche e daqui eles saem para a Casa das Onze Janelas, para o Forte do Castelo, para Belém. Eles não ficam em Icoaraci e nem entram na Feira do Artesanato que é bem do lado. Eu já solicitei para os representantes dos órgãos do turismo daqui de Belém que, já que eles não conseguem colocar Icoaraci no roteiro turístico, que eles coloquem pelo menos os ônibus do turismo depois da Feira do Artesanato para pelo menos os turistas passarem na frente. (Informação verbal<sup>115</sup>).

Conforme explicitado pelo entrevistado, há uma falta de interesse de introduzir a orla de Icoaraci no roteiro turístico promovido pelas empresas em

<sup>114</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Edmilson, em 18 de janeiro de 2020.

<sup>115</sup> *Ibidem*.

parceria com o poder público. Atualmente, Icoaraci é utilizada apenas como local de embarque e desembarque dos passageiros dos cruzeiros servindo, sobretudo, de corredor para os pontos turísticos da área central da cidade de Belém, isto é, os turistas não são conduzidos na ocasião à conhecer a Orla do distrito e outros lugares próximos.

A reivindicação evidenciada na fala do artesão se direciona na possibilidade da organização do circuito dispor seus veículos, destinados à locomoção dos turistas, próximos à Feira do Artesanato que se localiza a poucos metros do trapiche de embarque e desembarque. Vale ressaltar que, segundo o entrevistado, os passageiros são impossibilitados de irem conhecer a feira atualmente porque seguem um roteiro estabelecido pela empresa de turismo, o que inibe a sua visitação pela orla de modo descomedido.

Em entrevista com outro artesão sobre as demandas existentes pelo grupo e a articulação realizada por meio da associação com órgãos do governo, ele revela na ocasião da entrevista, a possível marcação de uma reunião com representantes de um banco público do estado.

Sobre o poder público, quando a gente procura eles, eles nos ajudam, inclusive tá marcada uma reunião esses dias com o Banco do Cidadão [BANPARÁ], parece que tá com o nome de CredPará [CREDCIDADÃO], a finalidade dele é desenvolver as pequenas indústrias do estado, então ele vai fazer uma reunião com a gente aqui porque ele vai reativar uma linha de crédito que vinha funcionando desde o governo do Almir Gabriel, aí com o tempo e devido um problema com os artesãos essa linha de crédito tinha acabado, mas agora os artesãos foram novamente chamados pelo banco e que o CredPará [CREDCIDADÃO] vem aqui ver conversar com a gente porque tem um empréstimo específico para fazer o forno, porque os fornos aqui estão no meio das cidade hoje em dia, quando nós começamos a trabalhar aqui era só eu aqui, o resto era só mato, hoje em dia por aqui tá cheio de casa, aí tem forno em olaria que atrapalha as casas ao redor e outras olarias, aí hoje em dia uns artesãos estão brigando com os outros por causa disso, por causa da fumaça. Aí vão abrir essa linha de crédito pros artesãos que tiverem interessados para construir forno adequado que não polua o meio ambiente. (Informação verbal<sup>116</sup>).

Segundo o entrevistado, o motivo da reunião seria a reativação de uma antiga linha de crédito para os artesãos possibilitando a construção de fornos adequados para a atividade de queima da cerâmica. No trecho acima, o artesão aponta que a produção foi transformada devido à crescente taxa de adensamento de moradias na periferia urbana, pois como ele mesmo aponta, as olarias eram historicamente

---

<sup>116</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Rosemiro, em 21 de janeiro de 2020.

construídas dentro da floresta tanto para facilitar a mobilidade pelos rios das bolas de barro que chegavam através das canoas dos barreirenses tanto para evitar o alastramento da fumaça ocasionada pela queima em áreas de moradia.

Outro elemento que está presente nesse estímulo à readequação é a promoção de estruturas produtivas que impactem de modo mínimo o meio ambiente através da emissão de gases poluentes para a atmosfera tendo interferência na saúde pública, pois também evita que a população absorva microrganismos provenientes da queima da cerâmica culminando em possíveis doenças respiratórias à quem reside em torno das olarias.

Fotos 32 e 33 - Icoaraci – Forno tradicional para queima da cerâmica. 2020



Fonte: Erick Ramos (2020).

Avançando na apresentação da dinâmica produtiva e de comércio do artesanato icoaraciense, outras dificuldades relatadas pelos artesãos vão em direção ao envio das mercadorias dada a abrangência de consumo de seus produtos a nível, sobretudo, nacional.

Nosso consumidor é de todo Brasil e até de fora do país, e mais de fora de Belém. E mesmo assim, o de fora é a maior dificuldade, chega no aeroporto e não pode mais levar no avião muito peso e muitos não compram porque o transporte tá o preço do vaso, até mais caro, então tudo isso encarece, aí complica. (Informação verbal<sup>117</sup>).

Nosso consumidor maior é de fora do estado e até fora do Brasil, só que em números os consumidores de fora do estado é maior. Os consumidores de fora do país são poucos porque o custo para eles levarem uma pecinha só é imenso né?! (Informação verbal<sup>118</sup>).

<sup>117</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Josimar, em 18 de janeiro de 2020.

<sup>118</sup> Entrevista concedida pela artesã, Dona Raimunda, em 18 de janeiro de 2020.

Através das duas narrativas acima se vislumbra a dimensão da rede de consumidores formados em sua maioria de fora do estado do Pará. Contudo, diante do alcance que as peças atingem, alguns obstáculos surgem, como por exemplo, no retorno dos turistas para seus destinos de origem e o excesso de bagagem muitas vezes ocasionado devido o tamanho e peso da peça e no envio das mercadorias para seus destinatários pelos correios em consequência dos valores cobrados através das tabelas de custo que seguem diretrizes de acordo com o tamanho e peso da carga a ser enviada.

Outro elemento que dificulta a venda das mercadorias pelos artesãos icoaracienses se dá pelos atravessadores que levam as mercadorias para pontos turísticos no centro tradicional da capital e comercializam em valores acima do que seria adequado na visão dos entrevistados.

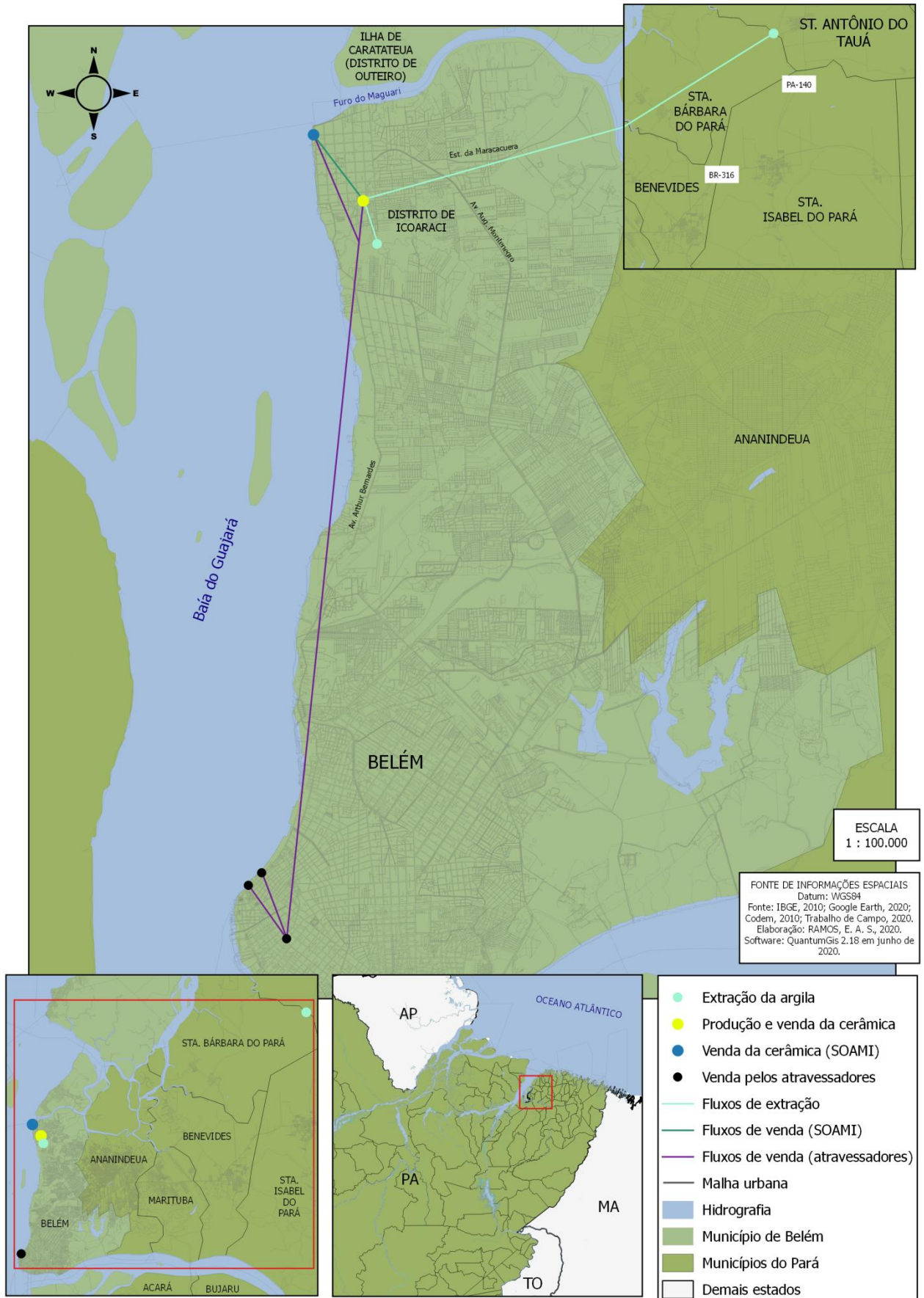
Tem os moradores de Belém que compram, mas são muito pouco, eles ficam tudo lá pelo Ver-o-Peso. Ixe, caiu muito a venda. O que influenciou muito a queda das vendas foram esses atravessadores do Ver-o-Peso. (Informação verbal<sup>119</sup>).

Fora levantado, com um dos entrevistados, que peças comercializadas nas olarias no bairro do Paracuri custando em média o valor de 10 reais a unidade, são encontradas em espaços turísticos no bairro da campina, na cidade de Belém, por 60 reais. Essa questão é entendida pelos artesãos diante do desconhecimento por parte da população, seja ela moradora da cidade ou turista, de espaços mais acessíveis para aquisição dessas cerâmicas.

---

<sup>119</sup> Entrevista concedida pela artesã, Dona Raimunda, em 18 de janeiro de 2020.

Mapa 8 - Icoaraci – Circuito de produção e comercialização do artesanato em cerâmica. 2020



Fonte: Elaboração própria.

Além disso, outro fator que preocupa os artífices é a concorrência a nível nacional. Muitos deles apontam que a particularidade contida na cerâmica marajoara encontra-se sendo plagiada por outros artesãos em algumas regiões do país. Segundo eles, alguns dos produtores são oriundos do próprio distrito que se deslocaram para outros estados e que continuam trabalhando e reproduzindo as técnicas que caracterizam a singularidade das cerâmicas amazônicas.

E esse artesanato que nós faz, não tem só aqui não, tem já em outros lugares do Brasil, tem em Goiás já, desse mesmo tipo. Tem colega nosso que trabalha lá, não é da mesma qualidade que daqui, mas eles imitam, entendeu? Os artesãos daqui foram embora e vivem pra Goiás, pra Brasília ou no Rio e tudo trabalham com cerâmica. (Informação verbal<sup>120</sup>).

As vendas caíram muito também devido muitas pessoas estarem fazendo, ou seja, tem muito mais gente fazendo do que anos atrás, aí todo mundo tá vendendo, caiu, mas também muito por causa disso, da concorrência, algumas desleais, mas a concorrência aumentou e a quantidade de cliente de fato, caiu bastante. (Informação verbal<sup>121</sup>).

Nosso consumidor mudou muito, principalmente na questão da exigência. Porque há algum tempo atrás tudo que se fazia não precisava de tá caprichando em nada, porque tudo que era feito, era vendido rápido, porque era novidade, hoje em dia como já tem muita gente fazendo, e alguns estados que levou, ao invés de comprar os produtos, levou os profissionais para trabalhar para lá, como Minas e Goiânia tem muito gente daqui de Icoaraci trabalhando lá com isso. Eles conseguem a matéria-prima lá também, porque a argila tem em qualquer lugar, eles só têm que ver se o material é próprio pra confecção da peça, porque não é qualquer argila. (Informação verbal<sup>122</sup>).

Alguns artesãos reforçam que a originalidade na técnica de produzir cerâmica marajoara permanece em Icoaraci nas formas e nos traços realizados pelos artífices da vila embora admitindo a existência crescente da concorrência em outros estados.

---

<sup>120</sup> Entrevista concedida pela artesã, Dona Raimunda, em 18 de janeiro de 2020.

<sup>121</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Edmilson, em 18 de janeiro de 2020.

<sup>122</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Rosemiro, em 21 de janeiro de 2020.

Fotos 34 e 35 - Icoaraci – Artesão modelando uma bola de barro enquanto conversa sobre seu cotidiano na olaria. 2020



Fonte: Erick Ramos (2020).

Acerca desse fato, entende-se que os trabalhos desenvolvidos em cerâmica que são qualificadas como artesanato são expressões simbólicas que evidenciam as singularidades do trabalho ao espaço onde ele é produzido (SOUZA, D., 2010). Ademais, é relevante pontuar alguns elementos que compõem a verificação da singularidade daquilo que é atribuído como artesanato. Conforme Dias Filho (2009):

a) Seriação em pequena escala; b) Tradição no modo de fazer sustentada pelo sentimento de pertença a um determinado território; c) Utilização de recursos materiais típicos da região e d) Transmissão dos saberes a respeito da prática material através da oralidade (DIAS FILHO, 2009, p. 2).

Diante dos elementos elencados pelo autor, destaca-se a narrativa do mestre, entrevistado no campo, formador de muitos artesões existentes atualmente no bairro do Paracuri.

Na realidade, nós nunca ensinamos ninguém. Eu digo sempre assim, ensinar é uma coisa, fazer o que faço é outra. Eu dei a oportunidade, mas geralmente eu nunca dizia assim: "não faz!", eu dizia sempre: "faz que tu aprende, eu vou te dar uma ajuda." Então, nesses anos todos, nós demos oportunidade pra muita gente, principalmente aqueles que vieram do interior que aprenderam aqui né?! (Informação verbal<sup>123</sup>).

<sup>123</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Rosemiro, em 21 de janeiro de 2020.

Nesse sentido, compreende-se, primeiramente, a resistência por parte dos artífices em demonstrar a singularidades das peças produzidas em suas olarias em contramão do artesanato produzido fora da região amazônica, por entender que há uma explícita relação da utilização dos recursos naturais com o processo de (re)produção do espaço. Em segundo lugar, expondo através da narrativa do mestre essa originalidade do artesanato icoaraciense por meio de um dos elementos que fundamenta aquilo que é tradicional, a transmissão dos saberes da prática pela oralidade (DIAS FILHO, 2009).

Fotos 36 e 37 - Icoaraci – Etapas de acabamento das peças em cerâmica. 2020



Fonte: Erick Ramos (2020).

Ainda segundo o mestre, ele recorda do período que a demanda pelas peças de cerâmica era elevada e elenca alguns motivos para a possível diminuição na procura pelas olarias.

Quando a gente vendia muita cerâmica, não existia tanto material decorativo como existe hoje, hoje por exemplo tem um comércio fora do Brasil que produz uma grande quantidade de produtos por um preço inferior. Nosso material a gente considera que é caro, então hoje o povo vive pela economia, por aquilo que é mais barato. O produto chinês é um produto que eles fazem em grande quantidade e vendem muito barato e isso interfere hoje em dia nossas vendas, mas não é só da China tem países como Marrocos, além dele tem na África e na Índia que são alto produtores de cerâmica também, tem o Japão que trabalha com uma cerâmica porcelanizada, mas o Marrocos trabalha com uma cerâmica tipo a nossa, só que a deles tem uma qualidade melhor porque os fornos são melhores, eles trabalham com fornos elétricos e à gás sabe, então ele dá uma resistência maior para a cerâmica. (Informação verbal<sup>124</sup>).

<sup>124</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Rosemiro, em 21 de janeiro de 2020.



A partir da narrativa do mestre, entende-se que com a intensificação do fenômeno da globalização, a importação de produtos com alta tecnificação, com baixo custo da mão-de-obra e facilidade de transporte dificultou as vendas da cerâmica local devido ser uma concorrência a baixo custo agregado. Esse exemplo é um reflexo direto da banalização da invenção com a aceleração superpostas e concomitantes que se apresenta na contemporaneidade. O que continua sendo vislumbrado é a crescente mundialização dos lugares e das pessoas (SANTOS, 2013).

O entrevistado se recorda de um passado em que as demandas eram significativas, sendo os produtos produzidos de mais diversa natureza. Segundo o mestre:

Quando eu me entendi para trabalhar com cerâmica, Icoaraci tinha umas 50 olarias funcionando e trabalhávamos com peças utilitárias, e essas peças eram vendidas para toda a Amazônia e também parte do nordeste brasileiro, até o Rio Grande do Norte comprava cerâmica daqui, as Guianas tudo compravam. (Informação verbal<sup>125</sup>).

Fotos 38 e 39 - Icoaraci – Mestre conversando sobre a dinâmica da olaria exercendo seu ofício. 2020



Fonte: Erick Ramos (2020).

A abrangência da cerâmica sempre demonstrou ser elevada assim como as constantes dificuldades no que tange o transporte de mercadoria, como até hoje ainda existe. A rede de consumidores se dava, conforme o artesão, em escala regional, nacional e internacional através dos países que compõem a Pan-Amazônia.

<sup>125</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Rosemiro, em 21 de janeiro de 2020.

Depois com o surgimento do plástico e do alumínio aí foi a grande queda que veio da cerâmica, porque quem comprava uma bacia de barro, passou a comprar uma bacia de alumínio e o alumínio tem 100 vezes a resistência da de barro, tem durabilidade e é mais fácil de conduzir por ser mais leve, uma série de vantagens sabe e isso fez com que caísse, a geladeira fez com que caísse o pote, a moringa, a bilha, a garrafa pet fez com que caísse essas coisas porque o pessoal começaram a guardar água na garrafa pet e outros tipo de garrafa plástica que surgiram, então essas coisas fizeram ter uma queda muito grande, a telha de BRASILIT deu uma queda enorme na telha de barro né? Olha, quando eu comecei a trabalhar aqui, eu trabalhei com telha e tijolo, depois fiquei só trabalhando com telha e filtro, aí quando eu queimava uma fornada de 3 mil telhas, eu já tinha venda pra 5, 6 mil telhas, a saída era muito grande, então logo em seguida fizeram a fábrica da BRASILIT aqui, aí eles fazem uma propagandas sempre contra a telha de barro, sabe? mostrando suas vantagens, aí o pessoal parou de comprar. Depois veio essa telha planne que é de barro, mas é diferente ne, esse barro tem um tratamento e fica diferente da nossa, só que é mecanizada né? toda computadorizada, e a de barro era manual. (Informação verbal<sup>126</sup>).

Outros produtos conforme a continuidade da mecanização das fábricas com o aproveitamento das matérias-primas existentes foi surgindo no mercado. O entrevistado demonstra em escala local os reflexos de uma atuação que se deu a nível mundial. Em sua narrativa ele pontua a ascensão de produtos de alumínio e de barro na produção de peças que a cerâmica já fabricava nas olarias, no qual a qualidade desses novos equipamentos era demonstrada pelo seu peso, tempo de duração e etc.

Ademais, outras peças produzidas pelos artífices foram sendo substituídas por equipamentos domésticos onde sua popularização foi intensa, como a geladeira. Na construção civil, o artesão também demonstra o impacto no trabalho com a escalada da produção de telhas produzidas de fibra combinada com cimento frente às convencionais telhas de barro existentes nas olarias. Ainda sobre as telhas, o entrevistado aponta que indústrias locais também se inseriram no mercado produzindo material cuja matéria-prima é também a argila, no entanto de modo mecanizado.

É evidente, conforme as narrativas apresentadas anteriormente que o processo de globalização transformou intensamente a dinâmica do referido grupo no âmbito do público alvo e no tipo de peças a serem produzidas pelas olarias. Essas mudanças se deram desde a inovação de novas formas de se utilizar as matérias-primas já existentes no processo produtivo quanto na inserção de indústrias tanto a

---

<sup>126</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Rosemiro, em 21 de janeiro de 2020.

nível regional quanto global instaladas no início da década de 1980 no distrito de Icoaraci que influenciaram diretamente a dinâmica econômica dos artesãos.

Avançando na abordagem acerca das dinâmicas de vendas dos artesãos, um dos entrevistados aponta um perfil presente nas características dos consumidores de cerâmica.

Meus consumidores é de todo canto, porque Icoaraci tem um bocado de artesão, aí todo mundo vende, ou vende pra Belém ou fora de Belém, aí nosso comércio é espalhado pelo Brasil e até pelo mundo. Aí aparece uma vez ou outra de 2 em 2 ou até de 3 em 3 anos um freguês que comprou uma peça e agora quer comprar de novo, aí ele vem e faz uma encomenda. Tem um freguês agora, por exemplo, que pediu 3 mil peças, mas ele já tinha comprado com a gente anos atrás e agora veio comprar de novo conosco. Mas a gente faz encomenda pequena também, todo encomenda é bem vinda. (Informação verbal<sup>127</sup>).

Diferentemente dos outros grupos já destacados na pesquisa, os consumidores de cerâmica possuem uma frequência singular. Suas compras se dão em longos períodos de tempo, como salientou o artífice. Esse elemento demonstra o quanto é necessário a abrangência de mercado devido a descontinuidade de compras por um mesmo freguês, embora eles se tornem de certa forma, assíduos.

Nosso consumidor mudou sim, mudou as preferências pelo tipo de peça, teve uma época que o material que saía era só o utilitário, depois ele mudou para o material útil-decorativo, hoje em dia o material que sai é mais decorativo. Teve uma época que saía muito arqueológico, cerâmica marajoara e tapajônica, hoje em dia se você procurar uma peça marajoara por aqui tu não vai encontrar, as peças hoje tomaram outro rumo. (Informação verbal<sup>128</sup>).

Entende-se que toda atividade produtiva e comercial é suscetível à mudanças, a preferência do mercado pelos tipos de peças é um exemplo evidente para se apontar nesse aspecto. Conforme a passagem acima, o entrevistado aponta a mudança de escolhas nos produtos a serem adquiridos atualmente, lembrando o período no qual o tipo de peças arqueológicas se apresentavam em evidência nas prateleiras das olarias. Ele continua em seu relato que:

Os fluxos diminuiu, a gente tem um pensamento de que tudo é uma época né? Hoje em dia a época é dos celulares, dos eletrônicos, tá em uma ascensão, mas teve uma época da cerâmica que todo mundo queria ter seu

<sup>127</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Rosemiro, em 21 de janeiro de 2020.

<sup>128</sup> *Ibidem*.

vaso de cerâmica sabe? mas depois passou essa fase aí começou a ficar um pouco ruim, mais restrita. (Informação verbal<sup>129</sup>).

Como já apontado por outros artesãos e reforçado pelo artífice acima, as vendas nos últimos anos caíram significativamente. No entanto, o que se revela para além da denúncia da queda das vendas, através de sua narrativa, é a noção da contínua transformação das necessidades da sociedade moderna em que produtos constantemente surgem com o discurso de suprir alguma carência da vida do ser humano no formato de mercadorias, inaugurando um consumo em massa e consolidando uma sociedade do descarte (VÉRAS, 2001).

A questão que envolve a dinâmica de venda dos artesãos no mundo atual se direciona em como manter a freguesia atual e, principalmente, em como alcançar novos consumidores dados o perfil deles se caracterizarem por clientes que consomem seus produtos com frequência reduzida.

A minha estratégia é atender bem, o pessoal vem aqui comigo, ou vai lá na nossa loja, aí é a mesma coisa nosso atendimento é bom, aí aquela amizade boa de anos e anos atrás já trás uma pessoa nova sabe, uma pessoa que a gente não conhece, aí é mais no boca a boca nossa estratégia. (Informação verbal<sup>130</sup>).

Olha, antigamente era os próprios artesãos que iam fazer panfletagem na frente de hotéis, em frente de pontos turísticos, hoje em dia a gente já paga pra alguém fazer isso. Porque comercial de televisão é caro, não tem como a gente fazer. Na internet, a associação tem Instagram e faz a divulgação por lá, mas sempre tem um espertinho que não faz a divulgação e consegue capturar o cliente daquele que fez a publicação. E tem artesãos que tem medo de divulgar as peças ainda na internet. (Informação verbal<sup>131</sup>).

Nas narrativas de dois artífices, evidenciam-se duas formas de divulgação de seus produtos, uma orgânica e outra virtual. Essas estratégias apontam para além da identificação dessas formas, o amadurecimento dessas práticas, na qual a primeira é a mais utilizada entre os artífices devido receberem indicações do trabalho desenvolvido por clientes antigos. Já a segunda prática ainda se dá com pouca solidez devido a inserção do grupo nesse canal de divulgação se apresentar insuficiente. Entende-se que são práticas extremas de estratégias adotadas por diferentes artífices e que, muitos por não possuir propriedade na utilização dessas ferramentas enfrentam problemas na efetuação da venda. Além disso, ainda tem

<sup>129</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Rosemiro, em 21 de janeiro de 2020.

<sup>130</sup> *Ibidem*.

<sup>131</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Edmilson, em 18 de janeiro de 2020.

que lidar com outros artesãos que atravessam suas vendas interceptando seus clientes captados nas redes sociais, como revela o segundo entrevistado.

Com as dificuldades existentes na prospecção de novos consumidores nos espaços já existentes, especificamente no distrito de Icoaraci, surgem algumas demandas relatadas pelos entrevistados com o intuito de ocupar cada vez mais a cena pelo conteúdo simbólico contido nas peças na cidade de Belém.

A gente não pensa em tirar o ponto de venda aqui em Icoaraci, a gente pensa em ampliar para outros espaços também. Em Icoaraci a gente não chega a procurar tanto como procuramos em Belém. A gente tá querendo o Ver-o-Rio que sempre atrai muito turista para lá, no Ver-o-Peso tem um espaço que tá sempre em construção e a gente tá correndo atrás, o Solar da Beira. (Informação verbal<sup>132</sup>).

Sabe pra onde nós queria ir? Lá no Ver-o-Peso onde tem aquele prédio fechado, Solar da Beira. É rapaz, se viramo, se viramo, se viramo, mas não quiseram botar a gente para ali. Lá no prédio da antiga COARTI, aqui em Icoaraci, reformaram, mas ainda não conseguimos nenhum espaço lá, eles inauguraram, mas não tá funcionando, até agora não recebemos nenhuma notícia de lá. (Informação verbal<sup>133</sup>).

O poder público podia nos ajudar com os pontos turísticos né? Poderiam nos inserir nesses pontos para melhorar a nossa venda. Como o governo não trás eles para cá [Icoaraci], pra que eles fiquem de fato por aqui, a gente procura ir para esses espaços que são pontos turísticos de Belém. (Informação verbal<sup>134</sup>).

Os esforços para a aquisição de novos espaços junto à SOAMI e da prefeitura se dá pelo entendimento dos artesãos que o espaço hoje destinado à eles, a Orla de Icoaraci, é insuficiente para o escoamento da produção. Com isso, há a necessidade de serem inseridos em outros espaços, embora reconheçam a dificuldade de serem aceitos tanto em espaços requisitados no centro tradicional de Belém como até mesmo em Icoaraci.

Na última passagem, o entrevistado reconhece que embora Icoaraci seja um pólo de produção de artesanato, o distrito com o passar do tempo não se consolidou como uma centralidade efetiva no que tange a venda das peças. Apesar dos circuitos existentes nas olarias sejam significativos, quando comparados às redes de vendas formadas pelos atravessadores expressas nos pontos turísticos do centro tradicional de Belém elas se tornam insuficientes.

Desse modo, os artesãos percebem que a maneira mais acessível para serem inseridos pela centralidade histórico-cultural da região é se inserindo nos

<sup>132</sup> Entrevista concedida pela artesã, Dona Raimunda, em 18 de janeiro de 2020.

<sup>133</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Josimar, em 18 de janeiro de 2020.

<sup>134</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Edmilson, em 18 de janeiro de 2020.

fluxos já constituídos pelo centro tradicional de Belém. No entanto, os entrevistados apontam que o poder público poderia ser um instrumento propagador do trabalho que já é desenvolvido em Icoaraci, como na Orla do distrito e no bairro do Paracuri. Segundo os entrevistados abaixo:

Vocês vê que o artesão são tudo daqui, o governo era pra divulgar, não sai divulgação. Vem os navio, sabe pra onde os navio vão? Os pessoal do navio vão? Pra Belém. Eles já deixam na porta lá e vão comprar pra lá tudo caro. Eles são tudo atravessador, porque artesãos somos nós aqui! São tudo atravessador lá, aí levam os turistas tudo pra lá. (Informação verbal<sup>135</sup>). O poder público poderia divulgar nosso trabalho né? Porque eles não divulgam. Se a gente quiser divulgar nosso trabalho, a gente tem que pagar e é caro. A secretaria de turismo e de cultura poderiam nos ajudar. Aí essas empresas de turismo levam os turistas tudo pro Ver-o-Peso, aí eu também não sei o que falam lá, se são eles que produzem as peças, mas na verdade as peças são produzidas aqui. (Informação verbal<sup>136</sup>).

Os entrevistados apontam a necessidade de divulgação do trabalho produzido em Icoaraci, para que através da ajuda dos órgãos do governo relacionados à pasta possam promover uma potencialização do turismo no distrito e, conseqüentemente, um aumento das vendas no setor que envolve intrinsecamente o artesanato.

Antes as vendas tinham uma dimensão diferenciada do que hoje é visto no distrito, conforme uma artífice, ela recorda que:

Antes era melhor, na década de 80 em diante, meu irmão, a gente vendia muito aqui em Icoaraci. Eu ia ali pra orla e construí minha casa, comprei esse terreno pra fazer essa olaria, eu ia pra orla, sem mentira nenhuma, te juro, eu levava um monte de louça, todo domingo eu levava uma carrada, eu botava na frente lá da calçada, eu vinha com cheque, eu vinha com quase 2 mil reais, eu vinha com muito cheque, só de kit de feijoada eu vendia 3 a 4 num domingo, hoje tu passa 3 meses pra vender um kit. Tá muito ruim agora, muito mesmo. (Informação verbal<sup>137</sup>).

Essa insuficiência de retorno em vendas na Orla de Icoaraci em que os artífices utilizam como parâmetro o kit de feijoada<sup>138</sup> vendido, em um determinado período de tempo, para analisar o desempenho da atividade demonstra a exclusão do espaço público dentro do circuito turístico. Ademais, a entrevistada confessa que:

Eu vou te dizer uma coisa, ali na Orla a gente não sobrevive mais dali, ali é só pagar a associação e não abandonar o espaço, lá vende muito pouco,

<sup>135</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Josimar, em 18 de janeiro de 2020

<sup>136</sup> Entrevista concedida pela artesã, Dona Raimunda, em 18 de janeiro de 2020.

<sup>137</sup> *Ibidem*.

<sup>138</sup> Conjunto de produtos confeccionados em argila tradicionalmente vendidos nas olarias de Icoaraci.

não dá pra sobreviver dali, a gente sobrevive de encomenda que aparece aqui na olaria, que ajuda a gente, mas fora isso... (Informação verbal<sup>139</sup>).

No desabafo registrado na entrevista, compreende-se que os artesãos, de modo geral, apesar de possuírem uma organização que procura lutar pela resolução das demandas existentes, se apresentam preteridos pelos órgãos de governo no que se refere aos apelos já realizados.

A atividade artesã para além de desempenhar uma função econômica essencial para os sujeitos que se debruçam na atividade, pois em sua totalidade tem o ofício como a única fonte de renda familiar, exercendo um papel histórico-cultural desmedido para a sociedade amazônica reforçando a arte e a memória dos povos antecessores que vivenciaram e contribuíram para a biografia da região ratificando uma centralidade particular no espaço urbano belenense marcado pela (re)produção da história e da cultura da região.

### **4.3 Os moradores**

É imprescindível nos estudos que se debruçam em compreender e analisar os fenômenos sociais a discussão que envolva os grupos que cotidianamente se relacionam, sobretudo, com o espaço e com outros indivíduos reproduzindo a vida (CARLOS, 2018). Dentro deste conjunto de sujeitos, embora alguns já tenham sido destacados na pesquisa apresenta-se como intuito de alcançar, neste momento, o grupo socioeconômico que atua diretamente reproduzindo o espaço urbano icoaraciense, os moradores.

Sabendo da necessidade de discutir dentro do que o debate econômico que a centralidade norteia, vislumbra-se a questão do consumo, pois é através das necessidades e das práticas cotidianas e da existência das mercadorias que os fluxos são gerados no cotidiano (ORTIGOZA, 2010). Entretanto, é necessário ressaltar nesse debate que antes de tudo, o consumidor que frequenta os espaços da cidade para a resolução de seus anseios, é cidadão (SANTOS, 2007).

Nesse sentido, seguindo o que Santos propõe, a pesquisa se norteia para além do mero consumo, mas sim em compreender essa prática de modo profundo, onde perpassa com os moradores seus desejos, vivências e memórias, pois se

---

<sup>139</sup> Entrevista concedida pela artesã, Dona Raimunda, em 18 de janeiro de 2020.

acredita que nessa dimensão intersubjetiva se alcançará o entendimento do consumo como categoria de análise para a sobrevivência do ser humano (MOURA, 2018).

Essa escolha tem como justificativa a interpretação dos sujeitos que vivenciam próximo a Icoaraci, na procura de entender e comparar suas práticas, vivências e memórias com aqueles que residem no distrito. Essa seleção permite compreender em escala significativa a abrangência de Icoaraci no que se refere aos comércios e serviços existentes e aos possíveis deslocamentos realizados por moradores relativamente mais distantes.

No conjunto das práticas cotidianas relatadas pelos moradores apresentam-se espaços reconhecidos entre os entrevistados como locais de destino nos deslocamentos casa–consumo. Tais deslocamentos apresentam variações dependendo das necessidades existentes, sejam elas de aquisição de bens ou de serviços.

Com o intuito de compreender o deslocamento dos moradores acerca do cotidiano e suas preferências, questionou-se nas entrevistas acerca das vivências nessas áreas.

Acerca dos moradores que residem na área próxima ao subcentro tradicional de Icoaraci, percebeu-se que suas práticas cotidianas no âmbito do comércio se detêm aos supermercados e feiras livres existentes no distrito. Dentro do universo variado atualmente de espaços comerciais de distintas dimensões, analisou-se que as necessidades dos moradores dessa porção destacada apresentam as seguintes práticas:

Hoje aqui em Icoaraci você faz muito mais compras na Oito de Maio por causa da feira e do acesso. O preço é muito melhor do que aqui no centro de Icoaraci. Mas meus fluxos diários ficam ainda mais aqui pelo centro, vou para Augusto comprar o "grosso" da comida de 15 dias ou até mesmo 30 dias devido o valor. Aqui pelo centro compro mais a "mistura" aquilo que falta uma hora ou outra na cozinha e que compro perto de casa mesmo, mas sempre é pouca coisa como uma verdura, por exemplo, até o Líder também que de vez em quando tem uma promoção. (Informação verbal<sup>140</sup>). Geralmente, eu vou na Feira da Oito de Maio fazer compras, eu pouco frequento o trapiche do mercado. Na Oito é mais em conta as coisas, no Mercado Municipal já foi bom quando não tinha a Oito, agora lá na Oito tem

---

<sup>140</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro da Ponta Grossa, Dona Cátia, em 11 de dezembro de 2019.



o peixe, tem a carne, tem a farinha, a verdura lá sai mais em conta porque acabou o movimento no mercado. (Informação verbal<sup>141</sup>).  
 Frequento o Mercado Municipal e a feira da Agulha [Oito de Maio], uma semana tô aqui no mercado, na outra tô lá pra Agulha. (Informação verbal<sup>142</sup>).

O cotidiano relatado no âmbito das compras pelos entrevistados que residem próximos ao subcentro pioneiro é permeado por diversas opções. No entanto, apresentam-se recorrentes em suas narrativas os espaços de feira, como o Mercado Municipal, localizado na área central do distrito no bairro do Cruzeiro e a Feira da Oito de Maio, localizada na área de influência da Avenida Augusto Montenegro.

A partir das qualificações realizadas pelos espaços acima citados, é preciso estabelecer algumas breves considerações a partir das análises dos relatos recolhidos. Entende-se que em Icoaraci os espaços comerciais como as feiras são ambientes que recebem bastante fluxo, em especial a Feira da Oito de Maio. No entanto, a escolha do local de compra dos alimentos se dá a partir da necessidade momentânea variando a quantidade de produtos a serem adquiridos.

Há de ressaltar que tal prática por parte dos entrevistados embora possuindo o tradicional e histórico Mercado Municipal optam pelo espaço relativamente mais distante, justificado pela facilidade de acesso, recentemente localizado na Rua Oito de Maio.

Nos bairros que são envolvidos pela lógica da Avenida Augusto Montenegro, área de intensa integração metropolitana, visualiza-se narrativas semelhantes às anteriores, embora em alguns momentos elas possuam posicionamentos específicos em detrimento da particularidade da área. Dentre as necessidades levantadas, destacam-se as seguintes:

Rapaz eu me desloco mais é pra feira, aqui da Oito de Maio, quando não, vou lá pro mercado vou comprar alimento e outras coisas mais. Eu sempre também faço meu rancho e supermercado do mês, eu agora passei a comprar aqui no Armazém, é mais perto. Antes fazia compras no líder, agora esse Armazém é mais perto e mais fácil. Lá no Armazém a gente vai comprar o grosso do mês todo, todo final do mês. A feira resolve minhas necessidades do dia-a-dia. Inclusive daqui a pouco vou lá na Oito comprar um material, porque hoje a noite vai ter um culto de família aqui em casa, aí eu vou lá. (Informação verbal<sup>143</sup>).

<sup>141</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro do Cruzeiro, Seu Nazareno, em 11 de dezembro de 2019.

<sup>142</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro do Paracuri, Dona Maria José, em 13 de fevereiro de 2020.

<sup>143</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro da Maracacuera, Seu Ângelo, em 09 de dezembro de 2019.

Lá no trapiche eu sempre vou lá comprar muita fruta, tem muita fruta boa lá se chegar cedo, eu sempre vou nessa magrela aqui [bicicleta] ou no meu carrinho. Existe uma diferença de preço pouca, porque lá ela chega direto do interior pra derramar na cidade, aí a gente compra nas canoas, mas é um valor um pouco mais elevado. Aqui na Oito é mais barato um pouco, mas vale a pena comprar no trapiche porque tá fresquinha a fruta. (Informação verbal<sup>144</sup>).

Eu vou mais no supermercado e na feira. Eu acho fácil acessar a feira ou quando vou no supermercado, vou até a pé porque moro aqui perto da Augusto, aí facilita pra mim. Quando tô com pressa, vou na feira aqui do Eduardo Angelim [Conjunto Habitacional], mas eu prefiro a da Oito de Maio porque ela é maior né?! E fora que é mais barato. O que compro nos supermercados daqui da Augusto é diferente do que compro na feira. Lá no Atacadão compro feijão, arroz, açúcar, café, leite, frango. Já na feira compro as coisas menor, no supermercado compro mais o "grosso" né?! (Informação verbal<sup>145</sup>).

No supermercado a gente vai umas 3 vezes no mês no máximo ou no Líder ou no Armazém, mas geralmente a gente vai pra fazer as compras do mês né? as compras maiores, mas de vez em quando a gente vai lá na feira porque falta alguma coisa, principalmente aqui que a gente mora próximo da feira né, então todo dia praticamente a gente tá lá. (Informação verbal<sup>146</sup>).

Vou no Armazém para fazer a compra um vez só por mês. Frequento a Feira da Oito, mas não assim pra fazer compra. As vezes eu vô de pés quando eu não quero ir de van, nem de moto, eu saio andando. Lá no Armazém é no cartão, né? aí eu tiro no cartão e na Oito de Maio é no dinheiro. Aí quer dizer, na Oito de Maio eu compro coisas assim de verdura, tempero, farinha, goma e peixe. Lá na feira eu vou umas 3 vezes no mês só na Oito. (Informação verbal<sup>147</sup>).

Dentro do contexto levantado pelas narrativas dos moradores da área da Augusto Montenegro, destacam-se práticas semelhantes à área anterior quando pensadas nos espaços em que suas necessidades são solucionadas, o Mercado Municipal e a Feira da Oito de Maio. No entanto, uma das particularidades compreendidas nesses espaços se dá devido à facilidade de acesso e a proximidade à feira ao ar livre da Oito de Maio, sendo assim a mais frequentada (VILLAÇA, 2001).

Assim como nas feiras, a prática de buscar o menor preço também é a desenvolvida em relação aos estabelecimentos comerciais de estrutura formal como os supermercados.

---

<sup>144</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro das Águas Negras, Seu Djair, em 18 de dezembro de 2019.

<sup>145</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro do Parque Guajará, Seu Garcia, em 19 de dezembro de 2019.

<sup>146</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro da Campina de Icoaraci, Seu Júlio, em 19 de dezembro de 2019.

<sup>147</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro da Maracacuera, Dona Ana, em 14 de fevereiro de 2020.

O que mais a gente frequenta dentro de Icoaraci é o Líder, mas o que se mais compra é no Atacadão por causa do preço e da quantidade, comprar no atacado é melhor do que comprar no varejo. Vou muito de condução particular, ônibus ou van é a maneira de locomoção daqui para lá. (Informação verbal<sup>148</sup>).

Frequento o Líder, o Armazém faço uma compra logo pra durar 30 dias, é só eu e minha esposa aí dura muito né?! Compro logo 5 quilos de cada coisa lá, aí nas feiras a gente compra a carne, o peixe e dura para 2, 3 dias aí depois a gente vai lá de novo. O peixe na feira é fresquinho no supermercado já é congelado, tudo é congelado lá pode vê. Pode ir lá na feira comprar peixe, tem muito peixeiro lá com variedade. (Informação verbal<sup>149</sup>).

Supermercado eu tiro por mês, vou ali na Agulha, não tô lembrado do nome do supermercado. Para lá ou eu vou de ônibus ou de táxi. Antes eu ia a pé, mas agora não dá mais por causa da quantidade de coisa que compro. (Informação verbal<sup>150</sup>).

Nas falas expostas verifica-se a relação entre *quantidade x frequência*, sendo caracterizados como elementos determinantes para a seleção dos locais de compras, sejam eles em feiras ou supermercados, e dos produtos a serem adquiridos.

A linguagem local atribuída daquilo que se configuraria como *grosso* ou *mistura*, revela uma estratégia de compra por parte dos moradores para que se possa economizar através das necessidades existentes.

Dentro dessa lógica, na região já se dispõe de equipamentos comerciais que cada vez mais se inserem nesse espaço em constante processo de metropolização através das grandes redes de supermercados de escala regional, nacional e internacional, conhecidos também como *atacarejos*. Esses equipamentos apresentam uma lógica de vendas que converge com determinadas necessidades da população entrevistada.

Em relação aos bairros e distritos visitados no entorno de Icoaraci, encontram-se práticas cotidianas específicas de cada bairro possuindo relações mais diretas ou não ao lócus de estudo, variando sempre a partir da sua localização geográfica em relação ao centro tradicional de Belém e seus espaços de circulação. Diante desses fatores, as práticas desses moradores se apresentam nas seguintes narrativas abaixo:

---

<sup>148</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro da Ponta Grossa, Dona Cátia, em 11 de dezembro de 2019.

<sup>149</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro do Cruzeiro, Seu Nazareno, em 11 de dezembro de 2019.

<sup>150</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro do Cruzeiro, Seu Zózimo, em 11 de dezembro de 2019.

Minha necessidade é supermercado e farmácia de bairro. Na verdade, um supermercado, uma loja, assim né, necessidade que temos de urgência só você indo para outro bairro como Cordeiro de Farias, Tapanã e o Comércio lá pro Ver-o-Peso. Às vezes vou na Oito de Maio, porque fora a feira do Cordeiro a gente encontra tudo que a gente quer buscar. Mas na Feira da Oito de Maio é mais completa, mais variedade, o preço é melhor lá. Quando a gente precisa comprar uma roupa, ou a gente vai no Ver-o-Peso ou em Icoaraci. Lá em Icoaraci, a gente vai na Makell e nos entornos, tem várias opções de lojinhas lá. Mas minha rotina é tudo pro cordeiro de farias, as vezes vou 2 ou 3 vezes lá a pé no dia, já tô tão acostumada. (Informação verbal<sup>151</sup>).

A gente precisa comprar comida, então a gente sempre procura a feira. As compras é que não faço muito lá, antes comprava muita fruta no trapiche de Icoaraci, agora não faço mais por causa do deslocamento, encontro por aqui por perto sem ter que pegar ônibus. Lá [em Icoaraci] gosto de comprar roupa, tem muita loja que frequento lá, tem perto do trapiche também, tem a Makell e uma outra que vou mas não me lembro o nome agora. (Informação verbal<sup>152</sup>).

Eu me desloco mais para Icoaraci do que por aqui pelo Outeiro, lá faço pagamentos, faço compras porque aqui [no Outeiro] você não tem um supermercado que possa suprir sua necessidade. [...] Minhas compras faço sempre em Icoaraci, vou no Armazém, as vezes no Atacadão e algumas coisas a gente compra na feira do ar livre, na Oito de Maio. Não frequento o trapiche de Icoaraci, as vezes vou no mercado comprar peixe, mas as vezes apenas. (Informação verbal<sup>153</sup>).

Nos campos relacionados à esses espaços, como no bairro da Pratinha, Tapanã e no distrito de Outeiro apresentam um cotidiano vivido pelos moradores de extrema precariedade, onde as desigualdades sociais atingem limites inimagináveis. Rotinas relatadas em sua totalidade por mulheres, mães de família que são o esteio familiar que descrevem um pouco das carências, das práticas e dos seus fluxos cotidianos.

Entende-se que embora tanto nos bairros do Tapanã como da Pratinha há o espaço de consumo cotidiano caracterizado pelo conjunto Cordeiro de Farias, no Tapanã, onde possui uma feira ao ar livre, mesmo que em algumas ocasiões as entrevistadas se desloquem à Feira da Oito de Maio com a dificuldade dada à localização e no acesso pelo transporte público. No âmbito da necessidade de aquisição de outros produtos, como de vestuário, as moradoras têm seus rumos pulverizados, seja ele para a subcentro tradicional de Icoaraci ou para o centro tradicional de Belém.

---

<sup>151</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro da Pratinha, Dona Tereza, em 21 de fevereiro de 2020.

<sup>152</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro do Tapanã, Dona Meire, em 21 de fevereiro de 2020.

<sup>153</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro de Itaiteua, Dona Sara, em 26 de fevereiro de 2020.

Numa outra perspectiva diferenciada no distrito de Outeiro, a entrevistada aponta as necessidades que a ilha ainda enfrenta em relação aos equipamentos de consumo essencial como o supermercado, evidenciando uma dependência à Icoaraci para a resolução de seus anseios ou problemas.

Foto 40 - Icoaraci – Moradora do bairro do Paracuri contando sobre seu cotidiano. 2020



Fonte: Erick Ramos (2020).

Ainda no que se refere às necessidades de vestuário, vislumbra-se a necessidade de espaços comerciais localizados na área do subcentro tradicional de Icoaraci, onde ao longo das décadas foram sendo instaladas, seja elas de dimensão local, regional ou como as lojas de departamento à nível nacional.

O vestuário compramos aqui mesmo na Marisa, tem também a loja Avenida porque vou "1,2" bem rápido. (Informação verbal<sup>154</sup>).  
Vestuário a gente compra na Paraibana, dificilmente vou no Ver o Peso, mas não é toda vez não, mais final de ano mesmo. Mas quando a gente necessita de uma roupa em cima da hora a gente compra por aqui mesmo, uma camisa, um chinelo, aqui tem tudo que a gente precisa pode vê, tem muita loja em Icoaraci. (Informação verbal<sup>155</sup>).

<sup>154</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro da Ponta Grossa, Dona Cátia, em 11 de dezembro de 2019.

<sup>155</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro do Cruzeiro, Seu Nazareno, em 11 de dezembro de 2019.

Ainda no âmbito das necessidades de bens não duráveis, como o vestuário entre outros artigos, os entrevistados da área sob influência do subcentro recente apontam que:

Eu compro pouco em loja, quando preciso eu compro sempre no cartão com meu filho, ele frequenta essas lojas daqui [de Icoaraci], aí peço pra ele comprar pra mim e depois eu pago ele. Minha renda é pouca e meu CPF não é limpo né?! Aí ele me ajuda quando preciso comprar algo. (Informação verbal<sup>156</sup>).

Compro roupa por aqui mesmo, tem loja, né. Tem muitas lojas aqui em Icoaraci. (Informação verbal<sup>157</sup>).

Vestuário às vezes a gente compra no *shopping* ou quando não a gente compra por aqui mesmo, a gente compra na Marisa que é perto já que é aqui em Icoaraci. (Informação verbal<sup>158</sup>).

Nas falas acima apresentadas, entende-se que os circuitos para o consumo de vestuário e de outros produtos, sejam ele para o lar ou pessoais, são diversos. Enquanto isso, apontam-se dois ambientes que ofertam tais produtos, um mais tradicional, o subcentro pioneiro de Icoaraci e outro mais recente e com o discurso modernizador, o *shopping center* localizado na referida avenida a poucos quilômetros de distância.

Acerca da oferta de serviços atualmente fornecidos aos moradores, seja eles da esfera pública ou privada, os entrevistados dissertaram através da entrevista suas práticas cotidianas. Os moradores dos bairros da área central do distrito apontam a disposição dos serviços encontrados e aqueles por eles utilizados:

[...] em questão de infraestrutura você ainda tem UPA, pronto socorro, só em caso de extrema necessidade que você vai para 14 [Pronto Socorro no centro do município de Belém], Metropolitano [Hospital localizado na BR-316], mas tirando isso você consegue resolver, tem muito laboratório dentro de Icoaraci. O hospital único que tem aqui é o Abelardo Santos que tem maternidade e urgência, mas ele ainda não funciona como deveria porque foi recentemente inaugurado. Já meus pagamentos faço aqui em Icoaraci, próximo ao mercadão na casa lotérica, tem um na Augusto Montenegro próximo ao PM Box também. (Informação verbal<sup>159</sup>).

Os serviços de saúde tudo faço particular por causa da empresa, faço meus exames na São Felipe e CLEMOPA tudo aqui em Icoaraci. Pago minhas contas tudo aqui na lotérica, antes tinha um papa-fila, égua era muito bom,

<sup>156</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro do Parque Guajará, Seu Garcia, em 19 de dezembro de 2019.

<sup>157</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro das Águas Negras, Seu Djair, em 18 de dezembro de 2019.

<sup>158</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro da Campina, Seu Júlio, em 19 de dezembro de 2019.

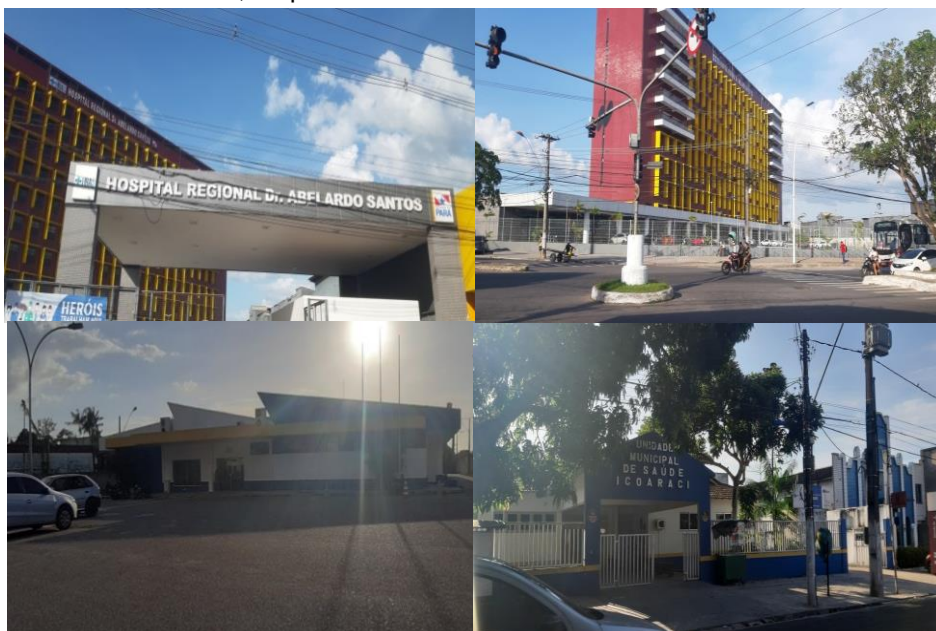
<sup>159</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro da Ponta Grossa, Dona Cátia, em 11 de dezembro de 2019.

rapidinho, mas aí tiraram, aí voltei a pagar na lotérica daqui do centro, aí é sufoco porque dá muita gente. (Informação verbal<sup>160</sup>).

Meus serviços bancários eu faço tudo pela Caixa, por causa do meu benefício. A saúde eu me trato no Abelardo Santos, eu tenho uma filha que trabalha lá aí ela consegue as coisas pra mim com mais facilidade. Aqui para o centro de Icoaraci já teve o hospital Santo Antônio, hoje já não tem mais. Para cá agora o que mais tem é fórum e cartório. Mudou muito Icoaraci, as ruas por exemplo, não eram asfaltadas, aqui depois que aterraram tudo depois dos anos 1980 melhorou muito. (Informação verbal<sup>161</sup>).

Conforme os relatos dos moradores da área dos bairros sob influência do subcentro tradicional do distrito, os equipamentos destacados se deram a partir dos serviços de saúde e financeiros. Diante do primeiro elemento levantado, coloca-se a existência de equipamentos de distintas finalidades, seja ela de urgência e emergência, como no pronto socorro municipal (PSM) e na unidade de pronto atendimento (UPA) quanto para procedimentos mais especializados no hospital regional recém-reformado Abelardo Santos (HRAS). Além dos equipamentos públicos, foram destacados os espaços oriundos de rede privada, como laboratórios e clínicas.

Foto 41 - Icoaraci – Fachada atual do Hospital Abelardo Santos, do Pronto Socorro e da Unidade de Pronto Atendimento, respectivamente. 2020



Fonte: Erick Ramos (2020).

<sup>160</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro do Cruzeiro, Seu Nazareno, em 11 de dezembro de 2019.

<sup>161</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro do Cruzeiro, Seu Zózimo, em 11 de dezembro de 2019.

Além disso, destaca-se que esses equipamentos estão localizados em sua maioria no subcentro tradicional de Icoaraci apresentando-se, dessa maneira, relativamente mais próximos das moradias dos entrevistados, com a exceção da UPA e do HRAS localizados na Avenida Augusto Montenegro, embora possuindo maior facilidade de acesso.

Quando perguntados sobre a oferta dos serviços, um dos moradores recorda a existência de um hospital existente próximo da orla, hoje desativado, que realizava procedimentos de baixa e média complexidade mesmo apresentando dimensões reduzidas. Na ocasião, o morador aponta as transformações que o distrito vem sofrendo onde, nesse contexto, a oferta de serviços da saúde e da infraestrutura espacial se torna um exemplo da transição do que era antigo para o novo no espaço no âmbito das localizações (CORREA, 1989).

Seguindo para a área dos bairros de influência do subcentro recente, percebe-se que diferentemente da análise anterior, as dificuldades são um pouco mais evidentes. Haja vista considerar que embora os bairros dessa área apresentem uma proximidade maior com a Avenida Augusto Montenegro, não significa necessariamente apontar que em sua totalidade o acesso e a localização são elementos facilitadores sendo assim relativo para cada bairro. Evidências essas que são expressas pelas narrativas na qual fornecem um pouco a dimensão dessas necessidades.

Aqui o que gente sente falta é de serviços bancários, Itaú aqui é muito precário porque só existe um na cidade, e a cidade cresceu e quando é dia de pagamento ou pra resolver um problema é uma dificuldade muito grande. Ou eu vou lá ou vou pra Belém. Eu prefiro ir pra Belém porque o tempo que a gente passa numa fila aqui é o tempo que a gente vai para lá resolver e chega em casa, e eu não pago passagem. Casa lotérica só tem uma funcionando aqui, aqui na Augusto Montenegro, tem uma no mercado e agora no Armazém tem uma também, mudou um pouquinho pra Caixa Econômica né?! Aí melhorou pra gente, mas quando é pra outros bancos não. (Informação verbal<sup>162</sup>).

Eu pouco frequento farmácia, porque sou bem de saúde sabe? Mas quando preciso de alguma coisa vou na farmácia que tem ali na Feira da Oito de Maio, sabe? Quando não vou, minha neta vai lá pra mim, lá na Extrafarma. Eu pago minha conta de luz aqui no centro lotérico na Augusto Montenegro perto da Feira da Oito. Aqui perto da gente tem a UPA que a gente vai quando precisa né? quando é algo urgente. Mas a gente se previne né? a gente procura fazer exame particular pra não adoecer e precisar ir no

---

<sup>162</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro da Maracacuera, Seu Ângelo, em 09 de dezembro de 2019.



hospital, aqui em Icoaraci tem laboratório pra fazer, só tem que ter dinheiro né? (Informação verbal<sup>163</sup>).

Serviços de saúde e bancário só consigo resolver em Belém, aqui poucas coisas consigo resolver. Eu tenho plano de saúde né? aí não consigo ser atendido aqui quando preciso fazer check-up essas coisas, aí faço em Belém. Serviços bancários eu preciso ir Belém porque minha agência não tem aqui, tenho Santander. Mas a Caixa já consigo resolver por aqui, tem uma agência aqui em Icoaraci. Serviço lotérico vou aqui em Icoaraci mesmo pagar conta na Augusto Montenegro, ali perto do PM box. Meu plano de saúde é Hapvida, o mais próximo é o daqui da Augusto Montenegro perto da Coca-Cola, vou lá quando preciso de atendimento. (Informação verbal<sup>164</sup>).

A primeira narrativa demonstra os percalços existentes pelo morador para ter acesso aos equipamentos de serviços bancários no bairro em que reside, apontando com exemplo um banco que possui apenas uma agência no distrito e que em muito dos casos o entrevistado opta por se deslocar para o centro da cidade de Belém do que ir para o subcentro tradicional do distrito, onde a referida agência encontra-se localizada. Acerca disso, entende-se que a acessibilidade e o atendimento nesse caso não são facilitados, fazendo com que o morador para ter um melhor controle do tempo opte por ir a uma agência mais distante (VILLAÇA, 2001).

Outros entrevistados da área, com uma localização melhor privilegiada em comparação ao anterior colocam que os serviços de saúde são equipamentos mais fáceis de acesso dada a localização e o meio de transporte existente, favorecendo-os.

Assim como o terceiro entrevistado, o morador coloca que muitos dos serviços, seja de saúde ou bancário, ele só consegue atendimento fora de Icoaraci devido a inexistência de equipamentos no distrito, sendo assim, é compelido a se deslocar para outros espaços, como a Augusto Montenegro na busca de atendimento.

Em outra realidade encontrada estão os bairros e distritos ao entorno de Icoaraci, onde as necessidades são acentuadas pela carência de infraestrutura e dos serviços básicos ineficientes, ou em alguns casos ausentes. Os recortes a seguir nos fornecem alguns parâmetros para análise.

Quando preciso de atendimento emergencial procuro o Abelardo Santos. Eu tenho um neto, ele cai muito, desde quando ele era bebê, recorri várias

<sup>163</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro do Parque Guajará, Seu Garcia, em 19 de dezembro de 2019.

<sup>164</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro da Águas Negras, Seu Djair, em 18 de dezembro de 2019.

vezes na emergência do Abelardo Santos. E agora minha filha ganhou neném, ela tá até de resguardo, e foi no Abelardo Santos de lá, nesse novo agora. Medicamento a gente procura em alguma farmácia que são as necessidades básicas. A gente sempre vai na lotérica pagar conta também só que tudo para cá é distante. (Informação verbal<sup>165</sup>).

A farmácia que eu encontro mais em conta é em Icoaraci, pago contas também lá, na lotérica. Quando eu saio pra fazer uma coisa eu geralmente saio para fazer outras, sabe? Quando vou pra farmácia já levo o papel de luz também para pagar. Nessa questão de médico, agora tem o Abelardo né?! Eu tava indo muito pra Icoaraci esses tempos porque tava fazendo tratamento no meu cabelo, eu tava fazendo lá aí eu tava indo muito pra lá. (Informação verbal<sup>166</sup>).

Nas realidades encontradas nos bairros da Pratinha e do Tapanã, verifica-se que suas necessidades de serviços são diretamente relacionadas ao âmbito da saúde e das atividades bancárias, que dada à inexistência de equipamentos próximos às suas residências, são levadas a procurar por Icoaraci ou outro espaço que possam satisfazer suas carências no município de Belém, muitas vezes no centro tradicional da cidade.

Devido à dificuldade de acesso aos serviços, as entrevistadas relatam a estratégia de deslocamento para a resolução das necessidades na qual no mesmo itinerário possam ser resolvidas mais de uma questão, evitando assim dispêndios de transporte e tempo.

Com uma vivência mais singular, as necessidades no âmbito dos serviços aos moradores do distrito de Outeiro são retratadas e reforçam a disparidade social profunda e a dependência explícita à Icoaraci. Os moradores contam que:

Utilizo o serviço médico do Outeiro, que inclusive nós estamos com um médico agora que estava ausente há 3 meses, aí tipo ficou uma carência muito grande pra população, a gente na verdade não tinha para onde correr senão a UPA de Icoaraci por causa dessa carência muito grande daqui do Outeiro, aqui eles não tem um aparato ou suporte que a gente precisa. A gente sempre recorre à Icoaraci quando precisa resolver alguma coisa sobre saúde. Há dias atrás uma moradora caiu aqui na rua por conta de um buraco, por conta da infraestrutura da rua, aí essa moça precisou de um atendimento, ela caiu e machucou o pé como parecesse uma fratura e nós socorremos, todo mundo queria mexer, mas não mexemos e ligamos para a ambulância, pro 192 e não tinha ambulância próxima, disseram que nós tínhamos que pegar um veículo próprio e levar a pessoa, meu marido levou a moça e levaram para a UPA de Icoaraci, porque aqui não temos pronto socorro, apenas unidade básica de saúde. (Informação verbal<sup>167</sup>).

<sup>165</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro da Pratinha, Dona Tereza, em 21 de fevereiro de 2020.

<sup>166</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro do Tapanã, Dona Meire, em 21 de fevereiro de 2020.

<sup>167</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro de Itaiteua no distrito de Outeiro, Dona Sara, em 26 de fevereiro de 2020.

Até que nós temos farmácia aqui no Outeiro, temos bastante, o problema é que tem medicamentos que a gente não encontra por aqui e tem que ir pra Icoaraci para achar alguns remédios. (Informação verbal<sup>168</sup>).

Nós temos uma lotérica aqui no Outeiro, e tem três aqui em Icoaraci, mas todas tem filas enormes para pagamento, muito ruim esse serviço. Aqui não tem agência bancária, só o Bradesco, pra quem tem Bradesco é ótimo, agora que não tem fica difícil porque Banco do Brasil, Caixa Econômica não tem, até caixa eletrônico é uma deficiência muito grande, aqui no Outeiro só tem dois pra ilha toda sendo que funciona até 20h da noite, um é dentro de supermercado e outro dentro de uma farmácia seguindo o horário da instituição. Tirando isso, só em Icoaraci. (Informação verbal<sup>169</sup>).

Não temos cartório aqui, temos que nos deslocar para Icoaraci e é outra necessidade que temos por termos uma grande quantidade populacional o cartório de Icoaraci não supra a necessidade, você vai lá, chega as 08 horas da manhã, você sai 14h da tarde, isso é um absurdo, e são pequenas coisas que você vai fazer mas tem que passar uma manhã toda, você vai pra lá e tem que se programar, porque não tem outra opção. (Informação verbal<sup>170</sup>).

Em comparação aos bairros do entorno, como a Pratinha e Tapanã, o distrito de Outeiro apresenta deficiências maiores, que vão além da esfera da saúde e bancária, embora essas esferas sejam também deficitárias como pode ser visto nas histórias relatadas. Além disso, o atendimento civil também é um elemento que compromete o cotidiano da população da ilha, pois o único cartório civil é encontrado no distrito de Icoaraci. Por ser o único no distrito, fica assim sobrecarregado com a demanda interna e externa devido à inexistência de outro equipamento para minimizar os transtornos para a população.

Na visão das moradoras da ilha de Outeiro, a falta de infraestrutura é um dos motivos da ausência dos equipamentos de serviço na ilha, pois como uma das moradoras situa, os únicos caixas eletrônicos existentes em Outeiro estão vinculados em estabelecimentos comerciais, ficando assim subordinados em relação aos dias e horários de funcionamento à esses últimos.

No entanto, o que se entende sobre o conjunto de narrativas anteriores é que no geral a sujeição de Outeiro à Icoaraci ainda é evidente pelos moradores. Nas falas observadas nas entrevistas é recorrente a frase “Eu me desloco mais para Icoaraci do que por aqui pelo Outeiro” (Informação verbal<sup>171</sup>) quando perguntadas dos fluxos cotidianos que as moradoras realizam. Essa narrativa fornece assim, uma

<sup>168</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro São João de Outeiro no distrito de Outeiro, Dona Nazaré, em 28 de fevereiro de 2020.

<sup>169</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro da Água Boa no distrito de Outeiro, Dona Maria, em 28 de fevereiro de 2020.

<sup>170</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro São João de Outeiro no distrito de Outeiro, Dona Nazaré, em 28 de fevereiro de 2020.

<sup>171</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro da Água Boa no distrito de Outeiro, Dona Maria, em 28 de fevereiro de 2020.

dimensão histórica da abrangência da subcentralidade icoaraciense para a ilha de modo significativo, assim também como é exercida para com os bairros ao entorno.

Dentro do contexto abordado nesse tópico em que se buscou atingir as práticas, vivências e memórias dos moradores da região, seja de Icoaraci ou de seu entorno, considerou-se que embora as vivências aparentem ser semelhantes, no entanto, através das entrevistas abertas possibilitou a compreensão de realidades distintas para aqueles que reproduzem o espaço urbano e, conseqüentemente, a subcentralidade de Icoaraci.

Evidentemente cada realidade é individual e subjetiva de cada morador, embora seja necessário pontuar diferenças relevantes que estão intrinsecamente relacionadas com a experiência espacial (ZILHÃO, 2013) de cada entrevistado no lócus de estudo. O primeiro elemento parte da condição socioeconômica de cada morador, na qual dificulta ou até mesmo impossibilita o acesso em outros ambientes e, conseqüentemente, em novas experiências pelo poder aquisitivo ser reduzido.

Outro elemento que configura como elemento definidor de realidades distintas seria a localização dos bairros e moradias que notoriamente são distintos para o universo de moradores entrevistados. Onde a maioria dos moradores da área de influência do subcentro tradicional, com exceção do bairro do Paracuri, possui maior facilidade de acesso dada as condições no âmbito do deslocamento criado pela estruturação histórica do subcentro tradicional e a malha urbana que converge as linhas de transporte público para aquela direção (SANTOS, 1981; SPOSITO, 1991).

É necessário ressaltar que em outra área de análise como a dos bairros localizados na área de influência do subcentro recente a facilidade de acesso é relativo a cada bairro dessa área, sendo relevante nessa lógica a localização dos bairros e das moradias em relação a Avenida Augusto Montenegro. Bairros como a Maracacuera apresentam-se como espaços com maior dificuldade de articulação com os principais vetores da mobilidade urbana em Icoaraci, possuindo assim uma realidade periférica junto ao subcentro tradicional icoaraciense e ao espaço com maior articulação da metrópole, a Avenida Augusto Montenegro. Essa realidade é evidenciada quando se aborda a inserção dos sujeitos na produção do espaço urbano no contexto da mercadoria, em que muitos não se sentem incluídos na sociedade do capital embora este atue paradoxalmente em todos os espaços (ALVARENGA; SANTANA, 2015; CARLOS, 2018).

Acerca da análise que incide diretamente nas áreas de bairros e distritos no entorno de Icoaraci, necessita pontuar que dentro das realidades analisadas nesse capítulo, esse conjunto apresenta necessidades agravadas devido a sua inserção imparcial nas ofertas de bens e serviços no espaço urbano, tornando-se necessário a utilização de outros espaços para o atendimento de seus anseios, esses sujeitos muitas vezes são caracterizados como grupos sociais excluídos (CORREA, 1989).

No que tange aos bairros da Pratinha e do Tapanã, percebe-se pelas narrativas coletadas nas entrevistas, que seus fluxos são determinantes de acordo com a necessidade específica, seja ela de bens ou de serviços. Esses fatores determinam os espaços de deslocamento sejam eles: para o Conjunto Cordeiro de Farias no bairro do Tapanã, próximo da Augusto Montenegro; para o bairro do Comércio na área do centro tradicional de Belém; ou para os bairros do Cruzeiro, Agulha ou da Campina de Icoaraci, onde o primeiro é considerado como subcentro tradicional e os últimos como espaços de consumo do subcentro recente, que convergem fluxos para o distrito através da Avenida Augusto Montenegro.

Em relação ao distrito de Outeiro, a realidade dos moradores se particulariza em detrimento da sua localização geográfica definindo, assim, as práticas e vivências restritas ao distrito de Icoaraci. Por ser uma ilha localizada na parte setentrional se interligando pelo município de Belém apenas através da ponte que a integra à Icoaraci, os moradores de Outeiro interagem de modo mais intenso com os equipamentos existente no lócus de estudo, assim, diferentemente dos bairros anteriormente mencionados não possuem alternativa mais próxima. Outro elemento que favorece essa interligação para além do sistema de objeto existente como a ponte que interliga os distritos, são os sistemas de ações dados pelos meios de transportes da ilha que tem seus itinerários traçados permeando Icoaraci, sendo ele regularizado ou pelas vans de caráter alternativo (SANTOS, 1994b).

Ainda acerca dos serviços dispostos, outra relação que envolve essas práticas apresenta-se contidas nas relações de vizinhança que tem envolvimento com os aspectos que a subcentralidade icoaraciense abrange. Assim como na perspectiva comercial, a constituição de representações se dá pela necessidade de oferta de serviços, sejam eles oriundos da esfera pública ou privada.

Meus vizinhos também passam por isso que falei para o senhor sobre a questão da saúde que ainda precisamos de Icoaraci, a gente tem uma

convivência muito grande, até mesmo naquele caso que disse da moça que se acidentou aqui na rua, ela é minha vizinha. (Informação verbal<sup>172</sup>).

As relações de cooperação também vão nessa direção em que a sociabilidade entre vizinhos é existente. Nas necessidades rotineiras que são geradas, como no caso do exemplo que a entrevistada apresentou o serviço de atendimento à saúde mais próximo se deu em Icoaraci. Essa prática de busca de atendimento à saúde pelos moradores da ilha de Outeiro é construída historicamente dada à dependência ainda profunda por Icoaraci.

Ademais, vale considerar que outro elemento se caracteriza como importante na construção das representações sociais através das relações de vizinhança, o envolvimento nas lutas sociais urbanas.

Nós temos um laço de vizinhança muito grande aqui, eu tenho um laço maior aqui porque antes eu era envolvida na comunidade, nas lutas. Eu ando tudo por aí e todo mundo me conhece, falam comigo e tudo. Esses meus vizinhos encontro eles nos mesmos lugares que disse que vou, aqui todos nós dependemos ou do Aeroporto, ou do Cordeiro ou de Icoaraci. (Informação verbal<sup>173</sup>).

Na passagem acima, a entrevistada conta que a sua posição frente às lutas da comunidade em que assumiu por muito tempo possibilitou que a relação com os moradores fosse viabilizada, pois seu envolvimento pelo bem-estar da comunidade dependia da comunicação interindividual. Diante da comunicação, ratifica-se o pressuposto, através da narrativa anterior, que as práticas são condicionadas pelas trocas de experiências anteriores entre os sujeitos e o ambiente.

Nesse sentido, procurou-se através das entrevistas abertas entender a trajetória de cada indivíduo escolhido, destacando suas práticas antes realizadas e as atuais, onde através de suas narrativas possibilitassem a compreensão das possíveis reconfigurações na dinâmica urbana icoaraciense a partir da subcentralidade existente.

---

<sup>172</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro de Itaiteua no distrito de Outeiro, Dona Sara, em 26 de fevereiro de 2020.

<sup>173</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro da Pratinha, Dona Tereza, em 21 de fevereiro de 2020.

## **CAPÍTULO 4: SUBCENTRALIDADE DE ICOARACI: UMA ANÁLISE PELO VIÉS DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL**

As exposições aqui desenvolvidas serão realizadas levando-se em consideração tanto as narrativas individualizadas, pelos grupos sociais participantes da pesquisa, quanto pela articulação de narrativas entre grupos distintos, devido a necessidade de se destacar as comunicações interpessoais existentes entre os sujeitos da pesquisa (MOSCOVICI, 2007). Assim, como anteriormente, o elemento metodológico da dimensão da escuta aos entrevistados constituiu-se elemento essencial nessa etapa de trabalho, por se entender que a abordagem da representação social ganha relevância ao realizar o esforço de nomear e fazer relações entre as construções simbólicas dos agentes sociais e a realidade social (ORNELLAS, 2009).

No quadro que se insere as dinâmicas socioespaciais no distrito de Icoaraci, fica evidente as diversas transformações ocorridas neste espaço pelos seus sujeitos, pois a produção do espaço, para além da relação dialética em que o espaço é visto como mercadoria encontra-se também relacionada com o movimento de realização da vida humana (CARLOS, 2015). Esse movimento institui dentro do espaço sistemas de objetos e de ações que propiciam sua articulação e, conseqüentemente, no desenvolvimento da realidade traduzida nas relações sociais de produção (SANTOS, 1994b).

No bojo do contexto das dinâmicas de consumo nos subcentros destacados nessa pesquisa, observam-se configurações distintas entre ambas, seja pela sua natureza ou também pelos artifícios que determinados processos trazem consigo (SANTOS, 1988). Diante disso, entende-se que essas dinâmicas são elementos constituintes do cenário em que estão inseridos, o da estruturação metropolitana de Belém.

Nesse momento, apresentam-se esses processos vinculados a partir das narrativas dos sujeitos da pesquisa ao qual pode ser vislumbradas nas configurações existentes no subcentro tradicional e no subcentro recente. Essas narrativas possibilitarão compreender como se dá a natureza desses espaços de consumo e quais os movimentos realizados nesse período de contínuo processo de

metropolização<sup>174</sup> (LENCIONI, 2013).

Nessa perspectiva, a seleção de algumas narrativas realizadas pelos sujeitos no âmbito, sobretudo, da moradia é fundamental para a construção analítica das caracterizações aqui proposta.

### **5.1 Memórias e vivências como constructos da representação histórica do distrito de Icoaraci**

Acredita-se que para compreender, nesse primeiro momento, a reprodução social dos sujeitos que (re)produzem o espaço urbano do subcentro tradicional de Icoaraci é necessária a reunião de narrativas que conduzam aos aspectos do cotidiano, das trajetórias e das lembranças existentes com esse espaço tradicional que por eles é dimensionado para além do mero consumo.

Esses elementos se apresentam como fundamentais, pois eles vão mensurar o valor de uso desse espaço e, principalmente, diferenciar do espaço de consumo mais recente que será analisado posteriormente. Nas narrativas a seguir serão apresentadas algumas falas que demonstram o cotidiano dos moradores com o espaço tradicional.

Vivo em Icoaraci porque acho que é um lugar tranquilo, apesar de ter violência, mas ainda acho tranquilo. Tem qualidade de vida, você tem orla pra caminhar, tem feira fácil, tem ponto de ônibus, ela consegue suprir minhas necessidades. (Informação verbal<sup>175</sup>).

De vez em quando saio para tomar uma biritinha aqui por perto também com os amigos. Não sou de frequentar *shopping center*, fui só uma vez no Parque Shopping comprar um chip da Claro porque roubaram meu celular e fui outra vez no Grão-Pará [*shopping center*] para renovar minha habilitação lá no DETRAN de lá, fora isso nunca mais fui. Eu gosto de Icoaraci, não penso em mudar para outro lugar, eu tenho tudo que preciso né?! (Informação verbal<sup>176</sup>).

Ambos os entrevistados residem na área central do distrito de Icoaraci.

---

<sup>174</sup> Entende-se que o processo de metropolização abrange alguns elementos da urbanização e desenvolve outros. Apresentam-se entre eles intenso fluxos de pessoas, mercadorias e capitais; a elevação das atividades de serviços, sobretudo, os superiores; a demanda maior de trabalho imaterial; concentração de atividades de gestão e controle; intensa utilização de tecnologia de informação e comunicação; grande variedade de atividades econômicas; relação exarcebada entre capital financeiro, produtores imobiliários e indústria da construção; produção de um modo de viver e de consumo que se espelha no perfil da metrópole (LENCIONI, 2013).

<sup>175</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro da Ponta Grossa, Dona Cátia, em 11 de dezembro de 2019.

<sup>176</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro do Cruzeiro, Seu Nazareno, em 11 de dezembro de 2019.



Analisando os trechos percebem-se elementos que traçam o cotidiano desses sujeitos muito articulado ainda com o espaço urbano dessa área, essas práticas procuram fortalecer a sociabilidade nos espaços públicos no centro do distrito e evidenciam um apreço ao lugar que condiciona a reprodução social (SERPA, 2013; MOREIRA; HESPANHOL, 2007).

Nesse contexto é importante compreender a importância das relações de vizinhança para a construção das representações sociais e seus desdobramentos espaciais. Assim como os desafios enfrentados diante das novas reconfigurações espaciais, sobretudo, no que tange à convivência no espaço de moradia, que implica diretamente nessa construção.

Aqui nós tem uma relação muita boa com vizinhos, coisa que em outros lugares é mais difícil por causa dos prédios e as casas a maioria viraram comércio, né? Aqui nessa rua, a maioria das pessoas que vivem aqui são de idosos, moradores antigos de Icoaraci. (Informação verbal<sup>177</sup>).

Aqui na rua tem gente bem antiga, mas tem umas pessoas novas. De primeiro tinha muito mais contato com os vizinhos era tudo conhecido, tinha muito parente, agora a vizinhança mudou mais é tanto vizinho estranho, ainda mais com esse PAC aí [Projeto na Comunidade da Taboquinha] é tanta gente que nem conheço. (Informação verbal<sup>178</sup>).

Nas passagens acima, depreende-se duas realidades existentes em Icoaraci, um arranjo mais antigo de moradia que se caracteriza em moradores com maior tempo de vivência nesse espaço em residências tradicionais e que mantém uma relação mais consolidada com outros moradores e outra baseada na reconfiguração da habitação ocasionada por projetos recentes de remanejamento de famílias para diferentes áreas que interferem diretamente na sociabilidade e na comunicação entre os indivíduos. Na narrativa acima, tem-se a referência ao projeto da construção de unidades habitacionais na comunidade da Taboquinha (COHAB, 2014), local onde havia a ocupação do Cubatão<sup>179</sup>, no bairro do Cruzeiro que interferiu, conforme o morador entrevistado, diretamente nas relações de vizinhança.

Dentro deste último contexto, é convidativo apontar um elemento essencial que auxiliou nessa mudança das relações de vizinhanças já percebida pelo

---

<sup>177</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro da Ponta Grossa, Dona Cátia, em 11 de dezembro de 2019.

<sup>178</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro do Cruzeiro, Seu Zózimo, em 11 de dezembro de 2019.

<sup>179</sup> Nome dado pelo Igarapé do Cubatão, a ocupação espontânea atualmente vem sofrendo mudanças no contexto da habitação pelo Projeto Taboquinha desempenhado pela Companhia de Habitação do Estado do Pará (COHAB) onde tem como intuito desenvolver ações integradas de urbanização e na produção de unidades habitacionais verticais e horizontais (COHAB, 2014).

entrevistado, a desconcentração da metrópole. Esse processo interfere nas condições da vida pessoal, alterando as relações clássicas de vizinhança compreendidas como densas e, agora, localizadas em redes diluídas em nível metropolitano (GOTTDIENER, 1993).

Embora essas transformações existam no universo que envolve o distrito de Icoaraci, é importante ressaltar as relações ainda existentes por uma parte dos moradores que estabelecem relações entre si e com o espaço.

Aqui na minha vizinhança tem muito moradores antigos também além de mim, me dou bem com todos que conheço, quando dá a gente senta lá na frente pra botar o papo em dia. (Informação verbal<sup>180</sup>).  
Tenho vizinhos aqui que conheço há mais de 30 anos, desde quando eu cheguei aqui, vizinhos aqui do lado. A gente tem laço muito grande aqui, praticamente de parentesco. Quando a gente precisa deles, ou quando eles precisam da gente, a gente sempre tá disposto a ajudar e eles também. (Informação verbal<sup>181</sup>).

Nos trechos anteriores se tem a dimensão do grau de sociabilidade e de familiaridade dos sujeitos que conversam e trocam experiências sob uma perspectiva temporal significativa. Essas relações são fundamentais para a disseminação de ideias, afetos, gestos, imagens sobre determinados processos e fenômenos que são instituídos no espaço. Dentro dessa perspectiva, se tem as dinâmicas comerciais que são influenciadas pelas experiências de uns em relação à outros sujeitos, condicionando novas práticas diante das representações construídas.

Essas práticas no interior da subcentralidade podem ser encontradas em relatos de entrevistados que esporadicamente encontram seus vizinhos e conhecidos em espaços verbalizados por eles em rodas de conversas ou em encontros casuais na rua.

O movimento de verbalização das práticas na subcentralidade é o que promove e reforça a própria centralidade por meio da interação do indivíduo em sociedade, pois, assim como a produção do espaço, nada existe sem a interação e as relações sociais no processo dialético, que constrói e destrói que não cria nada, mas cria tudo (LEFEBVRE, 2002).

---

<sup>180</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro do Tapanã, Dona Tereza, em 21 de fevereiro de 2020.

<sup>181</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro da Campina de Icoaraci, Seu Júlio, em 19 de dezembro de 2019.

Minha relação com meus vizinhos é muito boa, de vez em quando eles sentam aqui pra conversar. Às vezes encontro um ou outro na Feira da Oito de Maio e até nesses supermercados daqui de perto. (Informação verbal<sup>182</sup>). Encontro meus vizinho por aqui por Icoaraci sempre, principalmente aqui na feira não só vizinhos, mas amigos, pessoas que moram aqui e estudaram comigo aqui em Icoaraci, tem amigos meus que moravam em Belém e hoje em dia moram para cá pra Icoaraci, casaram e vieram pra cá, eu sempre encontro na feira e nos supermercados, tem colegas que fico um tempo sem ver e encontro no supermercado ou então na feira aí a gente para e bate um papo. (Informação verbal<sup>183</sup>).

Diante dessas relações interindividuais destacadas, sobressaem nas narrativas dos entrevistados a presença de espaços de consumo mais recentes em seus cotidianos. Essas práticas são reflexo de uma perceptível consolidação no âmbito comercial de outros espaços, pois nesse sentido o subcentro tradicional icoaraciense, representado, sobretudo, pelo Mercado Municipal, tem apresentado uma significativa diminuição de importância não apenas funcional, mas também como locus de referência dos sujeitos para entender o cotidiano (BARRETO, 2010; ZILHÃO, 2013).

Quando perguntados acerca das práticas anteriores de consumo de bens essenciais para a reprodução da vida humana, ou seja, onde outrora as práticas e seus circuitos eram realizados, os entrevistados contam que:

Antigamente, eu comprava no mercado essas coisas que compro hoje no supermercado, lá no mercado Valente. Tudo antes era pra cá. Faz uns 5 a 10 anos mais ou menos que frequento mais lá [para Agulha] do que para cá [cruzeiro]. (Informação verbal<sup>184</sup>).

Mudou bastante Icoaraci, antigamente logo quando cheguei pro Tapanã, Icoaraci tinha poucos bancos, poucas lojas, agora não, mudou bastante. Eu acho que os bancos estão lá devido o deslocamento das pessoas e das necessidades também que aumentaram. (Informação verbal<sup>185</sup>).

Quando nós chegamos aqui, eu cheguei aqui em 1979, eu tinha 6 pra 7 anos, aí não existia essa feira, nenhuma dessas aqui, não tinha nada pra cá, a população era pequena aqui, aí pra fazer compra a gente ia lá pra segunda rua [Rua Manoel Barata] lá pro Mercado Municipal porque não existia feira pra cá, só depois que a feira veio. (Informação verbal<sup>186</sup>).

<sup>182</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro do Parque Guajará, Seu Garcia, em 19 de dezembro de 2019.

<sup>183</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro da Campina de Icoaraci, Seu Júlio, em 19 de dezembro de 2019.

<sup>184</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro do Cruzeiro, Seu Nazareno, em 11 de dezembro de 2019.

<sup>185</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro do Tapanã, Dona Meire, em 21 de fevereiro de 2020.

<sup>186</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro da Campina de Icoaraci, Seu Júlio, em 19 de dezembro de 2019.

Nessa época eu fazia compra mesmo era lá na Primeira rua [Rua Siqueira Mendes], na feira lá do Mercado, era lá que tinha. A gente ia de bicicleta, ia andando, era só lá que tinha, pra cá não tinha nada, aí depois que já veio a feira, já veio o mercadinho, já veio o supermercado, açougue, que nada tinha aqui, era tudo pra lá. Era o Nova Olinda o nome do mercado lá da Primeira rua, ixé nem existe mais. (Informação verbal<sup>187</sup>).

Reforçando a abordagem da reprodução social dos costumes e das vivências a partir da primeira subcentralidade despontada no distrito, outros elementos procuram reforçar a importância desse espaço para além das práticas de consumo apresentando-se, assim, nas memórias dos sujeitos (BOSI, 1994).

Sinto falta dos espaços de lazer também, aqui teve tanto do campo de futebol, olha só: pinheirense, maguari, veterano, santa rosa, campo do tijuca, campo do mangueirinho, campo da velha lá no Paracuri. (Informação verbal<sup>188</sup>).

Sinto muita falta da Icoaraci antiga, principalmente da segurança da gente andar tranquilo, de primeiro quando não tinha tanta evolução, a gente vinha da ponte de Icoaraci, lá do trapiche, a pé. Vínhamos embora, andava tudo isso, a gente vinha com o pessoal na rua a noite como se fossem amigos. (Informação verbal<sup>189</sup>).

Como pôde ser vislumbrado, as lembranças dos sujeitos são relacionadas aos momentos de lazer que o distrito oferecia para a população na área central do distrito. Essas práticas antes congregavam nesses espaços as pessoas numa escala muito mais significativa do que hoje. Esse passado não se reflete mais nos tempos atuais em virtude desses espaços estarem desaparecendo com o passar dos anos e com a consolidação de moradias na parte central do distrito culminando na redução dos campos de futebol e do lazer ao ar livre, por exemplo.

O bucolismo é uma recordação que se instala na memória dos entrevistados mais antigos. Na ocasião da citação anterior, ela também se apresenta relacionada ao lazer da população que ao fim das programações na área central do distrito retornavam para suas residências sem temor, pois a segurança era uma sensação presente nas ruas da vila. Atualmente, os moradores percebem o desaparecimento do bucolismo através da narrativa abaixo de outro morador.

---

<sup>187</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro da Maracacuera, Dona Ana, em 14 de fevereiro de 2020.

<sup>188</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro do Cruzeiro, Seu Zózimo, em 11 de dezembro de 2019.

<sup>189</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro das Águas Negras, Seu Djair, em 18 de dezembro de 2019.

Ixe, mudou muito. Principalmente a questão do trânsito, antigamente na rua de casa a gente não via engarrafamento aqui na rua de casa com a Travessa Moura Carvalho que corta a Feira da Oito de Maio. Tu vai hoje em dia e tu vê engarrafamento, carro, moto, não só aqui, em Icoaraci como toda você não via essa questão do trânsito ser intenso e gerar engarrafamento, cresceu muito né? (Informação verbal<sup>190</sup>).

Para o entrevistado, o surgimento dos engarrafamentos constantes próximo às áreas comerciais é um sinal do desaparecimento do bucolismo que dá lugar aos barulhos de motores de carros, motos e caminhões. Na percepção do morador, é nítida a relação do crescimento urbano vinculado às consequências de se viver na metrópole, que é regida pela história rápida cada vez mais desafiadora de ser vivida (VÉRAS, 2001).

Entende-se que, como consequência da intensificação das moradias e das atividades que geram tráfegos, sobretudo, de automóveis, ocorre um rompimento temporal na consciência dos sujeitos (CARLOS, 2018; ZILHÃO, 2013) tanto moradores quanto os de fora que ainda percebiam Icoaraci como um espaço em que se predominavam as casas de veraneio, a tranquilidade e o contato com a natureza. Uma das moradoras entrevistadas no distrito de Outeiro conta que: “Eu gosto de morar no Outeiro aqui tem tranquilidade, coisa que não tem mais em Icoaraci, foi um dos fatores de fazer eu vim para cá” (Informação verbal<sup>191</sup>). Nesse contexto, alguns dos moradores sem perder as relações com o distrito em destaque, se deslocaram para outros lugares na tentativa de encontrar aquilo que em Icoaraci havia se perdido.

Entre uma das lembranças existentes que faziam parte do conjunto de equipamentos de lazer existentes na área central do distrito e que hoje as alternativas encontradas estão localizadas, em sua maioria, nos *shoppings centers* da cidade de Belém são os cinemas. Como relata um dos moradores:

Um cinema faz muita falta aqui em Icoaraci, antigamente nós tínhamos um cinema aqui que passava os mesmos filmes que passava no Olímpia, hoje em dia não temos mais nada. Esse cinema daqui não lembro o nome dele, mas ele ficava ali onde é a Makell na Cristóvão [atual Avenida Lopo de Castro] com a segunda rua [Rua Manoel Barata]. (Informação verbal<sup>192</sup>).

<sup>190</sup> Entrevista concedida pelo morador da Campina de Icoaraci, Seu Júlio, em 19 de dezembro de 2019.

<sup>191</sup> Entrevista concedida pela moradora da Água Boa no distrito de Outeiro, Dona Maria, em 28 de fevereiro de 2020.

<sup>192</sup> Entrevista concedida pelo morador da Campina de Icoaraci, Seu Júlio, em 19 de dezembro de 2019.

Embora o cinema em Icoaraci tenha encerrado suas atividades há algumas décadas, esse espaço juntamente com os campos de futebol já foram caracterizados como fixos espaciais que geravam fluxos intensos e que corroboravam com a subcentralidade que naquela época era considerada predominante, pois outros espaços se tornavam difíceis dada as distâncias de deslocamento. Essas formas e processos existentes da subcentralidade ditavam a reprodução da vida a partir do seu uso e da sua apropriação (SERPA, 2013).

Esses fixos espaciais através das práticas desenvolvidas em si e no seu entorno possibilitavam fortalecer o processo cognitivo das pessoas que neles estabeleciam relações através da comunicação interindividual (ZILHÃO, 2013).

Nas narrativas acima, os entrevistados salientam práticas que revelam a caracterização do primeiro momento da subcentralidade de Icoaraci, destacada no capítulo 2, que aponta a dependência do espaço de consumo próximo do rio, onde os equipamentos comerciais eram dispostos em sua totalidade na referida área. Além disso, manifestam a compreensão por parte dos entrevistados da reconfiguração desse espaço, seja pelo percebido aumento populacional no distrito, pelos outros equipamentos que começaram a ser instituídos no subcentro tradicional e por àqueles que se deslocaram para outras áreas dada a expansão das moradias, como para a Avenida Augusto Montenegro.

Como já salientado, outrora os moradores frequentavam os pequenos supermercados locais situados próximos ao rio e o Mercado Municipal, como destacado nas narrativas. No entanto, o que se percebe é que com o passar das décadas este último vem perdendo a influência dentro do universo hoje existente de feiras em Icoaraci, em especial com a Oito de Maio.

Foto 42 - Icoaraci – Fachada atual do Mercado Municipal de Icoaraci administrado pela prefeitura de Belém. 2020



Fonte: Erick Ramos (2020).

Nesse sentido, revelam-se alguns comentários realizados por dois entrevistados que residem nos bairros sob influência do subcentro pioneiro que apontam em suas representações o que vem ocorrendo na referida área.

As feiras da Oito de Maio e da campina é outro ponto que também frequentamos, o Mercado Municipal eu vejo que com o passar dos anos ele já não supre todas as necessidades, são pessoas que já tem ponto antigo ali, vive daquilo porque os boxes foram comprados na época dos pais e avós, mas se você for agora nesse horário que não é nem 17h da tarde você vai ver que o mercado tá fechado, você não encontra verdura, você não encontra nada e se você for agora na Oito de Maio você encontra lá tudinho agora porque a partir das 16h começa abrir e você vai fazer compras de roupa, verdura, fruta, de tudo que tu quiser. Agora se você for no mercadão aqui é no máximo até meio dia e de segunda a sábado, mas bem o básico mesmo, o peixe, a carne e a farinha e acabou, a verdura bem básica. O mercado tá defasado, eu vejo que daqui a pouco o mercado vai ser fechado, eu vejo que os próprios governantes não investem, não oferecem algo para que as pessoas sejam estimuladas. Tem uma feira de Cotijuba que vem dia de sábado as 09h da manhã no trapiche, as pessoas compram muito mais nela frutas e verduras, às vezes, até galinha caipira do que no próprio mercado. Eu vejo que precisa revitalizar o mercado, não com pintura, mas estimular novamente os próprios moradores daqui do bairro do Cruzeiro e Ponta Grossa e de áreas próximas para que possam ir para lá, agora não adianta ficar caro né?! (Informação verbal<sup>193</sup>).

O mercado deixou de ser barato há uns 15 a 20 anos atrás. Aí no mercado sai mais caro acho que é porque eles pagam aluguel dos boxes e fica mais caro o produto. (Informação verbal<sup>194</sup>).

<sup>193</sup> Entrevista concedida pela moradora da Ponta Grossa, Dona Cátia, em 11 de dezembro de 2019.

<sup>194</sup> Entrevista concedida pelo morador do Cruzeiro, Seu Zózimo, em 11 de dezembro de 2019.

No que tange ao Mercado Municipal, localizado no subcentro tradicional do distrito de Icoaraci, percebe-se, pelos próprios moradores dos bairros de influência, o descaso existente em grande medida pela prefeitura municipal, tendo como reflexo no desestímulo já registrado anteriormente pelos comerciantes informais que ali desenvolvem suas atividades dado o desamparo existente. Ademais, como registrado na primeira fala da moradora, existe uma feira intermitente no trapiche organizada pelos moradores da ilha de Cotijuba aos sábados pela manhã que, segundo a entrevistada, consegue atrair mais consumidores do que o histórico Mercado Municipal.

## **5.2 O artesanato: luta e resistência enquanto representação histórica de Icoaraci**

No interesse de avançar nas representações escutadas em campo pelos sujeitos, destacam-se algumas narrativas que foram absorvidas no espaço de produção e comércio das cerâmicas icoaraciense. Dentre o universo, selecionaram-se algumas com o intuito de promover também a articulação das representações através do olhar epistêmico para entender como esta realidade constrói a leitura dos símbolos presentes no cotidiano (ORNELLAS, 2009).

Nas olarias algumas das representações expostas pelos entrevistados possuem um teor que muitas das vezes se associa à um descontentamento, sejam elas com as vendas ou com a presença de sujeitos externos.

Alguns dos descontentamentos se direcionam para a queda de consumidores nos espaços de venda das cerâmicas, na qual os motivos da diminuição abrangem, conforme os entrevistados, diversos fatores.

As vendas caíram muito também devido muitas pessoas estarem fazendo, ou seja, tem muito mais gente fazendo do que anos atrás, aí todo mundo tá vendendo, caiu, mas também muito por causa disso, da concorrência, algumas desleais, mas a concorrência aumentou e a quantidade de cliente de fato, caiu bastante. A quantidade de cliente caiu devido em grande parte a violência né? O pessoal do trapiche vê muita polícia, eles vem tudo escoltado, eles entram no ônibus e vão embora para os pontos turístico. (Informação verbal<sup>195</sup>).

Tem os moradores de Belém que compram, mas são muito pouco, eles ficam tudo lá pelo Ver-o-Peso. Ixe caiu muito a venda. O que influenciou

<sup>195</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Edmilson, em 18 de janeiro de 2020.



muito a queda das vendas foram esses atravessadores do Ver-o-Peso. (Informação verbal<sup>196</sup>).

Quando eu me entendi para trabalhar com cerâmica, Icoaraci tinha umas 50 olarias funcionando e trabalhávamos com peças utilitárias [...] depois com o surgimento do plástico e do alumínio aí foi a grande queda que veio da cerâmica, porque quem comprava uma bacia de barro, passou a comprar uma bacia de alumínio e o alumínio tem 100 vezes a resistência da de barro, tem durabilidade e é mais fácil de conduzir por ser mais leve, uma série de vantagens sabe e isso fez com que caísse, a geladeira fez com que caísse o pote, a moringa, a bilha, a garrafa pet fez com que caísse essas coisas porque o pessoal começaram a guardar água na garrafa pet e outros tipo de garrafa plástica que surgiram, então essas coisas fizeram ter uma queda muito grande, a telha de BRASILIT deu uma queda enorme na telha de barro né? (Informação verbal<sup>197</sup>).

O poder público podia nos ajudar com os pontos turísticos né? Poderiam nos inserir nesses pontos para melhorar a nossa venda. Como o governo não trás eles para cá [para Icoaraci], pra que eles fiquem de fato por aqui, a gente procura ir para esses espaços que são pontos turísticos de Belém. (Informação verbal<sup>198</sup>).

As vendas caíram muito quando começou a construção do BRT devido ninguém poder vir pra cá, não vinha de jeito nenhum pra cá, e poucas pessoas de fora conhecem a Arthur Bernardes, é mais a Augusto Montenegro. (Informação verbal<sup>199</sup>).

Vocês vê que o artesão são tudo daqui, o governo era pra divulgar, não sai divulgação. Vem os navio, sabe pra onde os navio vão? Os pessoal do navio vão? Pra Belém. Eles já deixam na porta lá e vão comprar pra lá tudo caro. Eles são tudo atravessador, porque artesãos somos nós aqui! São tudo atravessador lá, aí levam os turistas tudo pra lá. (Informação verbal<sup>200</sup>).

Conforme as narrativas entende-se que os motivos pela queda perpassam por vários fatores, muitos se direcionam para o aumento de artesãos dentro do distrito que produzem as peças e também pela venda com valor elevado por atravessadores em outros espaços da cidade, sobretudo, no Ver-o-Peso. Já outros apontam o advento de novas tecnologias que com o passar do tempo substituíram os produtos confeccionados pelo barro, seja para o armazenamento de alimentos ou para a construção civil.

Por fim, outro elemento que se coloca como importante para entender a diminuição de consumidores está na figura do Estado, através de grandes estruturas viárias para a mobilidade urbana interessada em gerar maior integração metropolitana que acarretou em significativos transtornos nos fluxos nesse eixo pelas obras, sobretudo, na Avenida Augusto Montenegro. Ademais outro fator que é gerado pelo Estado que culmina na diminuição dos fluxos se dá na ausência de incentivo ao fomento do turismo na região, seja na área de produção no bairro do

<sup>196</sup> Entrevista concedida pela artesã, Dona Raimunda, em 18 de janeiro de 2020.

<sup>197</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Rosemiro, em 21 de janeiro de 2020.

<sup>198</sup> Entrevista concedida pela artesã, Dona Raimunda, em 18 de janeiro de 2020.

<sup>199</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Edmilson, em 18 de janeiro de 2020.

<sup>200</sup> Entrevista concedida pela artesã, Dona Raimunda, em 18 de janeiro de 2020.

Paracuri ou na Orla onde está presente a Feira do Artesanato no bairro do Cruzeiro.

Em meio à todos esses fatores narrados pelos entrevistados, considera-se que elas foram constituídas através da compreensão cognitiva por um elo em comum, a queda das vendas. Entende-se que os motivos elencados se dão por meio da experiência de cada indivíduo com o espaço que atua e na relação com os outros, proporcionando a construção das representações que, nesse modo, vem sendo consideradas como os motivos que afetaram a venda das peças. Vale ressaltar que por serem inúmeros os motivos, nenhum deles torna-se inválido ou sem veracidade, já que as representações constituem-se como opiniões formadas a partir das relações no espaço que se apresentam como ferramentas elementares para a construção da consciência e da prática (SÁ, 1996).

Avançando nas representações constituídas pelos artífices do barro, outra construção cognitiva realizada por eles no espaço em detrimento da inserção de outros sujeitos é a questão do tráfico de drogas, no qual interfere diretamente na estrutura produtiva da cerâmica.

Hoje a nossa maior luta é pela argila. Nesse exato momento é isso, porque se não tiver argila, não tem trabalho. Os barreirenses tão buscando lá não sei da onde, porque aqui [no Paracuri] os traficantes não estão querendo deixar, então se não tiver argila não tem artesanato. (Informação verbal<sup>201</sup>). Tem barreirenses que tá indo buscar lá pra banda de Santo Antônio do Tauá, aí como é mais trabalho eles estão pedindo muito caro na bola de barro. (Informação verbal<sup>202</sup>).

Os barreirenses com medo estavam tirando da beirada [do rio], só que a argila da beirada não é boa, mas eles faziam isso por medo. Quando os traficantes chegavam lá eles falavam: "O que é que tanto buraco vocês fazem aqui?". Aí com medo de morrer, eles evitam de ir pra lá, até pelo que já aconteceu com os traficantes e a polícia né?! (Informação verbal<sup>203</sup>).

Lá no Paracuri a grande jazida de argila era pra lá, essa argila de lá é tão grande que até hoje tem argila lá. Pararam agora de tirar argila lá porque os traficantes não deixaram mais o pessoal passarem pra lá, teve até uma batida da polícia que teve nesse igarapé em outubro que mataram um barreirenses achando que fosse bandido. Aí a partir daí ficou difícil pros barreirenses, os traficantes tomaram conta da área tudo lá da mata. Agora eles estão tirando barro em Santo Antônio do Tauá, ficou mais caro um pouco. Ele é melhor do que o do Paracuri, porque o do Paracuri já foi muito explorado, hoje em dia só tiravam a ponta né? Hoje já não tem mais assim aquilo que na nossa linguagem a gente chama de eito, eito é uma manta de barro grande, aí lá em Santo Antônio do Tauá dizem que o eito é de 10 mil metros quadrados, muito grande a área, mas a do Paracuri é boa ainda também, o que impede hoje os barreirenses são os traficantes. (Informação verbal<sup>204</sup>).

<sup>201</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Josimar, em 18 de janeiro de 2020.

<sup>202</sup> Entrevista concedida pela artesã, Dona Raimunda, em 18 de janeiro de 2020.

<sup>203</sup> Entrevista concedida pela artesã, Dona Raimunda, em 18 de janeiro de 2020.

<sup>204</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Rosemiro, em 21 de janeiro de 2020.

No conjunto das narrativas levantadas acerca da cadeia produtiva da cerâmica na qual tem a inserção do grupo social dos barreirenses, entendem-se as dificuldades existentes nos dias de hoje com o aumento do comércio de entorpecentes na periferia do distrito. Essa prática que tem como consequência ações violenta em confronto com policiais culminam no afastamento dos barreirenses do leito dos rios no próprio bairro do Paracuri, sendo obrigados, assim, pela extração do barro em outros espaços, agora mais distantes, como em Santo Antônio do Tauá, município localizado no nordeste paraense.

Nesse contexto, aponta-se que à luz das representações sociais, as práticas históricas de extração do barro no Paracuri pelos barreirenses para a confecção das peças fora modificada diante de práticas de sujeitos externos. No conjunto social reconstituído, a realidade fora reorientada, agora, no deslocamento maior para a extração da argila em outros espaços. Essas transformações tem impacto para além do cognitivo, mas também para as práticas concretas dos sujeitos anteriores (ZILHÃO, 2013).

Essas transformações por interferirem também nas práticas, afetam a produção da cerâmica dentro da cadeia, dificultando a reprodução social das atividades que carregam uma representatividade simbólica das peças produzidas. Essa representatividade simbólica promove uma centralidade cultural já consolidada pela produção histórica em Icoaraci, onde no atual cenário os sujeitos socioeconômicos envolvidos buscam também o reconhecimento nos espaços comerciais do artesanato na região.

### **5.3 Novas representações sociais: as perspectivas da subcentralidade recente**

Seguindo o ritmo das mudanças, percebe-se que as práticas comerciais dispostas anteriormente no subcentro tradicional de Icoaraci, se dispõem nos dias atuais para outros espaços próximos à Avenida Augusto Montenegro. Se a mudança é recente e envolve elementos forjados pela metropolização de Belém, há que se considerar que sua gênese é relativamente antiga e foi capitaneada pelas atividades de caráter informal que deram origem à Feira da Oito de Maio incidindo diretamente na construção de representações passadas que culminaram em lembranças dos moradores que cotidianamente consomem esses espaços.

De primeiro, tudo era pro Mercado Municipal e mercadinhos, até pro pessoal da ilha que vinha pelo trapiche, agora já tem os supermercados e o povo já vai tudo para lá [Oito de Maio], tem muito comércio grande lá para a Agulha agora. (Informação verbal<sup>205</sup>).

Hoje aqui em Icoaraci você faz muito mais compras na Oito de Maio por causa da feira e do acesso. O preço é muito melhor do que no centro de Icoaraci. (Informação verbal<sup>206</sup>).

Geralmente, eu vou na Feira da Oito de Maio fazer compras, eu hoje pouco frequento o trapiche do mercado. Na Oito é mais em conta as coisas, no Mercado Municipal já foi bom quando não tinha a Oito, agora lá na Oito tem o peixe, tem a carne, tem a farinha a verdura aí sai mais em conta porque acabou o movimento no mercado. O mercado deixou de ser barato há uns 15 a 20 anos atrás. (Informação verbal<sup>207</sup>).

Às vezes vou na Oito de Maio, porque fora a feira do Cordeiro a gente encontra tudo que a gente quer buscar. Mas na Feira da Oito de Maio é mais completa, mais variedade, o preço é melhor lá. (Informação verbal<sup>208</sup>).

Quando tô com pressa, vou na feira aqui do Eduardo Angelim [Conjunto Habitacional], mas eu prefiro a da Oito de Maio porque ela é maior né e fora que é mais barato. (Informação verbal<sup>209</sup>).

Associando ao que a teoria da representação postula, a Feira da Oito de Maio e toda a sua dinâmica pode ser considerada como uma ancoragem superada estando em fase de consolidação do processo de objetificação no espaço urbano. Esta última se aproxima da realidade, pois procura reafirmar a familiaridade já construída da feira no processo cognitivo daqueles que a consomem. Tal reafirmação é assentada através de suas qualidades na atração de pessoas, já que ela intriga a comunidade pelo conteúdo existente, e também por ter se dado de modo recente em comparação à espaços mais antigos como o Mercado Municipal localizado historicamente próximo ao rio, atraindo assim fluxos para a nova área (MOSCOVICI, 2007).

Com a superação da não-familiaridade já ocorrida, o processo de objetificação se apresenta como o momento da inserção gradual daquilo que anteriormente não se conhecia e que passa a se experimentar, seja através de imagens, gestos e linguagens transformando-se no cotidiano (FURINI, 2014) ou na própria experiência socioespacial. Nesse contexto, a Feira da Oito de Maio reúne as recentes preferências de consumo na maioria da população que vive ou frequenta o

---

<sup>205</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro do Cruzeiro, Seu Zózimo, em 11 de dezembro de 2019.

<sup>206</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro da Ponta Grossa, Dona Cátia, em 11 de dezembro de 2019.

<sup>207</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro do Cruzeiro, Seu Nazareno, em 11 de dezembro de 2019.

<sup>208</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro da Pratinha, Dona Tereza, em 11 de dezembro de 2019.

<sup>209</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro do Parque Guajará, Seu Garcia, em 11 de dezembro de 2019.

tradicional e/ou o recente espaço de consumo em Icoaraci, apresentando-se nesse momento de objetificação um processo ainda em consolidação por receber todos os dias novos consumidores (MOSCOVICI, 2007).

Os atributos que podem caracterizar e condicionar a Feira da Oito de Maio como um espaço presente na objetificação no cognitivo dos indivíduos se dispõem a partir dos signos espaciais expressos ao redor e no interior da feira. Esses signos se apresentam nas imagens das ofertas estampadas nas placas dos produtos à venda; na variedade de frutas e verduras entre outros produtos que atraem o consumidor; na comunicação interindividual que gradualmente torna-se rotineira e que aproxima através da linguagem o vendedor ao consumidor a partir do ambiente que eles se inserem; e também no dinamismo gestual do movimento frenético de pessoas que envolvem praticamente a feira ao todo e que gera inquietação aos que ainda não a conhecem (JOVCHELOVITCH, 2004; MOSCOVICI, 2007; FURINI, 2014).

Esses aspectos se tornam essenciais para a articulação das representações sociais em espaços comerciais, que nesse exemplo específico ocorre na Feira da Oito de Maio, reunindo elementos importantes para a análise. Sobre tais elementos importantes para a análise, Jodelet (2001, p. 41) destaca que:

As representações sociais devem ser estudadas articulando elementos afetivos, mentais e sociais e integrando, ao lado da cognição da linguagem e da comunicação, as relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideal sobre as quais elas intervirão.

Diante do universo das narrativas ouvidas, selecionaram-se também representações do cotidiano de alguns sujeitos no interesse de realizar análises na qual os elementos para a construção da representação social fossem evidenciados contribuindo para a análise da reconfiguração da subcentralidade urbana atual no espaço urbano de Icoaraci.

Nesse sentido, acerca da construção de representações no que se refere ao âmbito comercial, narrativas acerca do histórico Mercado Municipal são constantemente reproduzidas no espaço urbano por diversos segmentos. Dentre elas, destacam-se a degradação do espaço, dos produtos ofertados e, sobretudo, dos preços.

A queda dos consumidores aqui no mercado é porque tem muita mercadoria aqui que o pessoal vende caro, aí o pessoal procura a Oito de Maio para comprar. Por exemplo, a farinha aqui tá 5, 6 reais o litro, lá na

Oito é 2,50 o litro, eu mesmo compro na Oito de Maio por causa do valor. Aí o consumidor deixa de vir no mercado porque acha que tudo é caro e só vai na Oito. (Informação verbal<sup>210</sup>).

Na narrativa acima, os próprios comerciantes localizados no interior do mercado revelam os preços mais elevados dos produtos lá comercializados por outros segmentos, já que sua oferta é variada no espaço. Depreende-se que, diante de alguns preços elevados, o mercado em si fora qualificado como um espaço de consumo de valor maior em relação a outras feiras.

O comércio daqui de perto [área central do distrito] perdeu espaço para o lá da Feira da Oito de Maio. Vá domingo lá no Mercado Municipal para o senhor ver como tá seco de gente, aí dê uma passada no mesmo dia lá na Oito para o senhor ver o quanto de gente tá lá comprando, o senhor não pode nem passar de carro, de moto e nem de bicicleta. Lá além dos feirantes no meio da rua que vende de tudo, tem as lojas nos dois lados. (Informação verbal<sup>211</sup>).

A passagem acima também aponta, agora por parte de um morador da área central do distrito, que as trocas de experiências e informações sobre o Mercado Municipal são existentes para além de um restrito grupo social que a desenvolve, transformando para além das preferências, também a intensidade dos fluxos. Essas percepções são transformadas já que, num tempo anterior, elas se constituíam como uma realidade distinta da atual, sendo qualificada hoje apenas como lembranças (BOSI, 1994).

As pessoas procuram onde é mais acessível, onde você pode comprar e trazer muito. Hoje é mais acessível ir para a Augusto Montenegro do que consumir aqui [no Mercado Municipal], o que ainda é vantajoso é a parte do pescado que você ainda consegue peixe e caranguejo, mas mesmo assim, se você for mais cedo para a Oito de Maio, você paga mais barato do que aqui. O caranguejo lá é mais barato do que aqui perto no trapiche. Se você for fazer um vatapá, eu tava fazendo pesquisa de camarão salgado, para lá [Oito de Maio] é mais barato, aqui [mercado municipal] é mais caro. (Informação verbal<sup>212</sup>).

Outra moradora ratifica o que vem sendo percebido na área central do distrito, a decadência dos fluxos que tem como destino o Mercado Municipal. Outro

---

<sup>210</sup> Entrevista concedida pela feirante do ramo de vestuário, Dona Rosinete, em 18 de janeiro de 2020.

<sup>211</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro do Cruzeiro, Seu Nazareno, em 11 de dezembro de 2019.

<sup>212</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro da Ponta Grossa, Dona Cátia, em 11 de dezembro de 2019.

elemento surge nesse contexto que acentua a construção dessas percepções pelo cognitivo dos sujeitos (MOSCOVICI, 2007), as relações paradoxais do comércio de produtos originários do rio.

Produto como o caranguejo, crustáceo que vive no ecossistema dos manguezais próximo ao leito dos rios que, nesse caso particular, são vendidos no Mercado Municipal há poucos metros do trapiche localizado na baía do Guajará possuem valor mais elevado comparado àqueles comercializados na Feira da Oito de Maio, distante do trapiche. Considera-se que para além da questão econômica, ligada à diferença de preços, essa realidade representa a ampliação dos espaços de trocas econômicas entre o urbano e o rural amazônico, expandindo para além dos portos e trapiches as condições de reprodução social dos ribeirinhos (CASTRO, 2019).

Por outro lado também se ratifica, assim, o êxodo dos frequentadores do Mercado Municipal e a procura de novos espaços para a realização de suas compras. Dentro dos aspectos tratados acerca desse equipamento histórico com significativa carga simbólica para a história de Icoaraci, depreende-se que há uma sinalização da decadência de espaços de consumo mais tradicionais e informais com a queda da presença de cidadãos, sejam eles transeuntes ou de consumidores no espaço público central do distrito. Essa decadência é compreendida pela falta de interesse dos frequentadores em utilizar o referido espaço, sendo esse desinteresse caracterizado em diversos âmbitos, Barreto (2010, p.38) aponta que:

A condição de centralidade resulta não só da funcionalidade que marca um espaço concreto da cidade, mas também da imagem, do bem-estar e do prazer visual, sustentada na qualidade da arquitetura, do espaço público e da paisagem.

Avançando nas análises encontradas no âmbito da realidade comercial icoaraciense, outra narrativa ouvida pelos sujeitos se apresenta no valor acessível e na variedade que constitui a dinâmica da Feira da Oito de Maio no subcentro recente.

O comércio da Oito de Maio é preço, ele atende uma classe baixa para paupérrima, meu irmão tem uma loja lá e ele diz que tem que ter preço, se um item daqui que eu vendo por 10, lá ele tem que vender à 7, ele ganha mixaria lá, eu nunca quis ir pra lá. O comerciante tem que ter uma

porcentagem de lucro menos que isso não dá pra pagar tanto imposto que tem. (Informação verbal<sup>213</sup>).

Na narrativa acima, tem-se o comentário de um comerciante da área de influência do subcentro tradicional que mesmo em tom de descontentamento com a concorrência existente no subcentro em expansão, admite os fatores que são determinantes para o crescimento dos fluxos para a área da Oito de Maio e, conseqüentemente do consumo em seu entorno, abrangendo a Avenida Augusto Montenegro.

A Feira da Oito de Maio é uma feira que vende muito produto barato aqui. Aparece gente de Cotijuba e Marajó, porque lá próximo ao trapiche tem um mercado lá que é muito caro as coisas e aqui é mais fácil pra se comprar, tem tudo aqui que você procurar, aqui na Feira da Oito de Maio o que você procurar você encontra. Lá [Mercado Municipal] é mais perto pra eles, mas não tem opção, aí eles preferem vir pra cá [Oito de Maio]. (Informação verbal<sup>214</sup>).

A Feira da Oito de Maio é uma feira em si popular, aqui vem o rico, vem o pobre, vem a classe média, classe alta e classe baixa. Ele vêm porque aqui tem muita coisa barata, muita coisa se encontra aqui. (Informação verbal<sup>215</sup>).

Já nestas falas, apresentam-se os comerciantes da Oito de Maio que expõem a variedade e o valor dos produtos ofertados na feira em um âmbito geral, para além de suas atividades específicas. Essas falas, embora sendo construídas por grupos distintos ao anterior, diante da localização e dos interesses pessoais implícitos, corroboram para uma construção representativa que qualifica atualmente a Oito de Maio, sendo produzida assim uma significação a partir das relações sociais estabelecidas (ZILHÃO, 2013).

[...] eu vou na Feira da Oito de Maio fazer compras, eu pouco frequento o trapiche do mercado. Na Oito é mais em conta as coisas, no Mercado Municipal já foi bom quando não tinha a Oito, agora lá na Oito tem o peixe, tem a carne, tem a farinha a verdura aí sai mais em conta [...] (Informação verbal<sup>216</sup>).

Às vezes vou na Oito de Maio, porque fora a feira do Cordeiro a gente encontra tudo que a gente quer buscar. Mas na Feira da Oito de Maio é mais completa, mais variedade, o preço é melhor lá. (Informação verbal<sup>217</sup>).

<sup>213</sup> Entrevista concedida pelo comerciante de produtos voltados ao trabalho e variedades, José Roberto, em 09 de janeiro de 2020.

<sup>214</sup> Entrevista concedida pelo feirante do ramo de hortifrúti, Delson Macedo, em 16 de janeiro de 2020.

<sup>215</sup> Entrevista concedida pelo feirante do ramo de hortifrúti, Francisco Edmundo, em 16 de janeiro de 2020.

<sup>216</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro do Cruzeiro, Seu Nazareno, em 11 de dezembro de 2019.

<sup>217</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro da Pratinha, Dona Tereza, em 21 de fevereiro de 2020.



Quando tô com pressa, vou na feira aqui do Eduardo Angelim [Conjunto Habitacional], mas eu prefiro a da Oito de Maio porque ela é maior né e fora que é mais barato. (Informação verbal<sup>218</sup>).

Eu acho que o comércio pra lá [área central] não é como antes, antes era intenso. Porque eu vejo muita gente que mora pra lá pro centro de Icoaraci, amigos meus que moram pra lá, eles vem fazer compra aqui na Feira da Oito de Maio, porque aqui tem tudo, tu encontra tudo. (Informação verbal<sup>219</sup>).

Nos trechos destacados, encontra-se a narrativa de diversos moradores, que residem em distintas áreas seja em Icoaraci ou em seu entorno, revelando aspectos de preferência pela Oito de Maio devido sua variedade e preço mais acessível. Essa escolha se associa à um outro elemento formador da interpretação da representação social, o afeto do ser humano (MOSCOVICI, 2007). Esse afeto está intrinsecamente interligado às preferências constituídas por estes indivíduos diante da sua experiência espacial cotidiana.

É importante ressaltar que embora em alguns casos a feira seja a segunda opção para alguns entrevistados, essa condição se deve à fatores como localização e distância que não os privilegiam não anulando, contudo, a importância da feira para seu cotidiano.

Ainda no âmbito comercial, outra narrativa presente acerca dos comerciantes informais da Feira da Oito de Maio refere-se à concorrência. Destacando-se os grandes objetos espaciais de consumo conhecidos popularmente como *atacarejos* que utilizam, como apelo mercadológico, o discurso da compra em grande quantidade por um preço menor.

Antigamente o fluxo de gente era maior do que hoje, hoje tem várias feiras, tem no Paracuri, tem na Campina, tem na Estrada do Outeiro, comércio em todo canto, tem o Armazém, tem o Atacadão, Mateus, Carrefour, os supermercados e sacolões, isso fez cair muito a venda. (Informação verbal<sup>220</sup>).

Desde o início que vim para cá, quando não tinha esse Armazém, esse Atacadão não tinha nada, o supermercado era longe e o pessoal não ia, aí com o Armazém todo mundo vai porque é aqui pertinho, aí tem o Belemzão agora, é mais concorrência. (Informação verbal<sup>221</sup>).

A feira inchou com o tempo, e já tem outras feiras, tem feira no Paracuri, tem feira no Tapanã, aí muitos dos clientes sumiram e muitos compram em outras partes como no supermercado, no Atacadão que tem coisas mais

<sup>218</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro do Parque Guajará, Seu Garcia, em 19 de dezembro de 2019.

<sup>219</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro das Águas Negras, Seu Djair, em 18 de dezembro de 2019.

<sup>220</sup> Entrevista concedida pelo feirante do ramo de hortifrúti, Francisco Edmundo, em 16 de janeiro de 2020.

<sup>221</sup> Entrevista concedida pelo feirante do ramo de hortifrúti, Delson Macedo, em 16 de janeiro de 2020.

barata, eles estão tudo indo pra lá, nós perdemos espaço com o Atacadão aqui. (Informação verbal<sup>222</sup>).

A maioria dos nossos consumidores é daqui mesmo do Paracuri II, aqui Outeiro vem, o pessoal de Cotijuba vem bastante, do Tenoné também sempre vem, de vez de quando até do Tapanã vem. A abrangência da feira era maior, agora já ficou mais difícil por causa do Armazém, abriu outro mais lá na frente também e são lugares que vendem em grande quantidade aí fica mais barato para eles no caso [consumidores], para nós já fica mais difícil vender num preço mais acessível, aí fica difícil. (Informação verbal<sup>223</sup>).

Como vislumbrado pelos comerciantes da feira, essas grandes estruturas comerciais vêm reconfigurar a dinâmica do distrito através do processo de (re)produção do próprio distrito, alterando suas funções gerando, assim, novas centralidades (PINTAUDI, 1999) incidindo diretamente em conflitos quando se pensa nas atividades já desenvolvidas na feira. Essa representação dos feirantes se apresenta diante da dimensão espacial da concorrência que eles vivenciam, antes de outros feirantes e agora de novas estruturas de comércio, configurando-se próximas a eles influenciando nas práticas comerciais, e na ausência já percebida dos consumidores. Esse conjunto de percepções e práticas está relacionado ao processo de representação do ambiente pelos sujeitos (BOSI, 1994).

Uma das narrativas levantadas em campo através das entrevistas abertas se direcionam à oferta de bens e serviços no distrito, na qual diminui a dependência na aquisição de determinadas itens em relação ao centro da cidade de Belém.

Hoje não é viável ir para Belém comprar um par de sapatos, não é viável ir para comprar uma maquiagem. Hoje tem o Empório Mix aqui, você tem outras lojas também de maquiagem e vestuário também para o lado da COHAB [conjunto habitacional localizado no bairro da campina próximo à Feira da Oito de Maio]. (Informação verbal<sup>224</sup>).

Vestuário a gente compra na Paraibana, dificilmente vou no Ver-o-Peso, não é toda vez não, mais final de ano mesmo. Mas quando a gente necessita de uma roupa em cima da hora a gente compra por aqui mesmo, uma camisa, um chinelo, aqui tem tudo que a gente precisa pode vê, tem muita loja em Icoaraci. (Informação verbal<sup>225</sup>).

Muito difícil eu ir em Belém, a última vez foi para fazer um pagamento da conta da Yamada porque a loja daqui fechou e eu tive que ir lá pra Belém pagar e olha que a Yamada saiu daqui já tem um tempo. Tudo que preciso tenho em Icoaraci. (Informação verbal<sup>226</sup>).

<sup>222</sup> Entrevista concedida pelo feirante do ramo de hortifrúti, Francisco Edmundo, em 16 de janeiro de 2020.

<sup>223</sup> Entrevista concedida pelo feirante do ramo de hortifrúti, Delson Macedo, em 16 de janeiro de 2020.

<sup>224</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro da Ponta Grossa, Dona Cátia, em 11 de dezembro de 2019.

<sup>225</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro do Cruzeiro, Seu Nazareno, em 11 de dezembro de 2019.

<sup>226</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro do Cruzeiro, Seu Zózimo, em 11 de dezembro de 2019.

Percebe-se no contexto das narrativas dos moradores que vivenciam o distrito cotidianamente um tom de satisfação com os equipamentos hoje existentes tanto no subcentro tradicional como nos espaços mais recentes de consumo. Essa representação coletada por estes moradores auxilia na compreensão das experiências existentes que contribuem para a justificativa da oposição na procura de espaços mais distantes de sua residência. Os trechos apresentados destacam-se como produtos da construção da ação comunicativa com o passar do tempo entre os indivíduos que residem no distrito, essa construção resulta na ideia de relativa autonomia de Icoaraci em relação a outros espaços de comércio e serviço localizados fora do distrito (JOVCHELOVITCH, 2004).

#### **5.4 Na lógica da metrópole a subcentralidade de Icoaraci se reinventa e re-existe**

A partir de narrativas já utilizadas e outras selecionadas para esse momento apresenta-se como intuito dimensionar as permanências e rupturas ocorridas na perspectiva representativa dos sujeitos acerca da subcentralidade icoaraciense. Onde a ocorrência de novas lógicas e práticas estimulam com que o espaço seja transformado resultando, conseqüentemente, na busca de reforços em elementos que fortaleçam a subcentralidade, independentemente de qual subcentro seja.

Evidenciam-se nas narrativas analisadas elementos interessantes que articulam as representações sociais com a constante mudança na espacialização dos sujeitos. Considera-se que isso ocorre devido às transformações espaciais e os processos representacionais que geram tomadas de decisão pelos indivíduos, seja pela manutenção de certos padrões já existentes, ratificando-os, ou pela desconstrução de costumes, reconfigurando-os (FURINI, 2014).

Embora haja processos representacionais dessa natureza produzidos também pelos moradores, percebe-se que ocorrem desconstruções de costumes por parte de alguns dos entrevistados, acarretando em desdobramentos que apresentam outros elementos que culminaram na transformação dos pensamentos.

Icoaraci mudou muito, mudou para melhor. Antes era meio atrasadinho, não tinha muitas lojas como tem hoje em dia, bancos também né?! Dependia muito de Belém, tudo era pra Belém. (Informação verbal<sup>227</sup>).

Daqui de Icoaraci eu só sairia se fosse para outro lugar que tivesse acesso a tudo como a gente tem aqui né e por melhoria principalmente por questão de segurança, assim tipo um condomínio fechado, mas que fosse próximo de tudo também, porque aqui a vantagem de onde a gente mora é que a gente tá próximo de tudo aqui, de comércio, de tudo, parada de ônibus, transporte, tudo a gente tem acesso aqui. (Informação verbal<sup>228</sup>).

Nessas falas tem-se uma ideia dos desdobramentos que a representação adquiriu através das percepções das ofertas de bens e serviços existentes atualmente no distrito. Nos trechos acima, vislumbram-se dois aspectos interessantes para essa análise: a primeira acerca daquilo do que seria o moderno, o contemporâneo presente no espaço urbano em contraponto ao retrógrado e antigo; e na segunda, a concepção do modelo de moradia que tem relação intrínseca àquilo que a modernidade trás consigo.

Os moradores apontam um tempo anterior no cotidiano icoaraciense no qual as ofertas de equipamentos eram insuficientes ou inexistentes, como no exemplo das agências bancárias e estabelecimentos comerciais relatados pela entrevistada, enquanto hoje o cenário já se apresenta de modo distinto onde as ofertas se intensificaram. Já a outra narrativa acolhe a perspectiva da possibilidade de mudança da moradia para um condomínio fechado, espaço esse que reproduz o discurso idealizador de moradia “devido o seu valor e os itens de lazer, de segurança” (MENDES, 2014, p. 32) existente, onde os acessos são facilitados. Nesses dois trechos, há elementos primordiais para a compreensão da modernidade e das discontinuidades existentes dentro da análise das instituições modernas e as ordens sociais pré-existentes, como o ritmo e o escopo de mudança que continuamente transformam o espaço (GIDDENS, 1991).

Esses dois elementos chamam a atenção diante das mudanças nos espaços comerciais terem se dado de modo significativamente rápido em comparação àquilo que a entrevistada possuía como lembrança (BOSI, 1994). Outra característica vislumbrada tem-se na necessidade de se ter o novo, a novidade, para que Icoaraci acompanhe o ritmo da metrópole a qual ela pertence. Nesse sentido, torna-se evidente as iniciativas de urbanização com empreendimentos imobiliários sob a

<sup>227</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro do Paracuri, Dona Maria José, em 13 de fevereiro de 2020.

<sup>228</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro do Paracuri, Seu Júlio, em 19 de dezembro de 2019.

forma de condomínios e marinas, juntamente, com a elitização do comércio a partir dos *shoppings centers* (FRUGÓLI JR., 1992) que conflitua majoritariamente com o perfil da população icoaraciense embora sendo, erroneamente, comercializado como uma solução tanto no âmbito econômico quanto social.

Outras ocasiões que se vislumbra a reprodução desses espaços da área central do distrito a partir do valor de uso, embora muitas das vezes o consumo seja atrelado ao valor de troca, é vislumbrado nos momentos de lazer dos sujeitos.

No lazer a gente vai para passeio, piquenique, balneário, excursão. Vamos sempre com grupo de amigos. Já a Orla frequento quando queremos tomar um sorvete, no arraial a gente vai de vez em quando com minha esposa. Só não dá pra ir todo dia passear por causa da nossa condição. (Informação verbal<sup>229</sup>).

Eu sempre vou pra lá pra perto da feira do Mercado Municipal que fica perto do trapiche pra comprar alguma coisa e também passear na orla que tá uma completa imundice e toda abandonada, vamos lá também pelo lazer. (Informação verbal<sup>230</sup>).

Apesar da degradação estrutural da Orla de Icoaraci narrada por um dos sujeitos, esse espaço é compreendido como um dos ambientes mais frequentados na área central do distrito seja pelo turismo ou pelo lazer. Além da precariedade dos equipamentos inseridos nesse espaço público, outros obstáculos são encontrados pelos moradores que não residem próximo, sobretudo, os que possuem menor poder aquisitivo e que dependem de transporte público.

Às vezes vamos para a Orla passear, vamos lanchar, é perto. O único problema é pra pegar o ônibus da volta, a gente tem que andar um estirão né?! E lá é perigoso de noite, nesse estirão que a gente faz pra voltar. Aí quando a gente quer passear na orla de noite, a gente já tem que ter um dinheiro reservado pro Uber né?! Porque a gente andar pra pegar o ônibus naquele estirão é perigoso, ainda mais a noite que tudo tá fechado. (Informação verbal<sup>231</sup>).

É notória a necessidade da população que tem como intuito acessar a área central do distrito em ocasiões específicas, principalmente quando a Orla é o destino delas. Como narrado acima, os moradores que acessam esse espaço através do transporte público precisam ainda se deslocar a pé para chegar ao ponto turístico,

<sup>229</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro do Cruzeiro, Seu Nazareno, em 11 de dezembro de 2019.

<sup>230</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro da Maracacuera, Seu Ângelo, em 09 de dezembro de 2019.

<sup>231</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro da Pratinha, Dona Tereza, em 21 de fevereiro de 2020.

trajeto esse que no período da noite aos fins de semana e feriados encontram-se vazios, causando a sensação de insegurança (JACOBS, 2000). Nesse sentido, muitos optam pelo uso de aplicativos de mobilidade como alternativa para se deslocar, pois se torna uma possibilidade mais acessível e menos insegura.

É evidente que esses obstáculos enfrentados pelos sujeitos da pesquisa no acesso para ao subcentro tradicional de Icoaraci apresentam-se também como um entrave na possibilidade de acesso ao espaço público por toda a população, pois o transporte público é compreendido como um dos fatores importantes para a configuração da centralidade urbana (CORREA, 1989).

A dinâmica desse subcentro tradicional é singular em relação às demais contidas na atual reconfiguração da metrópole, pois apresenta como papel fundante, como já abordado anteriormente, o rio. Esse fator é elementar tanto para a formação histórica do povoado amazônico (CASTRO, 2019) quanto para as possibilidades atuais seja pelo potencial turístico da Orla assim como para a perspectiva da mobilidade regional a partir do trapiche e a relação com as demais localidades através das embarcações.

Meus momentos de lazer geralmente são em Cotijuba, a gente vai para a praia. A gente pega o ônibus para Icoaraci e de lá a gente segue pro porto pra ir pra Cotijuba. (Informação verbal<sup>232</sup>).

Como mencionado acima, a área central do distrito é corredor para o acesso da população para demais lugares, como a Ilha de Cotijuba. Icoaraci para além da malha rodoviária existente através do transporte público como os ônibus e dos transportes alternativos como as vans que articulam o distrito ao centro de Belém e que interligam ao Distrito de Outeiro, é também nódulo quando se pensa nas embarcações que saem diariamente do trapiche distrital em direção ao Marajó, Cotijuba e demais localidades (SANTOS, 1981; SPOSITO, 1991).

Acerca do transporte, é válido esclarecer que a manutenção e ampliação do sistema viário representa tanto uma condição para o desenvolvimento das atividades econômicas urbanas quanto possibilidade efetiva de deslocamento espacial da população (PONTE; RODRIGUES, 2015).

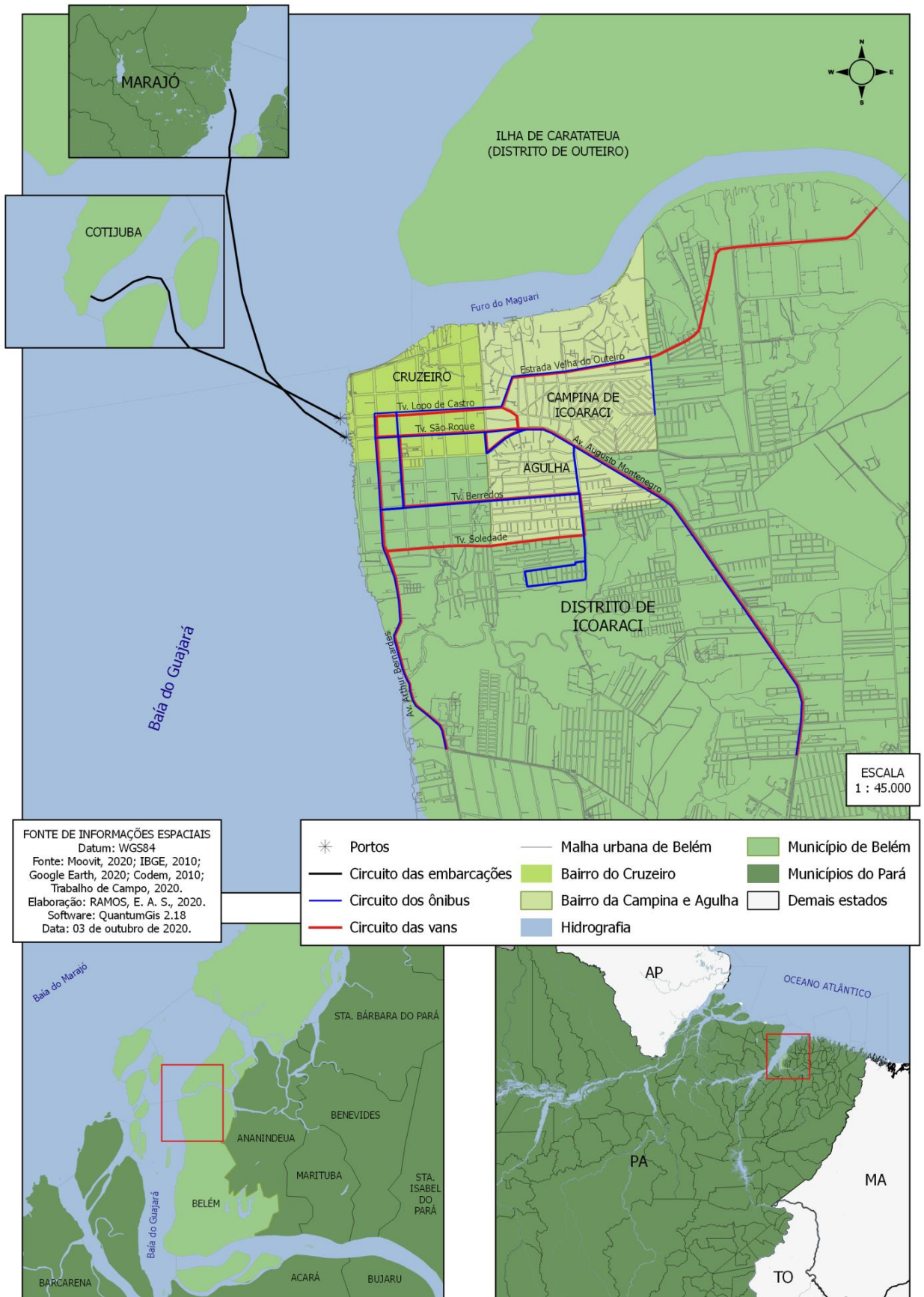
Entende-se que essa dinâmica complexifica a rede viária do distrito embora

---

<sup>232</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro do Tapanã, Dona Meire, em 21 de fevereiro de 2020.

esses modais não estejam articulados, pois os circuitos não são integradores, sejam eles ônibus, vans e embarcações. Diante desse cenário de redes móveis, considera-se que o subcentro tradicional apresenta uma estrutura urbana que possibilita fluxos mais densos de pessoas e mercadorias, assim favorecendo uma reprodução para além do capital, mas também social quando se pensa no contexto em que o rio faz parte desse protagonismo.

Mapa 9 - Icoaraci –Circuitos móveis que abrangem o subcentro tradicional e recente. 2020



Fonte: Elaboração própria.



A respeito da resistência da subcentralidade existente na área central do distrito, isto é, o subcentro tradicional/pioneiro, outro elemento importante para entender como se apresenta a dinamicidade dessa área se dá pelo âmbito comercial, especificamente também relacionado ao lazer. Como relata uma entrevistada a seguir.

Momentos de lazer eu vou aqui pra praia, gosto muito, domingo passado estava lá, em Icoaraci vou no Cotton Club que é barzinho, frequento o Mr. Brasa, o Espeto, Clube da Sinuca também, prefiro me divertir em barzinho em Icoaraci do que nos do centro de Belém mesmo. (Informação verbal<sup>233</sup>).

Como a moradora salienta, a preferência dela e de sua família sempre foi o distrito de Icoaraci quando se trata de entretenimento em que envolve os espaços de consumo do subcentro tradicional de Icoaraci em relação aos do centro de Belém, não se tratando isoladamente aos bares e restaurantes localizados na Orla. É importante ressaltar também o aspecto abrangente dessas atividades comerciais no âmbito do entretenimento, já que a entrevistada reside no distrito de Outeiro e frequentemente se desloca para Icoaraci.

Outra narrativa interessante para analisar é a de um comerciante formal da área do subcentro pioneiro. O referido entrevistado comenta brevemente acerca da dinâmica comercial de bares e restaurantes nos subcentros tradicional e recente.

Eu tenho uma pizzaria lá na praça da matriz, era só eu que vendia pizza lá há uns 10 anos atrás, hoje em dia tem uns 10 vendendo pizza lá, aí meu movimento com isso melhorou sabe por quê? Porque se tornou uma praça de alimentação e as pessoas gostam de estar onde tem gente, quando não tem tu te sente até inseguro “égua, só eu aqui, tá soturno”, e onde tem gente o pessoal vem, estaciona carro, eu ganho, o vizinho ganha, eu não tenho problema com os concorrentes. Tinha uma pizzaria lá na Augusto Montenegro, perto do Armazém, mas não tinha nada ao redor, é escuro o perímetro, ela saiu de lá e foi pra lá onde a gente tá porque lá onde ela tava era perto do posto de gasolina e perto da estação [Terminal da Maracacuera], aí não tinha movimento para ele, ele tava deslocado demais lá. (Informação verbal<sup>234</sup>).

Através do exemplo dado a partir da experiência obtida em mais de 25 anos de desenvolvimento da atividade comercial pelo empresário, primeiramente ratifica-se a ideia de espaço público enquanto ambiente de interação e co-presença das pessoas que minimiza a sensação de insegurança na cidade (JACOBS, 2000).

<sup>233</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro de Itaiteua no distrito de Outeiro, Dona Sara, em 26 de fevereiro de 2020.

<sup>234</sup> Entrevista concedida pelo comerciante de produtos voltados ao trabalho e variedades, José Roberto, em 09 de janeiro de 2020.

Ademais, entende-se que não necessariamente as subcentralidades atendem todos os tipos de atividades econômicas existentes no espaço ao mesmo tempo. Como citado anteriormente, alguns equipamentos sejam eles de comércio ou de serviços em determinadas localizações são expressamente mais privilegiados do que outros, como é o caso do supermercado Armazém e o posto de gasolina Shell, respectivamente, em relação à pizzeria citada.

Nessa ocasião o empreendimento optou por se deslocar para o subcentro tradicional na qual já coexistiam outras pizzarias do que continuar instalada no subcentro da Augusto Montenegro. Nesse sentido, considera-se que no circuito do consumo, respeitando as devidas escalas globais, no tempo e espaço da metrópole o capital torna alguns espaços opacos e outros luminosos para determinadas atividades em específicas localizações (SANTOS, 2013; SANTOS; SILVEIRA, 2001).

Atualmente, para além do turismo pela Orla, os espaços da área central de Icoaraci, em sua maioria são voltados, segundo outra moradora, para a seguinte atividade: “Questões jurídicas funcionam tudo aqui [área central do distrito], você não encontra nada na Agulha, os bancos também estão todos para cá” (Informação verbal<sup>235</sup>).

É necessário destacar os equipamentos urbanos existentes atualmente, seja no aspecto comercial e, sobretudo, de serviços, sendo caracterizados como fundamentais para a configuração do bem-estar da população que possui maior facilidade em acessar o subcentro tradicional de Icoaraci por residir mais próximos desses equipamentos, como no exemplo acima pela moradora do bairro da Ponta Grossa.

Como exposto pela entrevistada, a oferta dos serviços é significativa no subcentro tradicional, para além do âmbito judiciário, têm-se também os equipamentos bancários, educacionais e de saúde, respectivamente públicos e privados. Não significa dizer que as atividades comerciais sejam inexistentes, mas sim que nesse período de reestruturação urbana da metrópole e pelo fortalecimento do subcentro recente essa atividade se encontra pulverizada no espaço urbano, estando concentrada na área central do distrito, sobretudo, com as lojas de departamento de âmbito local, regional e nacional.

Nesse sentido, acredita-se que os espaços de comércio e serviços em foco

---

<sup>235</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro da Ponta Grossa, Dona Cátia, em 11 de dezembro de 2019.

na forma de subcentro, sejam eles mais tradicionais ou recentes, para além de suas funções desempenhadas, em determinadas ocasiões se complementam quando se pensa nos serviços existentes, entretanto, em outros momentos concorrem entre si quando se aborda pela perspectiva comercial.

Vale destacar que embora haja um forte movimento de mercado, como já visto anteriormente, que estimula com que os circuitos comerciais sejam recondicionados para a área de intensa influência da Avenida Augusto Montenegro, entende-se que a presença de equipamentos no âmbito da oferta de serviços se caracteriza como um dos elementos fundamentais para a resistência do subcentro antigo icoaraciense pelos fluxos gerados.

Nesse momento, abordando outra realidade existente em Icoaraci diferenciando-se do contexto anterior por possuir uma caracterização mais recente que adquire papel importante, e de certa maneira protagonizando dentro de um cenário ao qual a metrópole incorpora o distrito e reconfigura suas dinâmicas, se apresenta o subcentro da Avenida Augusto Montenegro.

A Avenida Augusto Montenegro é considerada como um vetor de expansão e ocupação territorial de Belém a partir da intensa inserção de habitações, sejam diversas as naturezas destas, promovendo atualmente uma constante continuidade e articulação da malha urbana da metrópole (TRINDADE JR., 1998; MENDES, 2018).

As instalações dos equipamentos de consumo, sobretudo, de caráter comercial iniciaram-se no início do século XXI, ocorrendo uma efervescência no número de estabelecimentos na última década (MENDES, 2014). É válido ressaltar que esse período registrado apresenta-se para o recorte da referida Avenida, principalmente para o trecho que perpassa pelo distrito e seu entorno, não se generalizando para a extensão que alcança os bairros do Parque Verde, Mangueirão, Marambaia e Castanheira em Belém por entender que esse perímetro compõe dinâmicas distintas e, sobretudo, por estabelecer relações com outros vetores metropolitanos, como a Rodovia BR-316 e a recente Avenida Independência/Centenário.

Como o interesse na pesquisa é demonstrar como a dinâmica icoaraciense vêm sendo modificada ao longo desse século, principalmente, nessa última década, selecionou-se a passagem de um entrevistado que explicita a mudança dos hábitos antes realizados nos espaços de consumo do subcentro tradicional.

A Oito de Maio sempre existiu, mas antes eu ia mais lá pro trapiche, ia pra lá pra comprar e pra apreciar a paisagem que é muito bonita né?! A gente ia passear também, tomar tacacá, comer um cariru, agora que não vou mais pra lá, tá mais caro as coisas lá. Já faz tempo que não passo por ali. (Informação verbal<sup>236</sup>).

Para além dos motivos encontrados pelo entrevistado para a mudança de seus circuitos, que, nesse caso particular, se deu diante dos elevados valores cobrados nos produtos vendidos na Orla, tem-se o aspecto da contemplação da natureza através das paisagens lá encontradas que em determinado momento justificavam os custos do passeio, no entanto hoje não são mais sustentados. Esse depoimento vem dimensionar a limitação dada pelo valor de troca do espaço para determinados segmentos da população, ao qual são afastados desses ambientes pelas condições socioeconômicas (LEFEBVRE, 2002).

Esse aumento nos valores cobrados pelos comerciantes locais que tem suas atividades vinculadas à Orla afasta uma parcela da população que procura este espaço como uma alternativa para se divertir através de seu uso e dos pequenos consumos que eram realizados. Assim, uma parte dessa população se vê na busca de novas possibilidades de entretenimento, mesmo que essas possibilidades não sejam também acessíveis, embora outros elementos busquem justificar os valores envolvidos nesse processo.

É por esses fatores que os próprios comerciantes locais percebem essa dinâmica crescente de instalações de novos equipamentos de consumo coletivo e comentam acerca destes a partir de suas representações que estão atreladas à perspectiva comercial, como no caso do entrevistado a seguir.

Eu acredito que poderia ter um shopping aqui, tem espaço para todo mundo trabalhar no comércio o problema é que não se tem estímulo pra nada aqui, minha concorrência aqui é só com a Big Loja, porque o meu foco mesmo é o esportivo. A Visão também, mas bem menos porque aquele prédio grande que atraía muita gente eles dividiram e alugaram para o LeBiscuit e Avenida e foram para um prédio pequeno. (Informação verbal<sup>237</sup>).

Segundo o empresário, a ausência de um *shopping center* em Icoaraci, ainda que como concorrência, prejudica o setor no contexto geral, pois favorece a ida da

---

<sup>236</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro Parque Guajará, Seu Garcia, em 19 de dezembro de 2019.

<sup>237</sup> Entrevista concedida pelo comerciante do ramo de vestuário, Rafael Abraão, em 14 de fevereiro de 2020.

população para outras áreas na cidade de Belém, sejam elas mais próximas como o Parque Shopping ou até outras mais distantes. Esse processo contribui para o enfraquecimento da dinâmica comercial interna quando as opções dos moradores são dispostas em outros espaços de consumo, não corroborando assim para uma economia de aglomeração no distrito (CORREA, 1989).

Como eu disse, consumo bastante com a minha família o cinema, que é o que falta em Icoaraci, o *shopping* mais próximo aqui pra gente tanto ida e vinda é o Boulevard porque para a Arthur Bernardes o acesso é muito mais rápido do que pela Augusto Montenegro, dependendo do transporte público. (Informação verbal<sup>238</sup>).

Como apontado na narrativa acima, a entrevistada procura esse equipamento pela ausência de um cinema no distrito, ocasionando em idas ao centro da cidade de Belém para satisfazer suas necessidades. Embora o *shopping* procurado seja mais distante do distrito, a sua escolha se deu, conforme a moradora, devido o acesso ser facilitado pelo transporte público com frequência e pela articulação direta com a Avenida Arthur Bernardes (VILLAÇA, 2001).

Diante da procura por esses equipamentos se apresentarem cada vez maior, nas conversas obtidas, os próprios moradores sugerem a localização de possíveis novas instalações de *shoppings* que propiciassem a resolução das novas necessidades da população.

Na Arthur Bernardes tem ainda muito terreno com a infraestrutura necessária para a construção de um *shopping* porque antes lá tinham empresas que faliram e lá seria um *shopping* diferente, porque ele teria vista para o rio. Se não fosse um *shopping*, poderia ser uma infraestrutura para você ter um *point* diferente de acesso tirando a orla aqui, porque desceria o pessoal do Cordeiro [conjunto habitacional], o pessoal do Tapanã para cá. Um *shopping* ou um Líder com o Magazan poderiam ser instalados aqui, Icoaraci tem estrutura para isso, por mim ela viraria município pela estrutura que ela tem. (Informação verbal<sup>239</sup>).

Dentro das sugestões que envolvem a possibilidade de instalação de um novo equipamento de consumo, como de um *shopping center*, surgem também outras discussões. Uma delas retorna ao debate anterior que permeia o uso da Orla de Icoaraci pelos seus frequentadores, isto é, o uso de espaços que ofereçam o diferente, que seja convidativo para os consumidores, sendo nesse caso o apelo

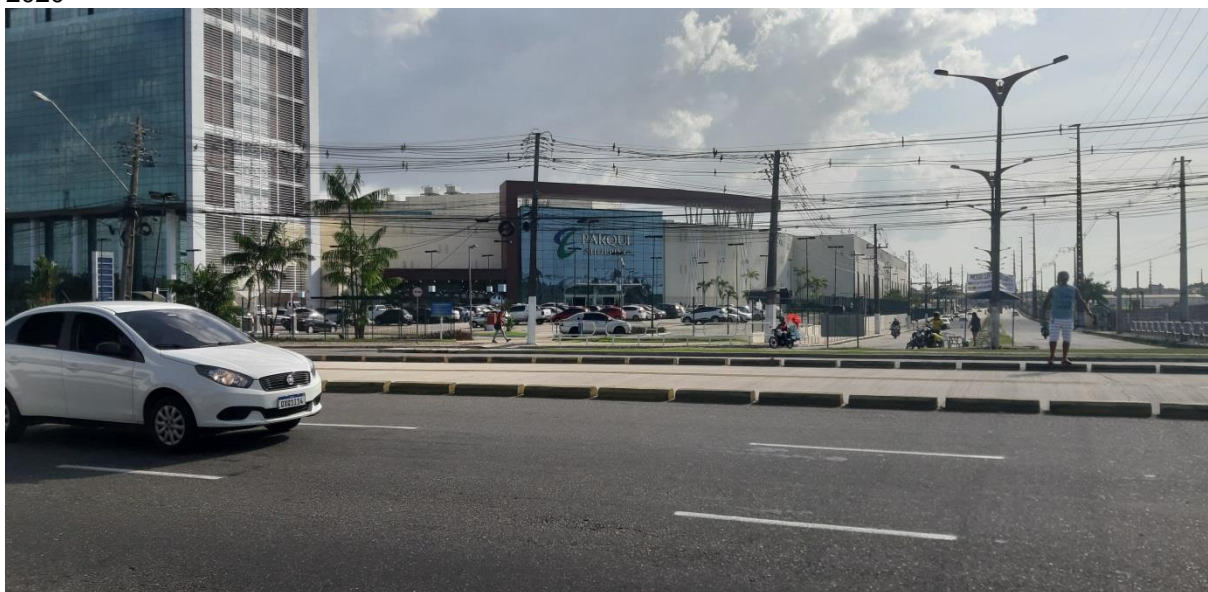
<sup>238</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro da Ponta Grossa, Dona Cátia, em 11 de dezembro de 2019.

<sup>239</sup> *Ibidem*.

através da natureza, ao ser instalado à beira do rio que possibilite uma contemplação paisagística em que o valor de troca e o consumismo imperem.

Além desse tipo de estrutura de consumo que apresente relações com o contexto amazônico, a instalação de grandes equipamentos trazem à reflexão a estrutura no contexto geral em que o distrito, na representação da moradora, oferece. Cabe frisar que essa reflexão acompanha o posicionamento político da entrevistada que defende a emancipação do distrito. Nesse sentido, compreende-se que os sistemas da estrutura urbana correlacionam sistematicamente a sociedade no espaço urbano. Na situação mencionada, percebe-se a interligação dos sistemas econômicos, político-institucional e ideológico quando se pensa na instalação de equipamentos de consumo sofisticados que se justificam pelas estruturas políticas já existentes no distrito (CASTELLS, 2014).

Foto 43 - Belém – Fachada atual do Parque Shopping localizado na Avenida Augusto Montenegro. 2020



Fonte: Erick Ramos (2020).

Os *shoppings centers* trazem consigo algumas consequências na sua instalação e no seu desenvolvimento. Uma das consequências são espaciais, pois eles reconfiguram o espaço urbano do local e de seu entorno, valorizam os empreendimentos ao redor a partir da renda da terra, expulsam os mais pobres de suas moradias a partir da elevação do IPTU e geram fluxos de transportes público e privado, tanto de pessoas como de mercadorias, além da circulação de capital (CORREA, 1989).

O *shopping* nos ajudou também, porque ele chamou os condomínios, eles agora estão vindo para cá, se tu pegar o condomínio de Icoaraci dos grandes, esse Bounganville, então tu pega uma propaganda dele eles vão te vender que fica perto do *shopping*, mesmo estando há uns 10 quilômetros do *shopping*, tem o Líder ali, enfim. Tem o Alphaville, mas acho que ele não vingou ainda, mas ele vai vingar. O Alphaville é um condomínio de alto padrão, altíssimo na verdade, acho que vai vingar esse daí. (Informação verbal<sup>240</sup>).

Conforme o comerciante do ramo da construção civil comenta, é iminente a possibilidade de rendimentos futuros através do discurso utilizado pelos agentes imobiliários na implantação de condomínios fechados que envolve como justificativa elementar para sua implantação uma localização privilegiada em relação aos grandes equipamentos comerciais, como já vem ocorrendo no caso do *shopping center* na Avenida Augusto Montenegro onde os tais agentes desenvolvem essa prática. O que se vislumbra com o comentário do empresário é a reconfiguração a partir de uma consequência espacial com a instalação desse equipamento que tem reorganizado a área do seu entorno e afetado a dinâmica comercial icoaraciense.

Eu olho que tem gente que só sabe fazer compra em *shopping* e isso varia de cada classe social. As pessoas compram mais por causa da marca hoje em dia, a população é de consumismo e muito pelo momento. Tenho um irmão que ia muito em *shopping*, ele acreditava que tinha que tá ali, naquele momento, com aquela classe social. E às vezes a gente consome o que é desnecessário e quando você vê tá de dívida até aqui no pescoço. (Informação verbal<sup>241</sup>).

Como relatado anteriormente, outra consequência ocasionada pela instalação desses empreendimentos é a social. Essa consequência por ser social também envolve o cognitivo, pois ela atua com o processo de ação do sujeito para com ambiente, desse modo ela se desenvolve pela presença do indivíduo no espaço. Essa presença se dá a partir do processo psicológico do estímulo para a ação formado pela consciência na relação do indivíduo com o espaço (BOSI, 1994).

Nesse sentido, as pessoas frequentam esses ambientes por motivos diversos, seja pela necessidade, pelo consumismo (MOURA, 2018) ou pelo mero prazer de estar presente. Com isso, as representações acerca desse lugar e as práticas no

---

<sup>240</sup> Entrevista concedida pelo comerciante do ramo de construção civil, Wagner Pena, em 14 de fevereiro de 2020.

<sup>241</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro da Ponta Grossa, Dona Cátia, em 11 de dezembro de 2019.

lugar recondicionam continuamente as representações construídas por eles antes no processo de ancoragem, e agora no processo de objetificação das representações sociais (MOSCOVICI, 2007; ZILHÃO, 2013; VALA, 2013).

Ainda sobre os grandes equipamentos de consumo, é necessário um adendo sobre sua relação com as atividades artesanais do distrito e como suas dinâmicas próprias procuram se articular nesse circuito em que a reprodução do capital se sobrepõe à reprodução social.

Nós já fizemos algumas exposições lá no Parque Shopping, tem uma associação em Belém que tem contato com alguns *shoppings*, como o Boulevard, o Parque e o Castanheira, então quando chega nessa época de festas como dias das mães, dias dos pais, círio, natal, então eles sempre pegam e colocam um espaço dentro do *shopping* e lá eles colocam produto nosso, então a gente manda material pra lá e vende bem, vende muito bem, mas tem um detalhe que a gente não paga nada, se a gente fosse alugar um metro quadrado no *shopping* tu sabe o valor né, aí eles colocam muitos produtos lá dentro aí durante uns 8 dias, nossas coisas ficam lá a exposição. Tem vez que a gente leva material e quando é 4/5 dias eles pedem pra levar de novo porque já vendeu aquele que tinha, aí eles prestam conta no fim da exposição. Aí por exemplo um produto que aqui é 100 reais, lá eles botam por 160 para poder pagar as despesas né? Lá vende bem, mas se a gente for botar uma loja lá não dá certo, até porque tem que botar uma pessoa lá também, aí não vale a pena. (Informação verbal<sup>242</sup>).

Lá no *shopping center* tem uma pessoa que vende artesanato nosso lá, a gente fornece a peça e ela fica lá pra vê se vende. Mas ela diz que a venda não dá muito boa. As pessoas que vão pra lá vão pra comprar outras coisas e acabam que não compram artesanato lá né? (Informação verbal<sup>243</sup>).

Como pôde ser entendido, a dinâmica de vendas da cerâmica no *shopping center* se dá de modo diferenciado em relação aos produtos comercializados nesses espaços de consumo coletivo. A dinâmica com o *shopping* se revela de modo intermitente, geralmente em períodos festivos que atraem um maior fluxo de consumidores para esses ambientes, onde as peças em exposição se destacam em espaços pelo *hall* e corredores dos *shoppings*. Entretanto, como revelado pelos artífices, não há um interesse do grupo social de instalação permanente de um ponto de vendas no local devido o alto custo de locação e a demanda ser pequena como já avaliada por um dos entrevistados em experiências anteriores.

Nesse sentido, entende-se que a centralidade regional do artesanato emanada por Icoaraci não alcança a dimensão, na mesma lógica, das estruturas comerciais construídas sob o discurso do moderno. Como apontado por uma das

<sup>242</sup> Entrevista concedida pelo artesão, Seu Rosemiro, em 21 de janeiro de 2020.

<sup>243</sup> Entrevista concedida pela artesã, Dona Raimunda, em 18 de janeiro de 2020.



artesãos, os interesses dos consumidores que frequentam os *shoppings centers* não se aproxima dos interesses dos frequentadores das olarias e dos quiosques dos artesãos. A centralidade que as peças em cerâmica produzem na região é relativa, compreendendo que a escala de sua abrangência é significativa e relevante, embora ela não seja considerada em todos os espaços de comércio da metrópole.

Retornando à discussão da dinâmica comercial em que essa área requer o enfoque necessário, um dos entrevistados corrobora com a perspectiva já traçada nesse trabalho desde as discussões anteriores ao qual esmiúça os dois subcentros existentes a partir, sobretudo, de suas funcionalidades e abrangência. O morador aponta que: “Aqui [Augusto Montenegro] é muito mais intenso do que pra lá, lá tem movimento do pessoal das ilhas né que chegam e que saem, mas em questão de compra mesmo eu acho que aqui tá muito maior do que lá” (Informação verbal<sup>244</sup>).

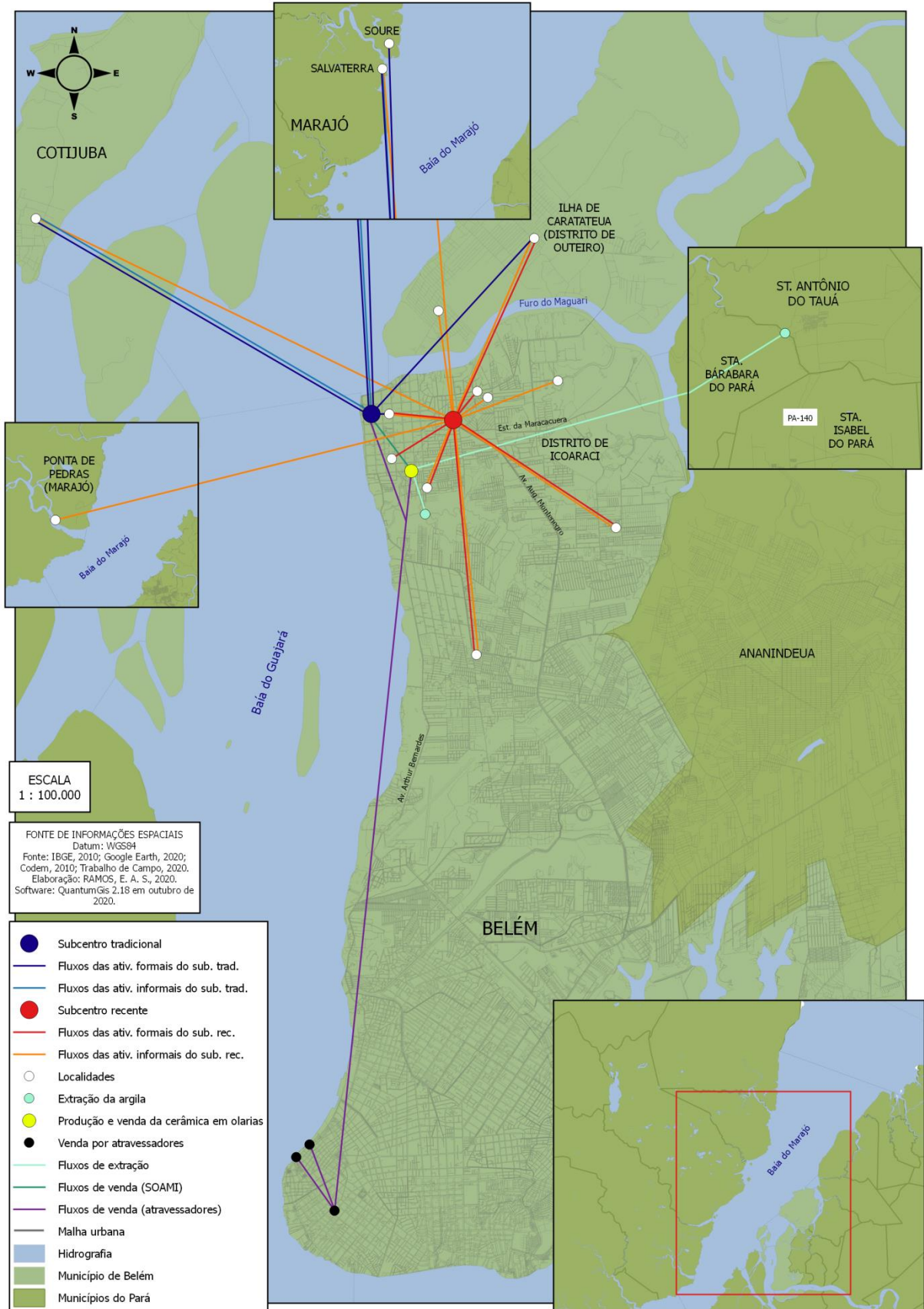
A partir da dimensão quantitativa de fluxos de pessoas e de vendas dos produtos, o morador diferencia esses dois espaços e classifica onde atualmente crescem as atividades de comércio.

O Mapa 10 tem como intuito alcançar, diante dos contextos já abordados, os circuitos produzidos pelos sujeitos sociais que reproduzem as atividades comerciais e artesanais na subcentralidade icoaraciense tendo o reconhecimento desses circuitos pelos moradores, sobretudo, das atividades comerciais formais e informais onde estes se apresentam como os significativos consumidores.

---

<sup>244</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro da Campina de Icoaraci, Seu Júlio, em 19 de dezembro de 2019.

Mapa 10 - Icoaraci – Abrangência das atividades de comércio e de artesanato a partir da subcentralidade icoaraciense. 2020



Fonte: Elaboração própria.

Além disso, no interesse de reforçar a produção cartográfica apresentada acima, reuniram-se algumas representações dos sujeitos da pesquisa acerca de determinados elementos elencados pelo investigador durante o campo. O intuito fora de sistematizar os pontos de convergência e de divergência através de um quadro a fim de demonstrar, a partir dessa complexidade existente no espaço urbano, como as representações sociais são diversas e heterogêneas.

Quadro 3 – Icoaraci – Sistematização das representações sociais dos sujeitos da pesquisa. 2020

	Comerciantes formais		Comerciantes informais		Artesãos	Moradores
	Subc. Tradic.	Subc. Recente	Subc. Tradic.	Subc. Recente		
<b>Violência/falta de segurança como uma barreira cotidiana</b>	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
<b>Importância/presença do associativismo</b>	Não	Não	Não	Não	Sim	Não
<b>Importância da orla de Icoaraci para a subcentralidade</b>	Não	Sim	Não	Não	Sim	Sim
<b>Artesanato como impulsionador do turismo</b>	Não	Sim	Não	Não	Sim	Não
<b>Perda de frequentadores/consu midores no subcentro tradicional (Mercado Municipal e seu entorno)</b>	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Sim
<b>Aumento de frequentadores/consu midores no subcentro recente (Feira da Oito de Maio e seu entorno)</b>	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
<b>Sensação de maior autonomia de Icoaraci em relação à Belém</b>	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim
<b>Queda de vendas devido a ausência do poder público</b>	Sim	Não	Sim	Não	Sim	-
<b>Queda de vendas devido a concorrência</b>	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	-
<b>Queda de vendas devido a presença dos atacarejos</b>	Não	Não	Não	Sim	-	-
<b>Dinâmica comercial afetada pela globalização</b>	Sim	Não	Não	Não	Sim	-
<b>Interesse na ampliação das atividades para outras áreas da metrópole</b>	Não	Sim	Não	Não	Sim	-
<b>Interesse pela implantação de um shopping center em Icoaraci</b>	Não	Sim	Não	Não	Não	Sim
<b>Relação transformada com os produtos oriundos da natureza</b>	Não	Não	Não	Não	Sim	Sim
<b>Necessidade de uma “Icoaraci moderna”</b>	Sim	Sim	Não	Não	Não	Sim

Fonte: Elaboração própria.

Avançando na análise, vale considerar que o comércio no subcentro recente não atua sozinho, embora essa dinâmica seja diferenciada no subcentro tradicional, isto é, apenas com seu estabelecimento. Estes novos equipamentos comerciais criam estruturas físicas que abrem possibilidade para comportar outras atividades, sobretudo, de serviços que ganham um papel coadjuvante no contexto devido o intuito comercial inserido e aos pequenos espaços destinados aos serviços.

Meu irmão trabalha com comunicação visual, então ele fez a parte da arte todinha para a Microlins que funcionava em cima do Banco Basa [Banco da Amazônia] e a Microlins observou que todo o movimento do comércio virou para lá [Augusto Montenegro], aí o Armazém [supermercado] se instalou e a Microlins hoje funciona dentro do Armazém, aí meu irmão teve que mudar toda a estrutura para lá. Eles estão vendo que é pra lá que está crescendo, as pessoas estão deixando de vim para cá. Hoje, o comércio tá em movimento, se a gente não tiver olhando para se readaptar você fica aqui esperando que o cliente venha e ele não vem. Hoje a logística é eu ter que levar a loja ao cliente. (Informação verbal<sup>245</sup>).

Foto 44 - Icoaraci – Fachada atual do supermercado Armazém e dos serviços internos localizado na Avenida Augusto Montenegro. 2020



Fonte: Erick Ramos (2020).

Como visto na passagem acima, alguns serviços antes localizados no subcentro tradicional se inseriram dentro dos espaços comerciais de grandes estruturas na Avenida Augusto Montenegro, quando não, se envolvem no entorno desses equipamentos. A moradora coloca sua representação a partir das transformações espaciais no que tange as atividades comerciais e para onde seus destinos estão se alinhando. Ademais, a entrevistada realiza comentários que convergem com a noção da centralidade, como algo dinâmico e contínuo, assim

<sup>245</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro da Ponta Grossa, Dona Cátia, em 11 de dezembro de 2019.

como a estrutura urbana, já que os conteúdos sempre estão em transformação (ZANDONADI, 2008).

Ainda seguindo essa perspectiva da dinâmica comercial na Avenida Augusto Montenegro, destaca-se como foco principal o papel dos supermercados e suas outras denominações a partir dos recentes desdobramentos de seu perfil, tamanho e organização que se encontra nesse recorte de análise. O intuito é demonstrar através da memória dos moradores: o passado distante, um passado recente e o presente deles a partir das práticas antes realizadas em comparação ao atual.

Os supermercados que nós íamos lá pra beira [área central do distrito] acho que nem existe mais, parece que tinha o Valente de supermercado, só tinha pra lá. Eu acho que o comércio pra lá não é como antes, antes era intenso. Porque eu vejo muita gente que mora pra lá pro centro de Icoaraci, amigos meus que moram pra lá, eles vem fazer compra aqui na Feira da Oito de Maio, porque aqui tem tudo, tu encontra tudo. (Informação verbal<sup>246</sup>).

Abordando primeiramente o passado relativamente distante, têm-se a narrativa do morador que apresenta o momento ao qual o espaço de consumo de comércio e serviços se apresentava concentrado em apenas uma área no distrito que geravam circuitos intensos. No mesmo trecho, o morador aborda que as dinâmicas começaram a se transformar quando a Feira da Oito de Maio se instalou nos bairros que compreendem a Campina de Icoaraci e Agulha e que desestruturou o arranjo comercial até então configurado devido o adensamento urbano para o interior do distrito e pelas novas demandas ocasionadas que não eram supridas completamente pela área central do distrito.

Antes do Armazém, a gente só ia no Líder ou nos supermercados da feira como o Vermelhão ou o Moura. Com o Armazém melhorou nossa vida, é mais próximo e algumas coisas são mais acessível comprar lá. (Informação verbal<sup>247</sup>).

Nesse momento, em que se destaca um passado recente, outro morador revela as dinâmicas até então realizadas pelos supermercados, sejam eles de estrutura mais tímidas como a filial do grupo Líder em Icoaraci ou pelos supermercados de bairro instalados no corredor da Feira da Oito de Maio. Esse

<sup>246</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro da Campina de Icoaraci, Seu Júlio, em 19 de dezembro de 2019.

<sup>247</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro das Águas Negras, Seu Djair, em 18 de dezembro de 2019.

período demarca um processo de comércio ainda vinculado estritamente ao ramo varejista em que não se necessitava de grandes espaços, muitas prateleiras, demasiados corredores e estacionamentos com alta capacidade para acomodação de veículos. As compras realizadas em quantidade, no geral, eram de média à grande devido os valores cobrados e a dificuldade de transportar o que fora adquirido em bicicletas ou no transporte público.

Comecei a ir pro Armazém, por causa do cartão, porque no Moura não pega cartão, mas quando tô com dinheiro eu não vou no Armazém, eu compro aqui mesmo que é mais perto pra mim. (Informação verbal<sup>248</sup>).

Essa narrativa demonstra o último momento considerado dentro desse processo de transformação comercial que a Augusto Montenegro vêm passando e que envolve o distrito de Icoaraci. É importante considerar que o regime creditício não é novo, ele já existiria em momento anterior, contudo ele ganha novos contornos quando se pensa na necessidade do consumidor possuir um cartão de crédito a partir da quantidade de produtos que o mesmo consegue adquirir pagando um valor menor nesses equipamentos que prezam pela venda no atacado, os *atacarejos*.

Além do mais, deve-se destacar o incremento de veículos particulares nas metrópoles, em especial, no caso de Belém que elevou sua frota de 189.345 em 2006, para 367.176 no ano de 2013, obtendo uma variação de 93,9% nesse período (DENATRAN, 2006, 2010, 2013). Esse fenômeno, ao lado do crescimento do número de domicílios, tem impactado diretamente na estruturação metropolitana no que tange a formação da periferia espacialmente extensa e recente (PONTE; RODRIGUES, 2015).

Os *atacarejos* são grandes redes de supermercados oriundos de diversas escalas, do local ao global inserindo-se a partir de um discurso consumista com apelo mercadológico que se destaca na “compra do muito pagando menos”. Esse discurso exógeno alcança a metrópole como todo e envolve também a perspectiva cognitiva dos consumidores, sendo essa a essencial instância que esses grupos comerciais têm como intuito incorporar.

---

<sup>248</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro da Maracacuera, Dona Ana, em 14 de fevereiro de 2020.

Foto 45 - Belém e Icoaraci – Fachada atual dos principais *atacarejos* localizados na Avenida Augusto Montenegro. 2020



Fonte: Erick Ramos (2020).

Um exemplo dessa incorporação do sujeito pelos moldes de uma nova fase do consumo moderno se dá a partir da seguinte narrativa: “Peixe e fruta a gente consegue encontrar no trapiche de Icoaraci, mas a gente vai no supermercado mesmo comprar, carne e peixe. As frutas a gente vai aqui na feira e compra.” (Informação verbal<sup>249</sup>). Percebe-se que os hábitos vêm sendo transformados com o passar do tempo e do espaço onde também eles eram realizados, são elementos interessantes para a compreensão da incorporação dos sujeitos às dinâmicas firmadas pela metrópole. Essas dinâmicas interceptam hábitos relativos à reprodução social da população local que historicamente mantém relações de sobrevivência e de trocas com o rio (CASTRO, 2019), para serem envolvidos às novas práticas em que todas as necessidades humanas são agregadas em poucos lugares em nome da comodidade e, sobretudo, do capital. Esse processo influencia diretamente no cotidiano dos sujeitos, e conseqüentemente, nos fluxos gerados.

Acerca da discussão da representação social, depreendem-se desses três momentos destacados junto aos moradores uma dinâmica constante de reconfiguração dos mecanismos gestacionais da ancoragem e objetificação pelos sujeitos (MOSCOVICI, 2007; ZILHÃO, 2013). Isso se deve às mudanças não somente dos locais de consumo antes frequentados, mas também das formas de

<sup>249</sup> Entrevista concedida pelo morador do bairro do Cruzeiro, Seu Nazareno, em 11 de dezembro de 2019.



consumo e, sobretudo, das lógicas capitalistas que os sujeitos são envolvidos a todo o momento. Esse conjunto de fatores incide na realidade antes existente proporcionando, assim, novas práticas no espaço urbano.

Nesse sentido, entende-se que as práticas comerciais recentes que assumem um perfil de consumo moderno condicionam o pensamento do sujeito em direção à modernização do restante do espaço urbano.

Icoaraci mudou muito com o passar do tempo. Mas entendo que esse ritmo de mudança é normal, é necessário. Não dá para você manter uma Icoaraci bucólica a não ser se ela fosse uma ilha né? Por exemplo, a Ilha Tatuoca, só se Icoaraci fosse lá aí dificilmente o progresso consegue chegar lá, mas ela é ligada a Belém então não tem como você ir contra isso, você não consegue parar o progresso, eu sou a favor sim, mas de mudanças para melhor, não para destruir. (Informação verbal<sup>250</sup>).

Na fala da moradora acima, ratifica-se o pensamento contínuo de mudanças relacionadas ao aspecto da modernidade. A moradora entende que por Icoaraci manter cada vez mais relações intrínsecas com a metrópole, o bucolismo seria uma sensação à ser eliminada no decorrer do tempo. Ademais, a moradora entende que o sentido de progresso está profundamente associado às transformações espaciais que o distrito pode vir a receber à partir desse processo modernizador.

Na complexidade das dinâmicas existentes no espaço urbano icoaraciense, destaca-se a importância dos aspectos da cognição do ser humano que constrói representações e partilha suas experiências de acordo com as necessidades que lhes apresentam e que fazem com que o espaço de consumo do seu cotidiano seja constantemente requalificado a partir das contínuas reestruturações que a metrópole o condiciona.

Tal condicionamento da metrópole obriga que as subcentralidades já existentes se reinventem adaptando suas dinâmicas para que não sejam suprimidas. Esse processo favorece o entendimento para a dinâmica dialética da reprodução do espaço e, conseqüentemente, da subcentralidade por outra perspectiva, pois ela a acompanha através da (re)construção de representações sociais e da própria reprodução da sociedade.

---

<sup>250</sup> Entrevista concedida pela moradora do bairro da Ponta Grossa, Dona Cátia, em 11 de dezembro de 2019.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por entender que a produção do espaço é uma produção social que acompanha o próprio desenvolvimento da civilização, ela constantemente ganha novos contornos em seus processos devido à complexidade de práticas e, conseqüentemente, das possíveis construções de representações sociais de seus agentes. Na contemporaneidade os conteúdos e as lógicas envolvidas na produção do espaço urbano, em especial nas metrópoles da periferia capitalista, incidem diretamente no arranjo dos circuitos do consumo da população, seja ela a que comercializa ou a que, sobretudo, compra.

O processo de metropolização transformou a forma confinada que a cidade de Belém antes apresentava. A malha urbana espalhou-se em direção ao vetor da Rodovia BR-316 e da Avenida Augusto Montenegro. A dimensão histórica desse processo é elementar, sobretudo, no entendimento do desenho geométrico que a metrópole possui que favoreceu, através da constituição da Estrada de Ferro de Bragança, a configuração das subcentralidades de acordo com os pontos de parada do trem. Essa dinâmica foi importante para o desenvolvimento do planejamento urbano e metropolitano no âmbito das subcentralidades e na definição da estrutura da metrópole belenense.

O distrito de Icoaraci, que anteriormente ditava um ritmo particular em virtude da relação de sua população com o rio, encontra-se agora envolvido em novos e frenéticos tempos de deslocamento e espaços de consumo. Antes formado apenas por um pequeno núcleo central, o povoado, que apresentava limitações na integração com a cidade de Belém, atualmente apresenta dois espaços de consumo, compreendidos como subcentros em razão da hierarquia existente ao centro de Belém, o subcentro tradicional e o recente.

Nesse contexto, considera-se que o cotidiano dos sujeitos foi reconfigurado a partir das novas formas, funções, estruturas e processos dispostos na *Vila Sorriso*. Essa reconfiguração transformou vivências, usos, apropriações e experiências no espaço urbano, descentralizando assim, atividades econômicas e também os locais de referências dos sujeitos, gerando rupturas.

Uma das rupturas espaciais profundas nas narrativas dos sujeitos entrevistados é encontrada na preferência por outros espaços de consumo em relação ao Mercado Municipal, onde alguns dos motivos norteiam-se para o valor

elevado no produto, na falta de variedade e na degradação do espaço público, como já visto em capítulos anteriores. Essa ausência de consumidores é refletida em representações tanto de moradores quanto dos próprios comerciantes internos e externos do mercado que corroboram e influenciam na dinâmica que atualmente o mercado desenvolve.

Diante dos sujeitos e das atividades selecionadas para a análise, destaca-se o fator comercial como impulsionador da dinâmica econômica em Icoaraci. O subcentro tradicional é analisado, através do protagonismo dos sujeitos da pesquisa, como um perfil que assume significativa importância por ser produto de representações quando se pensa no público alvo advindo da região das Ilhas, onde os estabelecimentos que comercializam produtos específicos para as atividades rurais que os consumidores exercem e de serviços ali existentes se caracterizam como importantes em virtude da localização. Embora também seja relevante considerar o fator físico que interfere em períodos intermitentes, sobretudo, na relação dos comerciantes com seus consumidores, devido os períodos de chuvas intensas e pelos horários diários de marés que culminam na regulação das atividades comerciais.

Acerca dos equipamentos de serviços, esse espaço se apresenta como um local cuja importância se dá para todo o distrito e sua adjacência, sobretudo pela existência de equipamentos educacionais, bancários, de saúde se apresentando ainda concentrados no subcentro tradicional, apesar de que já exista um movimento de ida para a Avenida Augusto Montenegro.

Outra atividade que é envolvida e que reforça a subcentralidade advinda pela forma do subcentro tradicional é o artesanato icoaraciense. Considera-se que o artesanato possui um papel complexo no espaço urbano na metrópole, pois envolve uma carga simbólica relevante para a formação social da região. Entende-se que a dinâmica de produção das peças em cerâmica se constitui como uma centralidade significativa, embora na sua comercialização devido à falta de apoio do poder público, a ausência de valorização de espaços de exposição dentro de Icoaraci e pela presença dos atravessadores é compreendida como uma atividade comercial caracterizada por uma subcentralidade cultural pelos fluxos que não são voltados para o distrito e que se irradia para a área central da cidade de Belém. Tais práticas desempenhadas, sobretudo, pelo governo corroboram com a ideia que reforça a

centralidade de mercado quando se pensa na ausência de políticas públicas que poderiam ser desenvolvidas no distrito.

É válido considerar que a atividade comercial do artesanato não permeia as outras atividades existentes, sobretudo, na Avenida Augusto Montenegro pelos equipamentos de consumo como os *shoppings centers*, pois os circuitos gerados para esses espaços visam atender interesses ao qual a produção das cerâmicas não está inserida. Em contrapartida, ratifica-se a importância do artesanato no reforço da subcentralidade de Icoaraci, pelos espaços já incorporados em suas vendas como nas olarias e na orla do distrito, promovendo uma apropriação espacial que possibilita no fortalecimento da cultura regional potencializando o turismo local pelos fluxos criados por moradores externos do distrito e, principalmente, de fora do estado e do país.

Nesse sentido, a subcentralidade cultural emanada pelos artífices produtores da cerâmica procuram atender exclusivamente a reprodução social. Reprodução esta que converge os interesses dos grupos envolvidos na cadeia produtiva, através das redes de sociabilidade, quando se pensa na resistência dos barreirenses diante dos conflitos existentes em virtude ao tráfico de entorpecentes.

Vislumbra-se no subcentro recente uma efervescência de novos equipamentos de comércio seguindo novas lógicas e estruturas comerciais, embora não se possa esquecer que a gênese desse movimento ainda se encontra enraizada pelo comércio informal, sobretudo, através da Feira da Oito de Maio que irradia fluxos constantes para a Avenida Augusto Montenegro assumindo papel significativo para tal compreensão.

Já os serviços existentes nesse recente espaço de consumo, se caracterizam de modo embrionário. No entanto, o que chama a atenção é a inserção pelos grandes equipamentos de comércio, sobretudo, dos *atacarejos* por espaços em seu interior destinados a esses serviços, ocorrendo a integração das atividades no mesmo lugar, produzindo uma comodidade intencional. Seria também errôneo anular nesse contexto apresentado pela Avenida Augusto Montenegro a presença do Parque Shopping que interfere diretamente no arranjo e na dinâmica comercial do distrito reunindo atividades comerciais e de serviços.

Os moradores do distrito e suas adjacências revelaram elementos interessantes acerca das subcentralidades locais. Pode-se concluir que por ser territorialmente extensa a área do distrito, as realidades entre elas possuem

diferenças que abarcam as localizações de suas residências em relações aos equipamentos, às vias de deslocamento, à renda e, conseqüentemente, a inserção social através do acesso aos bens e serviços, culminando nas experiências espaciais obtidas pelo indivíduo e na qualidade de vida.

Na prática cotidiana dos moradores, revelam-se sociabilidades em sua maioria por vizinhos, que conversam e trocam experiências no espaço urbano com relativo tempo de vivência nessas áreas. Essa convivência para além do familiar é fundamental, pois disseminam pela relação entre os sujeitos e o ambiente ideias, afetos, imagens diante de processos e fenômenos espaciais. Esses elementos alimentam as percepções do/no espaço gerando contínuas representações sociais.

Acerca do consumo, essas representações condicionam áreas e corredores de circulação no espaço que a partir dos fluxos gerados fortalecem ou enfraquecem subcentros dependendo das atividades em relação às suas preferências. Nesse sentido, as dinâmicas são afetadas pelas experiências dos sujeitos que influenciam outros sujeitos. Desse modo, as práticas no espaço são modificadas através da capacidade do espaço construído, moldado para o consumo a partir do capital excessivo investido, poder persuadir o cognitivo a partir das necessidades e das vontades da comunidade por meio do sistema ideológico (CASTELLS, 2014).

No ouvir sobre a vivência cotidiana dos moradores, a possibilidade de outras discussões é potencialmente desenvolvida a partir de experiências, onde florescem, por exemplo, opiniões sobre o arrefecimento dos debates emancipatórios, dada a representação de alguns dos sujeitos, na sensação de redução da dependência em relação aos produtos e/ou serviços existente no centro de Belém. Além do mais, outra possibilidade de análise se dá devido o acesso aos equipamentos externos ao distrito hoje se apresentarem relativamente facilitados em virtude dos vetores de deslocamento existentes, como a Avenida Arthur Bernardes e, sobretudo, da Augusto Montenegro. Ademais, diversas representações se desenvolvem no espaço e no modo de vida urbano na metrópole.

Outra construção social percebida é o modo de vida alinhado ao moderno que se opõe ao tradicional/bucólico que antes Icoaraci era conhecida, onde alguns moradores relatavam o atraso em relação ao centro tradicional de Belém pela falta de alguns equipamentos de comércio e serviço. Além do mais, é percebido o constante discurso do estilo de moradia ideal vinculado ao formato dos condomínios fechados, estes considerados como produtos da modernidade.

Acerca dos elementos da modernidade contidos no cognitivo dos sujeitos, destacam-se os *shoppings centers* que criam necessidades no indivíduo que embora não consumindo os produtos nele comercializados, estão presentes nesses espaços de sociabilidade questionada. Esses discursos que acompanham a metropolização tendem a enfraquecer a sociabilidade e os espaços de consumo tradicionais, como o de Icoaraci.

Além dessa consequência social com a instalação desses equipamentos, apresentam-se também as consequências espaciais, pois sua presença reconfigura o espaço urbano no entorno gerando dispêndios indiretos àqueles que não têm condições de residir em suas imediações em virtude do valor da terra que tende a se elevar, culminando na remoção indireta da população (TRINDADE JR., 1998).

Em meio às esses embates que muitas das vezes se cruzam com o viés ideológico através dos meios de consumo modernos, alguns artifícios são utilizados pelos sujeitos que reproduzem o subcentro tradicional de Icoaraci, reforçando-o. Nesse momento de redefinições, as lutas pelas permanências merecem destaque, diante disso, compreende-se que atividades voltadas ao lazer e ao entretenimento buscam reforçar tal subcentralidade, embora com estruturas atualmente fragilizadas. Considera-se, portanto, que o reforço da subcentralidade se dá pelas atividades de lazer, gastronomia e entretenimento no espaço público da orla que atraem fluxos em diversas ordens, sobretudo, pelo artesanato exposto pela SOAMI na área, assim como por estabelecimentos voltados ao entretenimento localizados na área do subcentro pioneiro. Ademais, é notório registrar os fluxos gerados pelos serviços ainda predominantes nessa área que promove o reforço dos circuitos em horários comerciais e bancários para a referida área.

Afirma-se, portanto, que os espaços de comércio e serviços das subcentralidades existentes, sejam eles mais tradicionais ou recentes, para além de suas formas, funções, processos e estruturas desenvolvidas, em determinadas ocasiões se complementam quando se pensam nos serviços dispostos, no entanto, em outros momentos disputam entre si quando se é abordado pela perspectiva comercial.

Vale considerar a posição da Feira da Oito de Maio nesse contexto que a envolve, sendo esta que surgiu como uma alternativa para suprir a demanda crescente em bairros recentes no interior do distrito, descentralizando o comércio, sobretudo, informal para o atendimento de uma camada popular. Atualmente, com a

inserção de outros equipamentos comerciais de caráter formal nessa última década na Avenida Augusto Montenegro, compreende-se que, embora existam conflitos nas atividades desempenhadas por ofertarem em grande parte os mesmos produtos, a dinâmica comercial nesse subcentro é percebida como de complementariedade, onde uma se reforça na presença da outra a partir da perspectiva da economia de aglomeração, fortalecendo consequentemente a subcentralidade do distrito (CORREA, 1989).

Dentre a disposição dos equipamentos no espaço urbano de Icoaraci, compreende-se a dimensão da abrangência de seus usos, sobretudo, pelos bairros e distritos em seu entorno, que possuem carências urbanas significativas que vão ao encontro das necessidades cotidianas geradas. Os bairros da Pratinha e do Tapanã, por exemplo, possuem dificuldades significativas para aquisição de bens e serviços em virtude da localização dos equipamentos que necessitam se apresentarem disponíveis distantes de suas residências. No distrito de Outeiro a dependência em relação à subcentralidade de Icoaraci torna-se ainda maior devido à localização geográfica da ilha e a carência de transporte público eficiente para deslocamento, onde esse déficit é minimizado pela oferta do transporte alternativo que possui linhas e frotas menores em comparação aos ônibus convencionais, embora apresentando dificuldades organizacionais e estruturais para o funcionamento.

Além disso, há a carência no âmbito da saúde, onde tem seus moradores dependentes dos serviços precários que Icoaraci desempenha, mesmo estando inserida na lógica da metrópole com a presença de um hospital regional.

Torna-se válido repensar a disposição dos equipamentos e dos usos que se dão para eles quando se analisa os acessos possibilitados, pois é a inserção social concreta da população que condiciona suas representações no espaço urbano, seja ele para o consumo ou para qualquer outra ordem. Para tanto, verifica-se a importância da análise de Serpa (2013) quando estimula o pensamento para uma centralidade periférica, nos espaços residuais e opacos da metrópole, voltados para a reprodução da vida a partir dos usos e das apropriações, reforçando os acessos e proporcionando novas experiências no espaço pelos sujeitos periféricos.

Nessa realidade enfrentada que se dispõe arrojados supermercados com capital significativo e *shoppings centers* com apelo mercadológico e um consumismo enraizado pelos que pregam a necessidade da compra demasiada, é convidativo repensar possibilidades para o consumo voltado a suprir as necessidades humanas

que, simultaneamente, minimizem: as mudanças de hábitos de consumo que transformam a relação do indivíduo com a natureza, sobretudo, com o rio; a hierarquia dos lugares; a mundialização da sociedade urbana; e a fragmentação da sociedade e do indivíduo.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. M. de O. A pesquisa em representações sociais: fundamentos teóricos metodológicos. **Ser Social**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 129-158, jul./dez, 2001.

ALVARENGA, M. M. de; SANTANA, S. B. O conceito de produção do espaço no pensamento geográfico. *In*: ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 15., 2015, Havana, Cuba. **Anais** [...]. Havana, Cuba: [s. n.], 2015. p. 1-12. Disponível em: <http://www.observatoriageograficoamericalatina.org.mx/egal15/Teoriaymetodo/Pensamientogeografico/04.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2019.

ALVAREZ, I. P. Produção do espaço em tempos de crise. *In*: CARLOS, A. F. A. (org.). **Justiça espacial e o direito à cidade**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 63-78.

ARRUDA, B. Polícia ainda não tem necrópsia de catador de barro morto em ação policial no Paracuri. **O Liberal**, Belém, 27 de novembro de 2018. Disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/pol%C3%ADcia-ainda-n%C3%A3o-tem-necr%C3%B3psia-de-catador-de-barro-morto-em-a%C3%A7%C3%A3o-policial-no-paracuri-1.7005>. Acesso em: 18 fev. 2020.

AYDALOT, P. La división spatial edutravail. *In*: PAELINCK, J. H. P.; SALLEZ, A. (dir.). **Espace et localisation**. Paris: Economica, 1983. p.175-200.

BARRETO, R. **O centro e a centralidade urbana**: aproximações teóricas a um espaço em mutação. Lisboa: Cadernos curso de doutoramento em geografia FLUP, 2010.

BECKER, B. K. **Amazônia**: Geopolítica na virada do III milênio. Rio de Janeiro: Terra Mater, 1994.168 p.

BELÉM. Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão. Características demográficas e sócio econômicas da população. *In*: BELÉM. Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão. **Anuário Estatístico do município de Belém 2011**. Belém: Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão, 2012. Disponível em: [http://www.belem.pa.gov.br/app/ANUARIO\\_2011/2\\_01\\_Demografia.pdf](http://www.belem.pa.gov.br/app/ANUARIO_2011/2_01_Demografia.pdf). Acesso em: 08 mar. 2019.

BERNARDES, L. Evolução da paisagem urbana do Rio de Janeiro até o início do século XX. *In*: ABREU, M. de A. (org.). **Natureza e sociedade no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p. 37-53.

BERRY, B. **Geographic perspectives on urban systems**. Englewood Cliffs: New Jersey Prentice-Hall, 1970.

BERTONI, L. M; GALINKIN, A. L. Teoria e métodos em representações sociais. *In*: MORORÓ, L. P; COUTO, M. E. S; ASSIS, R. A. M. (org.). **Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação**: concepções e trajetórias. Ilhéus, BA: EDITUS, 2017. p. 101-122. *E-book*. Disponível em:

<http://books.scielo.org/id/yjxdq/pdf/mororo-9788574554938-05.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2020.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 402.

CARLOS, A. F. A. **Espaço-tempo na metrópole**: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

CARLOS, A. F. A. Crise e superação no âmbito da geografia crítica: construindo a metageografia. **GEOUSP Espaço e Tempo** (Online), [S. l.], v. 15, n. 3, p. 14-28, 2011. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2011.74229. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74229>. Acesso em: 30 nov. 2020.

CARLOS, A. F. A. Metageografia: ato de conhecer a partir da Geografia. *In*: CARLOS, A. F. A. (org.). **Crise urbana**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 9-23.

CARLOS, A. F. A. A reprodução do espaço urbano no movimento do pensamento geográfico: uma via a construir. *In*: SERPA, A.; CARLOS, A. F. A. (org.). **Geografia Urbana**: desafios teóricos contemporâneos. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 411-438.

CASTELLS, M. **A Questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. 506 p.

CASTRO, E. Cidades amazônicas na confluência das águas. *In*: UHLY, S; SOUZA, E. L. (org.). **A questão da água na grande Belém**. 1. ed. Belém: UFPA/Casa de estudos germânicos, 2004. p. 11-38.

CASTRO, E. (org.). **Escravos e senhores de Bragança**: documentos históricos do século XIX, região bragantina. Belém: UFPA/Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, 2006.

CASTRO, E. Urbanização, pluralidade e singularidades das cidades amazônicas. *In*: CASTRO, E. (org.). **Cidades na floresta**. São Paulo: Annablume, 2008. p. 13-39.

CASTRO, E. Belém do Grão-Pará: de águas e de mudanças nas paisagens. *In*: STOLL, E.; ALENCAR, E.; FOLHES, R.; MEDAETS, C. (org.). **Paisagens Evanescentes**. 1. ed. Belém: NAEA, 2019. v. 1, p. 1-32.

CASTRO, E.; SANTOS, M. A. Belém de águas e de portos: ação do Estado e modernização na superfície. *In*: CASTRO, E. M. R. (org.). **Belém de águas e ilhas**. Belém: CEJUP, 2006. p. 25-43.

CDP - Companhia Docas do Pará. **Diagnóstico ambiental do porto organizado de Belém**, [Belém: CDP], 2016. Disponível em: <https://www.cdp.com.br/documents/10180/26801/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

CHRISTALLER, W. **Central places in Southern Germany**. Englewood Cliffs: New Jersey Prentice-Hall, 1966.

COHAB. **Comunidade Taboquinha**. [Belém]: COHAB, 2014. Disponível em: <http://abc.habitacao.org.br/wp-content/uploads/2018/01/A-Imp-Reg-Sustentabilidade-COHAB-PA-Comunidade-Taboquinha.pdf> . Acesso em: 18 jul. 2020.

CORREA, R. L. **O espaço urbano**. Rio de Janeiro: Ática, 1989.

CORREA, R. L. Espaço: um conceito-chave da Geografia. *In*: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C; CORREA, R. L. (org.). **Geografia: conceitos e temas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 15-48.

COSTA, L. M. G. **Icoaraci: formação socioespacial, tentativas de afirmação e de emancipação territorial**. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRUZ, E. **A estrada de ferro de Bragança: Visão Social, Econômica e Política**. Belém: SPVEA/Setor de Coordenação e Divulgação, 1955.

CRUZ, S. H. R; CASTRO, E. R. de; SÁ, M. E. R. de. Grandes projetos urbanos em metrópoles amazônicas: modernização e conflito. **Novos Cadernos NAEA**, Belém, v. 14, n. 2, p. 89-116, dez. 2011.

DENATRAN. **Frota 2006**. Brasília: DENATRAN, 2006. Disponível em: <http://www.denatran.gov.br/download/frota/Frota2006.zip>. Acesso em: 04 de out. 2020.

DENATRAN. **Frota 2010**. Brasília: DENATRAN, 2010. Disponível em: [http://www.denatran.gov.br/download/frota/Frota\\_2010.zip](http://www.denatran.gov.br/download/frota/Frota_2010.zip). Acesso em: 04 de out. 2020.

DENATRAN. **Frota 2013**. Brasília: DENATRAN, 2013. Disponível em: <http://www.denatran.gov.br/download/frota/Frota2013.htm>. Acesso em: 04 de out. 2020.

DIAS, M. B. **Urbanização e ambiente urbano no distrito administrativo de Icoaraci, Belém-PA**. 2007. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

DIAS FILHO, C. dos S. Produção, distribuição e consumo dos bens simbólicos: uma reflexão sobre os programas de apoio ao artesanato. *In*: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 5., 2009, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBA, 2009. p. 1-10. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19543.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2020.

FAU/UFPA. **O Porto do Carvão em Pinheiro (Icoaraci) — 1908**. 2018. Disponível em: <https://fauufpa.org/2018/12/06/o-porto-do-carvao-em-pinheiro-icoaraci-1908/>. Acesso em: 3 jul. 2019.

FERREIRA, N. dos S. **Memória e oralidade em 'Mãe das águas'**: performance de narradores em Icoaraci. 2014. 126 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

FIGUEIREDO, S. L; PIANI, A. T. **Mestres de cultura**. Belém: EDUFPA, 2006.

FONSECA, T. M. G; KIRST, P. G. **Cartografia e devires**: a construção do presente. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

FRAGMENTOS DE BELÉM. **Matadouro do Maguary, 1935**. 2014. 1 fotografia. Disponível em: <https://tumblr.co/ZM8vsw1DZCGfA>. Acesso em: 03 jul. 2019.

FRUGÓLI JR., H. Os shoppings de São Paulo e a trama do urbano: um olhar antropológico. *In*: PINTAUDI, S. M.; FRUGÓLI JR., H. (org.). **Shopping centers: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p.75-92.

FURINI, L. A. **Geografia e representações sociais**. ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 14., 2013, Lima, Peru. **Anais do Egal**. Lima, Peru: [s. n.], 2014. p. 1-16. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Teoriaymetodo/Teoricos/13.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

FURTADO, A. Estrada de ferro de bragança: estações, paradas, ramais e sub-ramais. **Adrielson Furtado - Blog**, Ananindeua, 21 de agosto de 2011. Disponível em: <http://adrielsonfurtado.blogspot.com/2011/08/estrada-de-ferro-de-braganca-estacoes.html?m=1>. Acesso em: 03 jul. 2019.

GAASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. *In*: BAUER, M. W.; GAASKELL, G. (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 295-316.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. 5. ed. São Paulo: Unesp, 1991.

GILL, R. Análise de discurso. *In*: BAUER, M. W.; GAASKELL, G. (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 224-270.

GOODMAN, L. A. Snowball Sampling. *In*: GOODMAN, L. A. **Annals of Mathematical Statistics**, v. 32, n.1, 148-170p, 1961. Disponível em: <https://projecteuclid.org/euclid.aoms/1177705148>. Acesso em: 03 jan. 2021.

GOTTDIENER, M. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1993.

GUIMARÃES, J. **Icoaraci** – a monografia do megadistrito. Belém: Delta, 1996.

HARVEY, D. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980. 291p.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HÉBETTE, J.; MAGALHÃES, S. B.; MANESCHY, M. C. **No mar, nos rios e na fronteira**: faces do compesinato no Pará. Belém: EDUFPA, 2002. p. 38-61.

HOLZER, W. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Território**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 77-85, 1997.

IBGE. Censo Demográfico – resultados do universo, 1960; 1980; 1991; 2000 e 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25089-censo-1991-6.html?=&t=downloads>. Acesso em: 14 maio 2019.

IPEA. **Atlas do desenvolvimento humana nas regiões metropolitanas brasileiras – Belém**. Brasília: IPEA, 2014. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/141125\\_atlas\\_belém](http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/141125_atlas_belém). Acessado em: 29 out. 2017.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JAPIASSÚ, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1976.

JAPIASSÚ, H. **A questão da interdisciplinaridade**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE RESTRUTURAÇÃO CURRICULAR, 1994, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, 1994. n.p.

JODELET, D. (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

JOHNSON, J. H. **Geografia urbana**. Barcelona: Oikos-Tau, 1974.

JOVCHELOVITCH, S. Psicologia social, saber, comunidade e cultura. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 20-31, ago. 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822004000200004>. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822004000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822004000200004&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 24 jun. 2020.

LABORDE, P. **Les espaces urbains dans le monde**. Paris: Nathan, 1994.

LANGENBUCH, J. R. **A estruturação da grande São Paulo**. Rio de Janeiro: IBGE, 1971.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

LEFEBVRE, H. **La producción del espacio**. Capitán Swing: Madrid, 2013.

LEIS, H. R. Sobre o conceito de interdisciplinaridade. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 6, n. 73, p. 2-23, 2005.

- LENCIONI, S. Da cidade e sua região à cidade-região. *In*: SILVA, J. B; LIMA, L. C; ELIAS, D. (org.). **Panorama da geografia brasileira**. São Paulo: Annablume, 2006. p. 65-87.
- LENCIONI, S. Metropolização do espaço: processos e dinâmicas. *In*: FERREIRA, A.; RUA, J.; MARAFON, G. J.; PINHEIRO DA SILVA, A. C. (org.). **Metropolização do espaço: gestão territorial e relações urbano-rurais**. Rio de Janeiro: Consequência, 2013. p. 41-56.
- MENDES, L. A. S. **Espaços elitizados de moradia e consumo**: a reestruturação da Avenida Augusto Montenegro no quadro das centralidades da Região Metropolitana de Belém. 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.
- MENDES, L. A. S. **A urbanização metropolitana estendida**: aspectos da produção do espaço de Belém e de sua região. 2018. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.
- MENDES, L. A. S.; OLIVEIRA, J. M. G. C. Espaços elitizados de moradia e consumo: novas centralidades urbanas na Região Metropolitana de Belém-PA. **Ensaio de Geografia**, Niterói, v. 4, p. 26-49, 2014.
- MONNET, J. Les dimensions symboliques de la centralité. **Cahiers de Geographie du Quebec**, Quebec, p. 399-418, 2000.
- MOREIRA, E. Belém e sua expressão geográfica. *In*: MOREIRA, E. **PARÁ**. Belém: Cejup, 1989. v.1. p. 45-53. Obras reunidas de Eidorfe Moreira.
- MOREIRA, E. V.; HESPANHOL, R. A. M. O lugar como um construção social. **Revista Formação**, São Paulo, v. 2, n. 14, p. 48-60, 2007. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/645>. Acesso em: 17 maio 2020.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Tradução Pedrinho A. Guareschi. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MOURA, R. A. Consumo ou consumismo: uma necessidade humana? **Revista da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo**, São Bernardo do Campo, v. 24, n. 1, 2018. Disponível em: <https://revistas.direitosbc.br/index.php/fdsbc/article/view/931>. Acesso em: 12 jul. 2020.
- OLIVEIRA, J. M. G. C. **Produção e apropriação do espaço urbano**: a verticalização em Belém. 1992. 205 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.
- OPERAÇÃO policial que deixou morto e baleados em Icoaraci será alvo de investigação. **G1 Pará**, Belém, 23 de novembro de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2018/11/23/mpm-vai-pedir-abertura-de->

inquerito-para-investigar-atuacao-de-policiais-durante-operacao-em-icoaraci.ghtml.  
Acesso em: 18 de fev. 2020.

ORNELLAS, M. de L. S. O lugar da representação social de professor sobre o afeto em sala de aula: uma escuta psicanalítica. **Revista Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, SP, ano XV, v. 16, n. 17, p. 183-193, jan./dez. 2009.

ORTIGOZA, S. A. G. **Paisagens do consumo**: São Paulo, Lisboa, Dubai e Seul. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 232 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/109158>. Acesso em: 14 out. 2018.

PARÁ, Secretaria de Estado da Cultura. **Belém da Saudade**: a memória da Belém do início do século em cartões postais. 2. ed. Belém: Secult, 1998. 278 p.

PENTEADO, A. R. **Belém estudos de geografia urbana**. Belém: Ed. UFPA, 1968. (Coleção José Veríssimo).

PINTAUDI, S. M. A cidade e as formas do comércio. *In*: CARLOS, A. F. A. (org). **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 1999. p.137-153.

PONTE, J. P. X. Cidade e água no estuário guajarinó: waterfront, porto, ambiente urbano e recursos hídricos. *In*: SILVA, L. de J. D da; PONTE, J. P. X. (org.). **Urbanização e ambiente**: experiências de pesquisa na Amazônia Oriental. Belém: Paka-Tatu, 2011. p.89-122.

PONTE, J. P. X; RODRIGUES, R. M. Formas de provisão de moradia na região metropolitana de Belém. *In*: CARDOSO, A. C. D.; LIMA, J. J. F. (org.). **Belém**: transformações na ordem urbana. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório da Metrôpoles, 2015. p. 230-267.

PORTO-GONÇALVES, C. W. Amazônia enquanto acumulação desigual de tempos: uma contribuição para a ecologia política da região. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [s. l.], n. 107, p. 63-90, 2015. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/6018>. Acesso em: 03 ago. 2019.

SÁ, C. P. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SALGUEIRO, T. B. Do centro às centralidades múltiplas. *In*: FERNANDES, J. A. R.; SPOSITO, M. E. B. (org.). **A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras**. Porto: Universidade do Porto - CEGOT, Gráfica Maiadouro, 2013. p. 13-30.

SANTOS, B. S. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006. (Coleção para um novo senso comum. v. 4).

SANTOS, J. Centro, sub-centros e novas centralidades na metrópole soteropolitana. *In*: ENCONTROS DE GEOGRÁFOS DA AMÉRICA LATINA, 11., 2011, San José. **Anais [...]**. San José: [s.n.], 2011. p. 1-21. Disponível em:

<http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal11/Geografiasocioeconomica/Geografiaurbana/18.pdf>. Acesso em: 4 out. 2019.

SANTOS, M. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países desenvolvidos. São Paulo: EdUSP, 1979.

SANTOS, M. **Manual de geografia urbana**. São Paulo: Hucitec, 1981.

SANTOS, M. Estrutura, processo, função e forma como categorias do método geográfico. *In*: SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1988. p. 49-59.

SANTOS, M. **Metamorfose do espaço habitado**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 1994a.

SANTOS, M. **Por uma economia política da cidade**: o caso de São Paulo. São Paulo: Hucitec, 1994b.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico-informacional. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: RECORD, 2001.

SANTOS, T. V. Metropolização e diferenciações regionais: estruturas intraurbanas e dinâmicas metropolitanas em Belém e Manaus. **Cad. Metrop.**, São Paulo, v. 19, n. 40, p. 865-890, set./dez. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2017-4008>. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2236-99962017000300865&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-99962017000300865&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 14 dez. 2019.

SCHAAN, D. P. Uma janela para a história pré-colonial da Amazônia: olhando além – e apesar – das fases e tradições. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - Ciências Humanas**, Belém, v. 2, n. 1, p. 77-89, jan./abr. 2007.

SCHMID, C. A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 32, p. 89- 109, 2012.

SELLIER, H. Les banlieues urbaines. *In*: RONCAYOLO, M; PAQUOT, T. (org.). **Villes & civilization urbaine**. Paris: Larousse, 1992. p. 453-466.

SERPA, A. Lugar e centralidade em um contexto metropolitano. *In*: CARLOS, A; SOUZA, M; SPOSITO, M. E. B. (org.). **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 97-108.



SILVA, C. H. C. As grandes superfícies comerciais: os hipermercados carrefour no Brasil. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 14, p. 89-106, 2003.

SILVA, W. R. da. Centro e centralidade: uma discussão conceitual. **Formação**: revista da Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnológica da UNESP, Presidente Prudente, n. 8, p.107-115, 2001.

SOJA, E. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1993.

SOUZA, A. **Uma das canoas abordadas pela ação no Paracuri**: associação e familiares pedem justiça. 2018. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/pol%C3%ADcia-ainda-n%C3%A3o-tem-necr%C3%B3psia-de-catador-de-barro-morto-em-a%C3%A7%C3%A3o-policial-no-paracuri-1.7005>. Acesso em: 18 fev. 2020.

SOUZA, D. M. de. **O trabalho dos artesãos ceramistas em Icoaraci, Belém/PA**: contribuições aos estudos sobre a dinâmica da Amazônia brasileira. 2010. 121 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

SOUZA, S. M. C. de. **Expansão urbana, centralidade e constituição de subcentros no Distrito Federal**. 2010. 130f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia do GEA/UnB, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

SPOSITO, M. E. B. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana. **Revista de Geográfica**, São Paulo, n. 10, p. 1-18, 1991.

SPOSITO, M. E. B. Reestruturação das cidades. *In*: SPOSITO, M. E. B. **O chão em pedaços**: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo. 2004. 504 f. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

SPOSITO, M. E. B. “A produção do espaço urbano” em dez anos de GASPERR: reflexão individual sobre uma trajetória coletiva. *In*: SPOSITO, E. S. (org.). **Produção do Espaço e Redefinições Regionais**: A construção de uma temática. Presidente Prudente: GASPERR/FCT/UNESP, 2005. p. 85-115.

SPOSITO, M. E. B. Cidades médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana. *In*: SPOSITO, M. E. B. (org.). **Cidades médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 233-253.

SPOSITO, M. E. B. Centros e centralidades no Brasil. *In*: FERNANDES, J. A. R; SPOSITO, M. E. B. (org.). **A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras**. Porto: Gráfica Maiadouro, 2013. p. 45-62.

TRINDADE JR., S. C. C. da. **A cidade dispersa**: Os novos espaços de assentamentos em Belém e a reestruturação metropolitana. 1998. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

TRINDADE JR., S. C. C. da. **Formação metropolitana de Belém**. Belém: Paka-Tatu, 2016.

TRINDADE JR., S. C. C. da. Confinamento, dispersão e difusão: processos e configurações espaciais de uma metrópole em formação. *In*: TRINDADE JR., S. C. C. da; SANTOS, T. V. dos. (org.). **O urbano e o metropolitano em Belém: (re)configurações socioespaciais e estratégias de planejamento e gestão**. Rio de Janeiro: Consequência, 2019. p. 143-160.

VALA, J; CASTRO, P. Pensamento social e representações sociais. *In*: VALA, J; MONTEIRO, M. B. (coord.). **Psicologia social**. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 569-598.

VÉRAS, M. P. B. Tempo e espaço na metrópole: breve reflexões sobre assincronias urbanas. **Revista São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 3-12, 2001. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392001000100002](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000100002). Acesso em: 5 abr. 2020.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

WHITACKER, A. M. **Reestruturação urbana e centralidade em São José do Rio Preto – SP**. 2003. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2003.

XAVIER, L. P. **“Aqui... a gente não vende cerâmica, a gente vende é cultura”**: um estudo da tradição ceramista e as mudanças na produção em Icoaraci – Belém – PA. 2006. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

ZANDONADI, J. C. **Novas centralidades e Novos Habitats**: caminhos para a fragmentação urbana em Marília (SP). 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.

ZILHÃO, A. Uma proposta multidisciplinar para o entendimento da centralidade urbana como facto social total. **Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Porto, v. XXV, p. 55-77, 2013.

## **APÊNDICES**



**UNIVERSIDADE DO FEDERAL DO PARÁ**  
**NÚCLEO DE ALTOS ESTUDOS AMAZÔNICOS**  
**CURSO DE MESTRADO EM PLANEJAMENTO DO DESENVOLVIMENTO**

**ROTEIRO DE ENTREVISTA – COMERCIANTES FORMAIS DE ICOARACI**

NOME DO EMPREENDIMENTO:

ENDEREÇO:

NOME: \_\_\_\_\_

IDADE: \_\_\_\_ ANOS    NATURALIDADE: \_\_\_\_\_

PROFISSÃO: \_\_\_\_\_

TEMÁTICAS	DETALHAMENTO
1. A origem e funcionamento do empreendimento.	1. Há quanto tempo existe o estabelecimento? 2. Como se deu sua constituição? 3. Quais mercadorias são comercializadas no estabelecimento? De onde provêm? 4. Possui filial? Se sim, aonde? 5. Aceita cartão de crédito e débito? 6. Possui aproximadamente quantos funcionários? 7. Onde residem os funcionários? 8. Possuem carteira assinada?
2. As relações institucionais e intercomerciais.	9. Como se dá a relação do estabelecimento com os outros existentes na área? E com o poder público? Existem conflitos? 10. Existe algum tipo de associativismo entre os estabelecimentos? 11. Se sim, quantos membros aproximadamente existem? 12. Se sim, há eleições regulares? 13. Se sim, como se deu a mobilização/organização? 14. Se sim, quais suas principais demandas e lutas? 15. Se sim, com que frequência os mesmos se reúnem? 16. Se sim, existe apoio/parceria com políticos locais? 17. Se sim, a associação tem envolvimento com a agência distrital em resolução de demandas?
3. As dinâmicas de fluxos e de vendas.	18. De onde vem a maioria dos consumidores? 19. Nos últimos anos houve mudança no tipo de consumidor que procura a loja? 20. Em Icoaraci a atividade comercial tem sido alterada nos últimos anos (em intensidade, fluxos ou tipo de produtos comercializados)? Se sim, que fatores provocaram ou influenciaram tal alteração? Se sim, essas alterações provocaram mudanças no seu ramo de atuação ou na gestão/administração de seu empreendimento? 21. Houve algum momento em que se registrou perda ou redução significativa de vendas? 22. Quais as principais estratégias adotadas para melhorar ou manter/fortalecer sua atuação no mercado? 23. Você pensa em transferir futuramente seu estabelecimento

	<p>para outro lugar? Se sim, para qual?</p> <p>24. Em sua opinião, o que significa a instalação do BRT na Augusto Montenegro para Icoaraci ou para o comércio local?</p> <p>25. A instalação de shopping centers na Augusto Montenegro e arredores provocou algum impacto em seu comércio ou ramo de atuação? Se sim, qual (is)?</p> <p>26. Na sua opinião, o que o poder público poderia fazer para melhorar as condições da atividade comercial em Icoaraci?</p>
--	--



**UNIVERSIDADE DO FEDERAL DO PARÁ**  
**NÚCLEO DE ALTOS ESTUDOS AMAZÔNICOS**  
**CURSO DE MESTRADO EM PLANEJAMENTO DO DESENVOLVIMENTO**

**ROTEIRO DE ENTREVISTA – COMERCIANTES INFORMAIS DE ICOARACI**

NOME: \_\_\_\_\_

IDADE: \_\_\_\_\_ ANOS NATURALIDADE: \_\_\_\_\_

TEMÁTICAS	DETALHAMENTO
1. A origem e funcionamento do empreendimento.	1. Há quanto tempo existe o estabelecimento? 2. Como se deu sua constituição? 3. Quais mercadorias são comercializadas no estabelecimento? De onde provêm? 4. Aceita cartão de crédito e débito? 5. Possui funcionários? Se sim, quantos? Se sim, onde residem os funcionários? Se sim, possuem carteira assinada?
2. As relações institucionais e intercomerciais.	6. Como se dá a relação do estabelecimento com os outros existentes na área? E com o poder público? Existem conflitos? 7. Existe algum tipo de associativismo entre os estabelecimentos? 8. Se sim, há eleições regulares? 9. Se sim, quantos membros aproximadamente existem? 10. Se sim, como se deu a mobilização/organização? 11. Se sim, quais suas principais demandas e lutas? 12. Se sim, com que frequência os mesmos se reúnem? 13. Se sim, existe apoio/parceria com políticos locais? 14. Se sim, a associação tem envolvimento com a agência distrital em resolução de demandas?
3. As dinâmicas de fluxos e de vendas.	15. De onde vem a maioria dos consumidores? 16. Nos últimos anos houve mudança no tipo de consumidor que procura sua atividade? 17. Além desse espaço, o(a) senhor(a) trabalha em algum outro? Se sim, aonde e em que momento? 18. Em Icoaraci a atividade comercial tem sido alterada nos últimos anos (em intensidade, fluxos ou tipo de produtos comercializados)? Se sim, que fatores provocaram ou influenciaram tal alteração? Se sim, essas alterações provocaram mudanças no seu ramo de atuação ou na gestão/administração de seu empreendimento? 19. Houve algum momento em que se registrou perda ou redução significativa de vendas? 20. Quais as principais estratégias adotadas para melhorar ou manter/fortalecer sua atuação no mercado? 21. Você pensa em transferir futuramente seu estabelecimento para outro lugar? Se sim, para qual? 22. Em sua opinião, o que significa a instalação do BRT na Augusto Montenegro para Icoaraci ou para o comércio local? 23. A instalação de shopping centers na Augusto Montenegro e arredores provocou algum impacto em seu comércio ou ramo de atuação? Se sim, qual (is)? 24. Na sua opinião, o que o poder público poderia fazer para

	melhorar as condições da atividade comercial em Icoaraci?
--	---



**UNIVERSIDADE DO FEDERAL DO PARÁ**  
**NÚCLEO DE ALTOS ESTUDOS AMAZÔNICOS**  
**CURSO DE MESTRADO EM PLANEJAMENTO DO DESENVOLVIMENTO**

**ROTEIRO DE ENTREVISTA – ARTESÃOS DE ICOARACI**

NOME DO EMPREENDIMENTO:

ENDEREÇO:

NOME: \_\_\_\_\_

IDADE: \_\_\_\_ ANOS    NATURALIDADE: \_\_\_\_\_

PROFISSÃO: \_\_\_\_\_

TEMÁTICAS	DETALHAMENTO
1. A origem e funcionamento do empreendimento.	1. Há quanto tempo existe a olaria? 2. Como se deu sua constituição? Foi através do meio familiar? 3. Quais mercadorias são comercializadas no estabelecimento? 4. Possui filiais? Se sim, aonde? 5. Aceita cartão de crédito e débito? 6. Possui aproximadamente quantos colaboradores? 7. Onde residem os colaboradores? 8. Possuem carteira assinada?
2. As relações institucionais e intercomerciais.	9. Como se dá a relação do estabelecimento com os outros existentes na área? E com o poder público? Existem conflitos? 10. Existe algum tipo de associativismo entre os artesãos? 11. Se sim, quantos membros aproximadamente existem? 12. Se sim, há eleições regulares? 13. Se sim, como se deu a mobilização/organização? 14. Se sim, quais suas principais demandas e lutas? 15. Se sim, com que frequência os mesmos se reúnem? 16. Se sim, existe apoio/parceria com políticos locais? 17. Se sim, a associação tem envolvimento com a agência distrital em resolução de demandas do grupo?
3. As dinâmicas de fluxos e de vendas.	18. De onde vem a maioria dos consumidores? 19. Nos últimos anos houve mudança no tipo de consumidor que procura a loja? 20. Em Icoaraci a atividade comercial tem sido alterada nos últimos anos (em intensidade, fluxos ou tipo de produtos comercializados)? Se sim, que fatores provocaram ou influenciaram tal alteração? Se sim, essas alterações provocaram mudanças no seu ramo de atuação ou na gestão/administração de seu empreendimento? 21. Houve algum momento em que se registrou perda ou redução significativa de vendas? 22. Quais as principais estratégias adotadas para melhorar ou manter/fortalecer sua atuação no mercado? 23. Você pensa em transferir futuramente seu estabelecimento para outro lugar? Se sim, para qual? 24. Em sua opinião, o que significa a instalação do BRT na



	<p>Augusto Montenegro para Icoaraci ou para o comércio local?</p> <p>25. A instalação de shopping centers na Augusto Montenegro e arredores provocou algum impacto em seu comércio ou ramo de atuação? Se sim, qual (is)?</p> <p>26. Em sua opinião, o que o poder público poderia fazer para melhorar as condições da atividade comercial em Icoaraci?</p>
--	---



**UNIVERSIDADE DO FEDERAL DO PARÁ  
NÚCLEO DE ALTOS ESTUDOS AMAZÔNICOS  
CURSO DE MESTRADO EM PLANEJAMENTO DO DESENVOLVIMENTO**

**ROTEIRO DE ENTREVISTA – MORADORES DE ICOARACI**

NOME: \_\_\_\_\_

IDADE: \_\_\_\_ ANOS    NATURALIDADE: \_\_\_\_\_

QUANTO TEMPO DE RESIDÊNCIA EM ICOARACI: \_\_\_\_\_

PROFISSÃO: \_\_\_\_\_

1. Quais são as necessidades cotidianas?
2. Quais são os serviços e comércios mais usados na vida cotidiana?
3. Aonde vão para usar esses serviços? É em Icoaraci?
4. Onde realiza as compras de alimentação? Adquire alguma coisa no trapiche de Icoaraci?
5. Onde realiza as compras de vestuário?
6. Onde realiza pagamentos de contas?
7. Onde realiza momentos de lazer?
8. Onde estudou? E onde os filhos estudam/estudaram?
9. Onde trabalha/trabalhou?
10. Quais as dificuldades de acesso dos serviços? (Seria da mobilidade ou para além disso?).
11. Quais os principais fluxos (pessoais) cotidianos?
12. Como eram resolvidas essas necessidades no passado e agora para o presente? Mudou? Por que mudou?
13. Quais soluções você daria para resolver essas necessidades? Que tipo de serviço deveria ter em Icoaraci que não tem e aonde poderia estar localizado?
14. Em sua opinião, Icoaraci mudou com o passar do tempo? Por que? Se sim, sente falta da Icoaraci antiga?
15. Como se dá a relação de vizinhança? Existe um laço de amizade entre vizinhos?
16. Você pensa em se mudar para outro lugar? Se sim, para qual?



**UNIVERSIDADE DO FEDERAL DO PARÁ  
NÚCLEO DE ALTOS ESTUDOS AMAZÔNICOS  
CURSO DE MESTRADO EM PLANEJAMENTO DO DESENVOLVIMENTO**

**ROTEIRO DE ENTREVISTA – ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DE ICOARACI**

NOME DA

ASSOCIAÇÃO: \_\_\_\_\_

NOME DO REPRESENTANTE:

\_\_\_\_\_

IDADE: \_\_\_\_ ANOS    NATURALIDADE: \_\_\_\_\_

PROFISSÃO: \_\_\_\_\_

1. Há quanto tempo existe a associação?
2. Há quanto tempo lidera a associação? Já foi reeleito(a)?
3. Quantos membros aproximadamente existem na associação?
4. Há eleições regulares?
5. Como se deu a mobilização/organização?
6. Quais suas principais demandas e lutas? São as mesmas de antes?
7. Com que frequência os mesmos se reúnem?
8. Existe apoio/parceria com políticos locais na resolução de demandas?
9. Existe algum apoio entre as associações do distrito e/ou com o poder público?
10. A associação tem participação com a agência distrital em resolução de demandas da comunidade?
11. Quais são as necessidades cotidianas da comunidade?
12. Quais as dificuldades de acesso dos serviços enfrentados pela comunidade?
13. Aonde eles vão para usar esses serviços?
14. Quais os principais fluxos cotidianos na comunidade?
15. Como eram resolvidas essas necessidades no passado e agora para o presente? Mudou? Por que mudou?
16. Quais soluções você daria para resolver essas necessidades? Que tipo de serviço deveria ter em Icoaraci que não tem e aonde poderia estar localizado?